

POR AMOR À LÍNGUA PORTUGUESA

*Ensaio genealógico-filológico,
científico-linguístico e pedagógico-didático,
visando a superação crítica do actual
Acordo Ortográfico / 1990*

2.^a edição revista e melhorada

Fernando Paulo Baptista



Edições
PIAGET

POR AMOR

À LÍNGUA

PORTUGUESA

***quem resiste e a si se nega...
faz-se voz universal
dos caminhantes eternos!...***

A. Oliveira Cruz: *Canto Inaudito*,
Lisboa, Edições Piaget, 2014, p. 54.

Sê plural como o universo!

Fernando Pessoa: *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*,
Lisboa, Edições Ática, 1966, p. 94.

Para os valores maiores não há moeda...

Fernando Pessoa / Bernardo Soares: *Livro do Desassossego*
[edição de Richard Zenith] Lisboa, Assírio & Alvim,
1998, § 144, p. 163.

***... a sábia ignorância
de ser-se absoluto e frágil
... na humildade plena!...***

A. Oliveira Cruz: *Haï-Cantos, vol. XI — A Sábia Ignorância*,
Lisboa, Edições Piaget, 2015, p. 7.

***As opções políticas, seja em que domínio for, quando
transformadas em decisões, devem ser sempre rigorosamente
fundamentadas, do ponto de vista filosófico-epistemológico,
na competência sapiencial especializada a todos os níveis e
iluminadas pela elevação e dignidade éticas.***

«POR AMOR À LÍNGUA PORTUGUESA»

*Ensaio genealógico-filológico, científico-linguístico
e pedagógico-didático, visando a superação crítica
do actual “Acordo Ortográfico / 1990”*

Um urgentíssimo “S.O.S.”

pelas matrizes etimológico-genealógicas
que constituem a via clássico-erudita
da *lexicogênese*, da *lexicopoiese*, da *lexicodidáctica*
e da *logopaideia*

EM DEFESA DA GRANDE COMUNICAÇÃO ESCRITA (POÉTICO-LITERÁRIA E SOFO-CIENTÍFICA) EM LÍNGUA PORTUGUESA...

Pelas crianças e pelos jovens transformados
em “cobaias” indefesas...
Pela salvaguarda dos “arquétipos” histórico-genealógicos
da nossa Língua...
Pela promoção da “literacia” civilizacional, cultural,
científica e sapiencial...
Pela supressão da sinistra “guilhotina” (liquidatária
da nossa identidade linguístico-lexical) esfingicamente instalada
na Base IV do novo “regulamento ortográfico”...
Pela revisão das caóticas regras do uso do *hifen* e de outras
incongruências e arbitrariedades...

PREFÁCIO-DEDICATÓRIA

A TODAS AS MÃES,
através da mediação
da “Alma” e da “Memória”
de minha sempre presente Mãe Rosa...

O título «*Por Amor à Língua Portuguesa*» tenta configurar, verbalmente, um *gesto escrito* de afectuosa gratidão para com a nossa “MÃE CULTURAL” — a nossa LÍNGUA MATERNA, a nossa MADRE LÍNGUA... — a quem, em meu convicto entendimento, devemos *o que de mais fundamental existe em nós, tanto no que somos como no que sabemos, sonhamos e realizamos...*

É assim que jamais posso esquecer que a primeira “Professora” que tive foi a minha saudosa Mãe, paradoxalmente uma camponesa analfabeta!... Tal como nunca apagarei, nas páginas sempre vivas da minha memória de infância, *o horizonte existencial de fome e de negra e amarga escuridão escolar e cultural* que então (anos quarenta...) se vivia no “coração” das *Terras do Demo*, a velha e singular *Barrellas* (hoje, Vila Nova de Paiva...), de onde veio a “nascer” literariamente o aquiliniano *Mallhadinhas* e para onde “emigrei” da minha sempre adorada Viseu, apenas com dois anitos... Foi aí que, na suave quentura do regaço da “Tia Rosa” e na afável ternura que irradiava de seu maternal rosto, apreensivo e dolorido, batido pelos ventos agrestes e duros daquelas serranias (*onde os lobos uivavam mesmo...*) que, enquanto me amamentava, chorava, cantava e rezava para me adormecer, fui aprendendo, através das “histórias” que ela me contava, as primeiras palavras e fui gravando, à luz das estrelas e ao ritmo de absurdas, fundas e agudas guinadas viscerais, irrasuráveis sulcos-cicatrizes na *memória-texto-silêncio* da minha infância inocente, interrogante e muda...

Foi num tal contexto e em tais circunstâncias que inaugurei o *processo de escolarização elementar*, com a aprendizagem da *escrita* e da *leitura*... Mal eu vislumbrava, em tão tenra

idade, a importância decisiva que a “chave” das *mágicas letrinhas do alfabeto* viria a representar no autêntico “milagre” que foi o meu ingresso e subsequente trajecto na Universidade de Coimbra (marcado por uma sistemática atitude da maior humildade intelectual e pelo rigoroso e auto-exigente «*honesto estudo*» de que nos fala Camões...) e, com eles, a “odisseia” da minha *formação académica* e o meu “*projecto-e-destino*” curricular de *filólogo, investigador, professor e consultor cultural e editorial de várias instituições e revistas nacionais e estrangeiras...*

“Projecto-e-destino” que venho assumindo e protagonizando, sem qualquer espécie de vaidade ou deslumbramento pessoal, apenas iluminado e determinado por UM FORTE SENTIDO ÉTICO, tentando cumprir, de modo responsável, com prazer e alegria e o melhor que posso e sei, *os deveres* do CIDADÃO UNIVERSALISTA, FRATERNAL E SOLIDÁRIO de que tanto me prezo de ser, sempre com a *socrática, cusana e caeiro-pessoana* consciência dos meus *limites* e das minhas *humanas imperfeições...*

Por tudo isso e EM NOME DESSA MEMÓRIA, DEDICO, desde os abismos cordiais da minha alma, e *com infinita gratidão* (consustanciada em *recorrentes e intencionais insistências na convocação do Saber de Académicos e Especialistas de craveira mundial nestas matérias...*), ESTE MEU LIVRO À CAUSA DA LÍNGUA PORTUGUESA E DE TODAS AS CRIANÇAS E JOVENS DOS POVOS E PAÍSES DA CPLP E DAS NOSSAS COMUNIDADES DA DIÁSPORA: no fundo, À “ALMA TUTELAR” DE TODAS AS MÃES DO UNIVERSO LUSÍADA!...

E faço-o na plena consciência de que é ESTA NOSSA ENCANTADORA LÍNGUA que (no contexto do vasto espaço geo-antropológico, multiétnico e multicultural dos povos em que está planetariamente implantada, é falada e é escrita: os povos dos oito países da CPLP e das comunidades da “diáspora” lusíada pelas “sete partidas do mundo” e numa intranscendível e intransferível dinâmica instituidora, organizativa e operatória...) tem vindo a proporcionar e a “mediar”, sem alternativas, AS APRENDIZAGENS DE EFECTIVO POTENCIAL NOÉTICO-NOEMÁTICO, SEMIÓTICO E MORFO-POIÉSICO que estruturam e modelam, a nível ontoge-

nético, cultural, sapiencial, ético-axiológico e comunicacional, O NOSSO MODO DE SER E ESTAR, DE PENSAR E AGIR, DE SONHAR E REALIZAR, de par com a construção da nossa “visão do mundo”, dos nossos “mapas mentais” (*mind maps*), das nossas “matrizes cognitivas”, dos nossos “arquivos memoriais”, da nossa “enciclopédia interior” e do nosso “capital simbólico” e, de um modo muito especial, dos nossos “campos texto-gónicos” de onde irrompem, afinal, em sua multiplicidade e diversidade, as *modelações textuais*, desde as mais simples e espontâneas às mais complexas e elaboradas...

É, na verdade, através delas, que se verbaliza e se revela, oralmente ou por escrito, o INESGOTÁVEL “POTENCIAL FENOMENOLÓGICO” das polimorfias relações, interacções e envolvências existenciais do ser humano com o inestancável devir das realidades do mundo empírico-factual, da sua apaixonada e *prometeica* viagem *filosófico-epistemológica*, questionante, indagativa, investigativa, experimental e semiósico-discursiva, à descoberta dos mistérios e enigmas da VIDA e do UNIVERSO e bem assim da singularidade onírico-imaterial da sua acção demiúrgica na conformação *simbólico-estética e teórico-epistémica* dos “mundos possíveis” da criatividade e da ficcionalidade poético-literária e sofo-científica...

É assim também que não posso deixar de manifestar, extensivamente, o meu mais emocionado e fraterno “bem-haja” a todos quantos, com a sua afectuosa motivação intelectual, me transmitiram a energia indispensável à progenição e epifania *bíblica* de mais este meu “filho simbólico”...

O Autor:

Fernando Paulo Baptista

P.S.: Claro que, ao homenagear todas as MÃES, vai implícito também, nesse mesmo gesto de afectuoso reconhecimento, o inclusor envolvimento (como, aliás, não podia deixar de ser...) dos seus co-protagonistas no maravilhoso acto da procriação vital, familiar e educativo-formativa, simbolizados na pessoa de cada PAI...

lamento **para a língua portuguesa**

*«... é o teu país que te destroça,
o teu próprio país quer-te esquecer
e a sua condição te contamina
e no seu dia a dia te assassina.*

(...)

*matam-te a casa, a escola, a profissão,
a técnica, a ciência, a propaganda,
o discurso político, a paixão
de estranhas novidades, a ciranda
de violência alvar que não abranda
entre rádios, jornais, televisão.»*

(...)

Vasco Graça Moura: *Poesia 1997-2000*,
Lisboa, Quetzal Editores, 2001, pp. 53-55.
(excertos do seu longo poema «*Lamento
para a língua portuguesa*»)

*breve e simbólica, mas sentida
homenagem de saudade, de memória e
de afectuosa gratidão ao criativo Poeta,
apaixonado e poliglota Tradutor
da Grande Poesia Europeia
(renascentista e pós-renascentista)
e ao invulgar Homem de e da Cultura,
que foi um dos pioneiros e mais frontais
e lúcidos opositores ao “AO / 1990”.*

**O “ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990”,
APLICADO “AVANT LA LETTRE”**

ou seja: *escrever como se pronuncia...*

DOIS TESTEMUNHOS SIMBÓLICOS DO QUE PODE VIR A SER UMA GENERALIZADA SITUAÇÃO DE CAOTIZAÇÃO ORTOGRÁFICA E DE “ILITERACIA” COMO AQUELA QUE É POTEN- CIADA PELO ACTUAL “AO / 1990”

1º TESTEMUNHO: no texto (entre muitos outros...) de um «ex-voto»¹ em que se testemunha um “milagre” feito por Nossa Senhora da Lapa, como se pode verificar na seguinte reprodução icónica:



Transcrição da legenda do «ex-voto»:

«[Milagre] que fez N. Sr da Lapa, a Aurelio Coelho de Sernancelhe, q andando em cima de uma Amoreira sua molher, caiu abaixo ficou emperigo de vida, elle com grande afelição impelou o socorro de N. S. logo conheseu milhoras no anno de 1892.» (sic).

1 Cf. Fernando Paulo Baptista: *Nesta nossa doce língua de Camões e de Aquilino*, Sernancelhe, edição da C.M. de Sernancelhe, 2010, pp. 273-289.

2º. TESTEMUNHO: um teste escrito realizado por um aluno do 9.º ano de escolaridade (Ensino Secundário):

«Êsse iscritor xama-se Serbe Antes que iscrebeu a nubela Dão Caixote e São Chupança»¹ (sic)

Este enunciado é *a reprodução exacta e autêntica* do que foi a resposta dada num teste escrito relacionado com o estudo de *Os Lusíadas* a uma questão de contextualização histórico-literária mais dirigida à memória, formulada conjuntamente com outras perguntas de intencionalidade interpretativa... Com essa questão, pretendia o professor (numa contraposição “Poesia / Prosa”), que os seus alunos referissem *o nome da famosa novela castelhana e do seu autor* Miguel de Cervantes (1547-1616), quase contemporâneo de Luís de Camões (1524/25[?]-1580). Tanto quanto me foi dado então apurar, no meu desempenho de funções inspectivo-pedagógicas, o aluno, autor do enunciado acabado de ser transcrito *ipsis verbis*, não foi o imaginário e ficcional “protagonista” de uma qualquer “anedota”: foi, pura e simplesmente, um jovem estudante do 9.º ano de escolaridade, oriundo do mundo rural da nossa Beira Alta, fortemente marcado, do ponto de vista específico da aprendizagem da Língua Portuguesa (e não só...), pela “diáspora”, na sua condição real e concreta de *filho de emigrantes analfabetos*, acabadinhos de regressar à terra-mãe, vindos da Suíça...

Como se pode concluir da análise destes dois *iliterácicos* enunciados escritos, *os seus autores anteciparam-se “ortograficamente” ao que veio a ser o aberrante “normativo” de 1990, que tem vindo a ser aplicado autoritariamente no nosso Sistema Educativo e demais Serviços Públicos, com carácter administrativo-compulsivo e com todas as consequências nefastas e caógenas, tanto ao nível da comunicação escrita, como ao nível da acção pedagógico-didáctica e formativa...*

¹ Apontamento retirado de um registo inspectivo de 1989.

CAPÍTULO I

ASSUNÇÕES PRÉVIAS¹

¹ **Nota:** Os enunciados que a seguir se apresentam (0. “*O rigor da “fundamentação filosófico-epistemológica e paidêutica” ...*», bem como “1. *Princípios, pressupostos, fundamentos...*”), com especial destaque para os referenciados de 1.7. a 1.14., são intencionalmente reiterados (no todo ou na parte) na linha de sintaxe do presente ensaio, com o objectivo de sublinhar o carácter decisivo da sua importância para a *fundamentação* e para a *argumentação* nela sustentada...

0. O RIGOR DA “FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICO-EPIS- TEMOLÓGICA E PAIDÊUTICA”, FACE À OUSADIA OPINATIVA DA IGNORÂNCIA E DA MEDIOCRIDADE

0.1. A ousadia opinativa da ignorância...

Há, nos tempos que correm, uma generalizada *tendência-e-presunção* decorrente da *mediocridade* e da *ousadia* sem escrúpulos e sem limites, protagonizadas por quem, com todo o à-vontade e homóloga irresponsabilidade¹, se sente “preparado” para opinar acerca de tudo e de nada, na base de uma poeirenta mistura confusionista, babélica e caógena, consubstanciada num retoricismo argumentativo inteiramente balofo e acrítico do ponto de vista gnosiológico, epistemológico, conceptual, cultural e antro-po-paidêutico.

Tal comportamento, nada tem que ver com o camoniano “*honesto estudo*”, desenvolvido na base do rigor e da probidade intelectual, consonantes com as exigências próprias da racionalidade científica, afastando-se, portanto, do prudencial conselho formulado por Ludwig Wittgenstein², segundo o qual, *daquilo de que se não tem competência para falar, o melhor é ficar calado...*

Veja-se, analogicamente, a “figura” que um “leigo” na matéria (como é o meu caso...) faria, se começasse a “dissertar”, armado em “Sábio”, sobre problemas de *Electrocardiografia*³

1 Irresponsabilidade que deflui da não assunção do socrático «*sei que nada sei*» ou da cusana «*docta ignorantia*» (ver, respectivamente, Platão: *Apologia de Sócrates*, 21b, *apud* Manuel Oliveira Pulquério, prefácio, tradução e notas: *Apologia de Sócrates, Êutifron, Criton de Platão*, Lisboa, Editorial Verbo, 1972; Nicolau de Cusa: *Docta Ignorantia*, Livro I, Cap. I, 4: «*De como saber é ignorar*» (cf. João Maria André, trad., introd. e notas: *A Doutra Ignorância*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008; considerar, em sintonia, *A Sábia Ignorância* de A. Oliveira Cruz: *Haí-Cantos* (volume XI), Lisboa, Edições Piaget, 2015, p. 7).

2 Citação recontextualizada do «Prólogo» do *Tratado Lógico-Filosófico — Investigações Filosóficas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, pp. IX, 27.

3 Pondere-se, a propósito, através da seguinte definição, a “complexidade” de conhe-

que é uma especializadíssima disciplina de “escrita \diamond leitura” da esfera de competência científica e tecnológica das “Comunidades Sapienciais de Cardiologia”!...

0.2. Fundamentar...

Uma “fundamentação” entendida como processo gerador e edificador de uma base sapiencial sólida, consistente, coerente, credível, validadora e legitimante em que assenta a construção de um determinado sistema de conhecimentos acerca de algo não pode deixar de estar em sintonia, entre outros, com o “princípio de racionalidade” [“*principium rationis*”], segundo o qual, “*nada existe sem uma razão de ser*” [“*nihil esse sine ratione*”], o mesmo é dizer, todo o ente [representação, figuração ou constructo noético-noemático...] tem uma razão de ser [“*omne ens habet rationem*”], o que implica a conjugada interacção de três grandes eixos de racionalidade constitutiva e estruturante que operam simultaneamente na “fundação” [em alemão: “*Gründen*”]: 1) *o fundar como instituir*; 2) *o fundar como alicerçar*; 3) *o fundar como fundamentar* (justificar, explicar, comprovar e validar).

Trata-se, em suma, da “arquitectura” de suporte e de sustentação epistémica, asseguradora da consistência, coesão e coerência axiomática, teórica, metodológico-prática, judicativo-valoradora, normativo-reguladora e sémio-discursiva, consubstanciada

cimentos especializados que esta “disciplina” da área das Ciências Médicas comporta: «*La electrocardiografía consiste en el registro gráfico de la actividad eléctrica que se genera en el corazón. Su análisis proporciona importante información que debe complementar siempre a una anamnesis y exploración física detalladas. Aporta datos sobre función cardíaca, trastornos del ritmo y de la conducción, hipertrofia de cavidades y ayuda al diagnóstico de cardiopatías congénitas o adquiridas de tipo infeccioso, inflamatorio, metabólico o isquémico. Su normalidad no siempre descarta afectación cardíaca*». Cf. Manuel Portillo Márquez, médico especialista em Cardiologia Infantil: «Electrocardiografía: Técnica de Interpretación Básica», comunicação apresentada no “VI Foro de Pediatría de Atención Primaria de Extremadura”, Mérida, 24 e 25 de Abril de 2009.

e configurada nos princípios nucleares (não “transcendentalistas”...) que iluminam, orientam e garantem a ideação, a criação e a conformação dos sistemas simbólico-sapientiais, gnosiológico-conceptuais e terminológicos¹...

1. PRINCÍPIOS, PRESSUPOSTOS, FUNDAMENTOS...

1.1. Com Karl Popper² (entre vários outros...), aprendi a perspectivar a “verdade” como “semáforo” orientador de uma permanente e persistente construção teórico-conjectural, indissociável de uma «*busca sem fim*», cujos resultados carecem de ser sistematicamente refutados, testados, comprovados e validados; com Kurt Hübner³, consolidei aquela abertura de espírito que assume, como um dever de cidadania, a recusa do pre-conceituoso «*monopólio da verdade*».

1 Cf. Martin Heidegger: *A Essência do Fundamento* [Vom Wesen des Grundes], edição bilingue, Lisboa, Edições 70, 1988, pp. 14-15, 16-17, 18-19, 86-87, 87-88; André Lalande: *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*, Paris, PUF, 2010, entrada «Fondement»; José Ferrater Mora: *Dicionário de Filosofia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1991, entrada «Fundamento»; Celestino Pires: artigo “Fundamento”, *apud* Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura, Edição Século XXI, vol. 12; Wolfgang Röd: artigo “Fundamento”, *apud*: Hermann Krings, Hans Baumgartner, Christoph Wild y otros autores: *Conceptos Fundamentales de Filosofia*, Barcelona, Editorial Herder, 1978, Tomo II, entrada «Fundamento»; Michał Araszkiewicz, Jaromír Šavelka (editors): *Coherence: Insights from Philosophy, Jurisprudence and Artificial Intelligence*, New York, Springer Publishing Company, 2013; Arkady Plotnitsky: *Epistemology and Probability: Bohr, Heisenberg, Schrödinger, and the Nature of Quantum-Theoretical Thinking*, New York, Springer Publishing Company, 2010; Paul K. Moser (edit.): *The Oxford Handbook of Epistemology*, Oxford, Oxford University Press, 2005, cap. VI «Theories of Justification», da autoria de Richard Fumerton; <http://plato.stanford.edu/entries/justep-foundational/>.

2 Cf. Karl R. Popper, nomeadamente: *Búsqueda sin término — Una auto-biografía intelectual*, Madrid, Editorial Tecnos, 1985; *Conjectures and Refutations — The Growth of Scientific Knowledge*, London / Henley, Routledge and Keagan Paul, 1981. Considerar também, em auto-formativo reforço: Thomas Khun: *La Structure des Révolutions Scientifiques*, Paris, Flammarion, 1983; Ilya Prigogine e Isabelle Stengers: *Entre o Tempo e a Eternidade*, Lisboa, Gradiva, 1990; Ilya Prigogine: *O fim das certezas*, Lisboa, Gradiva, 1996; Mario Bunge: *Philosophy of Science*, Vol. 1: *From Problem to Theory* (revised edition), Transaction Publishers, New Brunswick / New Jersey, 1998; Edgar Morin e Jean-Louis le Moigne: *Inteligência da Complexidade — Epistemologia e Pragmática*, Lisboa, Edições Piaget, 2009; Fernando Paulo Baptista: *Sob o signo da luz...* (*apud*: <https://yelp.academia.edu/FernandoPauloBaptista>), com a extensa bibliografia do campo da Epistemologia aí referenciada.

3 Cf. Kurt Hübner: *Critique of Scientific Reason*, Chicago & London, The University of Chicago Press, 1994.

1.2. Nessa base e a essa luz (e porque considero muito mais importante o exercício do “contraditório crítico”, com apresentação de alternativas, do que a simpatia do “amenismo”...), **agradeço, penhoradamente e com a maior humildade intelectual**, a todos quantos entendam discordar da minha posição relativamente ao “Acordo Ortográfico/1990”, **me demonstrem, com rigor filosófico-epistemológico**, o que, nessa posição, estiver errado, para poder ser corrigido, uma vez que nunca me considerarei “senhor da verdade”, mas tão-somente um dos seus empenhados indagadores... Tem acontecido sistematicamente, todavia, nas várias sessões de debate académico em que tenho participado (em Coimbra, Braga, Viseu, Porto, Lisboa, São Paulo, Viana / Luanda, etc...) que não encontrei, *até hoje, ninguém que refutasse os fundamentos que apresento nem os argumentos que desenvolvo...*

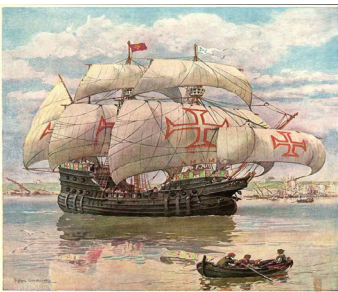
1.3. Uma fundamentação consistente da elaboração do «*documento normativo, regulador da ortografia*» (vulgarmente conhecido por “acordo ortográfico”...) que tem, portanto, como finalidade *orientar a correcta expressão grafémica do modo escrito de comunicação verbal* deveria assentar, antes de mais, em sólidas bases de natureza *epistemológica, científico-linguística, filológico-etimológica* (“genealógica”...), envolvendo, pelo menos, as fundamentais disciplinas teóricas e práticas das chamadas *Ciências da Linguagem, da Paideia* (Antropo-paideia) e da *Didáctica*.

1.4. Essa fundamentação implica um tratamento multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar, ao pressupor, convocar e envolver o domínio (e a interacção...) de um grande número de saberes de reconhecida complexidade (tanto a nível *teorético* como a nível *práxico-pragmático*...) como os seguintes: *Filosofia da Linguagem, Teoria da Linguagem, Linguística Teórica e Linguística Aplicada, Semiótica (Semiótica Linguística), Psicolinguística, Sociolinguística, Léxico-Gramática* (Semântica, Léxico, Morfologia, Sintaxe), *Ortoépia / Ortofonia / Prosódia* (Fonética, Fonologia, Arte de Dizer...), *Ortografia* (Grafémica, Caligrafia, Dactilografia, Editografia...), *História da Língua, Etimologia, Filologia, Lexicologia / Lexicografia, Terminologia / Terminografia, Dicionarística, Pragmática (Pragmática Linguística), Estilística, Retórica, Poética / Teoria da Literatura, Teoria da Enunciação e da Comunicação, Teoria do Texto, Crítica Textual, Análise do Discurso, Ecdótica, Exegese, Hermenêutica,*

Tradutologia, Ciências Cognitivas, Neurociências, Psicologia(s) e Sociologia da Educação, Teoria(s) da Aprendizagem, Teoria dos Sistemas, Teoria do Currículo, Pedagogias, Metodologias, Didáticas (com especial destaque para a fulcral área da *Didáctica do Vocabulário*), etc...

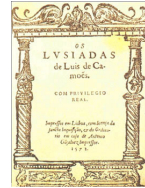
1.5. A ponderação de tão vastas e complexas implicações não pode deixar de nos conduzir ao reconhecimento de que a actual “querela” suscitada em torno do “Acordo Ortográfico / 1990” (sublinho: «orto-**gráfico**»; e não: «orto-épico», «orto-fónico» ou «prosódico»!...) exige muita humildade e um enorme e sábio equilíbrio, de par com um intenso, dedicado e lúcido trabalho investigativo, informativo-gnosiológico e reflexivo que não pode ser levado a cabo por um pequeno grupo num curtíssimo lapso de tempo... Diz-se que o texto do actual “regulamento ortográfico” que está a ser aplicado foi redigido numa semana (sete [7] dias: ver adiante, o ponto 2.3.). A ser verdade, não deixa de suscitar miticamente na nossa memória uma espécie de “*hebdomática demiúrgica bíblica*”, como a que é protagonizada por Deus no livro do *Génesis* (2, 3).

1.6. Por outro lado, a LÍNGUA PORTUGUESA, sendo distintivamente caracterizada e catalogada como uma língua *românica* ou *neolatina*, **tem genealogia, tem história e é memória e identidade!**... Recorde-se, a esse propósito, o que o nosso Luís de Camões (*Lus.*, I, 33) nos diz, através da intervenção “*em defesa da Gente Lusitana*” feita por Vénus, na sua contraposição à argumentação hostil de Baco, no âmbito do episódio do “*Consílio dos Deuses*”:





«Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçãoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada sua, Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela,
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.»



(sublinhei)

1.7. Nestas circunstâncias, não deixa de ser profundamente significativa a comprovada e convergentemente incontestada importância das “matrizes clássicas” (*latinas e gregas*) para a morfogénese e o constante e actualizador enriquecimento (“*neologia*”) da Língua Portuguesa, à semelhança, aliás, do que se passa, à escala planetária, com a Língua Inglesa (entre várias outras...), tal como é reconhecido pelos seus mais credenciados especialistas e académicos, entre os quais se destaca Norman Herr, *Professor of Science and Computer Education at California State University, Northridge*, mundialmente consagrado promotor da *literacia científica*, quando, com a competência que se lhe reconhece, depois de afirmar, no seu paradigmático e divulgadíssimo *Sourcebook for Teaching Science*¹, que «*scientists give names to new discoveries, concepts, theories, and inventions using classical Latin and Greek roots, prefixes, and suffixes*», passa a justificar o facto concreto e objectivo de a Língua Inglesa se haver transformado na “*língua franca da ciência*” («*the lingua franca of science*»)²:

1 Cf. Norman Herr: *Sourcebook for Teaching Science*, San Francisco / California / USA, Jossey – Bass, 2008, pp. 3-4.

2 Justificação partilhada por Ulrich Ammon, na pág. ix do «Prefácio» à obra *The Dominance of English as Language of Science — Effects on Other Languages and Language Communities*, Berlin / New York, Mouton de Gruyter, 2001, que fala mesmo numa «*today’s Anglification of scientific communication*», convergindo com Norman Herr, quando, nesse mesmo «Prefácio» (pág. x), se refere ao «*spread of English as the world lingua franca of science*» e quando, mais adiante, na pág. 73, afirma que «*the technological and scientific vocabulary of English and the other ‘modern’ European languages consists in large part of loan-words from Latin and Greek (...)*» (destaquei).

«Today scientists from around the world communicate in English, and English has therefore become the lingua franca of science. The English lexicon (the entire stock of words belonging to the language) is much greater than any other due in part to the scientific words that are added daily. The English scientific vocabulary is increasingly rich and complex, allowing scientists and others to express themselves more precisely than ever before».

1.8. Não foi, portanto, por acaso ou por mero arbítrio que se instituiu no processo de formação potenciado pelo Sistema Educativo (com natural destaque para as Universidades...) o conceito de «*linguagem académica*» («*academic language*»).

Na verdade, o “Inglês Académico” «*is based more upon Latin and Greek roots than is common spoken English. In addition, academic language features more complex language and precise syntax than common English*», tendo sido feito o diagnóstico de que «*low academic language skills are associated with low performance in school*».

De tal maneira que o tema da «*Academic language*» e o «*development of content literacy*» passaram a constituir uma preocupação central no interior do PACT [«*Performance Assessment for California Teachers*»] que define a «*linguagem académica*» nos seguintes termos¹:

«Academic language is the language needed by students to understand and communicate in the academic disciplines. Academic language includes such things as specialized vocabulary, conventional text structures within a field (e.g.: essays, lab reports) and other language-related activities typical of classrooms (e.g.: expressing disagreement, discussing an issue, asking for clarification). Academic language includes both productive and receptive modalities».

¹ Cf. <http://www.csun.edu/science/ref/language/pact-academic-language.html>; <http://www.csun.edu/science/ref/language/index.html>; PACT – Performance Assessment for California Teachers; ver também: http://www.pactpa.org/_main/hub.php?pageName=Supporting_Documents_for_Candidates)

1.9. Em consonante convergência vai também o pensamento de Howard Jacson and Etienne Zé Amvela¹, quando consideram que «*Latin is not only the first major contributor of loanwords to English, but also one of the most important sources for the coinage of new English words.*»

1.10. E se um dos grandes objectivos propostos pela UNESCO para o século XXI é «*promover a literacia científica e cultural*» para o exercício consciente, intelectualmente livre e eticamente responsável, da Cidadania e da Democracia à escala planetária, muito dificilmente se pode deixar de estar em consonância com Norbert Schmitt² quando reconhece, por um lado, que «*orthographical (written-form) knowledge (...) is a key component to both vocabulary knowledge and language processing in general*» e, pelo outro, que «*results from reading research have been particularly instrumental in showing the importance of orthographical word form*» e que «*the importance of the written form of words is obvious if those words are to be utilized through reading*».

1.11. São esses irrecusáveis “caminhos de aprendizagem” inteligente, racional e *mnésico-arquitectante* que importa percorrer ao longo de todo o trajecto escolar e académico e que, ao fim e ao cabo, estão também em perfeita sintonia com o pensamento do famoso linguista M.A.K Halliday³, quando fundamentadamente defende e escreve que *aprender ciência é, no fundo, aprender a linguagem científica: «learning science is the same thing as learning the language of science»...*

É numa tal perspectiva que tem pleno cabimento e sentido evocar, aqui, o sugestivo título que a famosa especialista em «*Linguagem Científica*», Bertha María Gutiérrez

1 Cf. Howard Jacson and Etienne Zé Amvela: *Words, Meaning and Vocabulary — An Introduction to Modern English Lexicology*, London / New York, Continuum, 2007, p. 42.

2 Cf. Norbert Schmitt: *Vocabulary in Language Teaching*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000, pp. 45, 50.

3 Cf. M.A.K Halliday: *The Language of Science*, London / New York, Continuum, 2004, p. 138. Esta afirmação de Halliday vai ser recorrentemente citada neste ensaio.

Rodilla, Professora Catedrática da Faculdade de Medicina da Universidade de Salamanca, escolheu para nomear e identificar a sua substanciosa e alumiante obra: «*La ciencia empieza en la palabra*»¹. Mas tudo isso, sem esquecer aquela que bem pode e deve ser considerada “A CHAVE OU CLAVE MESTRA” do campo da *Terminologia / Terminografía*, formulada por uma das mais prestigiadas especialistas nesta matéria, MARIA TERESA CABRÉ: «*Para la terminología, considerada (...) en su proyección como sistema de comunicación entre especialistas, la grafía de las unidades léxicas tiene una importancia capital, ya que los procesos de normalización no actúan sobre la pronunciación de los términos, sino precisamente sobre su forma escrita*»² (sublinhei).

1.12. Em coerente sintonia, tem pleno cabimento enunciar aqui alguns princípios fundamentais (uma espécie de “CARTA NÁUTICA” e de “BÚSSOLA ORIENTADORA”...) *para o ensino-aprendizagem do léxico especializado, tendo em vista a formação para a «literacia» e, com ela, para a «linguagem académica» («academic language»):*

a) – Desenvolver a literacia «*é o principal meio para a efectiva participação dos cidadãos na vida comunitária*»³. Na concretização desse desígnio, É CRUCIAL (porque insubstituível...), A MISSÃO DA ESCOLA E DO SISTEMA EDUCATIVO que «*têm uma responsabilidade incomparável no seu mais produtivo ensino e máximo desenvolvimento, implicando e abrangendo todos os estudantes*»,

1 Cf. Bertha María Gutiérrez Rodilla: *La ciencia empieza en la palabra — Análisis e historia del lenguaje científico*, Barcelona, Ediciones Península, 1998.

2 Cf. Maria Teresa Cabré: *La Terminología. Teoría, Metodología, Aplicaciones*, Barcelona, Editorial Antártida / Empúries, 1993, pp. 170-171.

3 Cf. Ruqaiya Hasan e J. R. Martin (editors): *Language Development: Learning Language, Learning Culture* (Meaning and Choice in Language: Studies for Michael Halliday), vol. xxvii, Ablex Publishing Corporation, Norwood, New Jersey, 1989, p. 210: «*Literacy is the principal means for effective participation in the community. (...) The school has the responsibility for teaching literacy and for developing it to the utmost for all students*».

na base de uma prévia, exigente e criteriosa POLÍTICA DE RECRUTAMENTO, SELECÇÃO, FORMAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES de todos os níveis e graus curriculares (desde o pré-escolar até ao universitário, inclusive...) e de um inovador, integrador e alumiante PLANEAMENTO PROGRAMÁTICO SOFO-CIENTÍFICO, dotado dos indispensáveis meios e direccionado para o sucesso formativo e, assim, para o exercício esclarecido, competente e digno das profissões, funções e missões, designadamente as de maior relevância e responsabilidade social, em todos os sectores da Pólis, da Cidadania e da Vida de qualquer Povo e País.

b) – Garantir e promover a precisão e o rigor nos discursos de especialidade, estabelecendo, desse modo, uma inderrogável “NORMA SEMAFÓRICA” de referência, *direccionada para a segurança, a estabilidade, a mono-referencialidade, a univocidade e a intercomunicabilidade conceptual, lexical e terminológica entre as comunidades científicas de todo o mundo*. Esta axial e vertebrante “regra” não deveria ser violada nem revogada levemente ou por mero oportunismo *politiqueiro* e, portanto, deveria ser preservada, tal como o exige a “escrita” sofo-científica mais elaborada, mais estruturada, mais consistente e mais responsável...

c) – Incrementar a “ideia” parificante e valencial de que «rigor científico» equivale a «rigor terminológico-conceptual» e vice-versa: *«El rigor con que los conceptos están organizados en una ciencia exige un rigor paralelo en el lenguaje»*.¹

d) – Aprender o significado fundamental da raiz das palavras, importando considerar, uma vez mais, no que mais específica e directamente diz respeito à aprendizagem do significado da raiz dos lexemas, os fundamentados e experientes ensinamentos de Norman Herr², segundo os quais, *«a knowledge of Greek and Latin root words can greatly enhance student understanding of*

1 Cf. Bertha María Gutiérrez Rodilla: *La ciencia empieza en la palabra — Análisis e historia del lenguaje científico*, Barcelona, Ediciones Península, 1998, p. 24.

2 Cf. Norman Herr: *The Sourcebook for Teaching Science*, op. cit., *ibidem*.

scientific terms and provide a better understanding of English and other European languages», concluindo, por um lado, que «*learning scientific root words (...) helps us understand the vocabulary of a variety of languages, particularly English*» e, pelo outro, que «*an understanding of the roots (...) helps us all master both scientific and nonscientific terms and become more proficient in the use of language*»... Desse modo, vão-se construindo as bases estruturantes do vocabulário que sustenta não só o “discurso” escrito, produtor de todo o Grande Conhecimento, mas também a sua divulgação bibliográfica à escala planetária, potenciando a intercomunicabilidade terminológico-conceptual nas “*dialogias*” e “*polilogias*” (congressos, colóquios, conferências, jornadas e outros eventos similares...) entre as diversas comunidades científicas e sapienciais... Tal construção deve estar em consonância com a irrefutada e já citada asserção de M. A. K. Halliday¹, segundo a qual, «*learning science is the same thing as learning the language of science*» e com a “posição” de Bertha María Gutiérrez Rodilla, quando afirma (como também já vimos...) que «*la ciencia empieza en la palabra*», e de modo algum pode deixar de ter sempre presente o universalizado reconhecimento da importância decisiva que o Grego e o Latim tiveram (e continuam a ter...) na progenição do “*património lexical*” global, com especial destaque para as *terminologias científicas*.

1.13. Por isso é que, na formalização dos termos técnico-científicos (das “*linguagens especializadas*”), importa ter sempre presente, como bússola condutora, a orientação dada pela “*Etimologia*”, entendida nos seguintes termos por Theodor Lewandowski², citando, entre outros, Ferdinand de Saussure:

1 Cf. M.A.K. Halliday: *The Language of Science*, London / New York, 2004, p. 138.

2 Cf., por todos, Theodor Lewandowski: *Diccionario de Lingüística*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1982, pp. 126-128, na importantíssima entrada «Etimología», cuja leitura integral, crítica e prudencial vivamente se recomenda. Considerar, em reforço, o clarificador e importantíssimo ensaio de Santiago Segura Munguía: *Lexicogénesis – Derivados y compuestos en la creación del vocabulario latino y castellano*, Bilbao, Univerdad de Deusto, 2000.

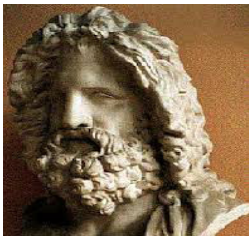
□ *Disciplina que trata del origen y evolución de las palabras; disciplina que trata del origen y del significado originario, del significado verdadero y más profundo de las palabras. La etimología «remonta el pasado de las palabras hasta dar con algo que las explica», es, sobre todo, «la explicación de palabras por medio de la comprobación de sus relaciones con otras palabras..., observa la historia de familias de palabras y también de elementos morfológicos, prefijos, sufijos, etc. El descubrimiento de la dimensión histórica en la significación / denominación (...) así como el descubrimiento de ciertas leyes fonéticas en el marco de la lingüística histórico-comparativa, fueron fundamentales para la etimología científica (...)».*

1.14. ESTE CONJUNTO DE ASSUNÇÕES (pressupostos, princípios, fundamentos..., intencionalmente reiterados ao longo do presente ensaio...), se forem devidamente ponderadas, testadas e humildemente submetidas a uma destemida “prova de fogo” quanto à sua validade, consistência e coerência e, assim, colegialmente corroboradas por um competente e exigenteajuizamento avaliativo a nível *teorético* (*intra-teorético, inter-teorético e meta-teorético...*) e *pragmático-empírico*, iluminado pela racionalidade crítico-epistémica, a ser levado a cabo pelas comunidades científicas especializadas ATRAVÉS DOS SEUS MAIS QUALIFICADOS PROTAGONISTAS PARA O EFEITO CONVOCÁVEIS (ver, *supra*, o ponto 1.7.), DEVERÁ CONSTITUIR A INDISPENSÁVEL BASE DE SUSTENTAÇÃO PARA AS DECISÕES POLÍTICAS DIGNAS DESSE NOME e, sobretudo, consonantes com um autêntico, qualitativo, aberto, plural e paritário “*Projecto de Concidadania Intercultural*”, valorizador e promotor da Língua Portuguesa a nível internacional e à escala planetária e, desse modo, *imprescindivelmente inclusor de todos os Povos e Países da CPLP e das Comunidades da Diáspora...*

É por isso que, como já ficou dito, ***as opções políticas, seja em que domínio for, quando transformadas em decisões, devem ser sempre rigorosamente fundamentadas, do ponto de vista filosófico-epistemológico, na competência sapiencial especializada a todos os níveis e iluminadas pela elevação e dignidade éticas.***

Caso contrário, será a consagração da mediocridade *polítueira*, descredibilizadora daquela que deveria ser sempre uma das mais nobres e elevadas Artes do Agir Humano... que nos foi legada historicamente, entre outras, pela... pela “...” e também (importa, relembrá-lo!...) pela «*sagesse*») incomparáveis Senadores e Avisados e Poéticos Mensageiros da “Palavra Exemplar”, doadora do sentido mais profundo, mais digno e mais criativo para a Vida partilhável em Fraternal e Solidária Comunhão...

Tenha-se, pois, em homenageante, respeitoso e gratulatório apreço, pelo seu INVULGAR E PERENE LEGADO, a seguinte simbólica “GALERIA-SINÉDOQUE” DE NOTÁVEIS, PERTENCENTES AO UNIVERSO DAS HUMANIDADES CLÁSSICAS GRECO-LATINAS que, pela sua qualitativa, incomparável e determinante influência no Progresso Civilizacional e Cultural do Mundo Inteiro, nunca será demasiado evocar num tempo como aquele em que vivemos e em que, nos planos curriculares do nosso Sistema Educativo, se desprezam, com tanta leviandade, os *Estudos Humanísticos*...

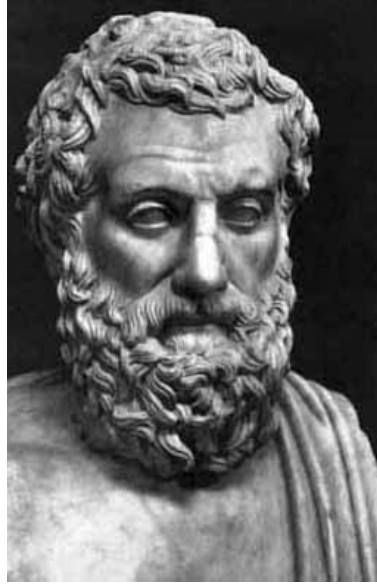
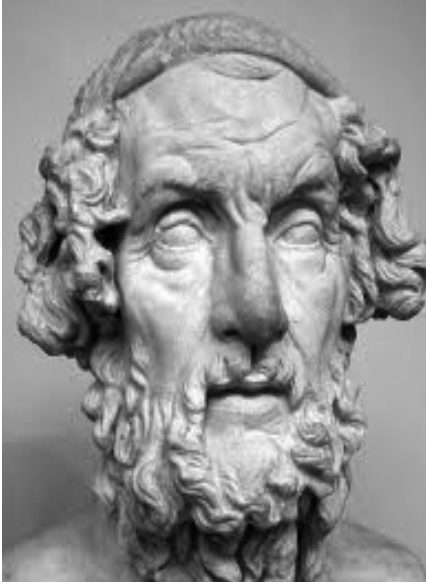


Referências mítico-culturais da *Antiga Grécia* e da *Antiga Roma*...

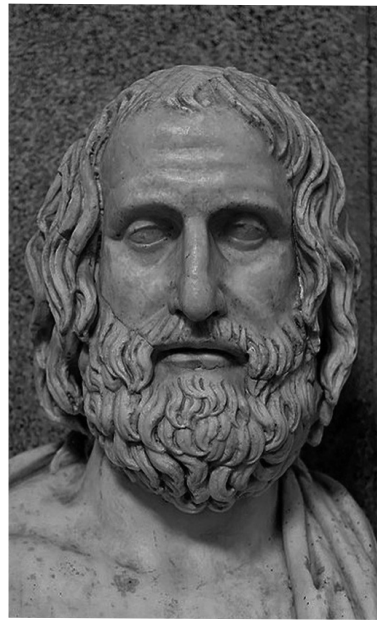
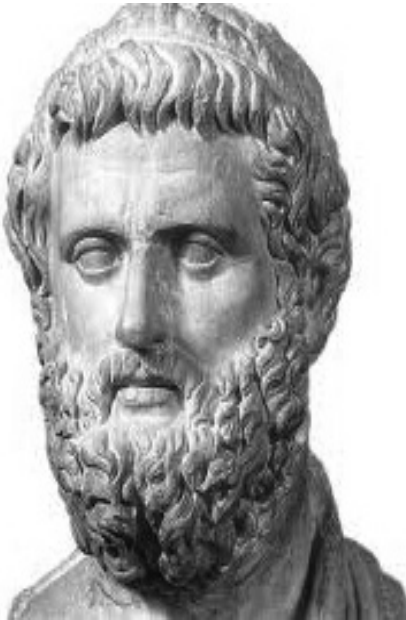


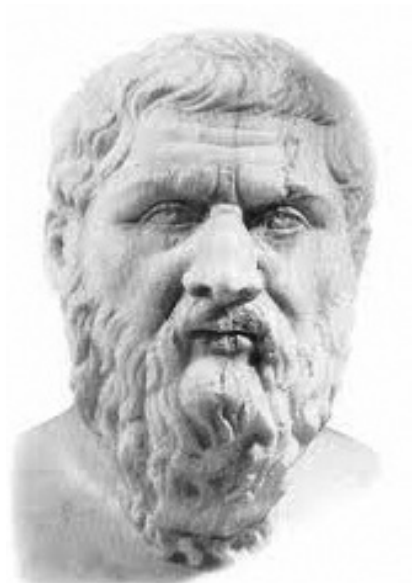
A deusa *Minerva* (correspondente à sua homóloga grega *Atena*) era o símbolo das *Artes*, da *Sabedoria* e da *Excelência*. A “coroa de louros” simboliza a consagração da vitória final dos Acadêmicos nas suas carreiras de estudos; daí, a designação de «laureados»...



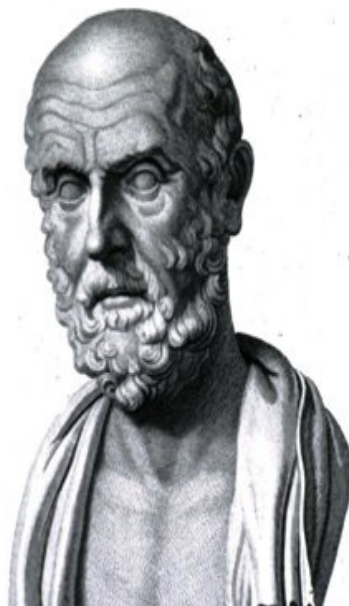
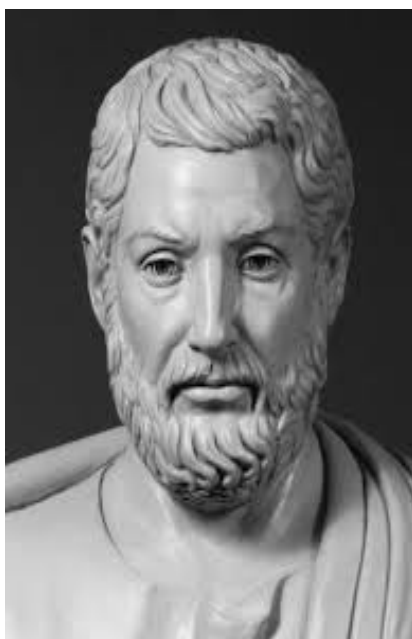


Em cima: *Homero* (séc. viii [?] a.C.) e *Ésquilo* (525-456 a.C. [?])
Em baixo: *Sófocles* (496- 406 a.C.) e *Eurípides* (485-406 a.C.)





Em cima: *Platão* (427-347 [?] a.C.) e *Aristóteles* (384-322 a.C.),
Em baixo: *Tucídides* (460-400 a.C.) e *Hipócrates* (460-370 a.C.)

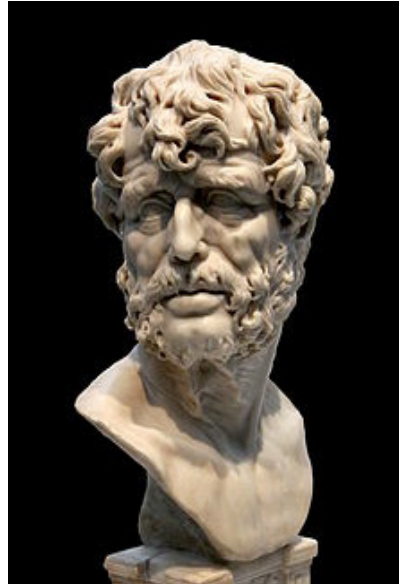




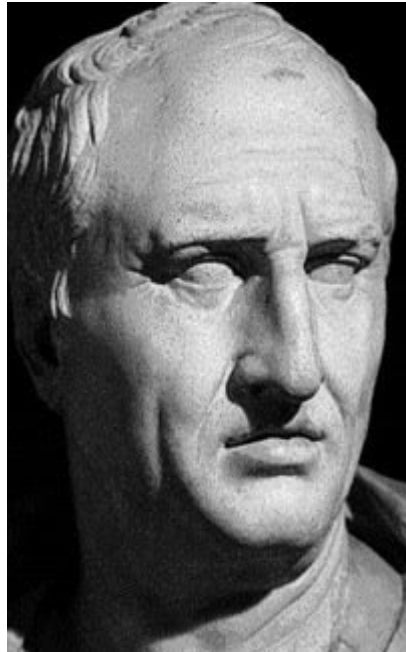
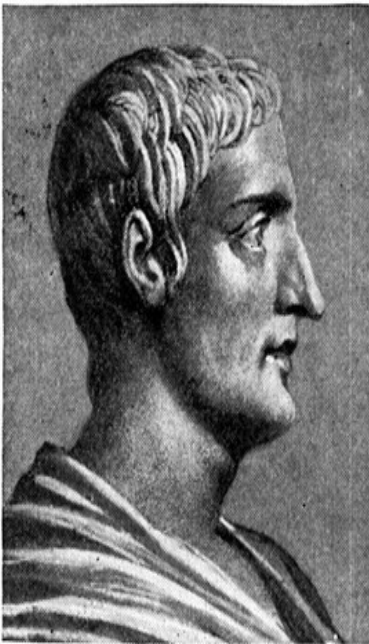
Em cima: *Vergílio* (70-19 a.C.) e *Horácio* (65-08 a.C.)

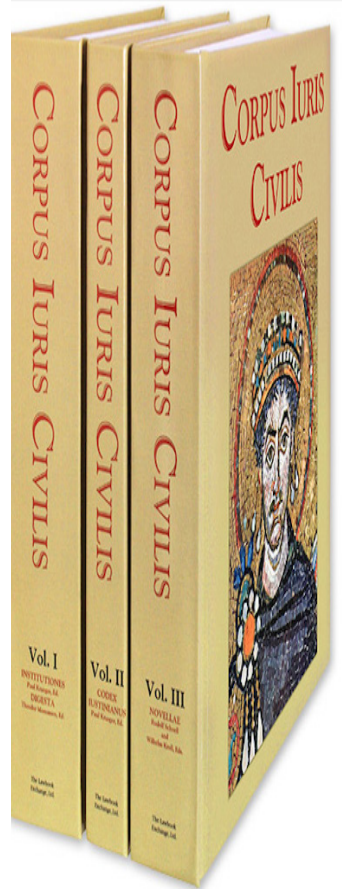
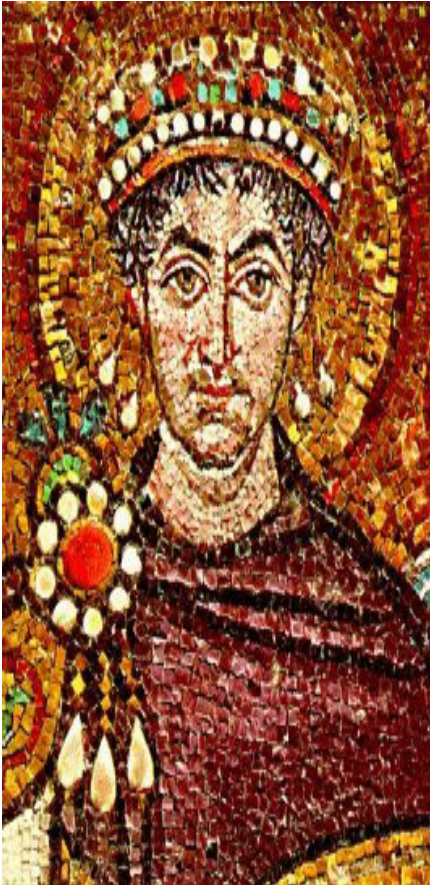
Em baixo: *Cícero* (106-43 a.C.) e *Ovídio* (43-17 a.C.)





Em cima: *Tito Lívio* (59-17 a.C.) e *Sêneca* (04-65 d.C.)
Em baixo: *Quintiliano* (35-95 d.C.) e *Plauto* (230-180 d.C.)





Flavius Petrus Sabbatius Justinianus (482-565 d.C.), mais vulgarmente conhecido como *Justiniano I* ou *Justiniano o Grande*, foi o imperador de Bizâncio (a “Nova Roma” de então...) que decidiu mandar publicar a monumental compilação jurídica, conhecida, desde 1583, sob a designação de «*Corpus Juris Civilis*», matriz fundacional do *Ius Romanum* e, assim, do *Grande Legado Jurídico-Civilizacional* da Cultura da Romanidade.

CAPÍTULO II

QUESTIONAMENTO CRÍTICO DO “ACORDO ORTOGRÁFICO / 1990”

— SUAS RAZÕES —

RAZÕES DA PROBLEMATIZAÇÃO DO “ACORDO ORTOGRÁFICO / 1990”, VISANDO UMA ALTERNATIVA CIENTIFICAMENTE FUNDAMENTADA, COERENTE E CONSISTENTE, SUPERADORA DO ACTUAL ESTADO DE ILITERACIA E DE CAOTIZAÇÃO ORTOGRÁFICA

a) Razões de natureza científico-sapiencial e pedagógica: sua caracterização

2.1. A não explicitação e enunciação, clara e inequívoca, dos *pressupostos, fundamentos, razões, motivos e argumentos de natureza especificamente epistemológica e linguística* (teórica e aplicada) que deveriam inspirar e sustentar o «documento regulador» da *correcta expressão grafémica* da comunicação escrita em Língua Portuguesa (“AO / 1990”).

Na verdade, a «Ortografia» é *uma disciplina altamente especializada* das Ciências da Linguagem, cuja complexidade multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar (como já foi referido) não pode conformar-se com «simplismos / simplificações», com meras posições de “opinião” nem muito menos com opções decorrentes do “capricho”, da “egolatria”, do “arbítrio” ou de um *politiqueiro* “jogo de interesses” negociais *trans-linguísticos e trans-ortográficos...*

Ora, o *actual normativo ortográfico*, entre várias outras razões pouco ou nada claras (não houve um verdadeiro e alargado debate nem sequer uma atenta, judiciosa, aberta e plural ponderação dos

inúmeros e altamente credenciados pareceres que, desde a sua génese, o contrariavam profundamente até à “medula”¹...), *resultou de uma opção essencialmente simplista e simplificacionista, desprovida de uma explicitadora e justificadora fundamentação linguístico-epistemológica, filológico-genealógica, pedagógico-didáctica e formativa e do indispensável e consonante rigor científico-técnico e metodológico; numa palavra: é fruto de uma opção arbitrária, cheia de incongruências e contradições, opção vincadamente mercatória, demográfica, geo-política e retoricista...*

Esta opção, se for avaliada com rigor epistémico intra-estrutural e com sentido projectivo, afigura-se estrategicamente errada, porque, do ponto de vista etno-linguístico e geográfico, se consubstancia numa “aliança binária” — Portugal \diamond Brasil —, **objetivamente excludente** (sublinho) dos restantes Povos e Países seus destinatários.

Efectivamente, o “AO /1990” *não teve a sua génese e justificação numa evidente “étio-sintomatologia” relacionável com dificuldades de intercomunicabilidade escrita (ou oral) entre as várias comunidades de expressão portuguesa...*

Foi, sim, congeminado, de modo precipitado e artificial, *numa postura de subserviente submissão ao Brasil* (que não precisa disso para nada!...) e que, bem vistas as coisas, *só pode vir a sair gravemente prejudicado* (atento o seu indiscutível potencial demográfico, social, político e económico...), *correndo o risco* (com as inerentes consequências...) *de vir a ficar; do ponto de vista «ortográfico» e «escritural», isolado do contexto de países estrategicamente tão importantes como Angola e Moçambique* (sem desprimor para todos os outros povos e países que integram a CPLP e a Diáspora...) *e condenado a uma espécie de “terceiro-mundismo” no que diz respeito ao “discurso” científico-sapiencial, ao afastar-se da “linha da frente” dos países de expressão escrita em inglês e em espanhol, sobretudo no que diz respeito à decisiva área das terminologias e das*

1 Cf. Pedro Correia nos seus bem fundamentados, documentados e clarificadores estudos reunidos em: *Vogais e Consoantes Politicamente Incorrectas do Acordo Ortográfico*, Lisboa, Guerra & Paz, 2013, pp. 37-40.

terminografias, ou seja, a área das “*linguagens especializadas*” (com os seus *tecnolectos*, *epistemolectos* e *sofolectos*...) que organizam conceptualmente todos os fundamentais ramos do GRANDE CONHECIMENTO entre as específicas “*comunidades científicas*”, à escala mundial...

2.2. A não assunção de uma postura dialógico-dialéctica de fundo, sustentada num enfoque epistémico-linguístico, crítico-analítico e de alcance sistémico e holístico, fomentador e potenciador de um debate plural e poliédrico, intelectualmente rigoroso e sério, activamente participado por entidades tão decisivas como são os Departamentos de Linguística e de Filologia, de Estudos Linguísticos e Literários (considerados em seus múltiplos ramos, com os respectivos especialistas, académicos, investigadores e docentes mais qualificados...), as organizações das áreas científicas, culturais e profissionais onde se projecta e se coloca a crucial questão das «matrizes genealógicas» do vocabulário erudito mais rigoroso e das já referidas «*linguagens especializadas*», os educadores, professores, pedagogos e didactas de todos os níveis e graus de ensino, os escritores, ensaístas, exegetas, hermenutas e críticos, os tradutores, os jornalistas, etc., tendo em vista a construção de uma “*síntese normativa*” consistente, coerente, integradora, harmoniosa e digna da tão vasta, tão rica e tão diversa comunidade lusíada (*lusíado*-polifónica e *lusíado*-poligráfica¹), espalhada pelas sete partidas do mundo...

2.3. A precipitação e a não ponderação bem amadurecida das consequências das decisões tomadas à margem de um sentido prudencial, diagnóstico, retrospectivo e prospectivo, prognóstico e projectivo, pressupostos numa verdadeira estratégia de concepção e planeamento do pensar e do agir. Repare-se que «*bastou uma semana* para redigir o “AO /1990”, que resultou das reuniões decorridas entre 6 e 12 de Outubro de 1990 na Academia das Ciências de Lisboa com 21 representantes de sete delegações²!...

1 Características que superam de longe o estrangeirado “decalque” da chamada *Lusofonia* (inspirado no conceito de *Francophonie*)...

2 Cf. Pedro Correia: *ibidem*, p. 35.

2.4. A tentação do simplismo e do simplificacionismo e a consagração da regressão / retrogradação para equacionar e resolver o que é complexo¹ ou mesmo hipercomplexo², tentação essa, corporizada, no essencial, na recuperação retrógrada de um “modelo ortográfico” datado de 1943 (e elaborado na base do “Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa”, da exclusiva autoria da Academia Brasileira de Letras, e de um «Formulário Ortográfico» a ele anexo), “modelo” com que se desencadeou, então, o processo de alfabetização elementar no Brasil³ e que o Presidente João Café Filho repristinou em 1955 (cf. o decre-

1 Considere-se, neste contexto, «la loi cosmique de complexité-conscience», enunciada por Teilhard de Chardin (cf. Teilhard de Chardin: *Le Phénomène Humain*, Paris, Éditions du Seuil, 1956, p. 208, obra de que há tradução portuguesa: Teilhard de Chardin: *O Fenómeno Humano* (trad. de Léon Bourdon e José Terra), Porto, Livraria Tavares Martins, 1965), em que, segundo este inesquecível e iluminante Sábio, tudo se pode resumir à seguinte afirmação: «(...) si l’Univers nous apparaît sidéralement comme en voie d’expansion spatiale (de l’Infini à l’Immense); de même, et plus clairement encore, il se présente à nous, physico-chimiquement, comme en voie d’enroulement organique sur lui-même (du très simple à l’extrêmement compliqué), — cet enroulement particulier «de complexité» se trouvant expérimentalement lié à une augmentation corrélative d’intériorisation, c’est-à-dire de psyché ou conscience», ou seja, à plena emergência da «noosfera»... Sobre a crucial problemática da «complexidade», ver o clarificador volume coordenado por Edgar Morin e por Jean-Louis Le Moigne: *Inteligência da Complexidade — Epistemologia e Pragmática*, Lisboa, Edições Piaget, 2009; ver, igualmente, AA VV (com o sintético prefácio de Koïchiro Mat-suura, Director-Geral da UNESCO): *As Chaves do Século XXI*, Lisboa, Edições Piaget, 2002; Réda Benkirane: *A Complexidade — Vertigens e Promessas* (com as importantes e elucidativas entrevistas aí contidas), Lisboa, Edições Piaget, 2004.

2 Ver, mais adiante, a questão do entendimento do conceito de “evolução”.

3 Ter, a propósito, na devida conta a famosa e esclarecedora obra da autoria do consagrado jornalista e escritor José Laurentino Gomes: *1822*, Porto, Porto Editora, 2010:

1. “Visão” (sinóptica) do Brasil, apresentada no livro (cf.: <http://planetamarcia.blogs.sapo.pt/214757.html>): «Quem observasse o Brasil em 1822 [a sua independência é proclamada em 7 de Setembro de 1822, com o célebre «Grito de Ipiranga»...] teria razões de sobra para duvidar da sua viabilidade como nação independente e soberana. *De cada três brasileiros, dois eram escravos, negros forros, mulatos, índios ou mestiços. Era uma população pobre e carente de tudo, que vivia à margem de qualquer oportunidade numa economia agrária e rudimentar, dominada pelo latifúndio e pelo tráfico negreiro. O medo de uma rebelião dos cativos tirava o sono da minoria branca. O analfabetismo era geral. De cada dez pessoas, só uma sabia ler e escrever. Os ricos eram poucos e, com raras exceções, ignorantes.* (Os itálicos e os sublinhados são de minha iniciativa).

to-lei 2.623, de 21.10.1955), após rejeição unilateral pelo Congresso Brasileiro do “AO de 1945”, sendo de sublinhar que este documento havia sido meritoriamente construído, negociado e aprovado pelas duas delegações, lideradas por dois competentes filólogos — *Rebello Gonçalves*, do lado de Portugal, e *Sá Nunes*, do lado do Brasil —, tendo, então, sido expressamente reconhecida *a sua qualidade técnico-científica e filológica*¹.

O isolamento e as rivalidades entre as diversas províncias prenunciavam uma guerra civil, que poderia resultar na fragmentação territorial, a exemplo do que já ocorria nas colónias espanholas vizinhas. Para piorar a situação, ao voltar para Portugal, no ano anterior, o rei D João VI, havia raspado os cofres nacionais. O novo país nascia falido. Faltavam dinheiro, soldados, navios, armas ou munições para sustentar uma guerra contra os portugueses, que se anunciava longa e sangrenta. As perspectivas de fracasso, portanto, pareciam bem maiores do que as de sucesso. Nesta nova obra, o escritor brasileiro Laurentino Gomes, autor do *best-seller 1808*, sobre a fuga da família real portuguesa para o Rio de Janeiro, mostra como o Brasil, que tinha tudo para não dar certo, acabaria por resultar, em 1822, numa notável combinação de sorte, imprevisto, acasos e também de sabedoria das lideranças responsáveis pela condução dos destinos do novo país naquele momento de grandes sonhos e muitos perigos». Ver também, mais desenvolvidamente: <http://www.laurentinogomes.com.br/livros.php>
Nota: colhi esta informação internética, a partir de um muito pertinente testemunho de Manuel Bragança dos Santos.

2. O livro na perspectiva do próprio autor (*ibidem*):

«Este livro procura explicar como o Brasil conseguiu manter a integridade do seu território e firmar-se como nação independente por uma notável combinação de sorte, acaso, improvisação, e também de sabedoria de algumas lideranças incumbidas de conduzir os destinos do país naquele momento de grandes sonhos e perigos (...) O Brasil de hoje deve sua existência à capacidade de vencer obstáculos que pareciam insuperáveis em 1822. E isso, por si só, é uma enorme vitória».

3. Nota genérica sobre o livro (*ibidem*):

O livro é um relato pormenorizado, no estilo jornalístico, do processo de independência do Brasil. Composto por vinte e dois capítulos acompanhados por ilustrações de acontecimentos e personagens da época, abrange um período de catorze anos, entre o regresso da corte portuguesa de D. João VI a Lisboa, em 1821, e a morte do imperador D. Pedro I, em 1834. *1822* é o resultado de três anos de pesquisas, durante os quais o autor consultou cerca de 170 livros, percorreu diversos locais dos acontecimentos ligados à Independência do Brasil ou à vida de D. Pedro.

¹ Veja-se, a propósito, o «Prefácio» da autoria do filólogo e académico brasileiro, Ribeiro Couto, ao importantíssimo «Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa», elaborado por Francisco Rebello Gonçalves (cf. Francisco Rebello Gonçalves: *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*, Coimbra, Atlântida, 1947, pp. ix a xxv).

2.5. Essa “regressão” a meados do século passado configura uma inqualificável e anacrónica afronta e obstáculo ao *«projecto de literacia científica e multicultural»* (sublinho: *«literacia»*, e não, *«oralicia»!*...), projecto este, proposto por consagradas instâncias internacionais¹ como sendo *o grande desafio planetário para o exercício verdadeiramente consciente, esclarecido, livre, responsável, plural e democrático da cidadania no século XXI*.

Importa ter bem presente que já decorreram largas décadas depois da unilateral decisão revogatória de João Café Filho e da reactivação daqueles dois *rudimentares* documentos — “*Pequeno Vocabulário*” e “*Formulário Ortográfico*” — destinados à «alfabetização elementar» das muitas dezenas de milhões de analfabetos (de várias proveniências...) que povoavam o Brasil daquela época!!!...

Quer dizer: este retrógrado “normativo” que é o “AO / 1990” *que nos está a ser imposto pelo autoritarismo de políticos ilícidos, incompetentes e incultos* e pelos interesses negociais ligados ao mercado editorial e livreiro (com a adjuvante conivência

1 E.g.: UNESCO: *What is the United Nations Literacy Decade?*; Comissão Europeia: relatório *«Science education now: a renewed pedagogy for the future of Europe»*; American Association for the Advancement of Science [AAAS: <http://www.aaas.org/aboutaaas/mission/>]: *«Project 2061: science for all americans»* e *«Benchmarks for science literacy»*; National Research Council (USA): *«National science education standards»*; National Research Council: *«Every Child a Scientist — Achieving Scientific Literacy for All»*, Washington, DC, National Academy Press, 1998; Bernard Crick: *Essays on Citizenship*, London / New York, Continuum, 2000; cf., entre vários outros, documentos tão importantes como: Jacques Delors (org.): *«La educación o la utopia necesaria»*, apud AA VV: *La educación encierra un tesoro*, Madrid, Grupo Santillana de Ediciones / UNESCO, 1996, 13; AA VV: *Educação: um tesouro a descobrir* — Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Porto, Edições ASA, 1996; Ana Benavente (coord.) et alii: *A literacia em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996; Maria Raquel Delgado-Martins (coord.) et aliae: *Literacia e Sociedade*, Lisboa, Editorial Caminho, 2000; Actas do 1.º Congresso Nacional “*Literacia, Media e Cidadania*”, Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2011; 8.º Congresso LUSOCOM — *Comunicação, Espaço Global e Lusofonia* —, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009, nomeadamente a comunicação apresentada por Inês Braga e M. Conceição de Oliveira Lopes: *«Literacia como fundamento da cidadania»*; Celina Tenreiro-Vieira e Rui Marques Vieira: *«Literacia e pensamento crítico: um referencial para a educação em ciências e em matemática»* in Revista Brasileira de Educação vol.18 n.º. 52, Rio de Janeiro, Jan./Mar. 2013. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782013000100010&script=sci_arttext...

da actuação pouco rigorosa, pouco escrupulosa e sofisticadamente demagógica, oportunista e retoricista de alguns dos nossos académicos universitários¹...) reconduz toda a gente, sem apelo nem agravo (mesmo quem já seja senhor de uma razoavelmente desenvolvida “competência literácica” sapiencial, cultural e científica...), a uma situação de retorno a um «processo de alfabetização elementar» destinado a puros e absolutos analfabetos que ainda não soubessem desenhar ou decifrar uma única letra!... *E há quem chame a isto, “evolução” e “progresso” da comunicação escrita em Língua Portuguesa !!!...*

2.6. A cedência ao *facilitismo* perante o que é difícil, com a desvalorização da “pedagogia da superação dos obstáculos” (das “aporias” e das “dificuldades”...) e o esquecimento de clarificadores conceitos como os de “*engrama noemático*”, “*iconograma mental*”, “*habitus*” (Pierre Bourdieu²), “*Gestalt*”, “*insight*” (que nós, adultos, fomos interiorizando e consolidando no intelecto e na memória ao longo da vida, com as nossas reiteradas actividades de escrita e de leitura...) e do *fundamental princípio inspirador das mais sólidas, elevatórias e perfectivantes aprendizagens e da consequente auto-superação e progressão sapien-*

1 Vejam-se, a propósito, dois exemplos “paradigmáticos” do que é essa adjuvante conivência:

a) o primeiro exemplo, conŕtuga-se numa interrogação meramente retórica, desacompanhada de qualquer fundamentação e justificação técnico-científica e de qualquer base probatória, mas inequivocamente “populista” e “pró-acordatária” (não sem que nela ecoem tons de uma certa linha ideológica «*multi- / pluri*» dos tempos passados...) **como se a «coesão relativa» aí alegada já não existisse antes deste caógeno normativo**, ele sim, claramente *anti-coesão*, como tentaremos demonstrar ao longo do presente ensaio; consideremos, então, essa interrogação meramente retórica: «*Queremos ou não queremos que a Língua Portuguesa exiba a coesão relativa que ajude a viabilizar a sua existência plurinacional, multicultural e pluricontinental, com estatura e estatuto na cena internacional e com as vantagens políticas, económicas e culturais daí decorrentes?*»; **b)** o segundo exemplo consubstancia-se numa banalíssima opinião “polítiqueira”, produzida como que «*ex catedra*», mas igualmente sem qualquer fundamentação epistemológico-linguística, expressa nos seguintes termos: este convénio — o “AO / 1990” — «*pode reclamar-se de consideráveis vantagens sob o ponto de vista da unidade e da universalidade da língua portuguesa*»... **Mas também não se avança com uma única dessas alegadas «vantagens» unificantes e universalizantes...** (cf. Pedro Correia: *Vogais e Consoantes Politicamente Incorrectas do Acordo Ortográfico*, Lisboa, Guerra e Paz, Editores, S. A., 2013, p. 43.

2 Cf. Bourdieu, Pierre: *Choses Dites*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1987, pp. 19 ss, 32 ss, 50 ss, 90 ss, 124 ss, 150 ss, 160 ss; *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, 1989, pp. 60-64, 81-106 e *passim*.

cial, princípio, segundo o qual, «só o que é difícil (e nunca o que é fácil!...) nos engrandece, enobrece e faz crescer»!...

Repare-se, a propósito, que (contrariamente à “retórica” pseudo-pedagógica do “facilitismo” proclamado pelos apologetas e promotores do *neo-orwelliano* e *anti-didáctico* corrector [?] *Lince...*), *as nossas crianças e os nossos jovens, por via de regra, aprendem com relativa e indesmentível facilidade*¹, não apenas a *falar*, mas também a *escrever* e a *ler* textos em Inglês, que é uma das mais universalizadas e influentes línguas a nível planetário e que tem um «sistema ortográfico» reconhecidamente *anti-simplificacionista*, preservador das matrizes genealógicas clássicas (latinas e gregas) do seu vocabulário, mantendo não só as sequências grafémicas do tipo «*ct*» e «*pt*», mas também os *ph*'s, os *th*'s e os *y*'s: *abduction, abductor, act, activity, actual, actuality, adopt, adoption, affect, allopathy, bisect [trisect], bisectrix [trisectrix], bisector [trisector], collect, collection, collective, collector; conductivity, conductor, contraction, contractor, contradictory, didactic, direct, direction, director, Egypt, Egyptian, exact, except, fact, factor, infect, infection, injection, injector, inspection, inspector, know, knowledge, myth, optic, optimism, orthographic, pharmacy, philosophy, protect, protection, protector, reactor, rectangular, rectify, redaction, redactor, respective, section, sector,*

1 Só por falta de visão estratégica, de horizonte projectivo e proactivo e de informação actualizada, se podem ignorar os contributos da mais recente investigação que apontam no sentido de que *as crianças, por volta dos três anos de idade, têm capacidade para compreender o seu próprio mundo a partir de uma perspectiva científica e de aprender matérias tão difíceis como a matemática e as ciências* (cf. George D. Nelson, Director do Project 2061, no seu «Prefácio» a «Dialogue on Early Childhood Science, Mathematics, and Technology Education» [American Association for the Advancement of Science, AAAS, 1999]: «*Recent educational research suggests that even very young children have the ability to comprehend their world from a scientific perspective. Some studies indicate that children as young as three years old may be capable of concept-based theoretical learning. New research on how the brain develops during these early years promises to help us understand how young children learn mathematics and science.*» apud: <http://www.project2061.org/publications/earlychild/online/Default.htm>; ver também: <http://www.project2061.org/publications/earlychild/online/preface.htm>.

spectacle, spectator, spectre, theory, thesis, tract, traction, tractor, vector, vectorial, verdict, victim, victimize, victor, victoria...

2.7. A memorização “cega” dos constituintes *multi-planares* (ou *multi-estratais*) do *diassistema linguístico*, designadamente o seu «*estrato semântico-lexical*» (com especial destaque para o *vocabulário...*), sem o suporte estruturante de uma aprendizagem inteligente, laboriosa, racional e crítico-reflexiva, alicerçada nas matrizes *genealógicas* (com claro destaque para o *Latim* e o *Grego...*) e nas raízes *lexicogénicas* e *lexicopoiéticas* (*neologia*) e reforçada com a homóloga análise comparatística inter-linguística e inter-lexical das mais importantes euro-línguas a nível planetário (Inglês, Espanhol, Francês, etc., acontecendo que *estas três línguas* acabadas de referir *estão já contempladas no processo de ensino-aprendizagem previsto nos planos curriculares e programas do Ensino Básico e do Ensino Secundário do Sistema Educativo Português*).

2.8. Na verdade, tendo em vista o empenhamento nesta missão consciencializadora das *gravíssimas consequências iliteracicogénicas* que decorrem da aplicação da *sinistra* “*guilhotina*” *liquidatária*¹, *esfingicamente instalada e escondida na Base IV* do actual “AO / 1990”, considerem-se os seguintes *princípios epistemológico-linguísticos* (e também *metodológicos...*):

1º. Não há produção nem comunicação ou transmissão do conhecimento científico e dos conteúdos gnósio-epistémicos e sapienciais em geral que integram a *NOOSFERA* (esfera do *pensamento* e do *conhecimento*), fora das potencialidades sémio-discursivas proporcionadas pelo binómio “*linguagem verbal* <> *língua(s)*”, o mesmo será dizer, pela “*palavra*”.

2º. Não há processo de ensino-aprendizagem verdadeiramente formador e transformador, sem uma bem alicerçada *competência de comunicação escrita* (e *ortográfica...*) que implica, em sua centralidade constitutiva, uma cada

1 Cf. o meu texto de intervenção intitulado «Essa sinistra “guilhotina”...», *apud*: <http://ilcao.cedilha.net/?p=5334>.

vez mais forte, mais exigente, mais vasta e mais qualificada *competência lexical*, com especial relevância para o *vocabulário especializado e erudito*.

3º. Não há aprendizagem estruturada, reflectida e meditada e, por isso mesmo, consistente e duradoira, sem o diuturno convívio com a mais credível informação proporcionada pelas qualitativas e imprescindíveis páginas das obras sapienciais que se lêem, a partir das *bibliografias* e das *referências internéticas* recomendadas ou criteriosamente auto-descobertas, sem as subseqüentes fichas de leitura que se elaboram, os apontamentos que se tiram, os textos dos trabalhos que se escrevem, em suma, sem os testes e demais provas escritas que validam e legitimam essa mesma aprendizagem...

4º. Quanto mais conscientemente compreendida e interiorizada for a aprendizagem orientada para o domínio *das palavras morfo-semanticamente mais densas, mais rigorosas e mais expressivas* (“logopaideia”), mais sustentadamente estará garantido o sucesso dos hoje cada vez mais desafiantes *programas de literacia* (“leitura” e “escrita”) *científica, cultural e sapiencial*¹ que caracterizam os processos de conceptualização gnósio-epistémica e iluminam o exercício esclarecido e responsável da cidadania.

5º. Em sua esmagadora percentagem (mais de 80%), o *léxico* que integra as *terminologias especializadas* constitui-se e estrutura-se *morfo-semiogenicamente* com base nas *matrizes clássicas* (greco-latinas) e no seu núcleo *adeânico-genómico* que é a *raiz*.

6º. Ora a Base IV do novo “acordo ortográfico” constitui não só a sinistra “guilhotina” liquidatária e desfiguradora de inúmeras raízes portadoras desses “adeânicos” núcleos *lexi-*

¹ Cf. Rodger W. Bybee: *Achieving Scientific Literacy — From Purposes to Practices*, Portsmouth, NH / USA, Heinemann, 1997, p. 72: «... scientific literacy includes understanding of scientific terminology, but it is more than mere vocabulary. It extends to concepts...».

cogénicos identitários mas também o bloqueador obstáculo a uma aprendizagem inteligente, racional e *morfo-semiogenicamente* radicada, fundamentada, sustentada e articulada.

7º. Aí se inspira e se alicerça o imprescindível empenhamento *cívico-politeico* de todos nós na conscientização do País, da CPLP e da Diáspora para o que efectivamente significa o arquitectante, estruturante, clarificador e formativo recurso às *matrizes genético-clássicas* (com natural destaque para o latim e o grego, *reforçados pelo contributo comparatístico de enfoque lexicológico e lexicográfico com as demais euro-línguas e com a filologia indo-europeia*), não só como incontornável suporte dos processos da *lexicogénese*, da *terminopoiése* e da *terminografia*, mas também da *lexicodidáctica* fundamental.

2.9. Em convergente e adjuvante reforço, considerem-se também as seguintes pertinentíssimas “teses” do consagrado linguista, M.A.K. Halliday¹:

1.º – «*the grammar is a theory of human experience*» [«a gramática é uma teoria da experiência humana»];

2.º – «*every theory is a system of related meanings*» [«cada teoria é um sistema de significados relacionados»];

3.º – «*to understand something is to transform it into meaning*» [«entender algo é transformá-lo em significado»];

4.º – «*there can be no theorizing without language, or more specifically, without the semogenic power of grammar*» [«não pode haver teorização sem linguagem ou, mais especificamente, sem o poder sem(i)ogénico da gramática»];

5.º – «*the semiotic energy of the linguistic system comes from the lexicogrammar*» [«a energia semiótica do sistema linguístico dimana da lexicogramática» (dentro da qual, o *vocabulário* desempenha inquestionavelmente um insubstituível papel)];

¹ Cf. M. A. K. Halliday: *The Language of Science*, London / New York, Continuum, 2004, pp. 3, 11, 23, 25, 26, 51, 54-55, 63, 109, 201, 208 e *passim*.

6.º – «*technical terms are an essencial part of scientific language*», sendo «*impossible to create a discourse of organized knowledge without them*» [«os termos técnicos são uma parte essencial da linguagem científica», sendo «impossível criar um discurso do conhecimento organizado sem eles»];

7.º – «*the language of science is, by its nature, a language in which theories are constructed*» [«a linguagem da ciência é, por sua natureza, uma linguagem na qual as teorias são construídas»];

8.º – «*a scientific theory is a linguistic construal of experience*» [«uma teoria científica é uma construção / interpretação linguística da experiência»].

2.10. Se estivermos em sintonia com as “teses” acabadas de enunciar, *não tem qualquer sentido nem qualquer consistência ou perenidade pedagógico-didáctica* o improdutivo tipo de aprendizagem baseada no simplismo grafémico e na circunstancial memorização (desprovida de um reflectido suporte racional e inteligente, consubstanciado na análise das “matrizes genealógicas”), designadamente de vocábulos e de termos especializados...

2.11. Do mesmo modo, se torna incompreensível e inaceitável *o desconhecimento* (e a conseqüente *confusão*...) da *essencialidade caracterológica e distintiva* dos diferentes (ainda que intercomplementares...) “modos de realização” concreta do binómio «*linguagem verbal <> línguas naturais*», ou seja, o «*modo oral*» e o «*modo escrito*» de comunicar.

2.12. Só a ausência de “espírito crítico” ou a “demagogia” poderão alimentar a “ilusão” quanto às tão proclamadas virtualidades “unificantes” do *critério ortoépico* da “*pronunciabilidade*”, contra o *critério grafémico* da “*escrituralidade*” radicada na historicidade genealógica (História da Língua), morfogénica e identitária da *Filologia*, da *Etimologia* (esta, com a inerente e aberta garantia das duas fulcrais vias ou fontes da *lexicogénese*: a *via popular* e a *via erudita*), da *Lexicologia* e da *Lexicografia*.

2.13. É a falta de rigor científico que está na origem da grave confusão entre “fonemas” e “grafemas” (cf. a Base IV do actual Acordo Ortográfico, onde se diz «*sequências consonânticas*¹», em vez de «*sequências grafémicas*²») e da consequente anomalia consubstanciada na padronização, estandardização e regulação da «Ortografia» (disciplina que tem como objectivo *a correcta expressão grafémica das práticas comunicacionais escritas* da língua) pela «Ortoépia», pela «Ortofonia» e pela «Prosódia» (disciplinas que, por sua vez, têm como objectivo *a correcta pronúncia, articulação, entoação e expressão fono-fonémica das práticas comunicacionais orais* da língua).

2.14. Na verdade, foi o critério “ortoépico-ortofónico-prosódico” da “pronunciabilidade” o princípio orientador e estruturante do novo regulamento dito «ortográfico» (veja-se, desde já, a contradição conceptual, epistemológica e terminológica: a «Ortoépia», a «Ortofonia» e a «Prosódia» (disciplinas que se ocupam da «correcta pronúncia» na «comunicação oral») a regulamentarem a «Ortografia», disciplina que se ocupa da «correcta grafia», o mesmo é dizer da «correcta expressão grafémica» na «comunicação escrita»³...).

2.15. Assim, a desassossegada e fulcral preocupação que o ac-

1 Expressão terminologicamente desprovida de rigor epistemológico-linguístico e apenas aceitável como “metonímia” vulgarizada e corrente (do tipo: o *a* é uma vogal, o *b* é uma consoante, em vez de: o grafema *a* representa convencionadamente *um som vocálico*, o grafema *b* representa convencionadamente *um som consonântico*...); essa metonímia funda-se numa *relação contiguitária* decorrente de uma convenção historicamente estabelecida e instituída entre os «grafemas representantes» e os «fonemas representados».

2 Em que o primeiro grafema da sequência a que pertence (*ct / pt*), mesmo quando não se pronuncia, além da *função de radicação lexicogenealógica numa mesma família etimológico-lexical (intra-linguística e inter-linguística)*, faz parte integrante de um «dígrafo» diacrítico, sinalizador de abertura tímbrica da vogal representada pelo grafema que imediatamente precede esse primeiro grafema: exs: **a)** *radicação lexicogenealógica*: *abjecto, adjectivo, objectar, projecto, projectivo... // adoptar, adoptivo, optativo... // directivo, directo, director, indirecto, recta, rectidão... // efectivo, afectar, afecto, desinfectante, infectar... // factura, facturar, factor... // respectivo, espectáculo, espectador, inspectivo, inspector, perspectiva... b) «dígrafo» *diacríticamente sinalizador de abertura tímbrica*: «abjecto» [æc], «adoptar» [òp], «director» [èc], «efectivo» [èc], «factura» [àc], «respectivo» [èc]...*

3 Considere-se, a propósito, a seguinte selecção de definições dos conceitos de «ortografia» e de «ortoépia/ortofonia/prosódia», formuladas em credenciados Dicionários de Linguística:

tual diploma regulamentador da ortografia da língua portuguesa (“AO / 1990”) não pode deixar de suscitar reside no facto de **impor** uma «*grafia*» (repare-se bem: uma «*grafia*»!...) que *tem como suporte e referencial inspirador uma concepção e uma perspectiva fonocêntrica ou orali-cêntrica do sistema linguístico, radicada e sustentada na evanescente, volátil e efémera “substância” dos «sons», dos «fonemas», das «palavras orais» («verba volant») e mediada pela instabilidade e fluidez ondulatória de um canal atmosférico — o ar —, e não, de **propor** uma grafia alicerçada na substancialidade óptico-gráfica da textualidade escrita, da escrituralidade qualitativa histórico-diacronicamente consagrada e estruturada e, ao mesmo tempo, estruturante, consistenciante, estabilizadora, permansiva e memorante das «letras», dos «grafemas», das «palavras escritas» («*scripta manent*») e mediada por um canal fixo, estável e facilmente objectivável, focalizável, revisível e hermenêuticamente revisitável como é, por exemplo, uma página manuscrita, impressa ou informatizada (electrónica).*

1. Ortografia:

- a) «A ortografia é o conjunto de normas que regulam a representação escrita de uma língua» (cf. Martínez de Sousa: *Diccionario de redacción y estilo*, Madrid, Pirámide, 1993, p. 337);
- b) «Norma de escritura, teoría de la corrección en la escritura, normalización de la representación gráfica de los signos lingüísticos; un sistema de reglas que asegura la constancia y uniformidad de la escritura (...)» (cf. Theodor Lewandowski: *Diccionario de Lingüística*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1982, entrada «Ortografía», p. 251);
- c) «Parte de la Gramática que regula el modo correcto de escribir, es decir, el buen empleo de los signos gráficos dentro de la palabra, así como la distribución de los puntos y comas en la frase. El término alude también al modo correcto o incorrecto de escribir, cuando, por ejemplo, decimos de alguien que «tiene buena o mala ortografía» (cf. Fernando Lázaro Carreter: *Diccionario de Términos Filológicos*, Madrid, Editorial Gredos, 1990, entrada «Ortografía», p. 306);
- d) «The study and/or instruction of systematic and uniform transcription with letters (graphemes) and punctuation. The orthographic system of a given language is the result of different and, at times, controversial principles. (...) Thus, discussions about orthographic reform are of interest not only to linguists, but also to those involved in making educational and political decisions (...)» (cf. Hadumod Bussmann (dir.): *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*, London and New York, Routledge, 2004, entrada «orthography», pp. 343.344);
- e) «Plus souvent, l’orthographe assume une fonction étymologique. Dans ‘temps’ [tã], plusieurs lettres sont maintenues par rappeler que ce mot vient du latin *tempus*. Dans ce domaine, l’orthographe a été compliquée à dessein pour rappeler le **lien**

2.16. Esta *texto-escrituralidade selecta, florilégica e canónica* tem, pelo menos desde os mais qualificados «sofistas pré-socráticos» e dos mais prestigiados «logógrafos» (e.g.: Protágoras, Górgias, Parménides, Anaxágoras, Demócrito, Isócrates, Lísias...), gramáticos, retóricos, dialécticos e filólogos clássicos (e.g.: Dionísio

génétique qui existait, par exemple, entre certains mots français et les mots latins correspondents. C'est pour des raisons de ce type que l'orthographe française a été refaite et rendue «étymologisante» (cf. Jean Dubois *et alii*: *Dictionnaire de Linguistique*, Paris, Larousse, 1974, entrada «orthographe», pp. 349-350);

2. Ortoépia / Ortofonía / Prosódia:

a) «Parte da gramática normativa que, tendo em vista o uso culto, a pronúncia tradicional e os traços fonológicos relevantes, determina e prescreve no âmbito da fonologia de uma língua: 1) as escolhas entre as variantes livres dos fonemas; 2) a nitidez da articulação dos grupos vocálicos e consonânticos; 3) os tipos de ligação que se devem fazer ou evitar; 4) as modalidades condenáveis de metaplasmo; 5) a sílaba que deve receber o acento nos vocábulos de acentuação duvidosa (...). A ortoépia não se deve subordinar à grafia, pois assim provoca muitas vezes uma viciosa pronúncia alfabética em desacordo com a pronúncia tradicional e as correlações dos fonemas...» (cf. Joaquim Mattoso Camara Jr.: *Dicionário de Linguística e Gramática*, Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1981, entrada «Ortoépia», pp. 184-185);

b) «Pronunciación unificada o correcta, norma de habla; la totalidad de reglas que garantizan la realización sonora del lenguaje hablado de acuerdo con las normas del lenguaje culto estándar (Avanesov); teoría de la pronunciación correcta, con la finalidad de normalizar (unificar) la pronunciación individual, lo que resulta necesario para la comunicación pública (teatro, radio, televisión...)» (cf. Theodor Lewandowski: *Diccionario de Lingüística*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1982, entrada «Ortoepia», p. 251);

c) «Ensemble des règles qui déterminent la “bonne” prononciation d’une langue». (L’orthoépie suppose l’existence d’une norme de prononciation, valable à l’intérieur d’un groupement linguistique)» [Malmberg, 1964] (cf. Robert Galisson et Daniel Coste (dir.): *Dictionnaire de Didactique des Langues*, Paris, Hachette, 1977, entrada «Ortoépie», p. 251);

d) «L’orthoépie est la science qui définit la prononciation correcte d’un phonème (du grec *orthos*, «droit», «correct»)» (cf. Jean Dubois *et alii*: *Dictionnaire de Linguistique*, Paris, Larousse, 1974, entrada «orthographe», p. 349);

e) «Disciplina que trata de la pronunciación correcta de un sonido o, especialmente, de una palabra» (cf. Georges Mounin: *Diccionario de Lingüística*, Barcelona, Editorial Labor, 1979, entrada «ortoepía», p. 134);

f) «Término poco usado con que se designa la rama de la Lingüística que se ocupa de la pronunciación correcta de una lengua» (cf. Fernando Lázaro Carreter: *Diccionario de Términos Filológicos*, Madrid, Editorial Gredos, 1990, entrada «Ortoepeya», p. 306);

g) «La realización fonética de la lengua considerada correcta a partir de un estándar que sirve de referencia» (cf. Giorgio Raimondo Cardona: *Diccionario de Lingüística*, Barcelona, Editorial Ariel, S.A., 1991, entrada «ortoepía», p. 205).

de Trácia, Apolónio Díscolo, Marco Terêncio Varrão, Marco Fábio Quintiliano, Valério Probo, Élio Donato, Prisciano Cesariense...), a sua expressão garantística e profiláctica, nas “*regulae*”, nas *gramáticas*, nos *dicionários* e nas *antologias*^{1 e 2}...

2.17. A “Ortografia” tem exercido, reconhecidamente, ao longo da História da Cultura Linguístico-Literária, a *cardinal função de homeostasia sistémica, de estabilizadora referência anamnésico-identitária e de regulação acautelatória e preventiva dos fenómenos de anamorfose, dismorfose, caotização e entropia* (quase sempre decorrentes das *práticas orais* mais populares e mais “analfabetas” ou “iliteráticas”...), fenómenos esses, desfiguradores da “arquitectura” basilar da língua, com especial destaque para o “genoma” genealógico do seu léxico erudito e especializado. Tenha-se como exemplo do que é e do que pode vir a ser essa desfiguração o trajecto metamorfósico da fórmula de tratamento res-

1 Sobre os «sofistas pré-socráticos» e os «logógrafos», cf. Maria José Vaz Pinto: *A Doutrina do Logos na Sofística*, Lisboa, Edições Colibri, 2000, p. 22, nota 12 (citando Eric Havelock): «na época de transição da oralidade para a escrita que (...) abrange todo o período que antecede Platão, o próprio estilo de composição reflecte a ambivalência de um escrito que visa um auditório (...), sendo que «de um modo geral, os pensadores pré-socráticos compõem os seus escritos no contexto de uma cultura oral»; nesta mesma página e usando as suas próprias palavras, acrescenta ainda Maria José Vaz Pinto, que os sofistas «são os representantes por excelência do momento histórico em que se processa a transição de uma cultura prevalentemente oral para outra, caracterizada pela progressiva atenção dada à fixação através da escrita das práticas correntes»; cf. também Admar Costa: no seu importante estudo «A Invenção da Escrita: Teute no Jardim de Adónis», publicado na revista *Kléos*, Departamento de Filosofia da Universidade Estácio de Sá, n.º 9/10, Rio de Janeiro, 2005/6, pp. 183 ss.

2 Sobre os «gramáticos», etc., cf.: <http://htl2.linguist.jussieu.fr:8080/CGL/>. Ver também como, em pleno “siècle des Lumières” (1670-1820 [...]), se pronunciaram, em plena consonância argumentativa e com um forte sentido de clarificadora e diferenciadora racionalidade, figuras como Géraud de Cordemoy e Nicolas Beauzê: «*S’il y a quelque véritable différence entre écrire et parler; c’est qu’en parlant on se sert de la voix, et en écrivant des caracteres, qui sont à la vérité des signes fort différents...*» (Géraud de Cordemoy [1626-1684]: *Discours physique de la parole* [1668]). «*Il y a une grande différence entre les lettres et les sons élémentaires que’elles representent...*» (Nicolas Beauzê [1717-1789]: *Grammaire générale, ou exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage, pour servir de fondement à l’étude de toutes les langues* [1767]). Estes dois autores são citados por Luigi Rosiello no artigo «Língua» in Enciclopédia Einaudi, Lisboa, IN – CM, 1984, vol. 2, pp. 97 e 100, respectivamente.

peitoso “*Vostra Mercedes*”: > *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmincê* > *vassuncê* > *vosmecê* > *vosm'cê* > *voscê* > *você* > *ocê* > *cê*¹ e a actual e já dominante grafia do verbo «*estar*» no Brasil: «*tô*», «*tás*», «*tá*»².

2.18. E se *nunca a ortografia impediu a evolução, também nunca deveria potenciar a incongruência sistemática e a turbulência entrópica, caógena, desestruturante e anti-genético-genealógica!*... Mas, lamentavelmente, não é isso o que vai acontecer, ao ter sido tomado como *leitmotiv* teleológico e condutor deste normativo “ortográfico” a ideia de que se deve “*escrever como se pronuncia*”, a ideia de que se deve “*escrever como se fala*”, contrariando, assim, o generalizado entendimento formulado e consagrado nos melhores dicionários de terminologia linguística, segundo o qual, a «Ortografia» constitui o quadro, teórico-cientificamente fundamentado, da regulação normalizadora e uniformizadora da *correcta e “paradigmática” configuração grafémica* das práticas escritas potenciadas pelo diassistema linguístico, tendo como referencial um “código de regras” que visam assegurar a constância e a (razoável...) uniformidade (que não deve confundir-se com “unicidade”...) dessa configuração polimórfica e *multiplanar* (isto é, consagrada dos vários registos lexicais escritos, populares e eruditos e multilectais: dialectos, sociolectos, idiolectos, tecnolectos, epistemolectos, gírias, calão...)³, tendo sempre presente a

1 Cf. Fernando Paulo Baptista: *Tributo à Madre Língua*, Coimbra, Pê de Página Editores, 2003, pp. 108-109; Edenize Ponzo Peres: *O Uso de Você, Ocê e Cê em Belo Horizonte: Um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real* (dissertação de pós-graduação), Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Estudos Linguísticos, 2006; Clézio Roberto Gonçalves: *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê* (dissertação de doutoramento), São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística, 2008.

2 Note-se, a propósito, que, nos rodapés da TV Globo, entre outras, o verbo «*estar*» já *aparece escrito* (sublinho: *escrito!*) «*tô, tás, tá...*», em vez de «*estou, estás, está...*». Ou seja, o critério *neo-acordatário* da “pronunciabilidade” está a gerar uma nova “gramática” (!!! ???...), consubstanciada numa redução / compactação “monossilábica” [*estou* > *tô*; *está* > *tá*], construída com base nas sílabas tónicas pronunciadas, tal como aconteceu na já referida evolução «*vostra mercede*» > «*vossa mercê*» > «*você*» > «*cê*».

3 Cf. David Crystal: *An Encyclopedic Dictionary of Language and Languages*, Oxford, Blackwell Publishers, 1994, entradas «graphology», «orthography» e afins.

ideia de que um “sistema linguístico” é um “diassistema” e um “paradigma” potenciador de um inesgotável *campo de escolhas* (que também não deve ser redutoramente confundido com as agora canonizadas *facultatividades neo-acordatárias...*).

2.19. Uma “língua” é um “diassistema” (*i.e.*: um “sistema de sistemas”)¹ e, como acabámos de sublinhar, um “paradigma” potenciador de um inesgotável “campo de escolhas”, onde *a palavra, “logopaideuticamente”* pensada, por um lado, em sua estrita singularidade de «*monema lexical*», não deixa de ser *um búzio polifónico, espiral e verticalmente carregado de fundura histórica, de memória, de mistério e de potencial semiogénico* e, mais holisticamente perspectivada, pelo outro, em sua universal dimensão antropológica e essência semiótico-linguística como «*faculdade simbólico-comunicacional*», é, para Heidegger, «*a morada do Ser e o abrigo da essência do Homem*»² ou, no belo e incisivo encadeamento metafórico do inspirado poeta e ensaísta argentino Hugo Mujica, «*umbral y altar del ser y el deseo...*»³.

2.20. Distanciando-se do “modelo” da melhor tradição histórico-cultural e da mais sólida concepção ortográfica, fundada na *escrituralidade qualitativa da textualidade antológica e canónica* dos nossos grandes escritores, pensadores, estudiosos, cientistas e investigadores e epistemologicamente sustentada no rigoroso labor da *Filologia Indo-Europeia, Clássica e Moderna*, da *Hermenêutica Textual*, da *Gramática Normativa*, da *Grafonomia*, da *Grafémica*, da *Linguística Histórica*, da *História da Língua*, da *Linguística Comparada*, da *Linguística Sistémica*, da *Semiótica*, da *Teoria do Texto*, etc., etc., o novo “acordo ortográfico” despreza o *princípio fundacional e instituidor de que a razão de ser e de existir de uma “norma ortográfica” é, como ficou dito, garantir a correcta e “paradigmática” configuração grafémica das realiza-*

1 Cf. Fernando Paulo Baptista: *Tributo à Madre Língua*, op. cit., pp. 93 ss; observe-se atentamente o «diagrama» a seguir apresentado.

2 «... *das Haus des Seins und die Behausung des Menschenwesens*» (cf. Martin Heidegger: *Lettre sur l’humanisme* (edição bilingue, com tradução de Roger Munier), Paris, Aubier, 1970, pp. 162-163).

3 Cf. Hugo Mujica: *Flecha en la Niebla: Identidad, Palabra y Hendidura*, Madrid, Editorial Trotta, 1997, p. 167.

ções escritas da língua e, coerentemente, como, com clarividência, o sublinha o linguista brasileiro Luiz Carlos Cagliari¹, «*permitir a leitura, e não, representar uma pronúncia!*»...

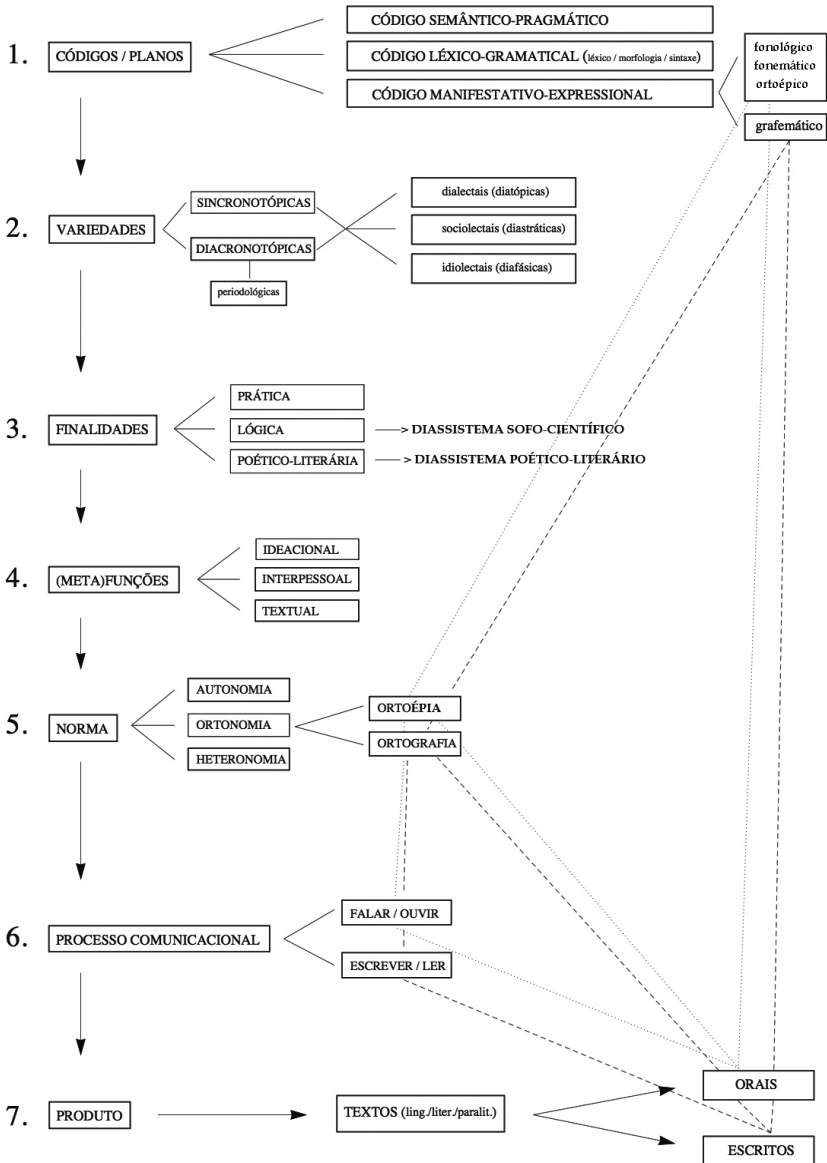
2.21. Mas, com um tão mal engendrado e tão contraditório “pacto acordatário”, o que é que afinal se pretende *normalizar, regulamentar e estabilizar?*... É a «pronúncia», ou seja, a *expressão fonofonémica* do «modo oral» de realização da língua (que se concretiza através das *capacidades e actividades de falar e de ouvir / escutar* — domínio das *relações acústicas buco-auditivas*), ou é a *expressão grafémica* do «modo escrito» de realização dessa mesma língua (que se concretiza através das *capacidades e actividades de escrever e ler / interpretar* — domínio das *relações e interações óptico-cinético-motoras dos olhos e das mãos?*)?...

2.22. Se é «a pronúncia», há que elaborar, então, um “regulamento” consonante com os conceitos de «*ortoépia*», de «*ortofonia*» e de «*prosódia*» (em contraposição com o conceito de «*ortografia*»²...), regulamento esse que, com toda a propriedade, deverá passar a chamar-se e a designar-se de «*acordo ortoépico*» (e não, «*acordo ortográfico!*»); esse normativo tomaria como referencial um «padrão fonético-fonológico» o mais alargado possível (elaborado na base de uma diversificada, consistente e representativa *arqui-fono-amostragem* [ou *mega-fono-espectro*] de todos os es-

1 Cf. Luiz Carlos Cagliari, no seu estudo «*Alfabetização e ortografia*» *apud*: Educar em Revista, n.º 20, 2002, Universidade Federal do Paraná, Paraná, Brasil, pp. 1-16.

2 Sobre estes quatro conceitos, consultar nas «entradas» respectivas, os seguintes Dicionários de Linguística, entre outros: Jean Dubois *et alli*: *Dictionnaire de Linguistique*, Paris, Larousse, 1974; Theodor Lewandowski: *Diccionario de Lingüística*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1982; Martínez de Sousa: *Diccionario de redacción y estilo*, Madrid, Pirámide, 1993; Fernando Lázaro Carreter: *Diccionario de Términos Filológicos*, Madrid, Editorial Gredos, 1990; Hadumod Bussmann (dir.): *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*, London and New York, Routledge, 2004; Enrique Alcaraz Varó y María Antonia Martínez Linares: *Diccionario de lingüística moderna*, Barcelona, Editorial Ariel, S.A., 1997. No caso do conceito de «ortofonia», importa considerar as específicas terapias médico-psicológicas e lingüísticas das patologias orgânico-funcionais no processo de “fonação”. Ver, por todos, Georges Mounin: *Diccionario de Lingüística*, Barcelona, Editorial Labor, 1979, na respectiva «entrada», quando aí se diz: «*el conjunto de las técnicas medicopsicológicas y lingüísticas que apuntan la corrección de los defectos de pronunciación, de articulación y de emisión del habla, en especial la dislexia y, por extensión, la disortografía*»; tenham-se em conta, por exemplo, casos como os de *tartamudez, ceceo*,

Diagrama do diassistema linguístico



(reescreita da síntese diagramática apresentada no meu "Tributo à Madre Língua" (p. 94), feita a partir das propostas teóricas de Eugenio Coseriu e de M.A.K. Halliday)

tratos sociais, culturais e geo-regionais [de matriz rural e urbana, serrana e costeira...], de todos os Povos da CPLP e de todas as comunidades da Diáspora...), com a intervenção elaborativa dos melhores foneticistas e fonologistas, por forma a poder vir a funcionar como uma espécie de *utópico* «unicode» ortoépico ou de “alfabeto” fonético-fonológico universal (de muito difícil fundamentação, elaboração e consecução...) para toda a CPLP e Diáspora.

2.23. Se, pelo contrário, o que realmente se pretende *normalizar, regulamentar, uniformizar, harmonizar e estabilizar*, com criteriosa razoabilidade, é *A CONFIGURAÇÃO GRAFÊMICA DOS TEXTOS QUE RESULTAM DO «MODO ESCRITO» DE REALIZAÇÃO DA LÍNGUA, COM ESPECIAL DESTAQUE PARA O SEU CONSTITUINTE SISTÊMICO NUCLEAR — O LÉXICO OU VOCABULÁRIO —, então, há que pensar num acordo verdadeiramente «ortográfico»*, num normativo que faça jus a este qualificador adjectival que o caracteriza, distingue e identifica, isto é, num *outro* documento que não só deixe de ser um “monumento” à incongruência epistemológico-linguística, genealógico-filológica e pedagógico-didáctica, mas que também, e acima de tudo, *preserve e respeite a essência grafémica da língua escrita e que (permita-se a insistência!...) não guilhotine nem liquide os constituintes “genómicos” ou “adeânicos” das raízes lexicais que integram as bases genéticas eruditas, provenientes do latim e do grego*, na medida em que são o suporte ou sustentáculo do património lexical mais rigoroso, mais denso e mais expressivo das principais línguas românicas, património esse que também é transversal ao inglês e ao próprio alemão.

2.24. É assim que importa interrogarmo-nos quanto às razões que terão impedido a não realização do prometido «debate aprofundado», a não publicação do previsto e prometido *«Vocabulário Ortográfico Unificado da Língua Portuguesa» (que deveria inventariar e integrar também, com carácter imprescindível e de modo metodicamente mor-*

gangosidade (fanhosidade), guturo-rotacismo, sigmatismo, etc. De notar, também, que os conceitos de «ortoépia», «ortofonia» e «prosódia», sendo inter-complementares, apresentam, entre si, diferenças distintivas (cf. Jean Dubois: *op. cit.* nas entradas respectivas).

fo-adequado, o riquíssimo património lexical autóctone dos Povos e Países da CPLP e da Diáspora!...), questionarmo-nos, em suma, sobre o porquê da marginalização, silenciamento ou ostracismo de pareceres e estudos tão importantes, tão consistentes e tão bem fundamentados como são, entre outros, os da CNALP, da Associação Portuguesa de Linguística, do Departamento de Linguística Geral e Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, etc...¹

2.25. Do mesmo modo, se afigura pertinente desmascarar a postura de quantos citam (com a semanticamente desfiguradora pré-adição do artigo definido «a»...), como ostentatório “ornamento” de uma pretensa cultura literária, o famoso “exergo” pessoano – *«Minha pátria é a língua portuguesa»* –, exergo esse, usurado de modo amnésico, se não mesmo ignaro, quando esquecem ou desconhecem que, logo a seguir a essa tão vulgarizada fórmula, o seu heterónimo autor textual, *Bernardo Soares*², inscreveu, nesse mesmo andamento discursivo, *afirmações relacionadas com a expressão escrita da língua portuguesa e com a questão da «ortografia»*, que não podem ser ignoradas:

«As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas (...). Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal (...). Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto (...) a página mal escrita (...), a ortografia sem ípsilon (...). Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da transliteração greco-romana veste-ma do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha». (sublinhei).

1 Considerar, entre vários outros, o “parecer” e os estudos de *António Emiliano* (um dos nossos melhores especialistas nesta matéria): *O Fim da Ortografia: comentário razoado dos fundamentos técnicos do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), Lisboa, Guimarães Editores, 2008; *«Acordo ortográfico: pareceres ignorados, deveres do Estado e direitos dos cidadãos»*; *«As contas e os números do Acordo Ortográfico»*.

2 *Bernardo Soares: Livro do Desassossego* [edição de Richard Zenith] Lisboa, Assírio & Alvim, 1998, § 259, pp. 254-255;

2.26. Estas palavras, não só põem em inquestionável e mais do que justificado relevo o “modo escrito” da língua, mas também estão em clara e flagrante sintonia com a lapidar argumentação que *Fernando Pessoa* (ortónimo)¹ desenvolveu no contexto do seu lúcido e frontal combate contra o acordo ortográfico de 1911, acordo, também ele «fono-pronúncio-cêntrico», que, como sabemos, «liquidou» a tradicional grafia etimológica (do «ph» de «pharmacia», do «th» de «theatro» e do «y» de «lagryma»²), afastando, assim, a grafia do português da grafia do inglês, que era a outra sua predilecta língua de criação poético-literária³, com a qual estava estreitamente familiarizado desde a infância:

«... O problema da ortografia é o da palavra escrita, nada tendo essencialmente que ver com a palavra falada (...). A tradição cultural, quanto à palavra escrita, é a tradição etimológica (...). A nossa ortografia, quando, lentamente, se foi fixando, fixou-se numa ortografia etimológica, baseada, é claro, no latim. (...) Como a pronúncia da palavra é só da palavra falada, e se produz por sílabas, a palavra escrita nada tem com a pronúncia dela. (...) A letra e não a sílaba é a «unidade» na palavra escrita». (sublinhei).

2.27. Torna-se, deste modo, evidente que, na “querela” suscitada pela actual regulamentação da *expressão grafémica* da comunicação escrita, como é o caso, aquilo de que se trata não é da «língua falada» (trata-se, sim, da «língua escrita» — «ortografia»!...) e que nós, Portugueses, não somos nem queremos ser *os exclusivos* nem, muito menos, *os excludores* “donos” da língua portuguesa⁴.

1 Cf. Fernando Pessoa: *A Língua Portuguesa* [edição de Luísa Medeiros], Lisboa, Assírio & Alvim, 1997, pp. 29, 36, 48 e 58.

2 «Na palavra *lagryma*, (...) a forma do y é *lacrymal*; estabelece (...) a harmonia entre a sua expressão *graphica* ou *plastica* e a sua expressão *psychologica*; substituindo-lhe o y pelo i é *offender* as regras da *Esthetica*. Na palavra *abyssmo*, é a forma do y que lhe dá profundidade, escuridão, *mysterio*... Escrevel-a com i latino é fechar a boca do *abyssmo*, é *transformato* numa *superfície banal*.» Teixeira de Pascoaes: *A Águia*.

3 E.g.: *Antinuous* e *35 Sonnets* e *English Poems I - II e III*, escritos entre 1918 e 1921.

4 Repare-se no “anedótico” e acrítico recurso ao *simile* do futebol feito pelo “pró-acordista” Prof. Maurício Pedro da Silva, da Universidade Nove de Julho, de São Paulo: «... não estamos mais dispostos a aceitar que tomamos a língua “deles” [leia-se: dos

2.28. Mas também ainda não deixámos de ser os históricos “*progenitores*” daquela que é (em sinfónico e complementar contraponto épico com o actual *mapa-múndi* que resultou da primeira globalização geográfica protagonizada pelos nossos Nautas...) *a nossa criação genético-simbólica mais genial*: esta nossa encantadora Língua de *D. Dinis, Fernão Lopes, Gil Vicente, Camões, Vieira, Eça, Aquilino, Fernando Pessoa, Vergílio Ferreira, Sophia, Agustina, José Saramago, Herberto Helder, A. Oliveira Cruz, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Pepetela, Viriato Cruz, Água Lusa, Craveirinha, Mia Couto, Reinaldo Ferreira, Xanana Gusmão* e *TODOS OS SEUS INÚMEROS PARES* da CPLP e da Diáspora!...

«Eis depois vem Dinis¹ ...

*Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso ofício de Minerva;
E de Helicon as Musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fértil erva.
Quanto pode de Atenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,
Do bácaro e do sempre verde louro.»*

Camões: *Lus.*, canto III, 96-97



2.29. Tão-pouco abdicámos de continuar a ser “CULTORES LEGÍ-

“portugueses”...] *emprestada e nos cabe apenas respeitá-la. Afinal, somos a maioria. De resto, os ingleses inventaram o futebol e não são eles os mestres da bola. Por que seriam os portugueses os donos de uma língua falada por 180 milhões de brasileiros?*». É verdadeiramente *humorístico* este tipo de argumentação completamente *extra-linguística* e *trans-científica*, feita por um Professor Universitário!...

1 O cultíssimo Rei D. Dinis (1261-1325), neto de Afonso X, “o Sábio”, além de *inspirado Poeta-Trovador, criou*, em Lisboa (1290), por bula do Papa Nicolau IV, *a primeira Universidade Portuguesa*, sob a designação de *Studium Generale*, que, pouco tempo depois (1308), foi transferida para *Coimbra; determinou também o uso exclusivo da Língua Portuguesa em todos os documentos oficiais*... Um Grande Político Lusíada da *Língua, da Cultura e da Formação Superior*!...

TIMOS” *da sua genealogia, historicidade e potencialidade memorial e de defender e promover; em consciência, a sua qualidade, a sua consistência sistémico-funcional, a sua riqueza multi-lectal e a sua projecção planetária enquanto língua de Civilização, de Cultura, de Ciência e de Humana Sabedoria* – valores e vectores que, em intrínsecos aspectos linguísticos (*textuais escritos*), pedagógicos e formativos estrategicamente cruciais, o actual assim denominado “acordo ortográfico” põe em grave risco, como tentaremos demonstrar...

2.30. Com o objectivo de proporcionar uma perspectivação que se pretende cientificamente fundamentante e clarificadora do problema da *correcta expressão fonémica do modo de comunicação oral* («Ortoépia / Ortofonia / Prosódia»...) e do homólogo problema da *correcta expressão grafémica do modo de comunicação escrita* («Ortografia»), considerem-se os seguintes **DOIS DIAGRAMAS** sobre as configurações “fonémica” e “grafémica” das práticas comunicativas, orais e escritas, potenciadas pela língua e suas correlações – «*Ortoépia / Ortofonia / Prosódia*» vs «*Ortografia*» –, bem como as múltiplas interacções gnosiológicas e conceptuais de que eles, em sua complexidade morfo-estrutural, tentam ser uma expressão visualmente elucidativa.

Diagrama I:

Ortoépia vs Ortografia

Diagrama II:

As 4 funções nucleares dos grafemas suprimidos pela Base IV do “AO / 1990”

«ORTOÉPIA / ORTOFONIA / PROSÓDIA»

VS

«ORTOGRAFIA»

OS DOIS RERENCIAIS HILÉTICOS [“MATERIAIS”]

da fundamentação e da sustentação

reguladora e normalizadora

das configurações “fonémica” e “grafémica”

das práticas verbais potenciadas pelo «diassistema linguístico»

O MODO ORAL > TEXTOS ORAIS < // > O MODO ESCRITO > TEXTOS ESCRITOS

(> CORRELAÇÕES CONVENCIONADAS <)

ORTOÉPIA / ORTOFONIA / PROSÓDIA

Pronunciabilidade

fonemicidade > os fonemas
foneticidade / sonoridade

os fones, os sons

falar <> ouvir / escutar

Física Acústica Humana

Patologias orgânico-funcio-
nais: *Otorrinolaringologia,*
Pneumologia...

ORTOGRAFIA

Escrituralidade

grafemicidade > os grafemas
opticidade / manualidade

as letras, os grafos,
os sinais gráficos

escrever <> ler / interpretar

***Física Oftálmica + Manu-
Motricidade***

(dígito-tactilidade: caso dos
Invisuais > Sistema Braille;
gestualidade: Surdos & Mudos
→ língua de sinais [“*signing*”])

Patologias orgânico-funcio-
nais: *Oftalmologia,*
Fisioterapia...

AS QUATRO (4) FUNÇÕES NUCLEARES DOS GRAFEMAS SUPRIMIDOS PELA BASE IV DO “AO / 90”

As quatro (4) nucleares funções do primeiro dos dois grafemas das sequências [ct / pt...] a que se reporta a Base IV do “AO / 1990” (ver nas colunas ao lado):

Ex: o vocábulo ‘directo’ provém do latim: ‘*di + rectum*’. A raiz *reg-* > *rec-* / *rig-* em que ele assenta está presente em palavras como *direção, direcção, directiva, directriz, director, directório, indirecto...*, transmitindo a todas elas o significado comum que lhes é transversal de “*proceder, agir, dirigir, governar...*, *segundo o rumo marcado pela linha recta, isto é, sem andar às voltas e reviravoltas*”; *todas estas palavras pertencem à mesma família lexical* e pronunciam-se com o «è» aberto, tal como nos é sinalizado pelo grafema «e» que vem grafado imediatamente a seguir ao grafema «r» e imediatamente antes do grafema «t»); também está presente em lexemas como *direito, endireitar, reitor*; verificando-se, como se vê nestes exemplos, a vocalização do «e» em «i»...

- • • 1ª. reenviar, quando se pronuncia (ex.: *apto*), para o fonema do código fonemático que convencionalmente corresponde a esse grafema: a letra *p* corresponde o som consonântico bilabial surdo [*p*]...

- • • 2ª. sinalizar, mesmo que não se pronuncie, a abertura tímbrica da vogal representada pelo grafema que imediatamente o antecede, constituindo com ele um «dígrafo» (com uma função diacrítica análoga à dos conhecidos «dígrafos»: «ch», «lh», «nh»): «ac», «ec», «oc» // «ap», «ep», «op»; estes «dígrafos» remetem para «tímbreres vocálicos abertos»: [ã], [ê], [ò]: exs.: *acta* [ã], *factura* [ã]... *directo* [è], *espectador* [è]... *nocturno*, *adoptivo* [ò]... → vogais abertas)...

- • • 3ª. constituir o referencial de pressuposição genealógica do fenómeno evolutivo da vocalização [«e» > «i/u»]: *actum* > *auto* / *aito*; *directum* > *direito*; *factum* > *feito*; *jactum* > *jeito*; *rector(em)* > *reitor*...

- • • 4ª. remeter para a *matriz genealógica* que é constituída pela raiz do étimo do lexema e, no plano da didáctica do vocabulário, *permitir a articulação morfo-semântica entre lexemas da mesma família lexical* (correlação entre *lexicogénese* e *lexicodidáctica*)...

2.31. O entendimento erróneo e acrítico e a utilização abusiva do conceito de “evolução”, perspectivado fora da especificidade da “lei de complexificação crescente” que caracteriza

o fenómeno da “antropogénese”¹ em todas as suas dimensões e implicações *genotípicas* e *fenotípicas*, corpóreo-mentais, noético-culturais e simbólico-semióticas («*noosféricas*») e assumido como se tudo decorresse fora do quadro diacrónico do dinamismo fenoménico intrínseco, metamórfico e perfectível da linguagem humana e das línguas, que levam à convocação do argumento de que «*a língua evoluiu*» e, daí, à justificação imediatista de “alterações” que, como é óbvio, defluem apenas da **aplicação forçada** (por uma arbitrária e irresponsável «resolução» do Conselho de Ministros²) de um “normativo ortográfico” epistemológica, linguística e filologicamente tão aberrante como é o actual “AO / 1990”.

2.32. Na realidade, do que se trata é de *uma “artificialiosa decisão” incidental* (lamentavelmente “involutiva”...) que seria perfeitamente controlável e neutralizável, se para isso houvesse *um forte e fundamentado discernimento crítico-epistémico, uma clarividente visão estratégica com especial alcance no domínio pedagógico-didáctico e uma vontade política educacional e formativa, bem definida e bem determinada.*

Essa “artificialiosa decisão” nada tem que ver com *o sentido de desenvolvimento gradativamente superador, progrediente e aprimorante que marca a ideia de “evolução” humana* (ex.: aquele é um país «evoluído»); aqueles normativos relevam de uma Assembleia Legislativa, cultural, intelectual e juridicamente «evoluída»; trata-se de uma técnica cirúrgica das mais «evoluídas», etc., etc...)!...

2.33. A violação do “princípio da coerência” (e da coesão) *sistémica e morfo-estrutural* pela legitimação da “arbitra-

1 Cf. *supra*, § 2.4., a bibliografia citada na nota 1, nomeadamente, Teilhard de Chardin.

2 Cf. a resolução n.º 8/2011, publicada na 1.ª série do Diário da República, de 25 de Janeiro de 2011, que determina a aplicação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa no sistema educativo no ano lectivo de 2011/2012 e, a partir de 1 de Janeiro de 2012, ao Governo e a todos os serviços, organismos e entidades na dependência do Governo, bem como à publicação do *Diário da República*; essa «resolução» adopta, ainda, o Vocabulário Ortográfico do Português (Qual Vocabulário? Onde é que ele está?...) e o neo-orwelliano “*Big Brother*” que é o conversor *Lince* como ferramenta de conversão ortográfica de texto para a nova (*retrograda*) grafia (ver: <http://dre.pt/pdf/s/2011/01/01700/0048800489.pdf>).

riedade”. Vejam-se, nomeadamente, os exemplos de autêntica “babelização” da expressão escrita relacionados com o uso do “*hífen*” e com a dupla “*lexemo-grafia*”:

2.33.1. A caotização confusionista do uso do “hífen” e dos acentos (para não falar na minúsculação das maiúsculas, etc., etc.):

É sabido que a palavra «*hífen*» é um lexema proveniente do grego, formado pelo prefixo ὑπό [*hypo*] correspondente ao latim *sub*, com o significado de *sob, por baixo de*, e pelo numeral na forma de género neutro ἕν [*hen*], com o significado de *um, um só, único*; o prefixo ὑπό [*hypo*] é constituído pela raiz indo-europeia «*upo*» que está presente, por exemplo, no antigo inglês «*ūp*» e no antigo alto alemão «*ūf*»; por sua vez, o numeral ἕν [*hen*] tem como constituinte a raiz indo-europeia «*oi-no- / ei-no-*» que aparece (com as específicas convenções, modulações e adequações fonográficas próprias de cada língua...), por exemplo, no latim «*unus, -a, -um*» [*< oinus > oenus*], étimo que está na origem dos correspondentes numerais da generalidade das línguas românicas: espanhol *uno*; italiano *uno*; francês *un...*; romeno *unu*; mas também no inglês *one*, no alemão *ein*, etc...

Ora importa ter na devida conta a significação destes dois constituintes morfo-semânticos do lexema ‘hífen’ (acabados de referir e de analisar) e, a partir dela, respeitar o conteúdo noético-noemático do conceito para que remete o termo ‘hífen’ bem como o sinal gráfico (“tracinho” [-]) que é o seu *convencionado* “representante grafémico”.

Esse conceito exprime a função de «*subordinação*» [função que decorre do significado do prefixo grego *hyp(o)-* > em latim: *sub-*] *ao potencial unificante da ideia de “um”* [ideia transmitida pelo numeral grego ἕν (*hen*)], o mesmo é dizer, a função de «*união dos respectivos e parciais elementos constitutivos numa só e única palavra*».

Se se tiver na devida conta tudo isso, repito, das duas uma: ou o conteúdo conceptual para que remete este designador e morfo-juntor que é o “hífen” faz sentido e ele deve ser aplicado em coerente conformidade, ou não faz sentido e, então, deveria ser pura e simplesmente abolido. Por isso, se questiona, a título de mera exemplificação ilustrativa dessa recorrente incoerência no texto do novo “acordo” (?...) dito «ortográfico»: face a tanta supressão aí consagrada, qual é a razão de ser que justifica, por exemplo, a flagrante incongruência morfológica entre: «*mal-mequer*» [sem hífen], ao lado de «*bem-me-quer*» [com hífen]; «*paraquedas*» [sem hífen e sem acento gráfico no constituinte verbal «*para*» (3.^a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo «*parar*»: *pára*)], ao lado de «*para-choques*» [com hífen e também sem acento]; «*mandachuva*» [sem hífen], ao lado de «*guarda-chuva*» [com hífen]; «*cor de laranja*» [sem hífen], ao lado de «*cor-de-rosa*» [com hífen] e a “facultatividade” da dupla grafia: «*cor-de-rosa*» // «*cor de rosa*», com e sem hífen, ao mesmo tempo?... Como diria o velho Horácio (*Sátiras*: 1, 1, 106): «*Est modus in rebus*» [há uma (justa) medida nas coisas]: tudo tem os seus limites!...

Quanto aos acentos, já tem sido largamente comentada a incompreensível contraposição *por / pôr*; *para / para*, sendo de sublinhar, neste último caso, que a forma verbal «*pára*», a partir de agora, passou a dispensar o acento gráfico [escrevendo-se simplesmente «*para*», tal como a preposição sua homógrafa: «*para*» [ex.: ir *para* o Brasil...], porque, no “douto” entendimento dos autores e defensores do “acordo”, «*o contexto (...) permite estabelecer essa distinção*»¹; mas, pelos vistos, deixa de a «*permitir*» no caso do verbo «*pôr*», que mantém o acento gráfico!...

1 Com tal argumentação (cf. João Malaca Casteleiro e Pedro Dinis Correia: *Atual – O novo acordo ortográfico*, Lisboa, Texto Editores, 2009, p. 17), os “neo-acordistas” parecem desconhecer que, na «comunicação escrita» (e é esta que está em causa na elaboração e aplicação de um «acordo ortográfico»!), o «módulo textual», só por si,

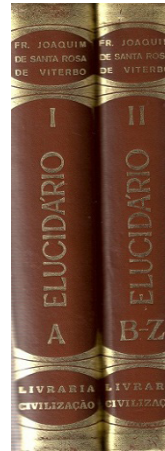
2.32.2. A dupla lexemo-grafia (em que, de modo muito particular, se verifica o impacto supressor determinado pela liquidatária

está bem longe de ser suficiente para refazer toda a «contextualização» indispensável ao processo analítico, interpretativo-compreensivo (exegético-hermenêutico). Permita-se-nos, a este propósito, transcrever, aqui, o seguinte excerto, retirado do nosso ensaio «*O texto e seu(s) contexto(s)*» (cf. Fernando Paulo Baptista: *Tributo à Madre Língua*, Coimbra, Pé de Página Editores, 2003, pp. 165-168): «No momento em que, como um deus, inaugura a criação/produção — o “*Génesis*” — dos seus textos, o criador literário, o *escritor*, seja ele ficcionista ou poeta, narrador, “trovador” ou dramaturgo, desencadeia um complexo processo de operações em que toma os sistemas da língua e da literatura em suas mãos para levar a cabo, na palavra e pela palavra, a plasmagem/modelação de pulsões, sensações, emoções ou sentimentos, de paixões, inquietudes, desencantos ou outros estados de alma, de pensamentos, ideias ou problemas, de vivências, experiências, perspectivas, visões, empenhamentos ou projectos... Nem mesmo quando parece estar só, no refúgio silente e fecundo duma noite, quente ou fria, a dar forma ao novo ser, o escritor está verdadeiramente só: uma “sombra” iluminante persegue-o sempre, de modo implacável, ligando-o ao mundo de que se isolou: é a labirintica e paradoxal “sombra-luz” dos contextos em que sonha e vive, em que sofre ou goza, em que se resigna ou se revolta, em que se afirma ou se nega, enquanto ser histórico que interpreta, planeia e realiza... Entre si e a teia de elementos diversos, de factores e influências múltiplas (situação histórica, envolventes culturais e sociais, políticas, filosóficas, ideológicas, artísticas, científicas e outras) que, «de fora», o atingem, entre o texto por si criado e o contexto em que se operou essa criação, não há descontinuidade! Não há um “dentro”, autónomo e asséptico, no interior do “fora”: há, sim, uma polaridade dinâmica e movente “dentro-fora <> fora-dentro”, um imparável e *ecológico* vaivém... O texto, se é produto do seu criador, não o é menos do contexto em que foi criado: depende do contexto; é “*context bound*”. Também a propósito dele se pode parafrasear Ortega: *o texto é ele mesmo e a sua circunstância*. Mas, se o texto enquanto textura é um *corpus* “fisicamente” bem delimitado (tem *n* páginas: não tem mais!...), será o contexto, por sua vez, delimitável, será possível determinar-lhe os contornos?... Não será o conceito de “contexto” independente do contexto (“*context free*”)? Ou seja: por mais que tentemos defini-lo, descrevê-lo e configurá-lo, não haverá, na vastidão imensa do seu “território”, novos elementos por descobrir que “(des)actualizam” o conhecimento que dele se foi construindo? Não será o contexto um “potencial” tão fluido, tão anti-rígido, tão complexo e fugidio, numa palavra, tão “livre”, que as marcas da sua inexauribilidade tendem *ad infinitum*?... Cada novo factor contextual que se passe a conhecer potencia o desencadear de um “diálogo” que se desenvolve num jogo de múltiplas e, não raro, imprevistas correlações com outros factores contextuais... E muito embora o contexto sobredetermine tão placenteramente, como vimos, os actos de criação/produção textual, essa sobredeterminação é singular, é a sobredeterminação do contexto do autor: «*o autor não se pode libertar do seu contexto*», diz o Prof. Doutor Vítor Aguiar e Silva num dos mais fulgurantes escritos de teorização literária jamais produzidos sobre este assunto (cf. Vítor Manuel de Aguiar e Silva: «A “leitura” de Deus e as leituras dos homens», in *Colóquio Letras*, nº 100, Novembro/Dezembro de 1987, pp. 19-23). Mas os actos de leitura sofrem também os efeitos da sobredeterminação que decorre do contexto trans-autoral, uma vez que, ainda nas palavras daquele teorizador literário, «*o leitor-filólogo-historiador usufrui da capacidade proteiforme de “habitar” contextos múltiplos...*». Quer dizer: enquanto o autor produz um número finito de textos (um texto por cada processo consequente de escrita, e no quadro singular do seu contexto...), o leitor pode produzir,

e «*fono-pronúncio-cêntrica*» Base IV do “AO / 1990” nas sequências gráficas «*ct*» / «*pt*», entre outras...) e a **incongruência “grafemofágica”**:

sobre o mesmo módulo textual ou textura, um número tendencialmente incalculável de novas e diferentes leituras, no quadro aberto e vertiginosamente móvel de múltiplos contextos e de irrepetíveis e sempre renovadas contextualizações... O que faz de nós este “mesmo” leitor cada vez mais “outro” é esse *mistério* incontornável da múltipla, indescritível e inexaurível *contextualidade do texto* que sistematicamente nos “(des)actualiza” e diferencia. Tal é o “jogo” da cultura. De facto, se alguém de entre nós disser que já, algum dia, fez duas leituras idênticas de «*Os Lusíadas*» ou das «*Rimas*», por exemplo, está perigosamente a *mentir*... O contexto do leitor, contrariamente ao contexto do autor, não é estaticamente permansivo nem singular, nem encerra análogas hipóteses de relativa estabilização/delimitação. O contexto de escrita “morre”, cessa as suas funções de sobredeterminação semiósica para o escritor, com o derradeiro “ponto final” (que pode muito bem ser uma reticência ou um ponto de interrogação e/ou de exclamação...) que ele coloca no fechamento dos seus módulos textuais ou cotextos. O contexto de leitura reactiva-se e transforma-se em cada novo acto de ler, desencadeado por cada um e por todos os leitores, com natural relevo para as “comunidades de leitores especializados”. Há, de facto, melhores leitores e mais convincentes leituras e a isso não é estranho, entre outros, *o papel das contextualizações melhor conseguidas*. A qualidade destas decorre, obviamente e em primeira instância, do domínio consciente e crítico de como está organizada e de como funciona a textura, o artefacto textual, enquanto primordial mecanismo linguístico, indutor e potenciador de significações e de sentidos e, por isso mesmo, enquanto condição *sine qua non* da existência dos próprios actos de ler. Mas decorre, igualmente, em suas mais vastas implicações semiósicas, da constante tentativa de domínio, sempre e inelutavelmente precário e relativo, da quantidade e, sobretudo, da qualidade dos factores (inesgotáveis, como vimos...) que, multicausalmente (*poli-etologia*...), operam ao nível do contexto. O espaço/tempo que envolve o leitor, a sua exotopia e a sua exocronia histórica, cultural e social, modificam-se e modificam-no, ao longo da vida, até à morte. As “condições” do leitor são, antes de mais, as condições da textura, do artefacto textual, e, de um modo muito especial, *as condições do contexto*, e estas são, simultânea e paradoxalmente, as condições da liberdade e da diferença, da finitude, da historicidade e da relatividade... E nem mesmo quando, no quadro da teorização narratológica, se fala na categoria da “omnisciência” se pode estabelecer qualquer comparação entre esse atributo do narrador em sua estratégia focalizadora com o atributo que a Teologia, sob essa mesma designação categorial, reconhece como sendo uma das nucleares prerrogativas ónticas da “divindade”. De facto, ao passo que Deus, em Sua omnisciência infinita, não tem necessidade sequer de ler, uma vez que o “pantexto” do Universo, Sua criatura, é, na radical dispensabilidade ou prescindibilidade de todo e qualquer contexto e na absoluta pulverização do mais ínfimo traço de latência, inteiramente “legível” e patente à Sua radial, penetrante, holística, pansomática e lucifera mirada, a “omnisciência” narratológica, pelo contrário, nunca ultrapassa os limites do conhecimento que o sujeito autoral infunde na “consciência” do narrador: o “tudo” que este sabe circunscreve-se aos universos de saber, às unidades culturais e interculturais que, operando no e decorrendo do sistema global da cultura, integram a “enciclopédia” individual do criador literário que é um ser de historicidade, marcado, portanto, por todas as finitudes da sua humana condição. Em suma: feitos do mesmo barro adâmico, o criador e o leitor literários são homens, não são deuses!...».

a) Neste contexto, inventariarei alfabeticamente, desde a letra **A** à letra **Z**, começando no lema ou entrada ‘*abacto*’ e terminando em ‘*zootático*’ (com a plena consciência de que se trata de *uma inventariação que está longe de ser exaustiva...*) *inúmeros lexemas em que se verifica a ocorrência das famosas «sequências grafêmicas» «ct» / «pt»* (que os autores do “AO / 1990”, longe de uma preocupação de rigor terminológico, designam de «*sequências consonânticas*»), inventário esse, do qual transcrevo aqui, já a seguir, e *a título de comprovativo exemplo*, vocábulos integrados nas letras **A** e **C** da Dicionarística de Língua Portuguesa¹:



¹ Face à inexistência do prometido *Vocabulário Ortográfico Português*, a amostragem exemplificativa aqui apresentada foi recolhida, nomeadamente, a partir do *Dicionário de Língua Portuguesa 2013*, da Porto Editora, tendo também em conta o livro de Carla Trafaria (jornalista da RTP): *Acordo Ortográfico — Bom Português*, Porto, Porto Editora, 2011. Este opúsculo foi elaborado, segundo a autora, com o apoio do Departamento de Dicionários da Porto Editora («*responsável pela formulação dos conteúdos linguísticos*») e está em perfeita consonância promocional com o conhecido programa televisivo — «Bom Português» — que ela protagoniza (no fundo, à custa do dinheiro de todos nós), agindo na comunicação televisiva como uma acrítica “propagandista” da *novilíngua* neo-acordista (o “acordês”), assumindo, desse modo, o papel de uma espécie de «Big Brother» homólogo do orwelliano «Lince» informático, já referido.

LETRA A

(inclui também alguns exemplos das sequências «*gd*» e «*mn*»:
amígdala, amnésia, amnistia, omnipotente...)

abacto abactor abjeção abjecto ab-reacção ab-reactivo abstracção abstraccionismo abstraccionista abstractivo abstracto acção accionado accionador accional accionamento accionar accionista accipitrídeo accipitriforme acepção acta actancial actante actina actínia actínico actínídeo actínio actinógrafo actinólite actinometria actinómetro actinomorfo actinoperígio actinoscopia actinoterapia actinoto actinozoário activa activação activador activante actividade activismo activista activo acto actor actriz actuação actual actualidade actualismo actualista actualização actualizar actualmente actuante actuar actuarial actuário actioso acupuncto acupunctura acupuncturação acupunctural acupuncturar adaptabilidade adaptação adaptador adaptar adaptável adaptómetro adepto adictício adicto adjeção adjectivação adjectivado adjectival adjectivalização adjectivar adjectividade adjectivo adopção adopcionismo adoptante adoptar adoptivo ad-rectal adveção afecção afecção afectante afectar afectividade afectivo afecto afectuosidade afectuoso amígdala¹ amígdalácea amígdalar amígdalectomia amígdaliano amígdálico amígdalífero amígdaliforme amígdalina amígdalino amígdalite amígdalotomia amígdalótomo amnesia amnésia amnesiar amnésico amnástico amniado amnícola âmnio amniocentese amniota amniótico amnistia² amnístiar anfictião anfictionia anfictiónico anfictiónide anfictiónio anorético³ antártico antepectoral anti-

1 No Brasil, nos vocábulos «amígdala» e «amídala» (e em seus cognatos como os que constam da amostragem), coexistem as duas grafias (com «g» e sem «g»). Cf., por exemplo, o *Dicionário Caldas Aulete*: [http://aulete.uol.com.br/...](http://aulete.uol.com.br/)

2 No Brasil, grafa-se «anístia» sem o «m», tal como os seus cognatos: «anístiar», «anístiado», «anístiável» (cf. o *Dicionário Caldas Aulete*: [http://aulete.uol.com.br/...](http://aulete.uol.com.br/))

3 Grafado sem «c», tal como no Brasil, em consequência da desconsideração da matriz genético-etimológica; importa lembrar, a propósito, que o grafema «c» agora suprimido no vocábulo «anorético» o permitia relacionar imediatamente com o vocábulo «anorexia», em que o grafema «x» equivale ao dígrafo «cs», como se conclui da análise morféica do seu étimo grego ἀνορεξία [*anorexia* = falta de apetite, falta de

céptico anticoncepção anticoncepcional anticonceptivo antidáctilo antiséptico¹ apercepção aperceptibilidade aperceptível aperceptivo apodictico² apopléctico³ apoplectiforme apoplectóide aptar apteira apterigianos apterígio apterigogénio apterigotas aptério aptérix áptero apterogénio apterologia apterólogo aptialia aptialismo áptico aptidão aptificar aptitude apto arcoptose arctação arctar ártico arctícola Arcto⁴ arctocéfalo arctopiteco Arcturo⁵ arefacção aritmancia aritmante aritmântico aritmética aritmeticamente aritmético aritmetógrafo aritmografia aritμόγραφο aritmologia aritmológico aritmomancia aritmomania

vontade de comer], palavra que é da mesma família do verbo ἀνορέγω [$\langle \acute{\alpha}\nu + \acute{o} + \rho\acute{\epsilon}\gamma + \omega \rangle$] que significa «não ter apetência, não ter vontade de...» e que tem a mesma raiz «reg-» (portadora do significado genealógico de «mover-se directamente para, dirigir-se para, segundo o sentido marcado pela linha recta, i.e., sem quaisquer rodeios...») de vocábulos latinos como «regere», «recta», «rector», «directio», «director», «directus», «dirigere», «erectio», «erectus», «erigere»... Na verdade, a doença da «anorexia» caracteriza-se por uma «inapetência», por um «não ter vontade», uma «fobia», um «virar as costas» aos alimentos, um «não caminhar em direcção a eles»...

1 Agora, grafado sem hífen.

2 Verificando-se a marginalização da matriz étimo-genealógica grega — ἀποδεικτικός [apodeiktikós] —, impedindo assim, e uma vez mais (ou, pelo menos, dificultando gravemente) a possibilidade pedagógico-didáctica de uma articulação grafémico-visual com um termo especializado tão importante em Linguística como é o termo «deixis / dêixis» [em grego: δειξίς] nos processos enunciativos de *mostragem, evidenciação e referenciação* identificacional. De notar que, no Brasil, coexistem as duas grafias: *apodictico* e *apodítico* (cf. o *Dicionário Caldas Aulete*: <http://aulete.uol.com.br/>)...

3 Marginalização, uma vez mais, da matriz étimo-genealógica grega — neste caso, ἀποπληκτικός [apoplektikós] // ἀποπληξία [apoplexia] —, com consequências análogas às referidas na nota anterior. No Brasil, coexistem as duas grafias (com «c» e sem «c»): (cf. o *Dicionário Caldas Aulete*: <http://aulete.uol.com.br/>)...

4 Designação da Ursa Maior (ou da Ursa Maior e da Ursa Menor conjuntamente): do grego: ἄρκτος [árktos] = urso/a»). Veja-se a situação de incoerência ortográfica com os vocábulos seus cognatos imediatamente precedentes (análoga à de «Egito / egípcio»...), em consequência da obliteração da matriz étimo-genealógica grega (ἄρκτος [árktos]), uma vez mais, com as nefastas implicações na aprendizagem inteligente do vocabulário especializado.

5 Cf. Camões: *Lus.*, I, 21: «Os que habitam o Arcturo congelado». Camões sabia bem que «Arcturo» é uma palavra da mesma família de «Arcto», com a qual se designava a assim denominada «estrela do hemisfério norte» (a [alfa] da constelação do Boieiro) que servia de referência para a localização do «Pólo Norte» ou «Pólo Ártico» e da região geográfica caracterizada pela presença de fortes massas de gelo e por temperaturas altamente negativas: daí, ele falar no «Arcturo congelado»...

*aritmomaniáco aritmómano aritmomante aritmomântico aritmo
metria aritmométrico aritmómetro aritmoplanimetria aritmopla-
nómetro aritmosofia¹ arquiteturação² arquitectar architecto archi-
tectónica architectónico arquitector architectura architectural
artefacto aspectável aspecto aspectual asséptico asseptização as-
septol asymptota asymptota asymptótico assumptível assumptivo
assumpto atracção atractividade atractivo atractor autóctone
autoctonia autoctonismo autodidacta autodidáctica autodidácti-
co autodidactismo autoprotecção autóptico³ aviceptologia...*

-
- 1 Do grego ἀριθμός ([arimos = número, quantidade...]) + σοφία ([sophia] = sabedoria): arte de decifrar o “mistério” ou “segredo” das relações numéricas...
- 2 A matriz lexicogénica deste e dos seguintes vocábulos seus cognatos é o nome grego ἀρχιτέκτων (*architékton*), constituído pelo prefixo ἀρχι- ([*archi-*] transmissor da ideia de “primordialidade, fundacionalidade, antiguidade...”) e pelo substantivo τέκτων [*tekton*] que significa “tecelão, artesão, fabricante, construtor..., todos eles dotados de sentido técnico-artístico...”; o substantivo τέκτων é portador da mesma raiz — *teks-* — que está presente em palavras como «tectónico», «técnica», «tecnologia», vocábulos oriundos do grego que, como se torna evidente, preservam na sua base o grafema «c»; está igualmente presente, com as específicas variações de natureza fonomórfica, em lexemas latinos como «*texere*», «*textura*», «*textus*», «*textilis*», «*tela*», «*subtilis*»..., em sânscrito «*táksati*» / «*táksam*», em hitita «*takss-* / *takks-*», em antigo eslávico «*tesati*», em lituano «*tašyti*»...
- 3 «Autóptico» é um adjectivo da mesma família de «autópsia» [em grego: ἀυτοψία — *auto* + *opsia* —, acção de ver com os próprios olhos, exame directo do «objeto» dessa verificação e análise: o cadáver; de notar que a raiz «*op-*», transmissora da ideia de «ver, observar, examinar», está presente no adjectivo «óptico» e em lexemas da mesma família (*óptica*, *optometria*, *optometrista*...). Agora, com a supressão do grafema «*p*» daquela raiz pelo actual acordo, passam a escrever-se «ótico», «ótica», afastando-se, desse modo, da sua matriz genealógica clássica e das demais grandes línguas de comunicação escrita internacional (em inglês «*optic*»; em espanhol «*óptico*»; em francês «*optique*»...), além de se dar origem a uma lamentável (e clinicamente perigosa...) «ambiguidade» com o adjectivo «ótico» (de «otite», «otorrino»...); ou seja, a «vista» passa a confundir-se com o «ouvido»!... A linguagem científica leva, assim, mais um rude golpe, entre tantos outros, no rigor das suas terminologias (ver, adiante, o § 6.6.9.: «Um exemplo flagrante...»).

LETRA C

cactácea cactiforme cacto cato cactóide¹ calefação calefactor calefactório captação captador captar captor captura capturador capturar carácter caracterial característica característico caracterização caracterização caracterizador caracterizante caracterizar caracterologia caracterológico cataplético² cataptose catarrético cepticismo céptico³ ceptífero ceptrígero ceptro⁴ circunspeção circunspec-

-
- 1 Foi suprimido o acento gráfico, potenciando, assim, o «fechamento» do ditongo. Repare-se que, no conjunto lexicográfico da mesma família, apenas o vocábulo «*cacto*» (que provém do grego κάκτος, através do latim *cactus*) sofre a supressão do grafema «c» («cato»), gerando-se uma ambiguidade com a homógrafa flexão «cato» do verbo «catar», além de que, na pronúncia mais generalizada, se articula o «c» da sequência grafémica («ct»), mantendo também o «a» bem aberto [«kaktu»].
- 2 Uma vez mais, a etimologia é ignorada (o lexema «cataplético» provém do adjetivo grego καταπληκτικός [kataplektikós], da mesma família do substantivo κατάπληξις [katáplexis], «atordoamento» comparável ao de quem é vítima de um espancamento; espancar, em grego clássico, diz-se πλήσσω [plessō] e πλήγνυμι [plegnymi], verbos que têm a mesma raiz — plēg- / plāg- / plāk- — de lexemas latinos como o verbo «plangere» (= bater, ferir) e o substantivo «plāga» (> chaga = golpe, ferida, ferimento...). **Este abandono das matrizes genealógicas do nosso léxico (sobretudo o mais especializado) tem graves consequências na aprendizagem inteligente das terminologias científicas, fomenta a iliteracia científico-cultural e promove o isolamento da Língua Portuguesa no âmbito das organizações internacionais de Terminologia e Terminografia e da intercomunicação escrita de natureza sapiencial e científica, ao nível das grandes euro-línguas (inglês, espanhol, francês...).**
- 3 Mais um abandono das matrizes genealógicas do nosso léxico: «céptico» e «cepticismo» têm a mesma raiz indo-europeia «spec- / spic- / spoc-» [= observar atentamente: «espectador», «espectáculo», «perspicaz»...], com as variantes metastásicas «scep- / scop-», de que são provenientes vocábulos como «escopo», «radioscopia», «scéptico» > «céptico» (< do grego: σκεπτικός [skeptikos] = aquele que, de tanto observar com atenção e minúcia, começa a pensar e a duvidar, a desconfiar...); o termo «cepticismo» designa a «atitude e a doutrina que nega a possibilidade de se alcançar a certeza ou a verdade, uma vez que, de cada nova «observação atenta e minuciosa», se descobrem novos dados que levam a pôr em causa as “certezas” anteriormente construídas, conduzindo, assim, ao estado de dúvida, de incredulidade...
- 4 Novo abandono da matriz lexicogénica. O lexema «ceptro» (agora «cetno»), como é sabido, provém do grego σκέπτρον [skeptron], através do latim *sceptrum*, com o significado de «bastão», símbolo da “autoridade” civil ou religiosa. Note-se que

cionar circunspeccionar circunspecto¹ coaptação coaptar coaptidão coarctação coarctado coarctar² coleção coleccionaçãõ coleccionador coleccionar coleccionável coleccionismo coleccionista colecta colectado colectânea colectâneo colectar colectário colectável colectício colectivamente colectividade colectivismo colectivista colectivizaçãõ colectivizar colectivo colectomia colector colectoria concepção concepçional concepçionário conceptáculo conceptibilidade conceptismo conceptista conceptiva conceptível conceptivo conceptual conceptualismo conceptualista conceptualizaçãõ conceptualizar conectar conectivo conector confecção confeccionador confeccionar conjectânea conjectura conjecturador conjectural conjecturar conjecturável con-

o grafema «p» da sequência grafêmica «pt» funciona, desde logo, como um dígrafo — «ep» — com a função de sinalizar a *abertura tímbrica da vogal* representada pelo respectivo grafema «e» [> ê]; por outro lado, esta sequência «pt» está bem presente, como se viu, quer em grego, quer em latim, tendo como matriz constitutiva a raiz indo-europeia *skap- / skāp- / skōp-, com o significado fundacional de «vara, bastão, esteio», presente, entre outras línguas, no antigo frisão «skeft», no antigo saxão «skaft», no antigo islandês «skapt», no alemão «Schaft»... Seria interessante questionarmo-nos quanto ao «porquê» da manutenção dessa mesma presença grafêmica no francês «sceptre», no inglês «scepter / sceptre» e no alemão «Zepter»...

1 Os lexemas *circunspeccãõ, circunspeccionar, circunspecto* (tal como *aspecto, aspectual, espécie, especial, espectáculo, espectador, inspeccãõ, inspeccionar, inspeçtivo, inspeçtor, introspeccãõ, introspeçtivo, retrospectãõ, retrospectivo, etc.*) têm a mesma base lexicogénica que é o verbo latino *specio, -is, -ere, spexi, spectrum*, cuja raiz «spec-» transmite a ideia de «*olhar atentamente, observar com minuciosa atenção*»... Sem a presença do grafema «c» da raiz «spec-», como explicar, por um lado, a «*abertura do timbre*» da vogal representada pelo grafema «e» [«spèc-»] e promover, pelo outro, uma aprendizagem racional e inteligente de todo este vocabulário, sem a demonstração visual ou evidênciação gráfica (trata-se de «*grafia*» [ortografia]!...) de que *todos estes vocábulos pertencem à mesma família lexical* [são mais de 250 as palavras que a integram!]... e são portadores da mesma significação fundamental?... Como justificar, na comunicação escrita, o afastamento «gráfico» destes vocábulos com os seus homólogos das mais importantes euro-línguas de comunicação sapiencial à escala mundial (inglês [*aspect... retrospective*], espanhol [*aspecto... retrospectivo*], francês [*aspect, retrospectif*] etc.)?... Como explicar esta “babelização” neo-ortográfica?... **A menos que os autores neo-acordatários e seus apoiantes pensem que é possível dinamizar uma aprendizagem coerente, consistente, articulada, sistémica, interlinguística e interlexical, apenas através do recurso à via oral e com base na pronúncia e na memorização “cega”!...**

2 No Brasil, coexistem as duas grafias: *coarctação e coartação, coarctado e coartado, coarctar e coartar* (ver, ainda, *ibidem*: <http://aulete.uol.com.br/>).

*sumpção consumptibilidade consumptível consumptivo consumpto
contactar¹ contactável contacto contactual contracção contracto con-
tracção, contraceptivo contráctil contractura corrupção corrupto...*

2.34. Tentei, de seguida, encontrar, em dicionários que fossem credíveis do ponto de vista *fono-ortoépico*, uma garantia fundamentada e exacta de quais são, no âmbito daquele inventário-amostragem, os lexemas em que os grafemas «c» e «p» daquelas sequências se pronunciam ou não, e devo confessar honestamente que me surgiram inúmeras dúvidas e incertezas, tanto mais que, contactei informalmente vários *falantes* com formação académica de nível universitário (nomeadamente oriundos das áreas dos *Estudos Linguísticos* e dos *Estudos Literários*) e encontrei quem pronunciasse, quem não pronunciasse e também quem, tal como eu próprio, tivesse ficado na mesma dúvida e incerteza...

2.35. Como exemplificarei de seguida, *há vários casos em que são permitidos dois distintos modos de grafia* (sem supressão ou com supressão dos grafemas em causa...), ou seja, dito num registo popular, «à vontade do cliente ou do freguês»... Vejamos:

¹ *contactar contactável contacto contactual intacto tactear tacto táctil tactismo* são, entre vários outros, lexemas da mesma família, com a sua matriz lexicogénica proveniente do verbo latino «*tango, -is, -ere, tetigi, tactum*», com o significado originário e transversal a todos eles de «*tocar*», «*tanger*», «*apalpar*»... Quem estiver atento, pode, com muita frequência, ouvir pronunciar o grafema «c» da sequência «ct» (ex.: *contactável > cõtaktável, incontactável > incõtaktável, contacto > cõtaktu, contactual > cõtaktuál, intacto > intáktu, tactear > taktiár, tacto > táktu, táctil > táktil...*) por parte de falantes com formação académica de nível superior (inclusivamente oriundas das áreas dos *Estudos Linguísticos* e dos *Estudos Literários...*), facto que constitui mais um exemplo empírico (entre tantos outros...) de que **o critério da «pronunciabilidade» não só não reúne condições epistemológico-linguísticas para fundamentar e garantir qualquer «unificação» ortográfica mas, pelo contrário, está** (por efeito de interações e *contaminações* análogas diversas: *homofonias, homografias, parafonias, paragrafias...*) **a contribuir drasticamente para a «caotização» e «entropia» não só do «sistema ortográfico», mas também da própria pronúncia**, com efeitos perversos na aprendizagem inteligente e racional da «ortografia» e (o que não é menos grave!...) do «vocabulário sapiencial e científico-técnico» (terminologias), portador da mesma nuclear estrutura morfo-semântica genealógica...

– CASOS DE DUPLA OPÇÃO «ORTOGRÁFICA»

— *dupla lexemo-grafia* —

sequências gráficas «ct» / «cc»/ «cç» e «pt» (simples amostragem comprovativa):

- *acupunctura / acupuntura*
- *carácter / caráter*
- *característica / caraterística*
- *circunspecto / circunspeto*
- *conceptual / concetual*
- *conector / conetor*
- *contráctil / contrátil*
- *contractura / contratura*
- *dactilografar / datilografar*
- *descaracterização / descaraterização*
- *desinfetante / desinfetante*
- *eclíptica / eclítica*
- *espectador / espetador*
- *espectro / espetro*
- *expectável / expetável*
- *expectativa / expetativa*
- *icterícia / iterícia*
- *imperfectivo / imperfetivo*
- *interruptor / interrutor*
- *interseccional / interseccional*
- *lactínio / laticínio*
- *noctívago / notívago*
- *perfeccionismo / perfeccionismo*
- *perfectivo / perfetivo*
- *preceptor / precetor*
- *retráctil / retrátil*
- *séptuplo / sétuplo*
- *sector / setor*
- *sectorização / setorização*
- *sectorizar / setorizar*
- *táctil / tátil*
- *telespectador / telespetador*
- *veredicto / veredito...*

– CASOS DE FLAGRANTE E ARBITRÁRIA INCONGRUÊNCIA
“GRAFEMOFÁGICA”

- *bissecção* > *bisseção* // *bissectar* > *bissetar* // *bissector* > *bissetor* // *bissectriz* > *bissetriz* // *sector* > *setor* // *sectorial* / *setorial* // *sectorização* > *setorização* // *sectorizar* > *setorizar*...
- *bissetriz* // *trissectriz* / *trissectar* / *trissectorial*...

(Comentário: em «*bissecção*», «*bissectar*», «*bissector*», «*bissetriz*»..., suprime-se o grafema «*c*», porque alegadamente não se pronuncia; em «*trisseção*», «*trissectar*», «*trissector*», «*trissectriz*»..., mantém-se esse mesmo grafema «*c*», porque alegadamente se pronuncia. Pergunta-se, então: *quem é que garante* (e com que base epistemológico-linguisticamente fundamentada, consistente e sustentável...) *estas alegações, quando quem estiver atento às concretas situações de comunicação oral verifica que, tanto num caso como no outro, há quem pronuncie e quem não pronuncie o grafema «c»?...* Ora, se considerarmos que as palavras «*secante*» e «*dissecar*» têm a mesma raiz «*sec-*» com o significado de «*cortar*» (ex.: «*secante*» é a linha ou superfície que *corta* ou *intersecta* outra...), como explicar aos alunos que estas palavras (e, com elas, várias outras: *séctil*, *sector*, *sectorial*, *sectório*, *secção*, *sectograma*, *sectura*, *dissecção*, *intersectar*, *intersecção*...) pertencem à mesma família lexical e são portadoras, como vimos, do significado fundamental, comum a todas elas, de «*cortar*?... E *como explicar e justificar, a essa luz, que as duplas grafias «sector»/«setor», «sectorização»/«setorização», «sectorizar»/«setorizar», sejam consideradas pelo actual “AO / 1990” ambas ortograficamente correctas?...* Será aceitável, uma vez mais, que a «questão» da *Ortografia* seja “gerida” *ao arbítrio da pronúncia do “cliente” ou do “freguês”?*...)

- *Egito* / *egípcio* / *egipciaco*

(Comentário: a palavra «*egípcio*», enquanto «*gentílico*» designador e identificador dos habitantes do país — *Egipto* —, de onde

eles, habitantes, são naturais, mantém, tal como os adjetivos da mesma família lexical e etimológica, o grafema «*p*»; o nome do País *genético-progenitor* foi pelo actual “AO / 1990” *condenado* a perder o grafema «*p*»!!!... Ora, quando a matriz genealógico-etimológica do nome próprio «*Egipto*» é o homólogo nome grego Ἀίγυπτος [*Aígyptos*], latinizado na forma de «*Aegyptus*»¹, que constitui a *base genealógico-etimológica* presente nos correspondentes nomes próprios de euro-línguas das mais importantes — *Egypt* (em inglês), *Égypte* (em francês), *Egipto* (em espanhol), *Egipt*² (em romeno), *Ágypt* (em alemão)... —, que sentido pode fazer e que coerência pode ter a supressão do grafema «*p*» apenas no nome próprio português «*Egipto* > *Egito*»?... Por que é que, *em plena era da comunicação global* (internética), antes de se incorrer nesta e noutras «aberrações» lamentavelmente tão frequentes, *não se procedeu a uma prévia análise de natureza comparatística, inter-linguística e inter-lexical*, para ver como estava organizada a «ortografia» de euro-línguas tão importantes como as referidas?...

• *genuflectir* > *genufletir* / *genuflector* > *genufletor* / *genuflexão* / *genuflexo* / *genuflexório*...

(**Comentário:** como explicar a presença, nos três últimos vocábulos do «dígrafo» «*x*» [em que «*x*» = «*c*» + «*s*», tal como acontece em «*nexo*», «*anexo*», «*fixo*», «*afixo*», «*sufixo*», «*prefixo*», etc...], dígrafo este, presente nas palavras da mesma família *genuflexão*, *genuflexo*, *genuflexório*, suprimindo nos vocábulos «*genufletir*» e «*genufletor*» o grafema «*c*», proveniente da respectiva matriz genealógica que é o verbo latino «*flexo*, *flexis*,

1 Como sabemos, o grafema grego «*π*» é representado no alfabeto latino pelo grafema «*p*».

2 O italiano, dada a sua mais recente unificação político-linguística (ocorrida ao longo do séc. XIX), usa o dígrafo «*tt*» (*Egitto*), em que o primeiro dos dois grafemas «*tt*» representa o «*c*» genealógico que foi assimilado pelo segundo. No fundo e do ponto de vista «ortográfico», o dígrafo «*tt*» corresponde ao par grafémico «*ct*», não se verificando, portanto, na sua grafia, o guilhotinante acto de base «ortofónica/ortoépica/prosódica», imposto à língua portuguesa pelo aberrante “AO / 1990”.

*flectere, flexi, flexum...»)? Compare-se, uma vez mais, com o que se passa com vocábulos correspondentes das já citadas euro-línguas: *genuflect, genuflection, genuflector* (inglês); *génuflecteur* (francês); *flektieren* (alemão)...*

• **noctambulação / noctambular / noctambulismo / noctâmbulo / nocticolor / noctifloro / noctífobo / noctígeno / noctígero / noctilúcio / noctívago** <> **notívago / noctivisão / noctívolo / noctuídeo / noturnal / noturno...**

(**Comentário:** como se pode verificar, *as palavras supra-elencadas apresentam intacta a sequência grafêmica «ct», sem a supressão do grafema «c»* e são consideradas pelo actual “AO / 1990” como sendo (e bom seria que fosse sempre assim!...) *ortograficamente correctas!*...

Mas, paradoxalmente, ao lado de «*noctívago*», aparece, *com igual “legitimidade” ortográfica*, a forma «*notívago*» com o grafema «*c*» suprimido, sendo que, nos vocábulos «*noturnal*» e «*noturno*», *a norma ortográfica agora imposta determina, exclusivamente e sem alternativa, a supressão do grafema «c»!*...

E se, por exemplo, para além de demonstrarmos de modo fundamentado aos nossos alunos que *todas elas são palavras da mesma família lexical directamente ligadas, a nível morfo-semântico, à palavra «noite»* (proveniente do latim «*nocte*[m]»), por via popular...), lhes explicarmos, também fundamentadamente, como é que apareceu o grafema «*i*» no vocábulo «*noite*», que justificação racional se lhes pode dar para a presença deste grafema [«*i*»] na palavra (*nocte*[m]) que genealogicamente está na base da mesma família daqueles três adjectivos e dos demais vocábulos acima inventariados?... Que coerência e que sentido pode haver em tudo isto?...))

• **putrefacção > putrefação / putrefacto**

(**Comentário:** uma vez mais, como explicar, com um mínimo de coerência *ortográfica* [sublinho: *ortográfica*], que o grafema «*c*» seja suprimido no substantivo «*putrefacção*» e se mantenha no adjectivo «*putrefacto*»?...))

- *rarefacção* > *rarefação* / *rarefacto* / *rarefaciente* / *rarefeito*...

(**Comentário:** como explicar, analogamente, que o grafema «c» seja suprimido no substantivo «*rarefação*» e se mantenha no adjectivo «*rarefacto*», grafema este, igualmente presente no adjectivo «*rarefaciente*», também ele da mesma família genealógica?... E como fundamentar a proveniência do grafema «i» em «*rarefeito*», pertencente à mesmíssima família lexical?...)

- *tacteabilidade* > *tateabilidade* / *tacteamento* > *tateamento* / *tacteante* > *tateante* / *tactear* > *tatear* / *tactável* > *tateável* / *tacteio* > *tateio* / *tacto* > *tato* / *tactura* / *táctil* > / *tátil* / *tactilidade* > *tatilidade*...

(**Comentário:** que sentido tem escrever obrigatoriamente «*tato*» e «*tátil*» [ambos sem o grafema «c»] ao lado de «*táctil*» e «*tactura*» com o grafema «c», sabendo que a matriz genealógica destes vocábulos é o supino «*tactum*» do verbo latino «*tango, tangis, tangere, tetigi, tactum...*» que originou também, entre outros, o vocábulo «*tangente*», transportador da ideia de «*tocar, tanger*?...)

- *tumefacção* > *tumefação* / *tumefaciente* / *tumefacto* > *tumefato* / *tumefeito*...

(**Comentário:** como explicar também, com coerência ortográfica [volto a sublinhar: *ortográfica*], que o grafema «c» seja suprimido no substantivo «*tumefação*» e se mantenha no adjectivo «*tumefacto*», grafema este, igualmente presente no adjectivo «*tumefaciente*», também ele da mesma família genealógica que tem por base o verbo «*facio, -is, -ere, feci, factum*?... E como fundamentar a proveniência do grafema «i» em «*tumefeito*», pertencente à mesmíssima família?...)

2.36. É que os autores do actual normativo acordatário (“AO / 1990”), para além da mera e mirífica alusão a uma **pronúncia**

dita “*culta*”, cuja definição rigorosa, criteriosa e padronizada fosse enunciada sem preconceitos “segregacionistas” de qualquer ordem, NÃO APRESENTARAM qualquer outra garantia, princípio, critério ou referencial epistemológico-linguisticamente fundamentados, com que explicassem, justificassem e caracterizassem previamente a sua opção para uma regulação «ortográfica» que se esperaria fosse consistente, coerente, coesora e universalizável do ponto de vista científico-técnico e pedagógico-didático e formativo para toda a CPLP e Diáspora...

2.37. Por isso, se pergunta: qual foi a alegada «*pronúncia culta*» escolhida e tomada como “referência”, “padrão” ou “paradigma”: a «*pronúncia culta*» à moda de Coimbra, de Lisboa, do Porto, de Braga, de Évora..., do Funchal..., de Ponta Delgada..., da Praia..., de São Tomé..., de Bissau... de Luanda, de Benguela, do Huambo..., do Maputo, da Beira, de Lichinga..., de Brasília, de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Curitiba,... de Díli, de Baucau...?...

E haverá alguma razão invocável, em pleno séc. XXI, para não considerar, *integradoramente*, o vastíssimo “Património” antropológico-cultural e etno-linguístico que “povoa” as demais cidades, vilas e aldeias de toda a CPLP e da Diáspora?...

Sim, porque, EM TODOS ESTES LUGARES (aqui apenas referidos em simbólica e até algo irónica sinédoque...), tal como em tantas outras paragens da CPLP e da Diáspora (a configurar um vastíssimo, vivíssimo e intercultural «mosaico multi-étnico de pronúncias e sotaques»...), HÁ CIDADÃOS (polifonicamente e também poligraficamente...) CULTOS que, independentemente da diferença das respectivas prolações entoativas, SÃO CAPAZES DE PROTAGONIZAR UMA «COMUNICAÇÃO ORAL» E TAMBÉM «ESCRITA» (quando se trata do «modo escrito» de comunicar...) EXEMPLARMENTE CLARA, RIGOROSA, PRECISA, CONCISA E EXPRESSIVA E DEVIDAMENTE ADEQUADA AOS CONTEXTOS, AO CONTEÚDO DA MENSAGEM A SER TRANSMITIDA, ÀS FINALIDADES PRAGMÁTICAS E AOS PÚBLICOS VISADOS — comunicação essa, modelada em “registos” linguísticos mais cuidados e mais elaborados, em conformidade nomeadamente com as envolventes sociológicas e institucionais e a natureza das circunstâncias (de maior ou menor formalidade...) a ter em conta nos actos enunciativo-comunicativos!...

CAPÍTULO III

A FACULDADE HUMANA DA “LINGUAGEM VERBAL” (da «*palavra*») E AS “LÍNGUAS”

«Language is at the heart of human life. Without it, many of our most important activities are inconceivable.»¹

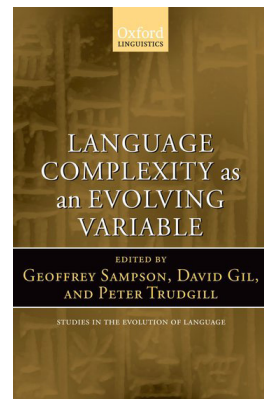
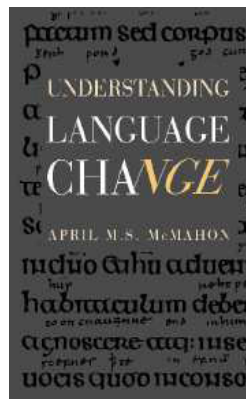
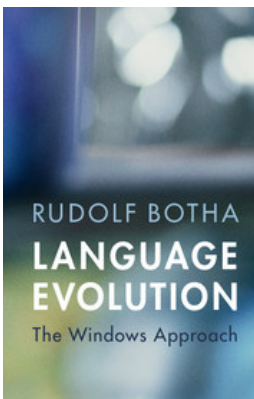
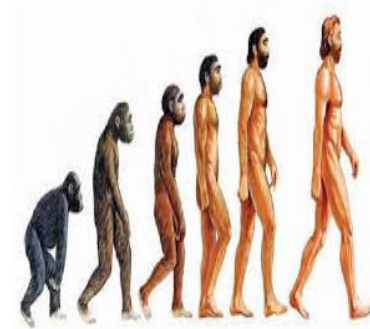
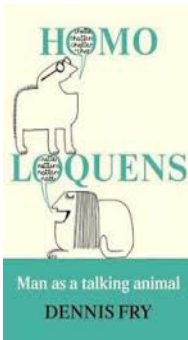
«Of all human semiotic systems, language is the greatest source of power. Its potential is indefinitely large.»²

A língua é um constituinte fulcral do sistema cognitivo humano que fundamenta, estrutura e organiza sémiotodiscursivamente todos os processos de cognição.³

1 Guy Cook: *Applied Linguistics*, Oxford, Oxford University Press, 2014, p. 3.

2 M. A. K. Halliday: *On Language and Linguistics*, London / New York, Continuum, 2003, p. 3.

3 Cf. Carla Bazzanella: *Linguistica Cognitiva — Un'introduzione*, Bari, Editori Laterza, 2014, pp. 3-4.



Algumas obras de referência para o estudo da evolução e da complexidade do fenômeno da "linguagem": 1. Dennis Fry: *Homo Loquens – Man as a Talking Animal*, Cambridge, Cambridge University Press;1977; 2. *Homo loquens en homo scribens. Over natuur en cultuur bij de taal* (Anneke Neijt), Amsterdam, Amsterdam University Press, 2006; 3. Rudolf Botha: *Language Evolution*, Oxford, Oxford University Press, 2014; 4. April M. S. McMahon: *Understanding Language Change*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994; Geoffrey Sampson, David Gil, and Peter Trudgill: *Language Complexity as an Evolving Variable*, Oxford, Oxford University Press, 2009.

**A FACULDADE HUMANA DA “LINGUAGEM
VERBAL” (da “palavra”),
CONCRETIZADA NUMA LÍNGUA,
NO NOSSO CASO:**

A «LÍNGUA PORTUGUESA»

*«In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum,
et Deus erat Verbum»
(Iohannes: I:1)*

*«La palabra de Dios está en la del hombre.
La palabra del hombre, en el silencio de Dios»
(Edmond Jabès, cit. por H. Mujica: *Flecha en la niebla*,
Madrid, Editorial Trotta, 1997, pp. 175-185)*

*«... ist die Sprache zumal das Haus des Seins
und die Behausung des Menschenwesens»
[«... a linguagem é a morada do ser
e o abrigo da essência do homem»]
(Martin Heidegger: *Carta sobre o Humanismo*,
Paris, Aubier, 1970, pp. 162-163).*

3.1. Uma mediação intranscendível...

Se, como o entende Hugo Mujica¹, em estreita consonância, aliás, com o pensamento de Heidegger, *«la palabra es el lugar donde se encuentran la manifestación de la realidad, el ser de*

1 Cf. Hugo Mujica: *Flecha en la niebla*, Madrid, Editorial Trotta, 1997, p. 175.

la vida, y lo que nosotros captamos de él, de ella», impõe-se nos então começar por uma reflexão prévia sobre a “faculdade da palavra” (o mesmo é dizer, “a faculdade da linguagem”) e sobre o sistema semiótico-modelizante que permite a sua organicidade, a sua funcionalidade e a sua produtividade verbo-comunicativa a nível cultural global, sofo-científico e literário...

Sem a mediação da palavra potenciada por uma das línguas existentes — em primeira instância, a língua materna (no nosso caso concreto¹, a Língua Portuguesa)... —, *sem essa mediação, insisto, não se afigura ser possível conceber, estruturar e organizar funcionalmente qualquer sistema educativo, nem desenvolver os projectos e os processos educacionais, formativos e sapienciais* (envolvendo todas as áreas e especialidades do conhecimento, desde o mais simples ao mais complexo...) que ele, sistema, deve, em princípio e *pela simples razão da sua existência e finalidade*², proporcionar à Pólis, à Cidade, a cada Cidadão...

Do mesmo modo, também *não se me afigura ser possível a cada um de nós protagonizar qualquer aprendizagem e, consequentemente, recolher, tratar, interiorizar e apropriar-se da formação, elaborar, testar, aperfeiçoar e depurar o conhecimento, levar por diante a criação, a comunicação ou a divulgação do Saber e da Cultura...* Em suma: NÃO ME PARECE SER POSSÍVEL A EXISTÊNCIA DA PRÓPRIA “CIDADE” (da própria Pólis) ENQUANTO «COMUNIDADE DE CIDADÃOS», NEM O EXERCÍCIO RESPONSÁVEL (porque consciente e livre...) DE UMA CIDADANIA CULTA E ADULTA, SAPIENCIALMENTE PENSADA, ILUMINADA E CRÍTICO-POIESICAMENTE PRATICADA, FORA DE UMA “LOGOPAIDEIA” FUNDAMENTANTE E MODELANTE...

3.2. Importância do binómio “linguagem verbal <> língua”

Na verdade, seja qual for o destino que nos coube enquanto cidadãos, certamente que nos fomos apercebendo de que um dos maiores poderes da faculdade humana da linguagem e das lín-

1 Bem como no caso de todos os nossos Concidadãos planetários da CPLP e da Diáspora que, com toda a legitimidade, decidiram adoptá-la como sua, para todos os efeitos de natureza comunicativa, oral e escrita...

2 Também dita razão *onto-teleológica*...

guas históricas que sémio-comunicativamente a permitem concretizar, no quadro da sua acção estruturomorfa, é o de instituir, constituir e alimentar sofo-gnosiológica e epistemologicamente os paradigmas e modelos noéticos de intelecção, a memória histórica, singular e colectiva, e as referências simbólicas que plasmam a nossa identidade cultural e social. Poderá mesmo dizer-se que as perenes e irrasuráveis “impressões digitais” que singularizam, distintivamente, o nosso “bilhete de identidade” ou “cartão único” de cidadãos são marcas linguísticas e literárias, são marcas *verbo-sémio-culturais*.

3.3. A linguagem verbal mediatizada por uma língua cria activamente a realidade...

Por isso é que não me dispenso de reassumir, aqui e desde já, inteiramente sintonizado com M. A. K. Halliday¹, o seguinte entendimento:

1.º – «... *language does not passively reflect reality: language actively creates reality*»;

2.º – «... *the categories and concepts of our material existence are not ‘given’ to us prior to their expression in language*»;

3.º – «[...] *rather, they are construed by language, at the intersection of the material with the symbolic*».

É, pois, na base de um tal modo de perspectivar as coisas, que venho reiterando, cada vez com maior convicção (modulada em registo wittgensteiniano...) que *quem é limitado linguisticamente dificilmente tem consciência de que é limitado em todos os sentidos...*

1 Cf. M.A.K. Halliday: *Language in a Changing World*, 1993, Sidney, ALA, p. 7; Idem: *On Language and Linguistics*, London / New York, Continuum, 2003, p. 145.

3.4. O homem é «o único ser vivo dotado de palavra»...

Na minha perspectiva, aquilo que de modo mais singularizante e distintivo traça a fronteira entre o universo dos “entes em si”, dos «objectos dinâmicos» de que fala Peirce¹ e o próprio homem é a cultura, a *semiosfera*², em cujo centro estruturante opera primordialmente a *verbosfera*. É ela a marca, por excelência, da diferenciação ontológica à escala da vida e o critério fundacional da definição axiológica do próprio estatuto social do homem: aquele *quid*, sem o qual, não é possível falar nem de *antropogénese* nem de *antroposfera*.

O SER HUMANO, caracterizado por Aristóteles, na *Política* (1253a, 9-10), como «O ÚNICO SER VIVO DOTADO DE PALAVRA» («λόγον δὲ μόνον ἄνθρωπος ἔχει τῶν ζώων») [«*logon de monos anthropos echei ton zoon*»], dá sentido a tudo quanto existe, a tudo quanto pensa, quanto sente ou realiza, através da linguagem verbal. SEM A “VERBO-SEMIOFERA”, O SABER SERIA IMPOSSÍVEL... Mais ainda: SEM A LINGUAGEM VERBAL, O MUNDO NÃO ERA “MUNDO”: SERIA O CAOS MAIS NEGRO, MAIS CEGO E MUDO QUE IMAGINAR SE PODE!...

É com os potenciais de representação, de configuração, de modelação, de plasmagem, de conformação estruturante, de capacidade instituidora e organizadora que caracterizam os sistemas simbólicos, os sistemas da cultura – e, entre eles, em primeira instância, o da linguagem verbal e das línguas históri-

1 Cf. Cf. Umberto Eco: *Lector in fabula* (trad. port. de Mário Brito, com o título de *Leitura do Texto Literário*), Lisboa, Editorial Presença, 1983, pp. 29-39.

2 Cf. I. Lotman: *La Semiosfera I*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1996, pp. 21-42, 83: «*La semiosfera es el espacio semiótico fuera del qual es imposible la existencia misma de la semiosis*» (p. 24); «*Desde el punto de vista genético, la cultura se construye sobre la base de dos lenguajes primarios. Uno de ellos es la lengua natural, utilizada por el hombre en el trato cotidiano*». E Émile Benveniste, num dos primeiros artigos da revista internacional *Semiotica*, sob o título «*Sémiologie de la langue*» (cf. *Semiotica*, 1969, vol. 1, n.º 2, p. 130), escreveu: «*Toda a semiologia de um sistema não linguístico deve servir-se da língua como tradutor e só pode existir com a ajuda da semiologia da língua e dentro desta*», uma vez que a língua, o sistema linguístico, é «*o interpretante de todos os outros sistemas semióticos*» (cf. Vítor Manuel de Aguiar e Silva: *Competência Linguística e Competência Literária*, Coimbra, Almedina, 1977, p. 150).

cas que a concretizam no tempo e no espaço — que o Homem não só representa o “mundo em si”, como o transfigura com as significações que lhe dá, com os saberes com que, explicativamente, o recobre, com as criações culturais que o expandem e transformam. Sem a *verbo-semiosfera*, sem as construções que ela possibilita, sem a informação que ela liberta, organiza e distribui, o Saber sobre o Cosmos, sobre a Terra, sobre a Vida e sobre o próprio Homem seria impossível. Seria a muidez de tudo... uma absurda comunidade de frios autómatos... TODA A ENERGIA CRIADORA DA HUMANIDADE FICARIA IRREVELÁVEL E INCOMUNICÁVEL... NO UNIVERSO INTEIRO, mesmo povoado de seres de toda a espécie, mesmo recamado dos milhões de galáxias repletas de miríades de estrelas superluminosas, REINARIA A ESCURIDÃO NEGRA DO MAIS ABSOLUTO SILÊNCIO... TUDO “OLHARIA” PARA TUDO SEM QUALQUER SENTIDO QUE ILUMINASSE ESSA MIRADA... NADA NEM NINGUÉM, PORQUE SERIA A MUDEZ DE TUDO...

Imagine-se um mundo sem o poder interpretante e criador da cultura: seria um mundo sem a palavra, oral ou escrita, poética ou prosástica, sem os textos da Literatura, do Teatro, da Música, da Pintura, da Escultura, da Arquitectura, da Religião, da Filosofia, da Política, do Direito, da Ciência (das Ciências...), da Técnica e da Tecnologia, dos rituais, das celebrações e dos comportamentos sociais; seria um mundo onde a comunicação não existiria, onde a diversidade das ideias não disporia nem de meios («*media*») nem de canais...

O SONHO DA GRANDE “ALDEIA PLANETÁRIA” DARIA LUGAR AO PESADELO DE UMA ABSURDA COMUNIDADE DE FRIOS AUTÓMATOS QUE SE LOCOMOVERIAM SEM ALMA, SEM LÓGICA, SEM SENTIMENTO E SEM SENTIDO¹...

3.5. O Homem: «o Pastor do Ser»; a Palavra: «a Morada do Ser»

Creio passar por aqui o significado mais profundo das famosas e belas metáforas com que Martin Heidegger, na sua

¹ Cf. Fernando Paulo Baptista: *Tributo à Madre Língua*, Coimbra, Pé de Página Editores, 2003, pp. 61-62.

Carta «*Über den Humanismus*¹», nos dá «o Homem», o ser humano (volto a destacá-lo!...), como «o Pastor do Ser» («*Der Mensch ist der Hirt des Seins*») e a «Palavra», a linguagem verbal, como sendo, simultaneamente, «a morada do ser e o abrigo da essência do homem» («... *ist die Sprache zumal das Haus des Seins und die Behausung des Menschenwesens*»).

Ou seja: o radical acesso do Homem a tudo quanto é passa, necessariamente, pelas portas que a “Palavra” abre ou fecha...

3.6. O homem é verdadeiramente HOMEM enquanto «ser que tem a faculdade da palavra»...

A propriedade antropológicamente distintiva e ontologicamente diferenciadora relativamente aos demais seres vivos é inquestionavelmente a «*faculdade da palavra*» concretizada através da mediação de uma determinada «*língua*». É isso mesmo o que nos diz ainda Heidegger²:

«El ser humano habla. Hablamos despiertos y en sueños. Hablamos continuamente; hablamos incluso cuando no pronunciamos palabra alguna y cuando sólo escuchamos o leemos; hablamos también cuando ni escuchamos ni leemos sino que efectuamos un trabajo o nos entregamos al ocio. Siempre hablamos de algún modo, pues el hablar es natural para nosotros. Este hablar no se origina siquiera en una voluntad particular. Suele decirse que el hombre posee el habla [«Sprache»] por naturaleza. La enseñanza tradicional postula que el hombre, a diferencia de la planta y del animal, es el ser viviente capaz de habla. Esta frase no quiere decir solamente que el hombre, además de otras facultades, posee también la de hablar. Quiere

1 Cf. Martin Heidegger: *Über den Humanismus / Lettre sur l'humanisme*, edição bilingue de Roger Munier, Paris, Aubier, 1970, pp. 76, 85 e 162-163. Cf. também o texto integral em alemão *apud*: http://archive.org/stream/MartinHeideggeruberDenHumanismus/Heidegger-UberDenHumanismus10thEd._djvu.txt

2 Cf. Martin Heidegger: *Unterwegs zur Sprache*, versão espanhola de Ives Zimmermann: *De camino al habla*, Barcelona, Ediciones del Serbal, ³2002, p. 9 e p. 11; ver também a tradução portuguesa de Márcia Sá Cavalcante Schuback: Martin Heidegger: *A Caminho da Linguagem*, Petrópolis, Editora Vozes, 2003, p. 7 e p. 10.

decir que solamente el habla capacita al hombre ser aquele ser viviente que, en tanto que hombre, es. El hombre es hombre en tanto que hablante. (...) el hombre habla y habla siempre una lengua determinada.»

3.7. “Senhores” da Palavra... “Senhores” do Mundo...

Por tudo isso, torna-se imprescindível começar por lembrar, aqui, ponderada a força do seu potencial significante, palavras de um dos vultos maiores da área da *Hermenêutica Filosófica* contemporânea, Hans-Georg Gadamer, quando, no seu *Wahrheit und Methode*¹, afirma: «*El que tiene lenguaje “tiene” el mundo*»: «*quem é senhor da linguagem “é senhor” do mundo*»...

3.8. A «Palavra»: «o centro de todos os centros»...

É, efectivamente, a partir desse centro de todos os centros que a linguagem é, que se desenvolve toda a nossa experiência e se movem todos os projectos e trajectos de procura, de indagação e de transformação, de nós próprios e do mundo... Mas o «tener lenguaje» de que fala Gadamer não passaria de uma infecunda e mera virtualidade, se não se traduzisse no domínio efectivo de uma concreta língua histórica, entendida como primordial “técnica de comunicar” (e até, ou mesmo sobretudo, de “comungar”...) e, assim, de gerar “comunidade” — *Gemeinschaft* —, mais do que “socialidade” — *Gesellschaft*².

3.9. O “domínio” competente da «Língua Portuguesa»...

Assim o entende também o grande linguista Eugenio Coseriu, quando, no seu *El Hombre y su lenguaje*, afirma que

1 Cf. Hans-Georg Gadamer: *Verdad y Método [Wahrheit und Methode]*, Salamanca, Ediciones Sígueme, 1977, p. 543; para uma perspectiva mais englobante do fenómeno da «linguagem humana», no contexto de um enfoque *filosófico-hermenêutico*, ver o cap. 14 desta mesma importantíssima obra: «El lenguaje como horizonte de una ontología hermenéutica», pp. 526-585.

2 Sobre esta díade conceptual, cf. Francisco Serra: *Historia, política y derecho en Ernst Bloch*, Madrid, Editorial Trotta, 1998, pp. 26-27.

«falar», transformar em acto a faculdade individual e universal da linguagem, «*é sempre falar uma língua determinada*»¹.

Essa língua é para nós, antes de mais, a nossa língua materna: a língua portuguesa.

E é o seu consciente domínio oral e escrito (mas sobretudo escrito!...) que nos possibilita «ser senhores do mundo», isto é, interpretá-lo, compreendê-lo, explicá-lo e agir orientadamente sobre ele para o transformar e humanizar...

3.10. Limites e horizontes da linguagem...

«*Que o mundo é o meu mundo*», escreveu Ludwig Wittgenstein², revela-se no facto de «*os limites da linguagem (da linguagem que apenas eu compreendo) significarem os limites do meu mundo*».

No mesmo sentido, vai o pensamento do nosso Vergílio Ferreira, quando numa das suas mais agudas e profundas reflexões sobre a palavra, desenvolvida em *Invocação ao meu corpo*³, afirma, em bíblico registo “verbo-genesiaco”⁴, que «*o mundo é uma proposta muda para que falada exista*», que «*o começar a existir é começar a ser dito*», que «*toda a realidade se cifra à palavra que a enuncia e a faz portanto ser*», ou quando, na célebre aula do *Para sempre*⁵, o jovem professor, alto, magro e esgrouviado deste belo romance defende, em sua “lição”, que «*se não pode pensar senão nos limites da língua*», de cujas fronteiras «*ninguém pode sair*»...

3.11. Tudo passa pela palavra...

Na verdade, tanto nas questões mais simples, mais rotineiras e triviais do quotidiano, como nas formalidades da vida das

1 Cf. Eugenio Coseriu: *El Hombre y su lenguaje*, Madrid, Gredos, 1977, pp. 16 ss.

2 Cf. Ludwig Wittgenstein: *Tratado Lógico-filosófico * Investigações Filosóficas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 115, 5.62.

3 Cf. Vergílio Ferreira: *Invocação ao meu corpo*, Lisboa, Bertrand, 1978, pp. 290 ss.

4 «*E Deus disse...* Cf. *Liber Genesis* 1: 3, 6, 9, 10, 11, 14, 20, 24, 26, 29...: «*Dixitque Deus*»; «*Dixit quoque Deus*»; «*Et ait Deus*»...

5 Cf. Vergílio Ferreira: *Para sempre*, Lisboa, Bertrand, 1984, pp. 193-198.

organizações e das instituições, se reconhece a imprescindibilidade e a importância de uma língua concreta na instituição dos circuitos e dos códigos reguladores das práticas relacionais e comunicacionais, na construção das bases documentais, na função argumentativa, veredictiva, probatória e certificante dos actos praticados e da facticidade do acontecer...

Porque, fora da inderrogável, interveniente e observante presença e acção do ser humano (que é, como vimos, pelo menos desde o sábio entendimento e ajuizamento expresso por Aristóteles na sua *Política*, «o único ser vivo dotado de palavra» e, portanto, com capacidade para interpretar, revelar e criar mundos, para os “povoar”, eventiva e facticamente, ou para os narrar...), não há factos *a se*, *in se* ou *per se*..., tal como os não há, gerados num processo do tipo do *deus ex-machina*...

E um *facto* só tem existência propriamente dita e *significante*, só tem sentido e “potencial” *semiósico* e de *comunicabilidade* (com a daí decorrente possibilidade de vir a ser estudado, analisado, descrito, explicado, interpretado, discutido, compreendido, valorado e julgado...) no interior de uma “notícia”, de um “depoimento”, de um “testemunho”, de uma “narrativa” (acta, auto, relatório, processo...) ou de um “discurso” mais ou menos complexo e elaborado; numa palavra: *no interior de um texto que o transforma em “objecto cultural”* e, desse modo, verdadeiramente *o cria e o faz*... Por isso se diz *factum*, de verbal latino que significa, literalmente, *aquilo que foi e está feito*... *feito* naturalmente por alguém...

Por outras palavras: em bom rigor, só podemos falar de *factos*, quando plasmados numa qualquer das formas ou modalidades textuais (forma oro-gestual, escrita, audiovisual, fílmica, etc...) potenciada por um qualquer dos sistemas semióticos e modelizantes dos “*realia*” (empíricos, ficcionais, metafísicos...), que fenomenicamente se colocam ao alcance e captação gnosiológica e semiósica do homem... Mas, ***na base dessa modelação texto-morfa, seja ela qual for, está sempre a palavra, a faculdade da linguagem verbal concretizada no accionamento de um dado sistema linguístico***...

Na verdade, tal como com toda a pertinência o sublinha o Prof. Castanheira Neves¹, «o mundo-realidade sem a linguagem que de qualquer modo o diga ou se lhe refira (...) seria um acervo absolutamente extensivo de uma indeterminação irracional — aliás, *só graças à linguagem existe um “mundo”*»...

É desse modo e por essa via que vamos tomando consciência de nós próprios, dos outros e de tudo quanto no mundo acontece, uma vez que, como o afirma Vergílio Ferreira², «*uma consciência só se exerce, só realmente existe, se encarnada na palavra. Assim pois a palavra é a expressão definitiva do homem*».

Tudo isto, sem esquecer, pela sua relevância cultural, **a elaboração constitutiva e divulgadora do próprio “discurso” da filosofia, da(s) ciência(s), da(s) arte(s) e do sagrado**, em sintonia com a nossa postura interrogante perante tudo o que suscita o nosso espanto ou a nossa curiosidade e nos convoca à reflexão interpretativa e à sua expressão modelizante nos múltiplos *actos sígnicos*, isto é, quando falamos, escrevemos, representamos, pintamos, compomos, erigimos e construímos, quando, em suma, significamos e comunicamos através de qualquer dos sistemas semióticos ao nosso efectivo alcance...

Por outro lado e em exigente sintonia com uma visão englobante e integradora da natureza, da vida, do homem e das coisas, tudo é susceptível de ser questionado e é mesmo desejável que o seja, trate-se da esfera do *antropológico*, do *biológico* e do *cosmológico*, trate-se mesmo da esfera transcendente do *divino* e do *sagrado (Teosfera)*...

Essa fundamental ATITUDE DE QUESTIONAMENTO PROBLEMATIZADOR É (tem sido comprovadamente ao longo da História...) A “CLAVE-MAIOR” DO AVANÇO DA INTELIGIBILIDADE INTERPRETATIVO-COMPREENSIVA (hermenêutica) DOS MAIS COMPLEXOS FENÓMENOS, ENIGMAS E MISTÉRIOS E DA PROGRESSIVA E MELHORATIVA CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA (cultural) DO CONHECIMENTO, DO SABER E DA SABEDORIA E, ASSIM, DO RASGAR DE NOVOS HORIZONTES PARA O INOVADOR

1 Cf. A. Castanheira Neves: *O Actual Problema Metodológico da Interpretação Jurídica — I*, Coimbra, Coimbra Editora, 2003, pp. 251-252.

2 Cf. Vergílio Ferreira: *Invocação ao meu corpo*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1978, p. 290.

APROFUNDAMENTO DO IMPARÁVEL E SEMPRE INACABADO PROCESSO DA ELEVATÓRIA E PERFECTIVA HUMANIZAÇÃO DO HOMEM...

O lúcido e fundamentado, ainda que preocupante, “diagnóstico” que, entre outros pensadores da Cultura, nos vem apresentando George Steiner¹ dá-nos A SITUAÇÃO ACTUAL COMO UM TEMPO OU UMA ÉPOCA DA “PÓS-PALAVRA” E DA “PÓS-CULTURA”...

Mas a verdade é que a sua sábia e humaníssima “proposta” de superação crítica e de metamorfose transfiguradora vai no fundamental sentido de que *não é possível conceber o “ser”, o “mundo”, a “vida”... fora da relação placentária e umbilical com a linguagem verbal e as línguas...*

São estas, efectivamente, que garantem a mediação na procura, na escuta, na descoberta e na correcta, coerente e ajustada aplicação dos “códigos de inteligibilidade” (conhecimentos, saberes, teorias, métodos, técnicas...) e na articulada co-implicação das “arquitecturas”, “modos” e “métricas” expressionais com o viver, o sentir, o sonhar, o pensar e o agir *práxico, teórico e poiesico-estésico*... É assim *vergilianamente*² bem certo reconhecer-se que, no fundo, ***“é” a palavra em que ela é dita...***

Em síntese: são elas, a linguagem e as línguas, que constituem a possibilidade e modelam a capacidade de interpretar, compreender, explicar, imaginar, inventar, criar e plasmar textos com a polifónica diversidade dos seus registos e estilos configurativos, são elas que instauram, sémio-discursivamente, «A ENTRADA DO HOMEM NA CIDADE DO HOMEM»³, o mesmo é dizer, A SUA AFIRMAÇÃO E SAGRAÇÃO “POLITEICA” NA PLANETÁRIA CASA DO CONHECIMENTO, DO SABER, DA PAIDEIA, DA CIVILIZAÇÃO E DA CULTURA (das culturas: *interculturalidade*)...

1 Para um melhor aprofundamento da problemática aqui apenas afluada, ver George Steiner: *No Castelo do Barba Azul. Algumas Notas para a Redefinição da Cultura*: Lisboa, Relógio d’Água, 1992, pp. 14-17, 112-130, 128-141; *Presenças Reais*, Lisboa, Editorial Presença, 1993, pp. 84 ss; *La barbarie de la ignorancia*, Madrid, Taller de Mario Muchnik, 2000, pp. 65-66; *Pasión Intacta*, Madrid, Ediciones Siruela, 1997; *Gramáticas da Criação*, Lisboa Relógio d’Água Editores, 2002, pp. 11-62 e *passim*; *Lenguaje y Silêncio* [muito especialmente o substancioso ensaio: «*El silencio y el poeta*»], Barcelona, Editorial Gedisa, 2003, pp. 53-72; *Extraterritorial* [muito especialmente o importante estudo: «*En una poscultura*»], Madrid, Ediciones Siruela, 2002, pp. 163-178; *After Babel. Aspects of Language and Translation*, Oxford, Oxford University Press, 2^a 1992.

2 Cf. Vergílio Ferreira: *ibidem*, op. cit, pp. 293-296.

3 Cf. G. Steiner: *Presenças Reais*, Lisboa, Editorial Presença, 1993, p. 86.



A PALAVRA

*A palavra é o desejo do espaço e o espaço do desejo
para que tudo o que em nós é confuso e vago
se transforme em leve arquitectura
com janelas para o mar ou campos ondulados*

*Não sabemos de onde vem esse desejo incandescente
se é do sangue da terra ou de um voluptuoso vento
e por isso ignoramos se o que escrevemos coincide
com o que em nós se cala numa intérmina neblina*

*Mesmo quando a palavra é transparente e nua
nunca elimina esse silêncio de montanha imersa
e assim o que nunca foi dito ficará não dito
tão inatingível como a monótona claridade do dia*

António Ramos Rosa: *As Palavras*,
Porto, Campo das Letras, 2001, p. 30.

CAPÍTULO IV

A “VERBO-SEMIOSFERA”

Perspectivação diagramática da profunda e substancial diferença existente entre os “dois distintos modos” de realização da *faculdade humana da linguagem verbal* (da *palavra*) através da mediação das *línguas*:

a) o “*modo oral*” de comunicar
(os *sons*, os *fonos*, os *fonemas*)

(Ortoépia / Ortofonia / Prosódia)

b) o “*modo escrito*” de comunicar
(as *letras*, os *grafos*, os *grafemas*)

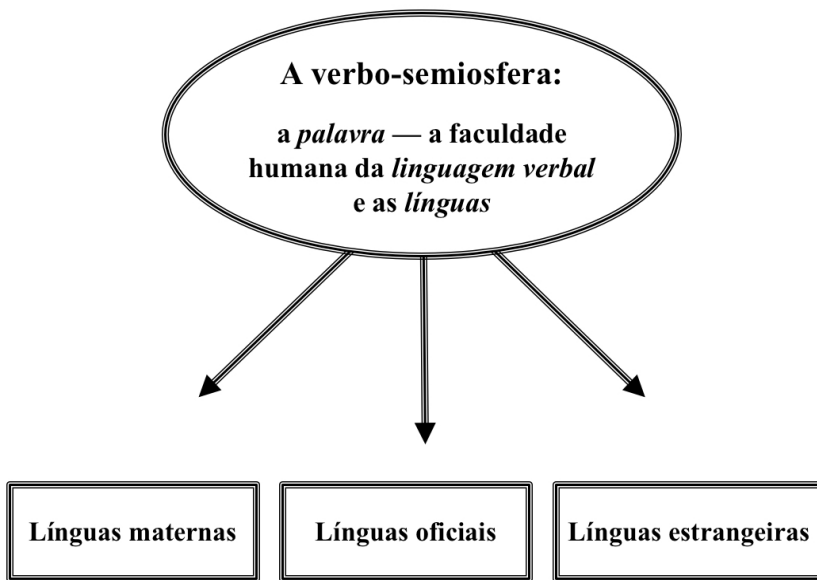
(Ortografia)

N.B.: Não há “*comunicação escrita*” sem a mediação *grafémico-configuradora e manifestativa de um condigno “código ortográfico”*, com especial impacto no vocabulário.

A “VERBO-SEMIOFERA”:

*a faculdade humana da linguagem verbal
e as línguas enquanto específicos
“sistemas semióticos” técnico-históricos da sua
concreta realização comunicacional: os “sistemas
modelizantes” (primário e secundários)¹*

A faculdade humana da «linguagem verbal» [faculdade da «palavra»] e a tipologia de línguas em que ela se concretiza



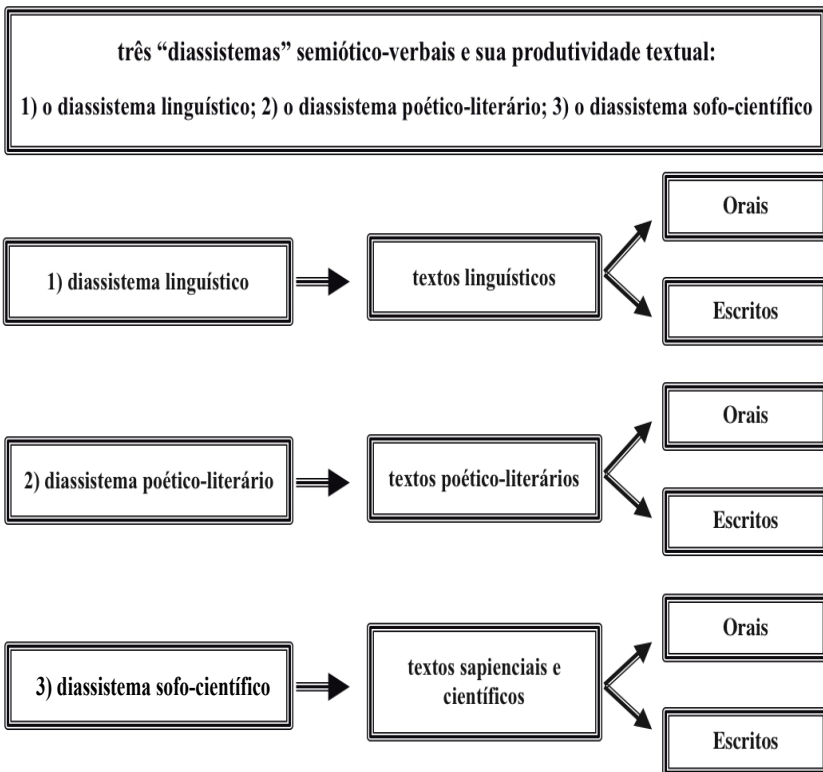
¹ Para um indispensável enquadramento teórico dos “sistemas semióticos”, cf. Vítor Manuel de Aguiar e Silva: *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 82002, pp. 90-107.

A LÍNGUA PORTUGUESA

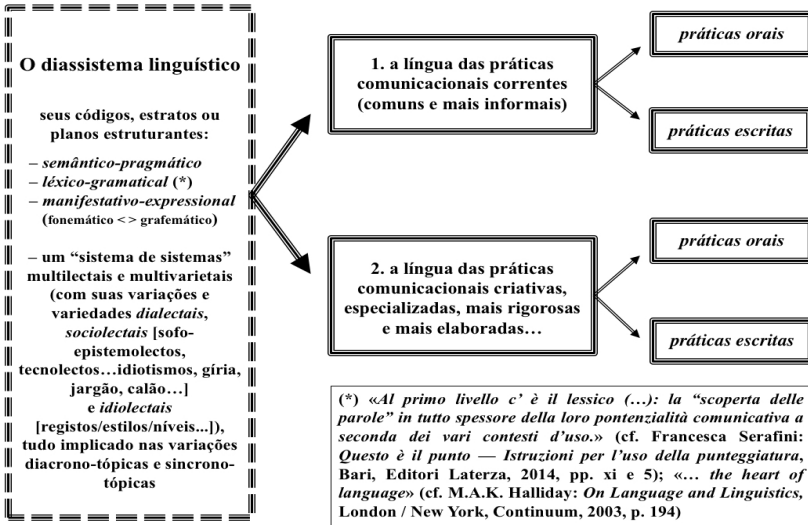
geratriz de três

dos mais importantes e fecundos

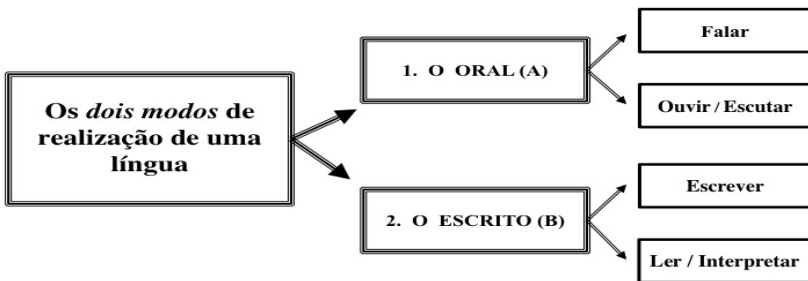
«diassistemas» semiótico-verbais



A Língua Portuguesa enquanto “sistema semiótico” — um “diassistema” — suas práticas comunicacionais



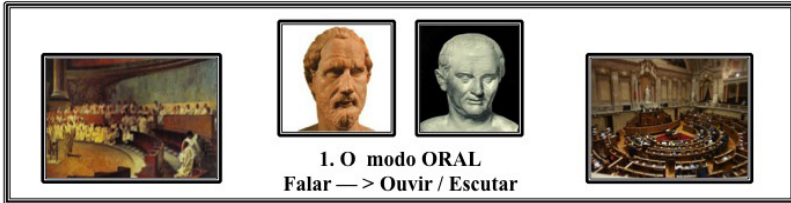
Os dois diferentes *modos* de comunicar através da língua: *o modo oral* e *o modo escrito*



(A) concretizado buco-auditivamente (fonação <> auscultação), na base de *sons / fones / fonemas* (vocálicos e consonânticos) produzidos pelo aparelho fonador e propagados na atmosfera, sob a forma de fluxos acústico-ondulatórios.

(B) concretizado óptico-manualmente, na base de *letras / grafos / grafemas* (que integram o “alfabeto” adoptado por uma dada língua), sob a forma de seqüências ordenadas, inscritas e fixadas num suporte material como o papel, entre outros.

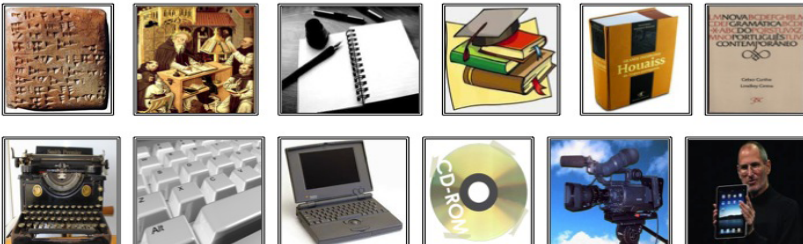
a) modo oral da comunicação verbal
(ilustração icónica)



b) modo escrito da comunicação verbal
(ilustração icónica)

2. O modo ESCRITO: Escrever — > Ler / Interpretar

Nos processos de ensino e aprendizagem do «modo ESCRITO», a interação dialógica «Professor < Aluno» é mediatizada fundamentalmente pelo «modo ORAL» e coadjuvada pelo mais diverso material didáctico, entre ele, no tempo em que vivemos, os recursos tecnológicos.



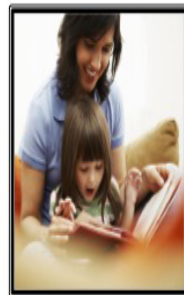
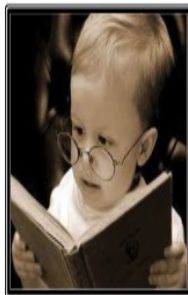
c) contributo dos “modelos” (literários e afins)

**para a aprendizagem do *modo escrito*
da comunicação verbal**

(ilustração icónica)



o processo da *escolarização* e da *literacia*, promotor institucional da *aprendizagem-poiese* da ciência (e demais saberes com ela correlacionáveis...), dos grandes valores civilizacionais da humanidade, da cultura, da arte, da sabedoria e da espiritualidade...



CAPÍTULO V

A “LIÇÃO” DA HERMENÊUTICA DO TEXTO E DA FILOLOGIA

**SIESTEMATIZAÇÃO DO PENSAMENTO
DE TRÊS GRANDES VULTOS
DA HERMENÊUTICA
DO TEXTO**

(aspectos essenciais)

Decisiva para a clarificadora consciencialização que importa levar a cabo é a “lição” que se pode e deve retirar da reflexão proporcionada pelas imprescindíveis áreas da “Filologia” e da “Hermenêutica do Texto”, com as suas rigorosas e exigentes operações de *exegese* e até de *ecdótica*. Vejamos, em esquemática e sistematizadora sinopse, três exemplos de referência.

I. Hans-Georg Gadamer

II. Vítor Aguiar e Silva

III. António Castanheira Neves

I. HANS-GEORG GADAMER

- (i) *Compreender é a forma originária da realização do homem;*
- (ii) *todo o compreender é interpretar;*
- (iii) *compreender é sempre interpretar e, conseqüentemente, a interpretação é a forma explícita da compreensão;*
- (iv) *compreender e interpretar estão co-implicados de modo indissolúvel;*

- (v) *a linguagem verbal é o centro a partir do qual se desenvolve toda a nossa experiência do mundo e, em particular, a experiência hermenêutica;*
- (vi) *a interpretação linguística é a forma da interpretação em geral;*
- (vii) *com a extensão da leitura (...), o escrito (as “litterae”) passa a ser o conceito comum através do qual se designam os textos e a leitura passa a constituir o centro da hermenêutica e da interpretação e a base geral de toda a construção do sentido;*
- (viii) *a leitura dos textos escritos é a mais alta tarefa da compreensão;*
- (ix) *uma consciência formada hermeneuticamente tem que mostrar-se receptiva, desde o início, à alteridade do texto;*
- (x) *a compreensão é sempre interpretação, porque constitui o horizonte hermenêutico em que se faz valer a referência de um texto;*
- (xi) *a interpretação tem que lidar com uma linguagem correcta se quer pôr o texto realmente a falar;*
- (xii) *por último: o texto escrito é sempre o objecto preferido da hermenêutica¹.*

II. VÍTOR AGUIAR E SILVA

- (i) *É primordial o papel da filologia na análise do texto literário, na medida em que só ela garante a autenticidade autoral e a autenticidade material da letra e da forma do texto;*
- (ii) *não há razão hermenêutica, por mais criativa e fulgurante que seja, que possa dispensar a razão filológica;*
- (iii) *sem o conhecimento filológico, sem o suporte da materia-*

1 Cf. Gadamer, Hans-Georg (2001): *Verdad y Método, I*, Salamanca, Ediciones Sígueme, pp. 325, 378, 467, 469, 474, 479, 467, 477, 478, 335, 475, 548; *Idem* (2002): *Verdad y Método, II*, Salamanca, Ediciones Sígueme, pp. 23, 24, 26.

lidade do texto, sem a leitura atenta do texto, sem a moldura intertextual do texto, as construções hermenêuticas são como cavalos sem brida ou como espuma efêmera;

(iv) *conhecer o autêntico corpus textual de um autor, tanto no plano da autoria como no plano das lições, é a condição prévia, absolutamente inarredável, para se conhecer e analisar a sua obra;*

(v) *sem o corpo do texto, não respira o espírito do texto, embora o corpo proporcione múltiplas moradas ao espírito;*

(vi) *quando as incertezas e as dúvidas sobre problemas de autoria e sobre a fixação das lições são múltiplas e ponderosas, a razão filológica tem de ser um suporte e um guia constantes;*

(vii) *sem a disciplina imposta pela razão filológica, sem a ancoragem segura na letra do texto, serão vulneráveis e incertas quaisquer leituras, ficando aberta a porta ao arbítrio interpretativo e às fantasias hermenêuticas;*

(viii) *em síntese: o plano hermenêutico-filológico constitui o irrecusável plano da construção do sentido dos textos pelos seus leitores e intérpretes, plano em que se levam a cabo, e de forma metódica, as mais finas, criteriosas, exigentes e laboriosas indagações das estruturas estilísticas, retóricas, gramaticais, temáticas e ideológicas dos textos¹.*

III. ANTÓNIO CASTANHEIRA NEVES

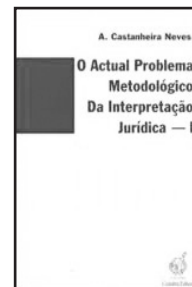
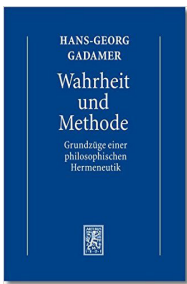
Também Castanheira Neves, *no contexto da sua profunda reflexão hermenêutica e crítica* (sustentada numa vasta e credenciada *base bibliográfica...*) em torno da linguagem jurídica e, mais especificamente, sobre as questões do “referente” e do

¹ Cf. Vítor Aguiar e Silva: *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*, Coimbra, Almedina, 2010, pp. 93-106); *Idem: A lira dourada e a tuba canora*, Lisboa, Livros Cotovia, 2008: pp. 21, 12, 21, 21, 21, 21-22, 208-209.

“sentido”), reconhece que «*a linguagem é a expressão inteligível (compreensivo-significante e comunicativa) da experiência que o homem faz do seu ser-no-mundo*», constituindo, assim, «*a irreduzível mediação*» semiósico-textual nos processos de intelecção das “realidades” que integram essa experiência ou dos “fenómenos” que a tocam...

É ainda nesse mesmo contexto que o insigne Mestre da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra convoca Oswald Ducrot para nos dizer que «*a realidade é muda se não for o referente de um discurso*», ao mesmo tempo que reitera a ideia de que «*a compreensiva experiência humana do ser-no-mundo procura a sua inteligibilidade e esta, a sua expressão estruturada e significante na linguagem e manifesta-se como linguagem.*»

Cabe sublinhar, todavia, como prudencial salvaguarda crítica, que *esse esforço hermenêutico textualmente sustentado e verbalmente mediado e assumido* é intencional e metodologicamente dirigido para a consecução da “normatividade jurídica” e, assim, para o fundamento e o sentido axiológicos das “normas”, do “sistema jurídico” e da “doutrina” e, de modo fulcral, implicativo e intransferível, da “judicação problemático-decisória”, ou seja, da realização histórico-concreta do Direito: o problema da “interpretação jurídica” é um problema específico e indissociável do pensar e do agir jurídicos¹.



1 Cf. A. Castanheira Neves: *O actual problema metodológico da interpretação jurídica - I*, Coimbra, Coimbra Editora, 2003, pp. 45-347 [mais focadamente, pp. 273-274]. Nas imagens, a capa de três de entre as várias obras de referência da autoria dos grandes vultos da *Hermenêutica* acabados de citar.

CAPÍTULO VI

LEXICOGÉNESE, LEXICODIDÁCTICA

E

LOGOPAIDEIA

Matrizes Clássicas

– Latinas e Gregas –

do Vocabulário da Língua Portuguesa,

gravemente atingidas

**pela “acção guilhotinante”
da Base IV do “AO / 1990”**

CONSOANTES ÁTONAS

(P O E M A)

*Emudecer o afe[c]to português?
Amputar a consoante que anima
a vibração exa[c]ta
do abraço, a urgência*

*tá[c]til do beijo? Eu não nasci
nos Trópicos: preciso desta interna
consoante para iluminar a névoa
do meu dile[c]to norte.*

Inês Lourenço: Poema «Consoantes átonas»,
in *Resumo – A poesia em 2010*,
Lisboa, Assírio & Alvim, 2011, p. 65.

6.1. Listagem de 49 importantes “matrizes” latinas lexicogénicas (entre outras...), em que ocorrem as “sequências grafémicas” «ct» / «pt», atingidas pela acção liquidatária da Base IV do “AO / 1990”

ago, -is, -ere, egi, actum
apio, -is, -ere, aptum
augeo, -es, -ere, auxi, auctum
capio, -is, -ere, cepi, captum
carpo, -is, -ere, carpsi, carptum
dico, -is, -ere, dixi, dictum
doceo, -es, -ere, docui, doctum
duco, -is, -ere, duxi, ductum
emo, -is, -ere, emi, emptum
facio, -is, -ere, feci, factum
figo, -is, -ere, fixi, fixum
fingo, -is, -ere, finxi, fictum
flecto, -is, -ere, flexi, flexum
fligo, -is, -ere, flix, flictum
fluo, -is, -ere, fluxi, fluctum
frango, -is, -ere, fregi, fractum
frigo, -is, -ere, frixi, frictum
iacio, -is, -ere, ieci, iactum
iungo, -is, -ere, iunxi, iunctum
lego, -is, -ere, legi, lectum
lugo, -is, -ere, luxi, luctum
mulgeo, -es, -ere, mulsi / mulxi, mulctum
mungo, -is, -ere, munxi, munctum
necto, -is, -ere, nexui / nexi, nexum
opero, -as, -are, -avi, operatum
opto, -as, -are, -avi, optatum
pango, -is, -ere, pepigi, pactum
pingo, -is, -ere, pinxi, pictum
plecto, -is, -ere, plexi / plexui, plexum

pungo, -is, -ere, pupugi, punctum
rapio, -is, -ere, rapui, raptum
rego, -is, -ere, rexi, rectum
rumpo, -is, -ere, rupi, ruptum
scalpo, -is, -ere, scalpsi, scalptum
scribo, -is, -ere, -psi, scriptum
sculpo, -is, -ere, -psi, sculptum
seco, -as, -are, -cui, sectum
specio, -is, -ere, spexi, spectrum
stinguo, -is, -ere, stinxi, stinctum
stringo, -is, -ere, -nxi, strictum
struo, -is, -ere, -uxi, structum
tango, -is, -ere, tetigi, tactum
tego, -is, -ere, texi, tectum
tingo / -guo, -is, -ere, tinxi, tinctum
traho, -is, -ere, traxi, tractum
unguo / -go, -is, -ere, unxi, unctum
veho, -is, -ere, vexi, vectum
vincio, -is, -īre, vinxi, vinctum
vinco, -is, -ere, vīcī, victum

...

Nota: Observe-se atentamente, em todas estas «matrizes», a forma nominal do *supino*, desde «*actum*» (do verbo «*ago*»), até «*victum*» (do verbo «*vinco*»)... Cabe esclarecer, neste contexto, que a inclusão intencional do verbo «*opero*, -as, -are» (que significa: *produzir, com qualidade, a abundância ou riqueza de bens materiais ou imateriais...*) nesta listagem teve como objectivo explicar o *absurdo* da supressão do grafema «*p*» no adjectivo «*óptimo*», superlativo (proveniente, por via erudita, do seu étimo latino «*optimu[m]*») com que distinguimos, no mais alto grau da escala axiológico-valorativa, *tanto o produtor como o produto que apresentam a mais alta qualidade*. De facto, aplicamos o qualificador «*óptimo*» (que é o nível mais elevado de uma “escala qualitativa” que inclui os graus de: *péssimo, mau, insuficiente, medíocre, suficiente, bom, muito bom e óptimo...*) tanto a um trabalho produzido que revela «alta qualidade», por exemplo, na área da construção civil, como a «um trabalho de excelência» na esfera académica ou da aprendizagem escolar: e.g.: trata-se de umas *óptimas* instalações, de uma *óptima* «dissertação», de um *óptimo* «operário» ou «engenheiro», de um *óptimo* «aluno»... Por outro lado, importa ter na devida conta que a raiz «*op-*» do verbo «*opero*, -as, -are» está presente, como se pode verificar, em vocábulos portugueses (e também de outras euro-línguas: inglês, espanhol, francês...) como os seguintes: *opulento, opíparo, cornucópia, copioso, cópia, inópia* (= falta de bens, indigência), *copista, optimista, optimismo, otimizar*, etc...

6.2. AS DUAS MAIS IMPORTANTES VIAS HISTÓRICO-GENEALÓGICAS DA *LEXICOMORFOSE*:

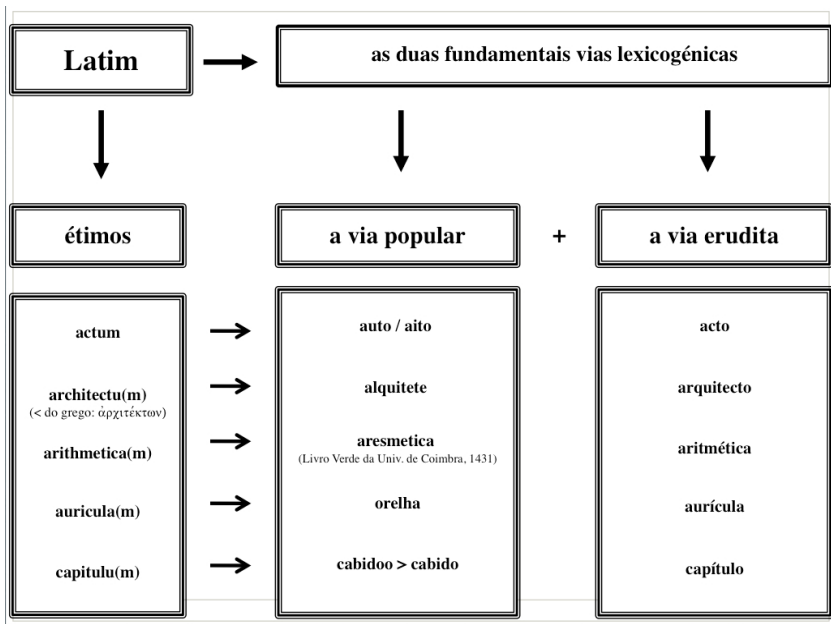
A *VIA POPULAR* E A *VIA ERUDITA*

*o ensino-aprendizagem do vocabulário,
com especial destaque para o erudito
e especializado*

Do *Latim* para o *Português*

que é uma das mais importantes

línguas românicas ou *neolatinas*



6.3. Análise comparativa *inter-linguística* e *inter-lexical*

Consideremos, agora, com muito especial atenção, alguns exemplos da “produtividade *lexicogénica*” dessas matrizes latinas¹, com o objectivo de *proceder a uma análise comparativa inter-linguística e inter-lexical* (latim, português, inglês, espanhol, francês, romeno, italiano, alemão e, pontualmente, outras línguas de origem indo-europeia: grego, sânscrito, persa, russo, germânico, norueguês, sueco, finlandês, etc...) e demonstrar e comprovar como

A LÍNGUA PORTUGUESA,

*DO PONTO DE VISTA ORTOGRÁFICO,
PASSOU A AFASTAR-SE DO LÉXICO
DAS GRANDES EURO-LÍNGUAS DE COMUNICAÇÃO
CIENTÍFICO-SAPIENCIAL ESCRITA,
afastamento esse, tanto mais grave, quanto é
certo que estamos na “Era da Intercomunicação
Global” à escala planetária e da promoção da
“Literacia Científica, Civilizacional,
Cultural e Sapiencial” para o exercício
da Cidadania.*

¹ Ver, atrás (ponto 6.1.), o diagrama «Listagem de 49 matrizes etimológicas».

6.4. INVENTARIAÇÃO E ANÁLISE DE NATU- REZA INTER-LINGUÍSTICA E INTER-LEXI- CAL DE 8 DAS 49 MATRIZES LATINAS LEXI- COGÉNICAS ANTERIORMENTE LISTADAS

Deste modo, se exemplifica o que são *as graves con-sequências* da *supressão do primeiro dos grafemas* (grafema *genómico*) das sequências «*ct*» e «*pt*» no vocabulário de matriz clássica (latina e grega) mais denso, mais rigoroso e mais expressivo, nomeadamente o seu impacto nas “*terminologias especializadas*” da «*linguagem científico-sapiencial e académica*» e o *flagrante afastamento relativamente às mais importantes euro-línguas de comunicação escrita do grande conhecimento a nível mundial, com destaque para língua inglesa, a espanhola e a francesa, entre outras...*

Imagine-se, por outro lado, quanto representa o esforço despendido, como navegador solitário, no homólogo trabalho de inventariação comparatística para as restantes 41 matrizes latinas, com o minucioso cuidado de sublinhar *a negrito* [*bold*], *uma a uma*, as raízes dos lexemas das oito línguas a seguir comparadas: *latim, português* (pelo anterior Acordo Ortográfico de 1945), *inglês, espanhol, francês, romeno, italiano e alemão!*...

Depois de concluída a leitura, curiosa e atenta, da amostragem que se segue, tirem-se as devidas ilações!...

6.4.1. ago, -is-, -ere, egi, actum

raiz: **ag**¹- < * ∂_1 agê- [com as variantes **ak-s-** / **ig-** / **eg-** / **ac-t**], com o significado fundamental de “agir, impulsionar, movimentar e actuar direccionadamente, guiar, conduzir, seguindo um rumo...”

Esta raiz está na génese de mais de 300 lexemas do “inventário lexical” (popular e erudito) da Língua Portuguesa, desde os medievais e populares ‘aito / auto’ e ‘coita / cuita / cueita’, até aos eruditos ou especializados ‘actancial’, ‘actante’, ‘actor’, ‘actriz’, ‘actual’, ‘actuar’, ‘axioma’, ‘estratégia’, ‘exacção’, ‘exacto’, ‘exacto’, ‘reactor’, ‘redactor’, ‘sinagoga’...

Nota: a raiz **ag-**, com as suas variantes, está presente, por exemplo, no homólogo verbo grego ἄγω, no nome próprio **Ogma** (do antigo irlandês: < do Céltico: ***Ogmios**), com o qual se designava uma divindade céltica, tradicionalmente considerada a inventora do alfabeto druídico sagrado — alfabeto *ogham* —, usado pelas línguas gaélicas (ou goidélicas).

VOCABULÁRIO LATINO (AMOSTRAGEM)

abactio abigere actio actionarius actitare actiuncula activare activatio activitas activus actor actrix actualis actualitas actuare actuarius actum actuosus adigere agenda agens agentia agere agilis agilitas agitare agitatio agitator agon agonia agonista agonisticus agonizare coactio coactor coactus coagulare coagulum cogens cogere (< co + ag + ere) cogitare (< co + ag + itare) exactio exactor exactus exagitare exagium examen (ex + ag + men) excogitare exigens exigentia exigere exiguitas exiguus fustigans fustigare indagare indagatio indagator intransigens intransigentia navigare prodigalitas prodigium prodigus protagonista recogitare redactio redactor redigere (¶< red- / re- = movimento para trás, repetição revisiva, reanálise reformuladora...□+ ago) retroactio retroagere subigere transactio transactus transigens transigentia transigere...

CONTRAPONTO INTER-LINGUÍSTICO E INTER-LEXICAL

(com base na raiz: ac- / ac-t- // ag- / eg- / ec- / ig-)

PORTUGUÊS

*acção accionar accionista acta actância actante activa activa-
ção activador activante activar actividade activista activismo
activo acto actor actriz actuação actual actualidade actualiza-
ção actualizar actualmente actuante actuar actuarial actuário
actioso axiologia¹ [ag > ac + s + io + logia] axiológico axioma
axiomático coacção coactivo coactar coactor coagulação coá-
gulo estratégia estratégico exacção exactidão exacto exactor
exame hipnagógico inacção inactivo inactividade intransigência
intransigente objurgação objurgar objurgatório (ob-ius-ago >
ob-iur-igo > ob-iur-go) pró-activo reacção reaccionário reacti-
vo reactor redacção redactor retroacção retroactivo transacção
transacto transigir...*

INGLÊS

*action act activate activity activist active actor actress actual
actuality actuate axiology axiologic axiom axiomatic coercion
coactive coact coactor coagulation exact exam exaction hypna-
gogic inaction inactive inactivity intransigent objurgate reactor
strategy...*

1 De notar que o grafema «x» tem, nos vocábulos da família de «axiologia», «axiológico»... «axioma» (como, acontece, aliás, com outras famílias lexicais [ex: *lexema, lexical... nexo, conexo, conexão...*]), o valor de um dígrafo «cs» (correspondente ao grafema grego «ξ»), facto que nos permite pôr em evidência a base matricial da raiz «ag-/ac-», presente nestes lexemas relacionados com o verbo «ago, -is, -ere, egi, actum».

ESPAÑHOL

*acción accionar accionista **acta** activar actividad activista activo acto actor actriz actual actualidad actuar axiología axiológico axioma axiomático coacción, coactivo coágulo estrategia exactión exactitude exacción exacto exactor examen inacción inactividad inactivo reactor objurgación...*

FRANÇÊS

action actionner actionnaire activer activité activiste actif acte acteur actrice actuel actuer actualité axiologie axiologique axiome axiomatique coaction exact exaction exactitude examen hypnagogique inaction inactivité inactif intransigeance objurgation réacteur stratégie...

ROMENO

act acțiuna acțiune active activarea active activitate actor actriță actual actualizare exact exactitatea inacțiune inactiv inactivitate reacție reactor redacțional redactorul...

ITALIANO

azione attività attivista attivo atto attore attrice attuale attualità attuare assiologia assiologico assioma assiomatico coazione coattivo esame esattezza esatto esattore esazione inattivo inazione reattore obiurgare...

ALEMÃO

Akt Akte Akten Aktenmappe Aktnnotiz Aktenordner, Aktenschrank, Aktenvermerk, Aktenzeichen Akteur Aktie Aktienbörse Aktion

*Aktionär Aktiv Aktivator Aktiven Aktivieren Aktivismus Aktivist
 Aktivität Aktualität Aktuell Axiom Axiomatik axiomatisch axio-
 me exakt Examen inaktiv Inaktivität Reagenzglas reagieren
 Reaktion reaktionär Reaktor Redakteur Redaktion...*

6.4.2. capio, -is, -ere, cepi, captum

raiz: *kəp- / kēp- / kōp- [com as variantes: cap- / cip- / cep- / cop-], portadora do significado fundamental de “*captar, capturar, agarrar, tomar com as mãos ou com a mente...*”; está presente, por exemplo, em vocábulos ingleses como *hawk* (= falcão, ave de rapina) e *haven* (= porto marítimo, cais de aportagem e de carga e descarga dos navios...), no irlandês *cachtain* (= tomar como prisioneiro), no grego κόπη (= manjedoura, presépio, creche...), κόπτω (= captar com as mãos, com as garras, com a boca) e κόπη (= mão cheia; cabo ou punho dos remos)...

VOCABULÁRIO LATINO (AMOSTRAGEM)

*acceptabilis acceptatio acceptator acceptio acceptor acceptum
 accipere antecapere anticipare capabilis capacitas capax capere
 captatio captator captiosus captivator captivitas captivus capta-
 re captor captura conceptio conceptaculum conceptum concipere
 deceptio deceptor deceptum decipere decipula deinceps discep-
 tatio disceptator disceptare exceptio excipere forceps incapabi-
 lis incapacitas incapax inceptio inceptivus inceptor inceptum
 incipere manceps municeps municipalis municipium occupatio
 occupatus occupare particeps participatio participialis parti-
 cipium participare perceptibilis perceptio percipere praeceptio
 praeceptivus praeceptor praeceptum praecipuus princeps princi-*

*palis principalitas principatus principere principiari principium
receptaculum receptatio receptio receptor receptorium recipere
recuperator recuperare susceptio susceptor susceptum suscipere
usucapio...*

CONTRAPONTO INTER-LINGUÍSTICO E INTER-LEXICAL

(com base na raiz: cap- / cap-t // cep- / cip-)

PORTUGUÊS

*acepção antecipação anticipar capacidade capaz incapaz capcio-
so captação captar captura cativar (< lat: **captivare** **cativeiro** **ca-
tivo** (< **captivu(m)** > **cativo** [assimilação p > t + redução: **tt** > **t̃**])
concepção **conceito** (< do latim: **conceptu(m)**, com a vocalização
p > **i**) **preconceito** (ver atrás: **conceito**) **conceptualismo** **concepti-
vo** **contracepção** **contraceptivo** **decepção** **decepção** **decepção**
excepcional **excepto** **excipiente** **incapacidade** **incapacitar** **incapaz**
incipiente **intercepção** **interceptar** **interceptor** **intussuscepção** **mu-
nicipal** **município** **participação** **participante** **participar** **partícipe**
participio **percepção** **percepção** **perceptível** **recepção** **receptá-
culo** **recepção** **recepção** **recepção** **receptividade** **receptivo** **receptor**
recipiente **suscepção** **susceptibilidade** **susceptível** (**suscipio**, **-is**,
-ere < **sub-capio**)...*

INGLÊS

*acceptation anticipation anticipate capacity captious capture con-
traption contraceptive deception deceptation except exception
exceptional excipient incapacity incipient interception intercept
interceptor intussusception participant participate participation
participle perceptible perception receptacle reception receptionist
receptive receptor recipient susceptibility susceptible...*

ESPAÑHOL

*acepción anticipación anticipar capacidad capcioso captación
captura contracepción contraceptivo decepción decepcionar ex-
cepción excepcional excepto excipiente incapacidad incipiente
intercepción interceptar interceptor intususcepción participación
participante participar partícipe participio percepción recepción
receptor suscepción susceptible susceptibilidad...*

FRANCÊS

*acceptation capacité captation capture excepté excepter exception
exceptionnel excipient incapable incapacité intercepter intercep-
teur interception intercepteur intussusception participant parti-
cipation partícipe perception percepcionner réceptacle réception
réceptionner récepteur récipient susceptible...*

ROMENO

*accepta acceptare anticipa capacitate capabil capabilitate cap-
tiva captivant captivat captivitate captor captura excepție inca-
pabil incipient interceptie municipalitate municipiu participa
participiu percepere perceptive pricep pricepe priceput recepție
recepționa receptor recipient recipientul...*

ITALIANO

*accettabile accettare accettazione accettevole accettore accezio-
ne anticipazione anticipare capacità capzioso cattura parteci-
pante partecipare partecipazione partecipe partecipio ricettore
susceppibile susceppibilità...*

ALEMÃO

*Antizipation antizipieren Kapazität Capture Contraceptive
Konzept konzeptionell Konzeptualismus Partizip Rezeption
Suszeptibilität...*

6.4.3. facio, -is, -ere, feci, factum

raiz: **dhe-** [com as variantes: **fāc-** / **fēc-** / **fīc-** / **thē-** / **thē-**]:
“pôr, colocar, dar existência ao que não existia, fazer, afei-
çoar...”; em grego: τίθημι, θέσις, θέμα...

**VOCABULÁRIO LATINO
(AMOSTRAGEM)**

*affectio affectivus affecto affectum affectus afficio confectio con-
fector conficio confectum defectibilis defectio defectivus defectus
deficio difficilis difficultas effectio effectivus effectus efficacia ef-
ficax efficiens efficientia efficio facetia facetus facialis facies fa-
cilis facilitas facinorosus facinus facticius factio factiosus factor
factura factus facultas imperfectio imperfectus infectio infectus
inficio interficio officio perfectio perfectus perficio praefectura
praefectus praeficio profectio profectus proficio refectio refector
refectorius refectus reficio sufficiens sufficio superficies...*

**CONTRAPONTO INTER-LINGUÍSTICO
E INTER-LEXICAL**

(com base na raiz: **fac-** / **fuc-t** // **fec-t** / **fīc-**)

PORTUGUÊS

afectar afectivo affecto afeição artefacto confecção confeccionar

defectivo defeito efeito efectivo efectividade efectuar fácil facilidade facilitar difícil dificultar faccioso fac-símile facciosismo factó feito (factu[m] > faito > feito, com vocalização c > i e fechamento do ditongo ai > ei) factor factótum factura feitura (< factura > faitura > feitura, com vocalização c > i e fechamento do ditongo ai > ei) faculdade infecção infeccioso manufactura manufacturar perfeição (do latim: perfectione[m], com vocalização c > i) perfeito (do latim: perfectu[m], com vocalização c > i) perfectivo perfeccionismo tumefacção tumefacto...

INGLÊS

affect affective affection artefact confection defective defect effect effective effectivity effectuate facility facilitate difficult difficulty facsimile factious factiousness fact factor factotum facture faculty infection infectious manufactory manufacture manufacturer manufacturing perfection perfect perfecter perfectibility perfectible perfeccionism perfectionist perfectly perfective tumefaction...

ESPAÑHOL

afectar defectivo defecto efecto efectivo efectividad efectuar facsímil factó factor factótum factura infección infeccioso manufactura manufacturar perfección perfecto perfectivo perfeccionismo tumefacción tumefacto...

FRANCÊS

affect affecter affectif affectation affection affectionner affectueux confectionner contrefaçon contrefacteur defect défectif désaffecter désaffectation difficile difficulté effectif effectuer facile facilité faciliter façon façonnage façonner fac-similé factieux

facteur factice factieux factitif factoriel factotum factuel facturation facture facturer facultatif faculté fait infection infectieux manufacture manufacturer perfection parfait perfectibilité perfectible perfectif perfection perfectionnement perfectionner perfeccionnisme perfeccionniste...

ROMENO

afecta afecteze afecțiune afectivitate afectuos defectare defective defectuos deficient dificil dificultate effect efectiv eficace facibil facilitate facsimil factură facturare factorial facultate infecta infecție...

ITALIANO

affettare affettazione affettività affettivo affetto affettuoso confetteria confettiere confetto confettura difetto / difetto difficile difficoltà effetto effettività facile facilità fatto fattore factotum fattura facoltà infettare infezione perfetto tumefatto...

ALEMÃO

Affekt affektiert affekthandlung affektiertheit Defekt Fakt faktisch faksimile Faktor Faktum Fakultät fakultativ Infektion infektiös...

6.4.4. *fin*go, -is, -ere, *fin*xi, *fic*tum

raiz: **dheigh-* / *dhigh-* / *dhoigh-*

(com outras variantes, como:

**dāg-* / **daigjōn-* / **dig-* / *dhig-n-gh-* / *fig-* / *fic-*...),

portadora da significação genealógica de

“amassar barro ou farinha, modelar, dar forma, afeiçoar;

fingir, ficcionar, figurar...” Esta raiz apresenta variações fonográficas (decorrentes de fenómenos de vocalismo [«grau e» / «grau zero» / «grau o»], de consonantismo [dental / lábio-dental: *d / f*] e de ampliamentos sufixais) e está presente (com o significado transversal de «barro ou farinha amassada», «figuração feita em massa moldável ou afeiçãoável») em vocábulos como: *daçza* (persa); *dough* (inglês); *teic* (antigo alto alemão); *Teig* (alemão); *figure, feign, fiction, effigy* (inglês); *deg* (sueco); *deeg* (holandês); *θυγγάνω* [*thingano*] (grego) = *afeiooar com a mão...*; *figura* // *fingere* (latim) = *figura, representação* // *fingir, imitar...*
 De notar que o verbo *fingo, -is, -ere* é um presente formado com base na raiz *fig-*, com a interposição do infixio nasal «*n*»: *fi(n)gere...*

VOCABULÁRIO LATINO (AMOSTRAGEM)

adfigurare affigurare affingere circumfingere configuratio configurare defingere effictio effigere effigia effigiatus effigientia effigies fictio factor fictrix fictum fictura figulinus figulus figura figuralter figurans figurare figurate figuratio figurativus figurato figurator figuratus fingibilis fingere infingere transfictio transfigurabilis transfiguratio transfigurator transfigurare transfingere...

CONTRAPONTO INTER-LINGUÍSTICO E INTER-LEXICAL

(com base na raiz: *fig-* / *fic-* / *fic-t-*)

PORTUGUÊS

afiguração afigurar(-se) configuração configurar desfigurar desfigurado fingir efígie ficção fictício ficto factor figura figu-

ração figurado figurador figurante figurão figuração figurativo figurinista figurino fingido fingimento fingível fingir finta fintar prefiguração prefigurar refiguração refigurar transficção transfiguração transfigurador transfigurar transfigurável...

INGLÊS

affiguration configuration configurate configurational configurationism configure configurator defigure disfiguration disfigure disfigurement disfigurer disfiguring effigy fictile fiction fictional fictionalisation fictionalise fictioneer fictionist fictious fictitious fictitiously fictitiousness fictive figuration figurative figure figurationism figured prefiguration prefigure refiguration refigure transfiguration transfigure...

ESPAÑHOL

configurabilidad configuración configurar fingido fingidor fingimiento fingir efigie ficción ficcional ficto fictura figura figuración figurado figurador figurante figurar figurilla figurín figurinismo figurinista figurativismo figurativo figurón finta transficción tra(n)sfigurable tra(n)sfiguración tra(n)sfigurador tra(n)sfigurar tra(n)sfigurarse...

FRANCÊS

configureur configuration défiguré défigurer effigie feindre feinte fictif fiction fictivement figuration figurative préfigurer préfiguration refigurer transfiguration transfigurer...

ROMENO

configurare configurat configuraie efigia ficțiune fictiv figura figurativ figurină configuraie ficțiune, fentă prefigurează...

ITALIANO

configurare effigiare effigie figulina figura figurabile figurativo figurato figuratore figurazione figureggiare figurone fingere finto finzione fittile fittizio raffigurare sfigurare sfigurato sfiguratore strafigurare trasfigurare trasfigurato trasfigurazione...

ALEMÃO

Charakterfigur Figur figural Figurant figurbetont Figurenbezeichnungen Figürchen Figurine figürlich Fiktion fiktiv Gipsfigur Idealfigur Konfiguration Konfigurator konfigurieren konfigurierung Kunstfigur Porzellanfigur Romanfigur Schachfigur Tanzfigur Wachsf figur...

6.4.5. seco, -as, -are, secui, sectum

(*sek- / sec- / seg- / sok- = “cortar”)

(antigo inglês: *seax* [= faca, espada]; antigo germânico:

Saxon [= «guerreiro armado de espada»];

lituano: *išsėkti*; antigo eslavo: *sěšti*; antigo islandês: *saxi*;

sueco: *sachsare*...)

VOCABULÁRIO LATINO (AMOSTRAGEM)

consectio desecare dissecare insecare insecabilis insectum intersecare intersectare intersectum reseca resectio resectum secans secare sectio sector segmen segmentum...

CONTRAPONTO INTER-LINGUÍSTICO E INTER-LEXICAL

(com base na raiz: seg- / sec- / sec-t-)

PORTUGUÊS

*bissecção bissectar bissector bissectriz bissegmentar dissecação
dissecador dissecar dissecável dissecação dissectivo dissector in-
tersecção intersectar ressecar ressecção secante secção séctil
sector sectorial sectorio sectorizar sectura segada segador segar
segmentação segmentar segmentário segmento...*

INGLÊS

*bisect bisection bisector dissecting dissection intersect intersection
resect resectable resection sectile section sectional sectionalize
sector sectorial...*

ESPAÑHOL

*bisecar bisección bisectar bisector bisectriz bisegmentar diseca-
ble disecación disecador disecar disección disector intersección
intersectar resecar resección secante sección seccionador sector
sectorial segmentación segmentar segmento...*

FRANÇÊS

*bissecteur bissectrice bisection dissecteur dissection intersec-
tion résection sécable sécante secteur section sectionner sec-
tionneur sectoriel sectorisation sectoriser segment segmentaire
segmenter...*

ROMENO

bisectoarele bisectoare secantă sector secionare secționarea secționare secțiune...

ITALIANO

bisetto bisettore bisettrice bisezione disseccare disseccazione disseccativo intersecare intersettoriale intersezione resecare risecare secante secare segmentabile segmentale segmentare segmentazione segmento settile settore settoriale sezionale sezionamento sezionare sezione...

ALEMÃO

Bisektionsverfahren Bisektor Bisektoren Dissektion Dissektor Resektion Segment Segmentieren Sektor sektoriell sektors-pezifischen sektorale sezieren seziermesser...

6.4.6. specio, -is, -ere, spexi, spectrum

(spek- [> spik-] / spok > // — > por metátese: skep- / skop-)
= observar atentamente):

exs.: em latim: spectator, spectrum, speculum, speculatio...;
em grego: ἐπίσκοπος [ἐπί + σκοπος] σκεπτικός, σκέπτομαι, σκοπεῖν, σκοπή, σκοπία...; em sânscrito: spácati; em inglês: espy (através do francês antigo espier), spice (em francês antigo épice [= especiaria < do latim: species])...

VOCABULÁRIO LATINO (AMOSTRAGEM)

aspectare aspectus aspicere circumspectio circumspectus conspectus conspicere conspicuus despectare despectus despicere

dispectum dispicere exspectabilis exspectatio exspectare frontispicium haruspex [< haru- + *spex*; em sânscrito: *hírah-* ; raiz i.-e.: **gherā / ghṛā* - [> *har-*] / *ghorā* - (= entranhas, vísceras, tripas... com que se faziam as cordas dos instrumentos musicais); em grego: χορδή] *haruspicium inspectio inspectare inspector inspiciere introspicere perspectare perspectivus perspectus perspicax perspicere perspicientia perspicuitas perspicuus prospectare prospector prospectum prospicere prospiciens prospicientia respectare respectio respectus retrospectum retrospectivere specere specialis specialitas species specificus specimen speciosus spectabilis spectaculum spectatio spectator spectare spectrum specularis speculatio speculativus speculator speculati speculum suspectio suspectare suspectus suspicere suspicio suspiciosus...*

CONTRAPONTO INTER-LINGUÍSTICO E INTER-LEXICAL

(com base na raiz: *spec-t- / spic-*)

PORTUGUÊS

aruspicação arúspice aruspicina aruspício aspecto aspectual áuspice auspiciar auspício auspicioso circunspeção circunspecto conspecto conspícuo despeita despeitar despeito despiciência despiciendo despiciente especial especialidade especiaria espécie especificar específico espécime especiosidade especioso espectacular espectáculo espectador expectante esperar espectral espectro especulação especulador especular especulativo espéculo espelho espia espião espiar expectante esperar expectativa expectatório frontispício inspeccionar inspeção inspector insuspeição insuspeito introspeção introspectivo intuspeção perspectiva perspectivar perspectivismo perspicácia perspicaz perspicuidade perspícuo prospeção prospectar prospectivo prospecto prospector respectivo respeitar respeito respeitoso réspice retrospecto retrospectivo retrospector suspeição suspeito suspicácia suspicaz...

INGLÊS

aspect *circumspect* *conspectus* *conspicuous* *conspicuity* *despite* *espy* *spite* *despise* *despicable* *expectation* *expectancy* *expect* *expectant* *haruspex* *inspect* *inspection* *inspector* *introspect* *introspection* *introspective* *perspective* *perspicacious* *perspicacity* *perspicuity* *perspicuous* *prospect* *prospection* *prospective* *respect* *respectable* *respectative* *respite* *retrospect* *retrospection* *retrospective* *special* *specialist* *speciality* *specialization* *spectacular* *spectacularity* *spectator* *spectacle* *spice*...

ESPAÑHOL

arúspice *aruspicina* *aspecto* *aspectual* *circunspección* *circunspecto* *conspecto* *conspicuo* *despechar* *despectivo* *despecho* *especial* *especialidad* *especialista* *especialización* *especializar* *espectacular* *espectáculo* *espectador* *expectación* *expectante* *expectativa* *inspección* *inspeccionar*; *introspección* *introspectivo* *perspicacia* *perspicaz* *perspectiva* *perspectivismo* *perspicuidad* *perspicuo* *prospección* *prospectar* *prospecto* *prospectivo* *prospector* *respectivo* *respecto* *respetable* *respetabilidad* *respetar* *respeto* *respetuoso* *réspice* *retrospección* *retrospectivo* *retrospector*...

FRANCÊS

aruspice (e também: *haruspice*) *aspect* *circonspect* *dépit* *épice* *expectation* *expectative* *inspection* *inspecter* *inspecteur* *introspection* *introspectif* *perspicace* *perspectif* *perspective* *perspectivisme* *prospecter* *prospection* *prospect* *prospecteur* *prospectif* *prospecteur* *répit* *respect* *respectable* *respectabilité* *respecter* *respectif* *respectueux* *rétrospection* *rétrospectif* *rétrospective* *spécial* *spécialiser* *spécialiste*, *spectacle* *spectacteur* *spectaculaire*...

ROMENO

aspect *inspecția* *inspector* *perspectivă* *respect* *retrospectivă* *spe-*

*cial specialitate speciație specie specific specificitate spectacol
spectacular spectator spectrometrie spectroscopie spectru...*

ITALIANO

*aruspice aruspicina aruspicio aspettare aspettativa aspetto cir-
cospetto circospezione cospetto cospicuità cospicuo dispettare
dispetto dispettoso ispettivo ispettorato ispettore ispezionare is-
pezione perspicace perspicacia perspicuità perspicuo prospetta-
re prospettico prospettiva prospettivismo prospetto prospettore
prospezione rispettivo/rispettivo rispetto/rispetto retrospettiva
retrospettivo rispettabile rispettare rispettoso spettacolare spet-
tacolo spettatore...*

ALEMÃO

*Aspekt Inspektion Inspektor inspizieren Prospekt Respekt res-
pektieren spezial spezialität spezialisieren...*

6.4.7. traho, -is, -ere, traxi, tractum

raiz: tragh- > trac- = arrastar, puxar para si, atrair, mover...;
esta raiz está na génese de mais de 300 vocábulos
(cf. o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*
na entrada «traz-»)

**VOCABULÁRIO LATINO
(AMOSTRAGEM)**

*abstractio abstractum abstrahere attractor attractum attrahere
contractio contractor contractus contrahere detractio detractor
detractum detrahere distractio distractus distrahere extractio ex-
tractor extractum *extragere extrahere intractabilis protractum*

*protrahere retractare retractionis retractio retractatio retractator
retracto retractus retraho retrahatio subtractio subtractum sub-
trahere *tractiare tractabilis tractatum tracto tractus *tragella
*tragere *trahinare tragula...*

CONTRAPONTO INTER-LINGUÍSTICO E INTER-LEXICAL

(com base na raiz: *tra(h)- / trac-*)

PORTUGUÊS

*abstracção abstraccionismo abstracto abstrair adstracto apetre-
chamento apetrechar apetrecho(s) atracção atractividade atrac-
tivo atractor atraente atrair atreito atrelado atrelar contracção
contractibilidade contráctil contracto contractura contraente
contrair contratada contratante contratar contratual contreito
detracção detractor descontracção descontrair distracção dis-
tractor extracção extracto extractor extrair maltratar retracção
retráctil retraimento retrair retratar retratista retrato retrete sub-
tracção subtractivo subtrair substrato superstrato traça traçado
traçar tracção tracto tractor trágulo traineira trajar traje tralha
tratado tratamento tratável tratar trato trecho treinador treinar
treino trela trem treno treta...*

INGLÊS

*abstract abstraction abstractionism adstratum attract attraction
attractive attractor contract contractile contractility contraction
contractor contractual contracture detract detraction detractor
distract distraction distractor extract extraction extractive ex-*

tractor portrait portray protract protraction protractor retract retractable retractile retraction retreat substrate substratum subtract subtraction subtractive substratum superstratum trace tract traction tractor trail trailer train trainer training trait trawl trawler trawling treat treatable treatise treatment treaty...

ESPAÑHOL

abstracción abstracto abstraer adstrato atracción atractivo atraer atrayente contracción contráctil contractilidad contractivo contrato contractual contractura contraer contrayente contrato contratar contrata detracción detractor detractor detraer detraimiento distracción distractor entrenador extracción extractar extracto extractor extraer maltratar pertrechar pertrecho retracción retráctil retractación retractar retracto retraer retraimiento retratar retrato retrotraer supe-retrato sustraer sustracción sustrato tracción tractor trailla tralla trainera traje trajinar tratadista tratado tratante tratar tratamiento trato traza trazar trecho trehear tren treta...

FRANÇÊS

abstractif abstraction abstraire abstrait adstrat attractif attraction attirer attiré attrayant contractant contracte contracté contracter contractile contraction contractuel contracture contrat détracter détracteur détraction distraction distractivité distraire distrait distrayant extracteur extractible extractif extraction extraire extrait maltraiter portrait rétractable rétractation rétracter rétracteur rétractible rétractif rétraction soustractif soustraction soustraire substrat substratum superstrat trace trailla train traînage traîne traîneau traîner traire trait traite traitable traitant traité traitement traier...

ROMENO

abstract abstracție atracție atrăgător atrage contractile distracție distractiv distractivul extracție sustrage...

ITALIANO

adstrato astrarre astrattezza astrattismo astrattivo astratto astrazione attrazione attraente attraenza attrarre attrattiva/o attratto contrattabile contrattare contrattazione contrattile contrattilità contratto contrattista contrattuale contrattualismo contrattura detrarre detrattivo detrattore detrattorio detrazione distrarre distratto distrazione estrarre estrattivo estratto estrattore estrazione maltrattamento maltrattare retrarre retrattazione retrattile retratto retrazione ritrattare ritrattazione ritrattista ritratto ritrazione sottrato sottrarre sottrattivo sottratto sottrattore sottrazione substrato superstrato trattabile trattamento trattare trattatista trattatistica trattato tratto trattore trattura treno...

ALEMÃO

abstrahieren abstrakt Abstraktion Attraktion attraktiv attraktive Attraktor Distraktor Extraktor Extrahieren Extrakt Extraktion kontrahieren Kontrahent Kontrahage Kontrakt kontraktile Kontraktur Porträt porträtieren subtrahieren Subtraktion Tracht tragen Trainer Traktat traktieren Traktor Vertrag Verträge...

6.4.8. veho, -is, -ere, vexi, vectum

raiz: *wēgh- / wōgh- / wēgh- = transportar num carro, mover, carregar, levar...

esta raiz está presente em várias línguas indo-europeias: inglês

antigo: *weg*, caminho; inglês: *way*, caminho;
wagon (< inglês antigo: *wægn* > *wegan*), vagão; gótico:
wigs, caminho; alemão: *Weg*, caminho; *Wagen*, carro; sueco:
vagn; norueguês e dinamarquês: *vogn*; sânscrito:
vāhana-n, carruagem, navio; latim: *vehiculum*;
 islandês: *vagn*, viatura...

(Cf: Robert K. Barnhart [edit.]: *Chambers Dictionary of Etymology*, Edinburg
 / New York, Chambers Harrap Publishers Ltd, 2001, entradas: «*wagon*»,
 «*way*» e «*weigh*»...)

VOCABULÁRIO LATINO (AMOSTRAGEM)

*avehere advehere advectus advector advecticius circumvectio
 convehere convector convexitas convexus devehere devexus
 evehere evectus invectio invectiva invectivare invectivus invectus
 invehere pervehere provectio provectus provehere revehere sub-
 vectio subvehere transvectio transvehere via (< *wegh-ya*) viare
 deviare inviare obviare obvius transvectio trivium trivialis vecta-
 bilis vectabulum vectatio vectio vectare vector vectorialis vector-
 rius vectura vehemens vehementia vehicularis vehiculum viator
 viaticus vena venula...*

CONTRAPONTO INTER-LINGUÍSTICO E INTER-LEXICAL

(com base na raiz: *ve(h)- / vect-*)

PORTUGUÊS

*adveção aviar conveção convectividade convectivo convec-
 tor convexo convexidade eveção enviar invectar invectiva in-*

*vectivar obviar óbvio prévio trivial trívio vectação vectatório
vectocardiografia vector vectorial vectórico vectorizar vectoriz
veemência veemente veicular veículo via viação viaduto viário
viático viatura viável...*

INGLÊS

*advection convect convection convectional convective convector
convex convexity convey convoy envoy evection invective inveigh
obviate obvious previous trivial trivialize trivium vector vectorial
vehemence vehement vehicle vehicular via viable viaduct viatic-
cal viaticum...*

ESPAÑHOL

*convección convexo convexidad invectiva obviar obvio provec-
to trivial trivialidad trivializar trívio vectación vector vectorial
vehemencia vehemente vehicular vehículo vía viabilidad viable
viaducto viático...*

FRANCÊS

*convection convexe convection convexité évection invective in-
vectiver obvie obvier trivial trivialité vecteur vectoriel véhémence
véhément véhéculaire véhicule véhiculer via viabiliser viabili-
lité viable viaduc viatique voie...*

ROMENO

*advectîe convectîe convective convex trivial vector vectorial
vehemență vehicul viaduct...*

ITALIANO

convessità convesso convettivo convettore convezione evezione invettiva inviare ovviare ovvietà ovvio triviale trivialità trivio vettore vettoriale vettrice veemente veemenza veicolare veicolo via viabile viabilità viadotto viario viatico viatore...

ALEMÃO

Adektion Feuerwehrwagen Konvektion Konvektor konvektiv konvex Evektion Invektive Vektocardigraphie Vektor Vektoranalyse Vektorprodukt Vektorrechnung Vektorgrafik Weg Weggang Wegzehrung Wegzug...

6.5. Gravíssimas e Irreparáveis Consequências decorrentes da *supressão de grafemas pertencentes ao “genoma” morfo-semântico* das palavras

Em síntese: após esta amostragem/exemplificação levada a cabo a partir do Latim e envolvendo sete (7) euro-línguas “vivas” numa *análise comparatística de natureza inter-lexical* focalizada em apenas oito (8) do total de 49 *matrizes verbais* que para o efeito seleccionei — 1. *ago... actum*; 2. *capio... captum*; 3. *facio... factum*; 4. *tingo... fictum*; 5. *seco... sectum*; 6. *specio... spectrum*; 7. *traho... tractum*; 8. *veho... vectum* —, **não será difícil visualizar “imaginariamente” idêntico impacto** nas sequências grafémicas «*ct*» e «*pt*» afectadas pela liquidatária Base IV do “AO / 1990” que atinge “mortiferamente” a «*raiz*» **genético-genealógica de inúmeras e importantíssimas palavras, nas restantes quarenta e uma (41) matrizes** (cf. *supra*, o respectivo inventário)...

Tomar-se-á, assim, mais aguda consciência das **gravíssimas consequências que se projectam no irreparável afastamento da Língua Portuguesa, a nível lexical e terminológico, no quadro das dinâmicas de intercomunicação escrita de natureza sapiencial, civilizacional, cultural, literária, sofo-científica, técnica, numa palavra, de natureza especializada...**

6.6. A ANÁLISE MORFÉMICA

6.6.1. De entre vários outros procedimentos metodológicos direccionados para o ensino/aprendizagem do vocabulário (e.g.: *tipificação de dicionários e respectivos modos e técnicas de consulta, análise dos contextos verbais e situacionais de comunicação, radicações genealógicas, reticulações de cognação, mapeamentos eidéticos e constelações lexicológicas, campos semântico-temáticos / áreas lexicais / famílias de palavras, relações de homonímia, sinonímia, antonímia, paronímia, hiperonímia, hiponímia, meronímia, etc...*), **avulta o processo técnico da “análise morfémica”**, com recurso à *Etimologia*, **internacionalmente reconhecido como o “processo de referência” para uma aprendizagem racional, inteligente e memorificante do «vocabulário».**

6.6.2. Na verdade, a “*análise morfémica*” constitui *uma insubstituível técnica metodológico-didáctica*, proposta e recomendada pelos mais prestigiados especialistas da área da «*Didáctica das Línguas*», mais concretamente, *no específico e decisivo âmbito do ensino-aprendizagem do vocabulário*. Este procedimento técnico-metodológico assenta na *decomposição “anatômico-fisiológica”* (permita-se-nos o recurso ao *símile* inspirado no campo da Medicina...) dos elementos constitutivos do “corpo” de cada lexema (ex.: *pro + tec + tor*)

6.6.3. Ora o actual “AO / 1990”, ao “*decretar*” a *supressão de grafemas pertencentes à raiz das palavras* (supressão essa, que tem particular incidência nas sequências «*cc*», «*cç*», «*ct*», «*mn*» e «*pt*», em que alegadamente, sem dar seguras garantias de que assim seja, o primeiro destes grafemas — «*c*», «*m*» e «*p*» — não se pronuncia...), *impede, com gravíssimas*

consequências pedagógico-didáticas e cognitivas, o estabelecimento das correlações morfo-semânticas de vocábulos pertencentes à mesma família lexical e que, portanto, têm a mesma genealogia originante (como se pode verificar através dos diagramas exemplificativos, adiante apresentados).

Componentes morfo-estruturantes de um «vocábulo», «termo» ou «denominação»

— a relevância da “raiz” (“radical”),
enquanto nuclear “matriz *lexicogénica*” —

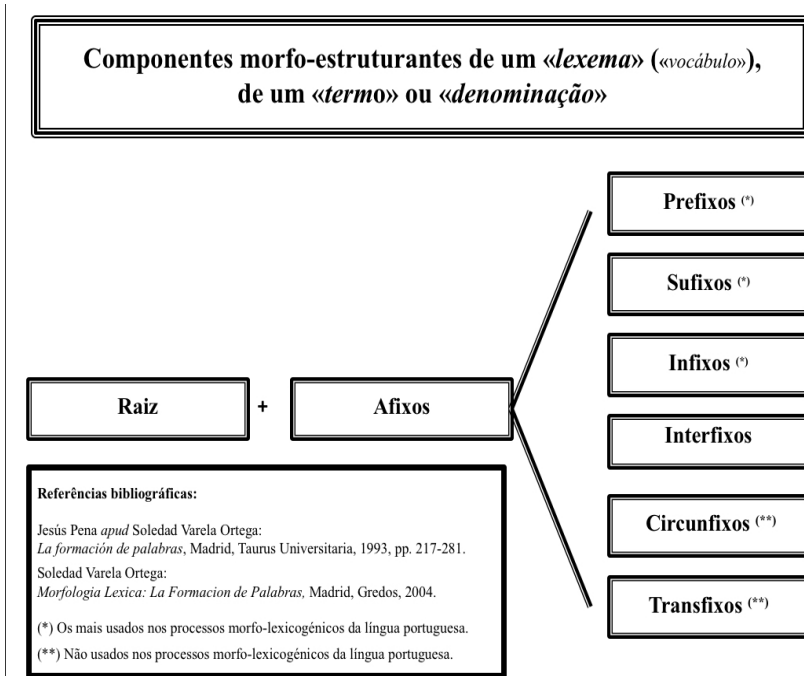
6.6.4. Dos contrapontos *inter-linguísticos* e *inter-lexicais*, acabados de ser observados, decorre o reconhecimento da *imprescindível função da raiz / radical de qualquer palavra na aprendizagem fundamentada, articulada, inteligente e racional do vocabulário* (tanto o de uso corrente como o de uso especializado) *da Língua Portuguesa*, como de qualquer outra das mais importantes euro-línguas — nomeadamente *o Inglês, o Espanhol e o Francês* — que fazem parte dos programas curriculares do nosso Sistema Educativo...

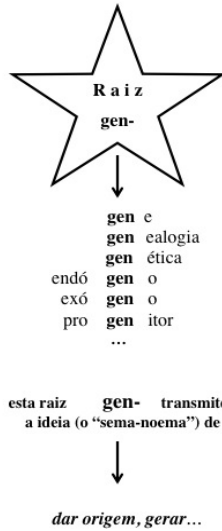
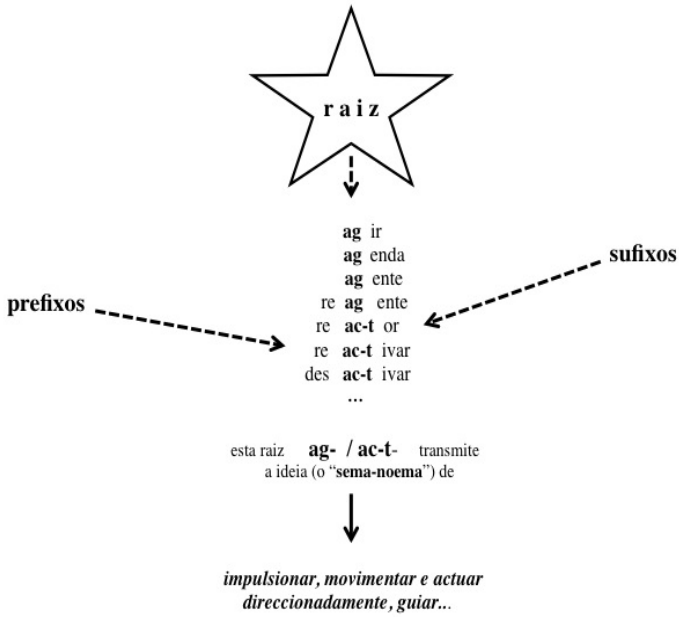
A «**raiz / radical**» configura-se, deste modo, como *o fundamental constituinte lexicogénico*, a nível morfológico e semântico.

6.6.5. Mas esse reconhecimento não pode deixar de gerar na mente dos nossos jovens estudantes uma perturbadora perplexidade, quando começam a escrever, por exemplo, *em inglês* (e o mesmo acontece com o *espanhol* e o *francês*...) palavras como: *act*, *actor*, *actuality*, *adoption*, *affect*, *attractor*, *direct*, *director*, *exact*, *inspector*, *interceptor*, *optics*, *optimisme*, *reactor*, *receptor*, *redactor*, *sector*, *sectorial*, *spectator*, *vectorial* (com as sequências gra-

fêmicas «*ct*» / «*pt*» intocadas, **sendo inúmeros os exemplos** que analogamente se poderiam aqui aduzir...) e, ao mesmo tempo, se defrontam com **a obrigatoriedade** da seguinte *grafia* “*pronúncio-cêntrica*” (imposta pelo actual “AO / 1990”) das palavras portuguesas correspondentes às da língua inglesa, acabadas de citar: ato, ator, atual, adoção, afeto, atrator, direto, diretor, exato, inspetor, interceptor, ótica, otimismo, reator, recetor, redator, setor, setorial, espetador, vetorial (com a supressão dos grafemas «*c*» e «*p*» constitutivos da raiz daquelas palavras, *raiz essa que*, antes de 1990, *era a mesmíssima em Inglês e em Português*, como se pode verificar através de uma análise comparativa, levada a cabo “taco-a-taco”...).

6.6.6. A «raiz / radical»: o fundamental constituinte lexicogénico



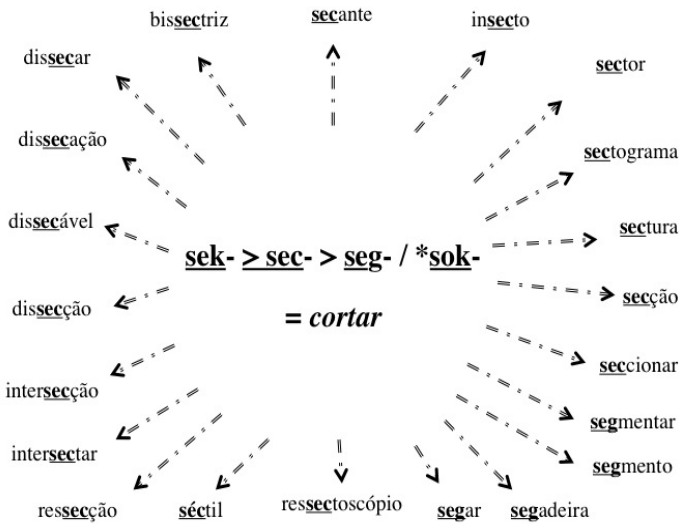


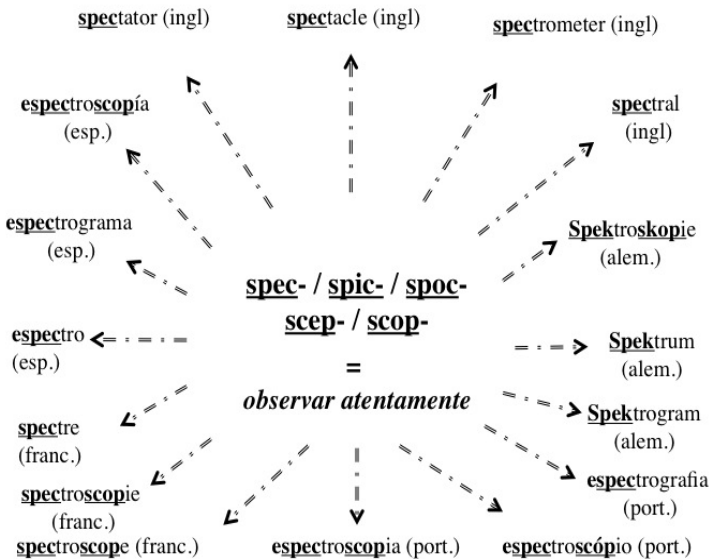
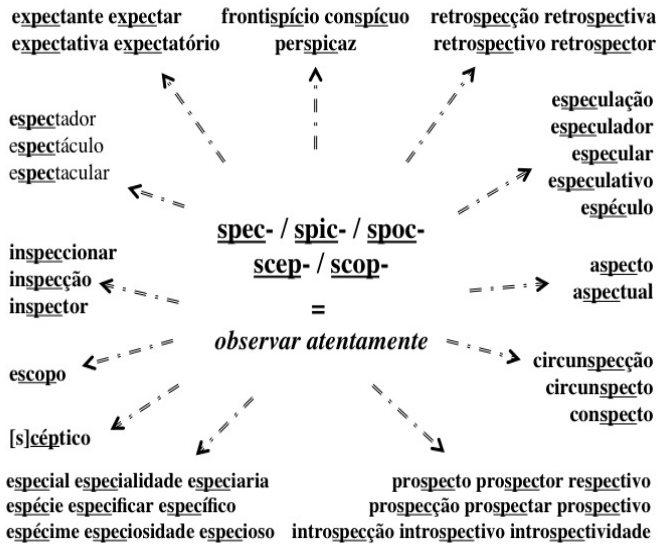
6.6.7. Reposição da listagem das 49 «matrizes» lexicogénicas seleccionadas (já atrás elencadas no ponto 6.1.), com o objectivo de servirem de “referência” imediata para a análise dos diagramas que se seguem

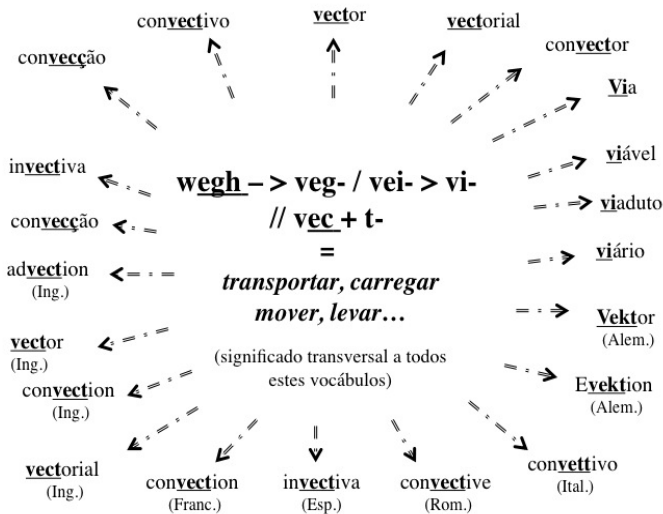
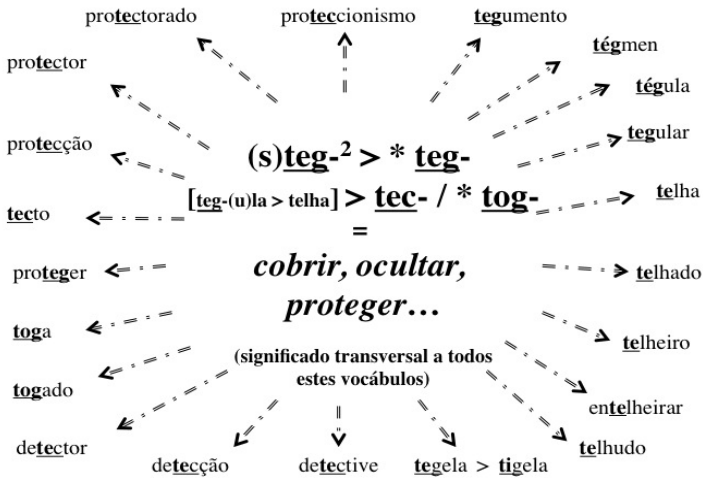
ago, -is, -ere, egi, actum
apio, -is, -ere, aptum
augeo, -es, -ere, auxi, auctum
capio, -is, -ere, cepi, captum
carpo, -is, -ere, carpsi, carptum
dico, -is, -ere, dixi, dictum
doceo, -es, -ere, docui, doctum
duco, -is, -ere, duxi, ductum
emo, -is, -ere, emi, emptum
facio, -is, -ere, feci, factum
figo, -is, -ere, fixi, fixum
finjo, -is, -ere, finxi, fictum
flecto, -is, -ere, flexi, flexum
fligo, -is, -ere, flixi, flictum
fluo, -is, -ere, fluxi, fluctum
frango, -is, -ere, fregi, fractum
frigo, -is, -ere, frixi, frictum
iacio, -is, -ere, ieci, iactum
iungo, -is, -ere, iunxi, iunctum
lego, -is, -ere, legi, lectum
lugo, -is, -ere, luxi, luctum
mulgeo, -es, -ere, mulsi / mulxi, mulctum
mungo, -is, -ere, munxi, munctum
necto, -is, -ere, nexui / nexi, nexum
opero, -as, -are, -avi, operatum
opto, -as, -are, -avi, optatum
pango, -is, -ere, pepigi, pactum
pingo, -is, -ere, pinxi, pictum
plecto, -is, -ere, plexi / plexui, plexum

pungo, -is, -ere, pupugi, punctum
rapio, -is, -ere, rapui, raptum
rego, -is, -ere, rexi, rectum
rumpo, -is, -ere, rupi, ruptum
scalpo, -is, -ere, scalpsi, scalptum
scribo, -is, -ere, -psi, scriptum
sculpo, -is, -ere, -psi, sculptum
seco, -as, -are, -cui, sectum
specio, -is, -ere, spexi, spectrum
stinguo, -is, -ere, stinxi, stinctum
stringo, -is, -ere, -nxi, strictum
struo, -is, -ere, -uxi, structum
tango, -is, -ere, tetigi, tactum
tego, -is, -ere, texi, tectum
tingo / -guo, -is, -ere, tinxi, tinctum
traho, -is, -ere, traxi, tractum
unguo / -go, -is, -ere, unxi, unctum
veho, -is, -ere, vexi, vectum
vincio, -is, -īre, vinxi, vinctum
vinco, -is, -ere, vīcī, victum
 ...

NOTA: Propõe-se, por motivos de melhor visualização e conseqüente articulação *radicante, reticulante e constelante*, uma *focalização muito atenta* da RAIZ / RADICAL de cada uma das 49 matrizes *lexicogénicas* latinas inventariadas, convocando, ao mesmo tempo, a *imaginação* do que será um tratamento esquematizador, análogo ao que vai configurado nos oito (8) “diagramas” exemplificativos e demonstrativos das correlações inter-lexicais e inter-(euro)-linguísticas que, de imediato, se apresentam.







6.6.9. UM EXEMPLO FLAGRANTE E MUITO GRAVE DA ACÇÃO SUPRESSORA DA BASE IV NA TERMINO- LOGIA EXPECIALIZADA DO CAMPO DA

MEDICINA

ÓPTICO (dos *olhos*, deve escrever-se com «p»)

ÓTICO (dos *ouvidos*, deve escrever-se sem «p»)

— JUSTIFICAÇÃO —

Um médico «oftalmologista», à semelhança dos seus colegas das diferentes especialidades médicas, não pode deixar de ter a lúcida consciência da importância da «grafia» clássica nas raízes nucleares da terminologia da sua própria especialidade.

Veja-se, a título de exemplo, a confusão gerada pela supressão do grafema «p» em «**ÓPTICO** > **ÓTICO**» (sabendo que esta última forma é originariamente pertencente à especialidade da «**ot**orri-nolaringologia»: exs.: inflamação «**ót**ica», «**ot**ite»: ouvidos...).

Ora um «oftalmologista», além da competência de diagnóstico, de prognóstico e de terapia, não pode deixar de ser um exímio «**opt**ometrista» e especialista na determinação das «**diop**trias», tendo em vista a reposição de uma visão saudável e correcta de quem dela tanto precisa.

A Ordem dos Médicos (OM) não deveria, portanto, aceitar que se instalassem tão graves confusões *terminológico-conceptuais* entre especialidades médicas...

Repare-se que todos estes termos do campo da “Oftalmologia” apresentam como base constitutiva a raiz «**op-**» (com a letra «**p**» lá bem grafada). Tomando como ponto de referência o nosso le-xema adjectival ‘**óptico**’, veja-se, comparativamente, se os ingleses, os espanhóis, os franceses e os alemães suprimiram aquele grafema “*genómico*”: **optic, óptico, optique, optisch!**...

É que os seus Académicos sabem bem que a terminologia científica não se estabelece com base em critérios de “*fono-pronunciabilidade*”: estabelece-se, sim, **com base numa grafia rigorosa**, já universalmente consagrada (ver, sobre o assunto, alguns dos maiores especialistas de craveira mundial: Maria Teresa Cabré: *La Terminología. Teoría, Metodología, Aplicaciones*, Barcelona, Editorial Antártida / Empúries, 1993; Bertha Gutiérrez Rodilla: *La ciencia empieza en la palabra — Análisis e historia del lenguaje científico*, Ediciones Península, Barcelona, 1998; Norman Herr: *The Sourcebook for Teaching Science*, San Francisco / California /USA, Jossey – Bass, 2008).

a óptica oftalmológica trata do “aparelho visual” (dos olhos)...;
a acústica otorrinológica trata do “aparelho auditivo” (dos ouvidos)



ESTES MEUS OLHOS...

*Estes meus olhos nunca perderán,
senhor, gran coita, mentr'eu vivo for.
E direi-vos, fremosa mia senhor,
destes meus olhos a coita que han:*

*choran e cegan quand'algúen non veen,
e ora [choran e] cegan per algúen que veen.*

*Guisado tēen de nunca perder
meus olhos coita e meu coraçón.
E estas coitas, senhor, minhas son;
mais los meus olhos, per algúen veer,*

*choran e cegan quand'algúen non veen,
e ora [choran e] cegan per algúen que veen.*

*E nunca ja poderei haver ben,
pois que Amor ja non quer, nen quer Deus.
Mais os cativos destes olhos meus
morrerán sempre por veer algúen:*

*choran e cegan quand'algúen non veen,
e ora [choran e] cegan per algúen que veen.*

SUGESTÃO DE REFORÇO ARTÍSTICO POÉTICO-MUSICAL:

<https://www.youtube.com/watch?v=IRBA7jidzzM>
<https://www.youtube.com/watch?v=Wok99Q2eADY>

NOTAS:

1. Segundo a conjectura mais aceite, *João Garcia de Guilhade* (o autor deste belo poema) é um trovador português, nascido em Guilhade ou Guilhado (Milhazes), concelho de Barcelos, que desenvolveu a sua arte poética em meados do século XIII. Trata-se de uma «*cantiga de amor de refrão*», onde ressalta a paradoxal singularidade da “cegueira” da *coita de amor mortal*...
2. A “poética” dos «olhos» (e do «olhar»), não pode deixar de convocar também aqui, entre tantíssimos outros, o tão melodioso e aliterantemente expressivo poema que é a «*Cantiga Partindo-se*» [«Senhora, partem tão tristes / meus olhos por vós, meu bem...»], da autoria de João Roiz de Castel' Branco, inserida no *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* (III, 134) e a correspondente realização, tocada e cantada, na tradição das serenatas coimbrãs...

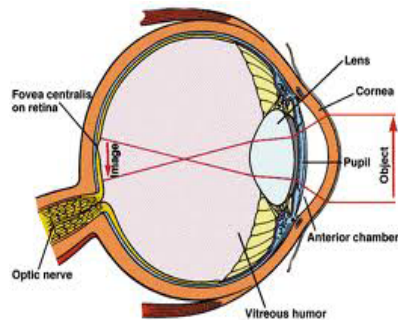
ÓPTICO (dos *olhos*) vs ÓTICO (dos *ouvidos*)

O constituinte morfogénico e “genealógico” da palavra ‘**óptico**’ é a raiz indo-europeia **ok^w**- [**ə3ek^w*- / *ə3okw-ə3k^w*-], transmissora da ideia de “ver”; esta raiz esteve na origem de duas importantes linhas evolutivas:

a) a grega: **οπ-** [*op-*]

b) a latina: **oc-**

I. O APARELHO VISUAL / O OLHO



o «olho», órgão nuclear do aparelho visual:

a) em grego, escreve-se: **ὀφθαλμός** [*ophthalmós*]

b) em latim: **oculus** [*> olho*, por via popular]

1. A raiz helénica «οπ-» está na base de lexemas do grego clássico como os seguintes:

δίοπος [= vigia, inspector] δίοπτρα [= sonda de cirurgia] διοπτρεία [= unidade empregada na medida da refração do olho] κατοπτρικός (= relativo aos espelhos) ὀπτικός (= relacionado com a vista) ὀπτός (= visível) ὀφθαλμός [*oph* [= ver] + *thalmos* [= orifício], olho] ὀφθαλμικός [relativo aos olhos] ὄψις [*op* + *sis*: visão]

2. raiz latina «oc-» está na origem de lexemas do latim clássico como os que se apresentam:

oculus, ocellatus, ocellus, oculare, ocularis, inoculare...

3. As raízes portuguesas evolucionadas a partir da raiz grega «οπ-» e da latina «oc-» e a sua presença morfogénica no nosso léxico:

- léxico erudito / especializado proveniente do grego (normalmente através do latim clássico e medievo-renascentista): raiz “**οπ-**”

autópsia catóptrico ciclope ciclópeo ciclópico dioptria dióptrica miopia oftálmico optómetro sinopse sinóptico...

- léxico português proveniente do latim por via erudita: raiz “**oc-**”

oculação ocular oculiforme oculista óculo óculos monóculo monocular binóculo binocular inoculação inoculante inocular...

- léxico português proveniente do latim por *via popular*: raiz “**olh-**”
- *antolho desolha desolhar olhado olhadela olhador olhal olhar olheiras olheirento olheiro olho...*

II. O APARELHO AUDITIVO



o «ouvido», órgão nuclear
do aparelho auditivo

a) em grego: οὖς, ὅτος [ous, otós]

b) em latim: *aus, auris // auricula* (> orelha)

NOTA: O vocabulário respeitante ao “aparelho auditivo”, em sua especificidade descritiva, explicativa e caracterizadora, tem a sua genealogia no grego e no latim. Assim:

1) em grego: ‘ouvido’ dizia-se οὖς, ὅτος ([ous, otós], le-xema equivalente aos vocábulos latinos *aus, auris* e *auri-*

cula [> = orelha]); formou-se, tal como os seus cognatos *ótico*, *otite*, *otorrino*, *parotidite*, etc., com base na raiz indo-europeia helenizada «**ōt-**» [evolucionada a partir de «**a₂ous-* / **a₂eus-* / **a₂aus-*», de onde provieram, por exemplo, o inglês *ear* e *aural*, o germânico **auzon*, o latim *auris* e *auscultare*, etc., etc...]; a versão grega «**ōt-**» daquela genealógica raiz indo-europeia é veiculadora do significado matricial de «*ouvir, captar auditivamente os sons proferidos ou produzidos*»), estando na origem de uma importante família terminológica do campo das Ciências Médicas e afins: *ótico*, *otite*, *otorrino*, *parotidite*, etc., cujos vocábulos têm como traço semântico comum e transversa (como, aliás, já ficou referido...), a ideia de «*captar auditivamente os sons proferidos / produzidos*», remetendo para o respectivo aparelho que, com os seus órgãos próprios, possibilita essa função, salvo os casos de anomalias ou perturbações de diferentes graus patológicos, como é o caso dos surdos-mudos.

2) em latim:

a) **por via erudita:** *aurícula*, *auricular*...; *audição*, *auditivo*, *auditório*... *auscultar* (tendo este último evolucionado, por via popular, para o seu cognato *escutar*)...

b) **por via popular:** *orelha* (com as seguintes fases evolutivas a partir do latim: *auricula*[m] > *auric'la* > *aurilha* > *ourilha* > *orelha*), *orelhudo*, *trasorelho* [= papeira], *ouvir* (este, proveniente do verbo 'audire'), **escutar** (do latim: *auscultare*).

NOTA: Como importante instrumento de consulta das raízes gregas constitutivas do vocabulário científico, nomeadamente do campo da Medicina, considerar o volumoso e substancial dicionário da autoria de José María Quintana Cabanas (*Raíces Griegas del Léxico Castellano, Científico y Médico*, Madrid, Dykinson, 2006), sendo de reter da sua «Presentación» (p. 5) as seguintes palavras: «*El pre-*

sente libro tiene una finalidad cultural y formativa. Habiendo en la lengua castellana una notable proporción de palabras que proceden del griego, el conocimiento de sus raíces constituye un buen medio de comprender y dominar el idioma, a partir de su dimensión semántica». E sublinha, mais adiante, que «tal aprendizaje es de necesidad primaria para todo individuo que desee adquirir un saber amplio y sólido, pues le facilitará la comprensión de numerosos vocablos técnicos; y es un aprendizaje indispensable para el intelectual que se dedica a estudios especializados, máxime en determinadas ramas científicas.»



Em Suma:

para *ver*, *observar*..., sobretudo ao longe, recorreremos aos **binóculos**
— domínio da **Óptica**;

para *ouvir*, *escutar* melhor, recorreremos aos **auscultadores**
— domínio da **Acústica**..

Obs.: «ouvir», em grego, dizia-se «ἀκούω» [akuo], verbo de cuja raiz «aku- > acu-» são oriundos vocábulos portugueses como os seguintes: *acústica*, *acústico*, *acuofone*, *acuofonia*, *acuometria*, *acuómetro*, *acustímetro*, *acustóptica*...

III. Momento artístico-musical (*simples sugestão*):

Escutar, suavemente, por exemplo:

- a «**Romagem à Lapa**» ou a esperançosa «**Cantiga para quem sonha**», na maravilhosa voz do saudoso e humaníssimo Médico, **Dr. Luís Goes**:
<https://www.youtube.com/watch?v=EXaiJm6W3i0>
<https://www.youtube.com/watch?v=iQWo1RTHe4Y>
- a **Ave Maria** ou a **Serenade de Franz Schubert** na encantadora voz de **Nana Mouskouri**:
https://www.youtube.com/watch?v=2bosouX_d8Y
<https://www.youtube.com/watch?v=ZV3CRr3rdMk>

CAPÍTULO VII

PARA A PROMOÇÃO DA “LITERACIA” SOFO-CIENTÍFICA E DA “LOGOPAIDEIA”

7.1. Da decisiva importância da «raiz / radical» dos vocábulos»

Como já ficou dito, não é possível uma *lexicodidáctica inteligente, racionalmente fundamentada* e, por isso mesmo, *noético-noematicamente estruturada e consistente e, desse modo, perduravelmente memorizável*, sem o recurso ao processo metodológico da *decomposição «anatômico-semiósica e funcional» da estrutura significante de cada lexema ou de cada lexia nos seus elementos formativos (prefixos, raiz e sufixos)*, dando destacada relevância à «RAIZ» («RADICAL»), perspectivada e entendida como NUCLEAR, INCINDÍVEL E IRREDUTÍVEL CONSTITUINTE MORFO-SEMÂNTICO DO CORPO ESTRUTURAL DE UM DADO CONJUNTO DE PALAVRAS DA MESMA FAMÍLIA LEXICAL.

Depois dessa decomposição, se quisermos consolidar a “geratriz” morfo-semântica que lhes é comum, é importante *recorrer à listagem dos vocábulos da mesma família e organizá-los, não só de modo radicado, reticulado e constelado mas também “em pódio” e “em pirâmide”*, para efeitos de fazer ressaltar a relevância expressiva no âmbito da tessitura da mensagem, tanto nos *actos de escrita* como nos *actos de leitura*...

Desse modo, a *Didáctica do Vocabulário* – a *Lexicodidáctica* – promove, reforçadamente, uma aprendizagem das formas significantes mais rigorosas e dos respectivos *conteúdos eidético-conceptuais e noemático-semiósicos* que estão em causa, de um modo particularmente crucial, nas terminologias especializadas e no léxico erudito, mas promove-a, de modo inteligente e racional, e não apenas através da simples memorização desprovida de qualquer esteio de racionalidade iluminante...

Por outro lado, se este tipo de exercício for feito gradualisticamente («*step by step*»), ao longo de toda a escolaridade (desde

o ensino básico até ao ensino universitário inclusive...), acabaremos por compreender e reconhecer melhor, nomeadamente com o inestimável e “obrigatoriamente” reiterável contributo reflexivo do grande linguista M.A.K. Halliday, o seguinte:

i) «foi a linguagem científica que construiu para nós o vasto edifício teórico do conhecimento moderno» («*scientific language has construed for us the vast theoretical edifice of modern knowledge*»¹);

ii) «a linguagem da ciência é, por sua natureza, uma linguagem na qual as teorias são construídas; as suas características especiais são exactamente aquelas que tornam possível o discurso teórico» («*the language of science is, by its nature, a language in which theories are constructed; its special features are exactly those which make theoretical discourse possible*»¹);

iii) «o discurso científico é uma forma da mais alta energia semiótica» («*scientific discourse is a very high-energy form*»¹) proporcionada pelo diassistema linguístico;

iv) «a energia semiótica do diassistema linguístico irrompe da lexicogramática» («*the semiotic energy of the system comes from the lexicogrammar*»¹ e, portanto, «todo o discurso é, por assim dizer, potenciado pela energia lexicogramatical» («*all discourse is powered by grammatical energy, so to speak*»¹);

v) é na lexicogramática (e mais focadamente no léxico...) que reside «o coração da linguagem» («*the heart of language*»² e «a fonte da sua energia semiótica» («*the source of its semiotic energy*»², constituindo, assim, «a casa do poder semiogénico de uma língua» («*the semogenic powerhouse of a language*»², poder que transforma o léxico no “centro nevrálgico” da construção de todas as significações e de todos os sentidos, numa palavra, de todo o conhecimento, uma vez que *é ele o insubstituível codificador, ordenador, sistematizador e informante noético-noemático e semiótico e, assim, o imprescindível sustentáculo operatório da acção verbo-comunicativa expressante e interpretante;*

1 Cf. M.A.K. Halliday: *The Language of Science*, London / New York, Continuum, 2004, pp. 182, 207, 182, 54, 182.

2 Cf. M.A.K. Halliday: *On Language and Linguistics*, London / New York, Continuum, 2003, pp. 194, 276, 248.

vi) «os termos técnicos são uma parte essencial da linguagem científica; sem eles, seria impossível criar um discurso do conhecimento organizado» («*technical terms are an essential part of scientific language; it would be impossible to create a discourse of organized knowledge without them*»¹);

vii) «ser alfabetizado em ciência significa ser capaz de compreender a linguagem técnica que está a ser usada» («*to be literate in science means to be able to understand the technical language that is used*»²), capacidade que não pode deixar de ser desenvolvida, de modo articulado e integrado, no quadro estratégico e programático dos objectivos educacionais e formativos de um “Projecto Antropo-Paidêutico”, promotor da Cidadania e que, em coerência, perspetive a “literacia” humanístico-cultural, artística, científica e tecnológica como “a pedra angular” que potencia uma intervenção consciente e responsável na transformação qualitativa da vida em comunidade;

viii) «uma compreensão das raízes das palavras (...) ajuda-nos a todos a dominar quer os termos científicos quer os não-científicos e a tornarmo-nos mais proficientes no uso da linguagem» («*an understanding of the roots (...) helps us all master both scientific and nonscientific terms and become more proficient in the use of language*»³...) e isso é tanto mais importante quanto é certo que a construção pessoal do conhecimento é concebida como um processo eminentemente social, sendo que uma das suas manifestações mais relevantes é, indubitavelmente, a acção modeladora e estruturadora que cabe às línguas, de tal modo que APRENDER CIÊNCIA É, ANTES DE MAIS (como reiteradamente já vem sendo dito...) APRENDER O VOCABULÁRIO CIENTÍFICO, na medida em que há hoje, mais do que nunca, uma crescente consciência quanto ao papel que a sociedade desempenha, ao destacar e valorar, ao mais alto nível, o significa-

1 Cf. M.A.K. Halliday: *The Language of Science*, London / New York, Continuum, 2004, p. 201.

2 Cf. M.A.K. Halliday and J.R. Martin: *Writing Science*, London / Washington, The Falmer Press, 1993, p. 168.

3 Cf. Norman Herr: *op. cit.*, 2008, pp. 3-4

do dos conceitos científicos, através dos meios de comunicação de massas e das novas tecnologias da informação¹;

ix) em suma (e como já ficou sobejamente sublinhado): «aprender ciência é, no fundo, aprender a linguagem científica» («*learning science is the same thing as learning the language of science*»²), pelo que tem pleno cabimento evocar aqui (uma vez mais em plena sintonia...) o sugestivo título que a famosa especialista em “Linguagem Científica”, Bertha M. Gutiérrez Rodilla, Professora Catedrática da Faculdade de Medicina da Universidade de Salamanca, escolheu para nomear a sua substanciosa e alumiante obra «*La ciencia empieza en la palabra*»³.

Mas (releve-se-nos uma vez mais a insistência!...), *sem a asunção prévia de que cada palavra é, em si própria, um búzio polifónico, espiral e verticalmente carregado de fundura histórica, de mistério e de potencial semiogénico*, muito dificilmente se evitará a marginalização ou postergação do estudo “arqueológico”, filológico-etimológico e genético-genealógico, hermenêuticamente imprescindível no quadro analítico-interpretativo e compreensivo das complexas interações «*texto <> contexto(s)*», «*paradigma <> sintagma*», «*sistema <> processo*», «*comunicação escrita <> ortografia*»...

Fica, desse modo, gravemente comprometida, com as consequências sofo-epistémicas de toda a ordem, a ἐρμηνευσις [*herméneusis*] dos fluxos semiósicos que irrompem, entre catábase e anábase, da fundura diacrónico-vertical e infra-estruturante do léxico mais denso, mais rigoroso e mais expressivo, insemidado e disseminado na textura erudita dos textos escritos em que se tem vindo a modelizar, a plasmar e a configurar semiósico-dircursivamente, pelas mãos da genialidade criadora dos nossos escritores, pensadores, académicos, cientistas e investigadores, o LEGADO PERENE DA GRANDE CULTURA POÉTICO-LITERÁRIA E SOFO-CIENTÍFICA (*l.s.*), referência irrasurável da nossa “identidade” pessoal e comunitária...

1 Cf. Francisco Javier Perales Palacios: «Didáctica de las Ciencias Experimentales», *apud* Luis Rico Romero e Daniel Madrid Fernández (eds.): *Fundamentos didácticos de las áreas curriculares*, Madrid, Editorial Síntesis, 2000, p. 28.

2 Cf. M.A.K. Halliday: *The Language of Science*, op. cit., p. 138.

3 Cf. Bertha María Gutiérrez Rodilla: *La ciencia empieza en la palabra — Análisis e historia del lenguaje científico*, op. cit., Barcelona, Ediciones Península, 1998.

7.2. CONTRIBUTO PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DO LÉXICO ESPECIALIZADO,

tendo em vista a formação consistente da «*Academic Language*»

Sobre a palavra e o conceito de “ciência” (em latim: *scientia*¹)...

O conceito de “ciência” implica, na sua semântica profunda, as ideias de análise, decomposição, corte, cisão, dilaceração, desfibragem..., a operar em todos os sentidos, em todas as direcções... Não é apenas o “objecto” seleccionado, erigido e instituído como “centro” da focalização/observação específica e própria do processo de intelecção, compreensão, descrição, caracterização... São também os métodos, os instrumentos, os procedimentos e demais recursos accionados nesse processo; é o quadro teórico e conceptual; é o próprio “sujeito” (ou “comunidade de sujeitos”: uma dada “comunidade científica”...) que, pelas exigências do processo por si protagonizado, é chamado a *re-ver-se*, a actualizar-se ininterruptamente, reformulando hipóteses e conjecturas, realimentando constantemente o seu «*background*» axiomático, sapiencial, metodológico e organizacional, desde o ponto de partida até ao intérmino ponto de chegada...

É da constante afinação das suas capacidades de conhecer, dos sempre renovados potenciais de informação especializada, do aperfeiçoamento e ajustamento dos métodos e meios que acciona que o “*objectum cognoscendum*” se torna mais inteligível no dinamismo em que ele se vai objectivando e, assim, constituindo

1 A palavra latina ‘*scientia*’ é um nome derivado do verbo *scio*, *-is*, *-ire*, *scivi*, *scitum* (com o significado originário de *separar*, *dividir*, *cortar*, *laminar*, *cindir*, *desfibrar*... para se poder desvelar, conhecer, saber...), sendo de notar que *scire*, *scientia*, tal como *consciência*, *consciente*, *côncscio*, *nêscio*, *ínscio*, *cindir*, *rescindir*, *prescindir*, *cisão*, *rescisão*, *abscissa*, *xisto*... são palavras da mesma família...

como “objecto” para o “sujeito” que sobre ele se debruça observacional, analítica e experimentalmente, quando é caso disso...

Em bom rigor, o mais físico dos “entes em si” que suscitam a curiosidade do “sujeito cognoscente”, quando, na teia de relações instauradas pelo acto de conhecer, se transforma em “objecto” já é, logo aí, uma “construção” que tem a “madre progenitora” ou “placenta” de quem o observa e intelectualmente o objectiva. Na presença directa, face a face, com o “sujeito epistémico” os mais “estáveis” dos “entes em si” transfiguram-se... É essa a força “cosmogónica” e “misteriosa” que decorre da condição antrópica de quem vive, com inabalável paixão, a fundura abissal do mundo da «noosfera»... Nada escapa a essa metamorfose...

A “cientificação” do mundo é um projecto global que se vem desenvolvendo, gradativamente, por sectorizações, por cortes e cisões, por dilacerações e depurações parcelares: em cada “objecto” está sempre o “sujeito” com a sua força objectivante, com a sua intencionalidade intuitiva e focalizadora, a sua capacidade teórico-intelectiva, analítico-decompositiva, interpretativo-compreensiva (hermenêutica), descritivo-explcativa e verbo-sémio-comunicativa...



Galileu Galilei (1564-1642), *Charles Darwin* (1809-1882) e *Albert Eisntein* (1879-1955), três símbolos e referências maiores do esforço humano no árduo processo da «cientificação» do Universo...

7.3. “REGRAS DE OURO”

para o ensino-aprendizagem
do léxico especializado, tendo em vista a formação para «*the academic language*» e a inter-comunicação sofo-científica, no modo escrito (sistematização do que já ficou dito atrás [cf. pp. 25 ss e 169 ss])

1. Garantir e promover o rigor terminológico-conceptual

Esta regra não deveria ser violada nem revogada levemente ou por mero oportunismo e, portanto, deveria ser preservada, tal como o exige a «escrita» sofo-científica mais elaborada, mais estruturada, mais consistente e mais responsável... Na verdade, a procurada garantia do rigor terminológico-conceptual de modo algum pode dispensar a sintonização, por exemplo, com o pensamento de Maria Teresa Cabré¹, já anteriormente reiterado e expresso nos seguintes termos:

«Para la terminología, considerada (...) en su proyección como sistema de comunicación entre especialistas, la grafía de las unidades léxicas tiene una importancia capital, ya que los procesos de normalización no actúan sobre la pronunciación de los términos, sino precisamente sobre su forma escrita».

2. «Rigor científico» igual a «Rigor terminológico»

Também nas sábias e iluminantes palavras de Bertha María Gutiérrez Rodilla plasmadas na sua já citada monumental obra² ressalta idêntica preocupação:

1 Cf. Maria Teresa Cabré: *La Terminología. Teoría, Metodología, Aplicaciones*, op. cit., pp. 170-171.

2 Cf. Bertha María Gutiérrez Rodilla: *op. cit.*, pp. 24, 92 e *passim*.

«... el rigor con que los conceptos están organizados en una ciencia exige un rigor paralelo en el lenguaje».

E corrobora esta sua “posição” de fundo epistemológico (ainda por ninguém contestada...), com uma preventiva “chamada de atenção”:

«La falta de precisión dificulta seriamente las funciones que el lenguaje de la ciencia debe desempeñar como instrumento fundamental de comunicación entre todos los que integran la comunidad científica internacional (...). En un texto científico, la falta de precisión (...) resulta en un echo negativo, pues la imprecisión terminológica suele ir ligada a la imprecisión conceptual».

3. Aprender o significado fundamental da raiz das palavras

Por outro lado e no que mais directamente diz respeito à *aprendizagem do significado da raiz das palavras*, importa ter sempre bem vivos os ensinamentos de Norman Herr³, quando, com a competência, a autoridade e a experiência que se lhe reconhecem, sublinha que «*a knowledge of Greek and Latin root words can greatly enhance student understanding of scientific terms and provide a better understanding of English and other European languages*», concluindo que «*learning scientific root words (...) helps us understand the vocabulary of a variety of languages, particularly English*»...

É desse modo que se vão contruindo as bases estruturantes do vocabulário que sustenta o “discurso” produtor do

3 Cf. Norman Herr: *op. cit.*, pp. 2-3. Considerem-se também, em reforço da posição de Norman Herr, os seguintes avalizados depoimentos: Howard Jackson and Etienne Zé Amvela (*Words, Meaning and Vocabulary — An Introduction to Modern English Lexicology*, New York / London, 22007, p. 39): «*Latin has been a major influence on English right from the Germanic period up to modern times*»; Donka Minikova and Robert Stockwell (*English Words — History and Structure*, Cambridge, Cambridge University Press, 2009, p. 1): «*Greek and Latin roots in English language have been studied and have been part of the core educational curriculum at least since the Renaissance*»; Keith Denning e William R. Leben (*English Vocabulary Elements*,

GRANDE CONHECIMENTO e a sua divulgação bibliográfica à escala planetária, potenciando a intercomunicabilidade terminológico-conceptual nas “dialogias” e “polilogias” (congressos, colóquios, conferências, jornadas e outros eventos congêneres...) entre as diversas comunidades científicas e sapienciais...

Tudo isso (e uma vez mais em consonância com M.A.K. Halliday...), no pressuposto de que «*learning science is the same thing as learning the language of science*»⁴.

Mas de modo algum pode deixar de se ter sempre presente *o universalizado reconhecimento da determinante importância que o Grego e o Latim tiveram e continuam a ter no “legado histórico-genealógico” de todas as terminologias especializadas*, uma vez que a língua de Cícero e de Vergílio, enriquecida pelo processo histórico da “Helenização”, «*fue la lengua culta de Occidente siglos después de la desaparición del Imperio Romano*»⁵...

De tal maneira que os Académicos das mais famosas Universidades Inglesas (nomeadamente Oxford e Cambridge...) e, depois, os seus “Pares” nas actuais e mais qualificadas Universidades Americanas, mantendo e aprofundando esse Legado Clássico da Antiguidade, transformaram os Estados Unidos da América, nos domínios que especificamente dizem respeito ao mundo da Ciência (Formação, Investigação, Publicação...), na maior Potência Mundial, ao ponto de terem um ascendente indiscutível nos «*medios de difusión de los resulta-*

Oxford / New York, Oxford University Press, 1995, p. 23): «*Still, English continues the traditions of the Renaissance in its heavy reliance on Latin and Greek. This is fortunate, since it means that the systematic study of scientific and other special vocabulary can concentrate on these two languages out of the many that English has drawn from its history. Because the Latin of ancient Rome itself borrowed words from Greek, many Greek words entered English indirectly through Latin. As a result, the three major sources of English borrowd vocabulary — French, Latin, and Greek — have contributed to language along (...) the major paths (...) of borrowing from Greek and Latinate sources into English*».

4 Cf. M.A.K Halliday: *The Language of Science*, op. cit., p. 138.

5 Cf., ainda, Bertha María Gutiérrez Rodilla: *op. cit.*, p. 184.

dos de la investigación, sobretudo las revistas de alto nivel y los bancos documentales más importantes (...)». Daí resulta (como salienta ainda Bertha M. Gutiérrez Rodilla) «*la imperiosa necesidad que tienen los científicos de todo el mundo de publicar sus artículos en inglés para poder ser conocidos y reconocidos, figurar en las bases de datos, ser citados por otros colegas...*», havendo mesmo a conjectura de que «*un 70% de los investigadores puede leer inglés*» e que «*el 80% de la información almacenada en todos los sistemas electrónicos del mundo está en esa lengua*»⁶.



Uma perspectiva das Universidades de *Oxford* (U.K., à esquerda) e de *Harvard* (U.S.A., à direita), cujos lemas, escritos em Latim, são respectivamente os seguintes:

«*Dominus Illuminatio Mea*»

«*Veritas*»

6 Cf. Idem: *ibidem*, p. 185.

7.4. PROPOSTAS / SUGESTÕES DE TRATAMENTO DIDÁCTICO, NA PERSPECTIVA DO EFECTIVO DOMÍNIO DO LÉXICO ESPECIALIZADO DE MATRIZ GRECO-LATINA, COM ALGUNS EXEMPLOS DEMONSTRATIVOS:

7.4.1. O coração entre *sístole* e *diástole*¹



¹ Cf.: Sobre estes movimentos do coração e seu dinamismo vital, ver L. Gavrilov e V. Tatarinov: *Anatomia Humana*, Moscovo, Editora MIR, 1988, pp. 234 ss.

POEMA DO CORAÇÃO¹

*Eu queria que o Amor estivesse realmente no coração,
e também a Bondade,
e a Sinceridade,
e tudo, e tudo o mais, tudo estivesse realmente no coração.
Então poderia dizer-vos:
«Meus amados irmãos,
falo-vos do coração»,
ou então:
«com o coração nas mãos.»*

*Mas o meu coração é como o dos compêndios.
Tem duas válvulas (a tricúspida e a mitral)
e os seus compartimentos (duas aurículas e dois ventrículos).*

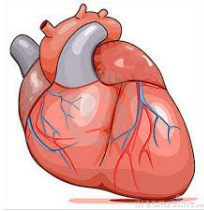
*O sangue ao circular contrai-os e distende-os
segundo a obrigação das leis dos movimentos.*

*Por vezes acontece
ver-se um homem, sem querer, com os lábios apertados,
e uma lâmina baça e agreste, que endurece
a luz dos olhos em bisel cortados.
Parece então que o coração estremece.
Mas não.
Sabe-se, e muito bem, com fundamento prático,
que esse vento que sopra e que ateia os incêndios,
é coisa do simpático.
Vem tudo nos compêndios.*

*Então, meninos!
Vamos à lição!
Em quantas partes se divide o coração?*

¹ Cf.: António Gedeão: *Poesias Completas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, ⁵1983, pp. 139-140.

O CORAÇÃO



I. Fases: O coração é um órgão que actua como uma bomba, realizando *contrações* e *dilatações rítmicas* para manter a circulação do sangue. A sua actividade de “bombeamento” desenvolve-se em *três fases*:

- 1.^a fase: *contração* das aurículas — *sístole* —
e *dilatação* dos ventrículos — *diástole*;
- 2.^a fase: *contração* dos ventrículos — *sístole* —
e *dilatação* das aurículas — *diástole*;
- 3.^a fase: *descompressão* global do músculo cardíaco — *diástole*.

Nota: estas três fases repetem-se ritmicamente¹.

II. Inventário do léxico científico presente (explícita ou implicitamente) no poema:

- **válvula** (tricúspide e mitral)
- **aurícula**
- **ventrículo**
- **sístole** (contraí...)
- **diástole** (distende...)
- **simpático**

1 O conceito de “ritmo” (cujo designador lexical é proveniente do grego «ῥυθμός» [*rhythmos*]) tem a sua matriz genética na mesma raiz do verbo *ῥέω* [*rheo*], que significa *fluir, mover-se...* mas um «*fluir*» (um *mover-se...*) que co-envolve todas as dimensões humanas, desde as bio-antropológicas até às simbólico-culturais, sofo-científicas e artísticas... Ficou famoso, na História, o dito do «πάντα ῥεῖν» [*panta rhei: tudo flui*] atribuído (sob reserva...) a Heraclito e retomado por Platão e Aristóteles. Este dito “aforístico” tem a sua versão camoniana no «*todo o mundo é composto de mudança*» (ver o soneto: *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*). O conceito de “ritmo” está, na verdade, profundamente ligado, até pela sua “mensuralidade”, a todas as manifestações da Vida Humana, sendo de destacar, neste contexto, o campo da Medicina (ex. o «*ritmo cardíaco*», as «*arritmias*»...), campo vital por excelência que convoca, de imediato, os da Poesia e da Música... Pode dizer-se, em suma, que *só a Morte porá termo ao “ritmo”*...

a) válvula

- “**adn semântico**”: a ideia de *rodar, dar voltas, volver, girar...*

- **origem da palavra:**

a palavra ‘válvula’ é proveniente do latim *valvulae, -arum*: concha, invólucro, valva pequena; diminutivo de *valvae -arum* [= folhas ou batentes de porta]; nome plural com a mesma raiz do verbo *volvo, -is, -ere, volui, volutum* (= volver, girar, rodar, dar voltas...).

- **família lexical:**

volta, voltear, volteio, voluta, volúvel, volume, circunvolução, devolver, devolução, envolver, evolver, evoluir, evolução, involver, involução, revolver, revolução, abóbada (do latim medieval: *uoluita > a+bolvita > a+bovida > abóbada > abóbada*), *abobadar, volte-face, valva, valvular, univalve, bivalve...*

b) tricúspide

- **formação da palavra:**

tricúspide < tri + cúspide [= três cúspides, i.e., que têm a forma de *três pontas de lança*, lisas e agudas ou aceradas (*pontagudas*)]

- **exemplos de lexemas com idêntica estrutura morfológica:**

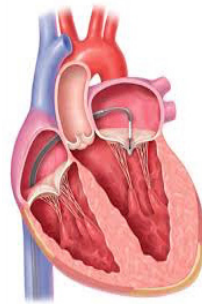
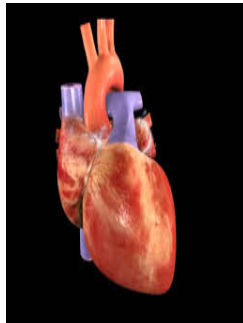
- **tri** + ângulo (*três ângulos*)
- **tri** + mestre (*três meses*)
- **tri** + céfalo (*três cabeças*)
- ... etc., etc...

Nota: o nome ‘cúspide’ (< em latim: *cuspis*, *-idis*) designa a extremidade aguda e dura, ou seja, a ponta da lança, acerada em ápice como o ferrão ou aguilhão das abelhas ou do escorpião ou também de certo de tipo de folhas; em latim, dizia-se *cuspis* por oposição a *spica* ou *spicum*, ponta “barbada”, a fazer lembrar a espiga dos cereais.

c) mitral (< de mitra + -al)

• origem da palavra:

‘**mitra**’ provém do grego μίτρα, -ας [*mitra*, *-as*], através do latim *mitra*, *-ae*: originariamente, designava uma espécie de “cintura larga” usada pelos guerreiros e pelos atletas e também uma espécie de “cachecol” feminino; cabeleira de teatro; turbante ou tiara de origem asiática; diadema ou coroa [símbolo do poder régio]; depois, *insígnia eclesiástica* [símbolo do poder religioso] com que os bispos e outros prelados passaram a cobrir a cabeça em certas cerimónias...



• **família lexical:**

mitrar, mitrado [espertalhão, sabido...], *mitriforme... mitral*
= que tem a forma de *mitra*; *válvula mitral* ou *válvula bicúspide* [que é fendida no vértice e termina em duas pontas divergentes]

d) aurícula

• **origem da palavra:**

‘**aurícula**’ tem origem no nome *auricula*, *-ae*, diminutivo de *auris*, *-ris* (= orelha); literalmente, significa “pequena orelha”; de notar que o nosso lexema “orelha” provém do diminutivo *auricula(m)*, com monotongação do ditongo inicial (*au > o*), fechamento do *i* tónico (*i > e*), síncope do *u* pós-tónico (*-icula > -icla*) e palatalização do grupo consonântico representado pela sequência grafémica *cl* (*cl > lh*).

• **família lexical:**

auriculado, auricular, auriculiforme, auriculista, aurículo... estético (< do grego: *αἰσθητικός* [*aisthetikos*])...

e) ventrículo

• **origem da palavra:**

‘**ventrículo**’ provém do latim *ventriculum*, *-i*, diminutivo de *venter*, *-tris* (= ventre); literalmente, significa “pequeno ventre”.

• **família lexical:**

ventricular, ventriculito, ventriloquia, ventriloquismo, ventriloquo... (< *ventri* + *loquor*)...

f) sístole <> diástole

«*Tem duas válvulas (a tricúspida e a mitral)
e os seus compartimentos (duas aurículas e dois ventrículos).
O sangue ao circular contrai-os e distende-os
segundo a obrigação das leis dos movimentos.*»

(cf. *supra*, o poema de A. Gedeão)

• **Raiz indo-europeia:** *stel-* / *stl-* [*> stal-*]- / *stol-*

• “**adn semântico**” = pôr, colocar, instalar, pôr de pé, manter-se em posição vertical, manter-se firme e determinado; em contextos relacionados com a *actividade náutica* (como era frequente na Antiga Grécia): *aparelhar, apetrechar e preparar o navio para a viagem ou a armada para a batalha, pôr em ordem o que é necessário enviar, seguir determinada rota, rumar para...*

• sí stol e

• **Raiz:** *stol-*, no grau “o”.

• **origem da palavra:**

o nome grego συστολή [*systolê*: συ(v) + στολή] = reunião, movimento de contracção, de afluxo, de fechamento sobre si próprio, concentração, retorno, regresso...

συστέλλω [*systéllo*: συ(v) + στέλλω] = contrair, congregar, reunir, preparar...

συν [*sun*] ou ξυν [*ksun*]: ± equivalente ao latim *cum* [= *com*], indicando: *conjunção, companhia, combinatória, reunião, afluxo, concentração...*

στέλλω: *abastecer, aprovisionar com víveres para a viagem, equipar, preparar, armar...*

• **διά stol e**

• **Raiz:** *stol-*, no grau “o”

• **origem da palavra:** o nome grego διαστολή [*diastolê*: διά + στολή] com o significado fundacional de *afastamento, dispersão, disseminação, distensão, expansão, dilatação...*

• **palavras da mesma família:**

διαστέλλω (*diastéllo*: [διά + στέλλω]) *afastar, distender, dilatar, expandir, distribuir...*

• **significado dos elementos constitutivos [análise morfémica] do verbo διαστέλλω:** prefixo διά (= ao longo de, por, através de, por causa de, sugerindo as ideias de mediação, distribuição, dispersão, descompressão, expansão...) + στέλλω + o sufixo -jω > στέλλω (= *abastecer, aprovisionar com víveres para a viagem, equipar, preparar (-se), armar...*)...

g) **apó stol o**

Raiz: *stol-*, no grau “o”

• **origem da palavra:**

o nome grego ἀπόστολος [*apóstolos*: ἀπό + στολος] com o significado originário de *enviado para longe, legado, mensageiro, emissário, apóstolo*; e, também, *barco de transporte de mercadorias, expedição naval...*

ἀποστέλλω [*apostéllo*: ἀπο + στέλλω] = *enviar, expedir, mandar para longe...*

ἀπό [*apo*]: ± equivalente ao latim *ab*, indicando *o ponto a partir do qual, a origem...* e sugerindo *movimentação para fora de, afastamento, separação...*

h) epí stol a

Raiz stol-, no grau “o”.

- **origem da palavra:** o substantivo ‘epístola’ provém do grego ἐπιστολή [*epistolē*], através do latim *epistola*, com o significado de *mensagem, carta, epístola, ordem, aviso...*; pertence à mesma família do verbo ἐπιστέλλω [*epistéllo*]: *mandar dizer, fazer saber, escrever, enviar carta ou mensagem, mandar uma orientação, dar uma ordem...*
ἐπί [*epí*]: *sobre, acerca de, em cima de, à superfície de, na direcção de...*

i) e stol a

Raiz stol-, no grau “o”.

- **origem da palavra:** o nome ‘estola’ vem do grego στολή [*stolē*] (> *estola*), através do latim *stola, -ae*, com prótese do «e», antes da sequência grafémica consonântica inicial “st”, na evolução para português [*e + stola*], com o significado de *túnica, indumento, equipamento, acessório paramental, estola* (símbolo da inocência e da legitimação apostólica); pertence igualmente à família do verbo στέλλω que significa *abastecer, aprovisionar com víveres para a viagem, equipar, preparar, armar, apetrchar...*

j) e stel a

Raiz stel-, no grau “e”.

- **origem da palavra:** o nome ‘estela’ vem do grego στήλη [*stéle*] > *estela*, através do latim *stela, -ae*, com prótese do «e», antes da sequência grafémica representativa do grupo

consonântico inicial “*st*”, na evolução para português: *e* + *stela*; a palavra ‘estela’ designa um monumento sepulcral e/ou comemorativo, uma coluna, um pilar, um marco; pertence igualmente à família lexical do verbo *στῆλλω*, cujo significado já vimos anteriormente (= *preparar(-se)*, *equipar*, *prover de recursos*, *abastecer*, *aprovisionar com víveres para a viagem*, *equipar*, *armar...*)...

l) in stal ar

Raiz *stl-* > *stal-*, no grau “zero”, em que a soante «*l*» gera um «*ã*» breve (neste caso, a precedê-la) e permanece «*al*».

- **origem da palavra:** o verbo ‘instalar’ tem a sua matriz no verbo latino medieval «*stallo*, *-as*, *-are*» (< de *stallum*, relac. com o frâncico **stal* [= posição, “estatuto”]), com o significado de *instalar* (por via do francês *installer*, com a raiz no grau zero — *stl-* > *stal-* —, tal como acontece com *peristáltico*, *peristaltismo*, *sistáltico*, *pedestal...*, palavras da mesma família radicial, morfo-semântica e genealógica...), com os significados de: *pôr*; *posicionar e implantar com os devidos preparativos, meios e condições, por forma a desenvolver-se vitalmente e de modo adequado e, portanto, a não se deixar acomodar, cristalizar...*

Nota: Assim, e em bom rigor, a «*comissão instaladora*» de uma organização recém-criada tem como missão primordial *organizar e apetrechar adequadamente o “navio” para a viagem* do que vai ser o seu desempenho ao serviço da comunidade social em que se integra... Infelizmente, em não raras circunstâncias, tais “comissões”, com o andar do tempo (e contra a semântica genealógica..), vão-se transformando em “*comissões instaladas*”...

Em suma: julgamos ter demonstrado a importância, a riqueza e a polivalência lexicogénica da raiz

stel- / *stl̥-* [$>$ *stal-*] / *stol-*⁽¹⁾

(com forte presença no vocabulário ligado ao mundo *odisseico*, real e simbólico, da navegação e das viagens...),

**como se poderá concluir através da ponderação morfo-
semântica da seguinte amostragem
da sua vasta família lexical:**

apostolado, apostolar; apostólico, apóstolo, diástole, diastólico, epístola, epistolar; epistolário, epistolografia, epistológrafo, estela, estola, estolão, estolidez, estólido, estultice, estultícia, estultície, estultificação, estultificante, estultificar, estultilóquio, estulto, instalação, instalado, instalador, instalar, pedestal, peristáltico, peristaltismo, sistáltico, sistolar, sistole, sistólico...

Observações:

1. De notar que é “estulto” [lat.: *stultus* = insensato, estúpido...] quem, *sob o peso “bruto” dos apetrechos e dos preparativos*, perdeu a *plasticidade e educabilidade* e se deixou “cristalizar”; quem não é capaz de desenvolver as condições e as potencialidades proporcionadas pela “*instalação*” [apetrechamento para a viagem...] e “*empossamento*” num cargo e preferiu acomodar-se, petrificando, cristalizando, em suma, estupidificando-se e não mais se desenvolvendo...

2. Por outro lado, o *apóstolo* é o *mensageiro que foi preparado e apetrechado para viajar para longe (apo-)* e, desse modo, *ser portador de uma mensagem* para a qual está *legitimado*: por isso, pode usar a “*estola*” como paramento simbólico dessa legitimação.

1 De entre os vários dicionários etimológicos portugueses e estrangeiros que foram consultados, nesta minuciosa investigação filológico-lexical (como aliás noutras...), foi dada preferência, pelo seu rigor, fundamentação e sistematização, a Calvert Watkins: *The American Heritage – Dictionary of Indo-European Roots*, Boston / New York, Houghton Mifflin Company, 2000, entrada «*stel-*», p. 85, e a Robert K. Barnhart (edit.): *Chambers Dictionary of Etymology*, Edinburgh / New York, Chambers Harrap Publishers, 2001, entrada «*instal*», p. 532.

7.4.2. A “tensão” da *hipotenusa*

Sugestões para o desenvolvimento
de actos didácticos direccionados para a promoção
da “literacia” sofo-científica e para
a “liguagem académica”

(continuação)

— «*academic language*» —

exemplificação: a “*família lexical*” da palavra
“*tensão*” — a «*corda tensa*»¹: a *hipotenusa*...



1 A ideia (e a imagem) de “*corda tensa*” (que, no fundo, é a metáfora subjacente ao conceito geométrico de “*hipotenusa*”) está presente na estrutura e na operatividade de vários instrumentos musicais (*harpa, violino, guitarra...*), sabendo-se que palavras como *tom* (em grego τόμος [τόνος], com o significado de ‘*tom, acento, tensão de uma corda*’... e, em latim *tonus*, nome importado directamente do grego com a mesma significação fundamental...), *tonal, tonalidade, entoação*, etc., etc., têm a mesma raiz fundadora «*ten- / tē- [> ta-] / ton-*», que remete para os traços semânticos de «*tensão*», de «*corda tensa*», sem o que não seria possível a produção de sons musicais pelos instrumentos de corda (*harpa, guitarra, violino...*)... Tenha-se em conta, ainda, que palavras como *átomo, ditongo, tónico, tonificar* pertencem à mesma família lexical e são usadas tanto em disciplinas como a *Gramática* (exs: vogal e sílaba átoma, acento tónico, monotongo, ditongo...), como em disciplinas das áreas da *Medicina* e da *Farmácia* (estados de atonia, distonia [fraqueza, falta de vigor], a suscitarem uma terapia à base de tónicos)...

a) música

*Poderei
com esta harpa de cordas tensas, com as pérolas
deste colar de sons e mágoa,
tocar o teu ouvido ou a tua alma,
poderei chegar sem que o vento me anuncie
mais perto dessa cama que nunca foi o céu ou
a terra ou o mar onde,
impiedosa,
não se abrisse a tempestade?
(...)*

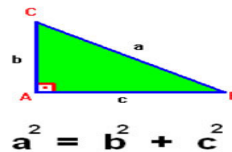
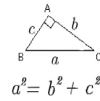
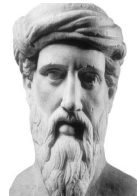
José Agostinho Baptista: *Biografia*,
Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, p. 575.



b) teorema de Pitágoras

«Num triângulo rectângulo,
o quadrado da hipotenusa
é igual à soma
do quadrado dos catetos».

Euclides: *Livro I dos Elementos*, proposição 47.



c) significado do lexema ‘hipotenusa’

raiz indo-europeia: *ten-* / *tḡ-* [$>$ *ta-*] / *ton-*

“adn semântico”= *estirar, esticar, estender* [um fio, uma corda...],
retesar, esforçar(-se) por, aplicar-se, encarniçar-se [num comba-

te], *tender para, aproximar-se estreitamente de, assemelhar-se a, identificar-se com...*

• o lexema ‘hipotenusa’ e a língua grega¹:

A palavra ‘hipotenusa’ (em grego: ἡ ὑποτείνουσα [*ê hypoteínousa*]) é um particípio presente substantivado do verbo ὑποτείνω (= *ter* [τείνω] *por baixo* [ὑπο]), *subter, suster, sustentar, fixar fortemente uma coisa contra outra...*); por outro lado, ἡ ὑποτείνουσα τὴν ὀρθὴν γωνίαν [*ê hypoteínousa tèn orthên gonían*] é *a linha que **subtende e sustenta** o ângulo recto, contrapondo-se-lhe fortemente “por baixo”, “garantindo”, desse modo, a invariância da abertura angular.*

A raiz indo-europeia *ten-* / *tḡ-* [> *ta-*] / *ton-* e, conseqüentemente, o “adn semântico” do lexema “*hipotenusa*” é o mesmo, entre outras, das palavras portuguesas (e das suas homólogas das principais euro-línguas...) *sustentação, subtensão, subtenso* [= corda de um arco], *subtenso* [= diz-se do segmento de recta que une as extremidades de um arco], *tensão, tenso, intenso, intensidade, pretensão, pretensioso, despretensioso, atenção, atencioso, anátase* [gr.: ἀνάτασις [*anataxis*], *bronquiectasia* (do grego: βρογχιέκτασις < βρόγχιον [= brônquio] + ἔκτασις [= acção de estender os brônquios de dentro para fora, dilatação]), *ter* (proveniente do latim: *tenere* > *teer...*), *tenor, teor, tónus, tom, barítono, átono, tónico, catatonía, hipertonia, hipotonia, peritoneu, peritonite, tonoplasto, tonotaxia, tonotecnia, vagotónico, hipertensão, hipotensão, tensímetro, tensor, tensorial, tendinite, tenesmo, tétano, tetania...*

1 Nota: sobre o significado e a “morfo-genealogia” dos termos gregos acabados de referir, ver, entre outros, os seguintes dicionários nas «entradas» respectivas: Pierre Chantraine: *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque – Histoire des Mots*, Paris, Klincksieck, 1999; Renato Romizi: *Greco Antico – Vocabolario Greco Italiano Etimologico e Ragionato*, Bologna, Zanichelli, 2006; A. Bailly: *Dictionnaire Grec Français*, Paris Hachette, 1984.

• o lexema ‘hipotenusa’ e a língua latina:

A palavra ‘hipotenusa’ tem a mesma raiz — *ten-* — do verbo *tendo*, *-is*, *-ere*, *tetendi*, *tentum / tensum*¹ (= *tender*, *estender* [*extender*], *ganhar extensão*, *estirar*, *esticar*, *afinar* [as cordas da harpa, da lira, da cítara...], *dirigir(-se) para*, *encaminhar-se*, *inclinar-se para*, *aspirar a*, *esforçar-se por*, *empenhar-se*); tem igualmente a mesma raiz do verbo *teneo*, *-es*, *-ere*, *tenui*, *tentum* (= *ter*, *manter(-se)*, *continuar*, *conter*, *reter*, *suster*, *sustentar*, *lograr*, *conseguir*, *apoderar-se de*, *ter em seu poder*, *acolher*, *ter na mente*, *conhecer*, *saber*, *ter um rumo*, *ter ideias próprias*, *ter convicções*...).



• ó tocadora de harpa!...

*Ó tocadora de harpa, se eu beijasse
Teu gesto, sem beijar as tuas mãos!*

¹ Nota: o supino *tensum* formou-se por analogia com *pransum* (de *prandeo*) e *tonsum* (de *tondeo*); e, embora mais tardio, porque posterior a *tentum*, acabou por prevalecer sobre este. Cf. Andrew L. Sihler: *New Comparative Grammar of Greek and Latin*, New York / Oxford, Oxford University Press, 1995, § 212 d, p. 203.

*E, beijando-o, descesse pelos devãos
Do sonho, até que enfim eu o encontrasse*

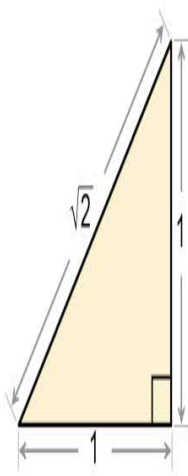
*Tornado Puro Gesto, gesto-face
Da medalha sinistra — reis cristãos
Ajoelhando, inimigos e irmãos,
Quando processional o andor passasse!...*

*Teu gesto que arrepanha e se extasia...
O teu gesto completo, lua fria
Subindo, e em baixo, negros, os juncais...*

*Caverna em estalactites o teu gesto...
Não poder eu prendê-lo, fazer mais
Que vê-lo e que perdê-lo!... E o sonho é o resto...*

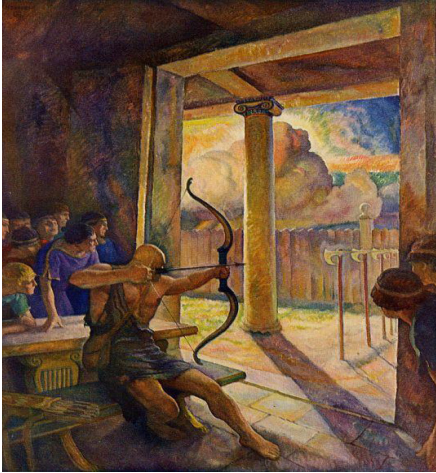
Fernando Pessoa: *Ficções do Interlúdio* (1914-1935),
Lisboa, Assírio & Alvim 1998,
«Passos da Cruz» IV, p. 26.

d) a ‘hipotenusa’ e a “tensão” das cordas e dos arcos...



• O arco de Ulisses e a lira de Homero...

(Odisseia)



(...)

*«Assim falavam os pretendentes; mas o astucioso Ulisses,
após ter levantado o grande arco e de o ter examinado,
tal como um homem conhecedor da lira e do canto
facilmente
estica uma corda
a partir de uma cravelha nova,
atando bem a tripa torcida de ovelha de um lado e de outro —
assim sem qualquer esforço Ulisses armou o grande arco.
Pegando nele com a mão direita, experimentou a corda,
que logo cantou com belo som, como se fosse uma andorinha.»*

(sublinhei)

Homero: *Odisseia*, C. XXI, vv. 404-411 (tradução de Frederico Lourenço) Lisboa, Livros Cotovia, 2003, p. 350.

• *A tensão do arco* e os Jogos Olímpicos



e) fecundidade lexicogénica da raiz indo-europeia: *ten-* / *tŋ-* [*> ta-*] / *ton-*

(presente em mais de 300 vocábulos)

– ver a seguinte amostragem [não exaustiva] –

abstenção, abstinência, abster, anátase, atendimento, atender, atenção, atentar, atentado, atenuante, atenuar, ater(-se), atinente, atonia, átono, barítono, bronquiectasia, catatonia, catatónico, contenção, contencioso, contenda, contender, contendor, contensão, contentamento, contente, contento, contentor, contentorizar, conter, conteúdo, continência, continental, continente, continuação, continuado, continuar, contínuo, continuidade, descontinuidade, descontínuo, detença, detenção, detentor, deter, detonação, detonador, detonante, detonar, diatónico, distender, distensão, distensível, distenso, distensor, distonia, ditongação, ditongar, ditongo, dítono, entendedor, entender, entendido, entendimento, entoação, entoador, entoar, entonação... entonar, entono, entre-tém, entretenha, entretenimento, entreter, entretenimento, entretenha, entretenimento, entreter, entretenimento, epítase, estendal, estendedouro, estender, estenderete, estendível, extensão, extensível, extensivo, extenso, extensor, extenuante, extenuar, hipertensão, hipertensivo, hipertenso, hipertonia, hipertónico, hipotensão, hipotenso, hipotensor, hipotenuso, hipotonia, hipotónico, intenção, intencional, intendência, intendente, intender, intensão, intensidade, intensificação, intensificar, intensivo, intenso, intentar, intento, intentona, manutenção, manter, manutenção, manuténir, manutenível, monotonia, monótono, neotenia, obtenção, obtenível, obtentor, obter, ostender, ostensão, ostensível, ostensivo, ostensor, ostensório, ostentação, ostentar, ostentativo, ostentoso, oxitonizar, oxítano, paroxítano, parassimpaticotonia, peritoneal, peritoneu, peritónio, peritonite, pertença, pertence(s) pertenc-

cente, pertencer, pertinácia, pertinaz, pertinência, pertinente, politonal, politonalidade... portento, portentoso, pretendente, pretender, pretendida, pretensão, pretensiosismo, pretensioso, pretenso, pretensor; proparoxítono, prótase, protático, protender, protendido, protensão, rédea (lat.: retina), renda, render; retém, retenção, retentiva, retentivo, retentor; retentriz, reter, retesador; retesamento, retesar, reteso, retináculo, retinência, retinente, simpaticotonia, sintonia, sintónico, sintonizar; subentendido, subentender, superintendente, superintendência, superintender; sustentação, sustentáculo, sustentador, sustentar, sustentável, sustento, suster; sustimento, sustenido, sustimento, telangiectasia, tenacidade, tenáculo, tenaz, tença, tenção, tencionar; tenda, tendal, tendão, tendedeira, tendedura, tendeiro, tendência, tendencioso, tendente, tender, tendido... tendilha, tendilhão, tendinite, tendinoso, tenência, tenente, tenesmo, tenesmódico, ténia, teníase, tení-fugo, teniobrânquio, tenióide, tenopatia, tenor; tenorino, tenotomia, tenótomo, tenro, tensa, tensão, tênsil, tensímetro, tensioactivo, tensivo, tenso, tensor; tensorial, tenta, tentacular; tentáculo, tentação, tentadiço, tentador; tentame, tentar, tentativa, tentear, tenteio, tento, ténue, teor, ter, terno, ternura, tetania, tetânico, tetanizar; tétano, toada, toadilha, toante, toar; tom, tonal, tonalidade, tonante, tonar; tonário, tonia, tonicidade, tónico, tonificante, tonificar, tonilho, tonismo, tonitruante, tonitruar, tono, tonometria, tonómetro, tonos, tónus, tonotecnia, vagotonia...



cabos / linhas de *alta tensão*

7.4.3. Sobre o conceito de πάθος [*pathos*]¹ ...

É no πάθος [*pathos*]² que reside, porventura, a dimensão mais singular e mais complexa da nossa condição humana que nela se institui, se constitui e se organiza e de que diuturna, múltimoda e polissemicamente se alimenta, se configura e se revela: desde a escuta, a visão e a previsão, o cheiro, o tacto, o paladar e o saborear, à suspeição, ao pressentimento, ao agoiro, ao presságio e à premonição... É no πάθος [*pathos*] que, a meu ver, radica a possibilidade primeira e última de toda a criatividade e de todo o pensar e agir humanos... para o bem e para o mal...

Tudo irrompe, afinal, desse transracional e enigmático “território” do nosso ser, que se desdobra irruptiva e epifanicamente em alegria, em cântico, em amorável celebração e em festa, em angústia, em desespero, em sofrimento, em dor e em desgraça, em paciência, em esperança, em serenidade, em prudência e em sabedoria, mas também em inconsciência, em insensatez e em irresponsabilidade e, no limite, nos paradoxais, oximóricos e incontrolados turbilhões da desmedida loucura da ὕβρις [*hybris*] e da frieza letalmente mortífera (tantas vezes calculada e programada...) da violência e do próprio crime...

É ele, πάθος [*pathos*], esse livre, desmedido e encarcerável oceano que (com a inesgotável ἐνέργεια [*energeia*] ondulatória

1 Cf. Fernando Paulo Baptista: *Tributo à Madre Língua*, Coimbra, Pé de Página Editores, 2003., p. 53.

2 Entendido na máxima tensão, latitude, amplitude, fundura, descensão e elevação e na corpóreo-anímica e contraditória abissalidade dos sentires e dos sentidos: *psicopatía, apatía, dispatía, antipatía, eupatía, empatía, simpatía*...

e translativa dos instintos latentes e impulsivos e das brusquidões reactivas e repentinas, da misteriosa movência das pulsões libidinais, oníricas, ilógicas, absurdas e metafísicas, tanto “divinas” como “demoníacas”...) constitui o universal transfundo e a úbere e possibilitante matriz genealógica, genológica e genotípica da “mecânica dos fluidos” psicoférica e, dentro dela, da semiótica “poliglotia” e intercomunicabilidade social....

É dele que eclodem, em última instância, as brisas e maresias da *lírica*, as marés vivas e tensas do *drama*, as ousadas e argonáuticas gestas da *epopeia*, a inelutável, irreversível e patética fatalidade dos naufrágios da *tragédia*, mas é também, em seu desconcertante, contraditório e dialéctico horizonte, que desponta a “estrela d’alva” da Esperança e do Amor, inspiradoramente alumiante da *Utopia* e da *Poiese* de uma Humanidade Melhor...

I. Esta palavra “*Simpatia*”...

Raiz: *kwent(h)- / kwnt(h)-* > *path- / pati- / pass-*
com as variantes *pass- / pac- / paix- / pati- / pato-*,
suscitadora da ideia geral de “*sofrer, suportar, padecer...*”,
ideia que constitui o seu “ADN semântico”

1. Inventário lexemático

a) lexemas de proveniência latina:

*apaixonar[-se] apassivante apassivar compaixão compas-
sividade compassivo compatibilidade compatível impacien-
tar[-se] impaciente impassibilidade impassível incompatível
paciente paixão passa (s. f.) passibilidade passiflora passi-*

florácea passional passionalidade passionário passiva passivamente passível passividade passivo passo (adj.) patível...
 Todos estes lexemas são relacionáveis com o verbo *patior*, *-eris*, *pati*, *passus sum* [= padecer, sofrer, suportar...] e com outros vocábulos da mesma família etimológica: *passio*, *-onis*, *passus*, *passibilis*, *patientia*, *compatibilis*, *compassio...*, etc.;

b) lexemas de proveniência grega:

alopatia alopático antipatia antipático antipatizar apatia apático cardiopatia empatia empático encefalopatia frenopatia hemopatia homeopata homeopatia homeopático patético patetismo patobiologia patofobia patoforese patogenesia patogenia patogénico patognomonía patognóstico patografia patólise patologia patológico patólogo patomania patometabolismo patomímia patonomia patopeia patopoiese psicopatia simpatia simpático simpatizar telepatia...

Este conjunto lexical é relacionável com o verbo πάσχω [*pascho*] [= receber uma impressão ou uma sensação, sofrer um tratamento bom ou mau] e com outros lexemas da mesma família etimológica: πάθος [*pathos*], συμπάθεια [*sympátheia*], ἀπάθεια [*apátheia*], ἐμπάθεια [*empátheia*], παθητικός [*pathetikós*]...

2. Sugestão de tratamento didáctico:

a) Organizar um “pódio / pirâmide” lexical:

O objectivo é colocar em posição de destaque o léxico próprio da “linguagem de especialidade”, designadamente do

dircurso *sofo-científico* da vida académica... Vejamos como proceder através do recurso a esta “técnica de evidenciação”, a propósito do binário terminológico-conceptual «**simpático** / **simpatético**», do campo das Ciências Médicas:

sim pát ico // sim pat ético

destaque, em ambos os termos, da mesma raiz «**pat-**», enquanto fulcral constituinte morfogénico a eles comum, tal como ressalta da «análise morfémica» de que já falámos sobejamente

• origem dos dois termos¹:

Ambos os lexemas provêm do grego: συμπαθικός [*sympathikós*] e συμπαθητικός [*sympathetikós*], respectivamente, através do latim medieval *sympathicus* / *sympatheticus*, usados em Medicina para designar o «*sistema do grande simpático*», isto é, *a parte do sistema nervoso que está em relação mais directa com os órgãos da vida vegetativa*, que interage estreitamente com as vitais dimensões da sensibilidade, da emoção e da afectividade e com a capacidade global de sofrer e que regula, em especial, a circulação e as secreções, intervindo, também, nos actos reflexos.

1 Cf. Robert K. Barnhart (ed.): *Dictionary of Etymology*, New Edinburgh / New York, Chambers Harrap Publishers Ltd, 2001, entrada “*sympathy*”, p. 1105; Peter Walker (ed.): *Dictionary of Science and Technology*, New York, Chambers Harrap Publishers Ltd, 1999, entrada “*sympathetic nervous system*”, p. 1137 e também José María Quintana Cabanas: *Raíces Griegas del Léxico Castellano, Científico y Médico*, Madrid, Dykinson, 2006, verbete n.º 2. 536, p. 796. Cf., igualmente, Betty Davis Jones: *Delmars’ Comprehensive Medical Terminology*, Boston, ITP, 1999.

PÓDIO / PIRÂMIDE LEXICAL

sim pát ico // sim pat ético

πάθος
[«pathos»]

sim + pát + ico
sim + pat + ético

*alopatia alopático antipatia
antipático antipatizar apatia apático
cardiopatia empatia empático encefalopatia frenopatia
hemopatia homeopata homeopatia homeopático patético
patetismo patobiologia patofobia patoforese patogenesia patogenia
patogénico patognomonía patognóstico patografia patólise patologia
patológico patólogo patomania patometabolismo patomímia patonomía
patopeia patopoiese psicopatia simpatia simpatizar telepatia...*

Os lexemas constitutivos deste “pódio” e “pirâmide” são todos eles atravessados pelo significado “genealógico” e transversal da matriz grega πάθος [«*pathos*»] que os marca com o conteúdo global expresso na reflexão desenvolvida no ponto 7.4.3., intitulada «Sobre o conceito de “*pathos*” [πάθος]»...

Desse lastro reflexivo e emocional mais abrangente, irrompem os conteúdos noético-conceptuais específicos (e especializados...) que *cada área de saber* integra em si, a partir do “campo fenomenológico” de que se ocupa.

Longe de se perder rigor, só se ganha verdadeiramente um “horizonte” doador de sentido para o próprio labor investigativo, quando cada um desses sectores de problematização, indagação, análise, experimentação e estudo entra em constante e integra-

dora «dialogia» multivectorial e reticular com todo o universo gnosiológico de que cada um desses sectores faz parte (perspectiva *holística e inter-dialógica e polilógica* dos diversos saberes sofo-científicos entre si)...

Tudo isso, sem nunca perder de vista que o Ser Humano, nomeadamente pela sua complexidade bio-neuronal e antropológico-cultural, é considerado o «Terceiro Infinito», um «Infinito feito de uma complexidade tão real quanto o Ínfimo e o Imenso» (cf. Theillard de Chardin: *Les Directions de l'avenir*, Paris, Seuil, 1973)...

É assim que, analogamente (ainda que a um outro nível bem mais diferenciado de análise e ponderação...), deixarão de ser adequadamente pensáveis ou claramente entendíveis os conceitos de “*simpático*” e de “*simpatético*”, bem como os de “*simpático*” e de “*parassimpático*”, sem uma articulação morfo-semântica com, pelo menos, os vocábulos ou termos mais afins que, ao fim e ao cabo, nasceram da mesma “placenta” lexicogénica (ou do mesmo “fotão” verbo-semiósico, ainda que, ao longo do tempo, tenham vindo a adquirir significados bem precisos e bem rigorosos dentro do “discurso” científico-sapiencial em que operatória e comunicacionalmente se integram e se movem...

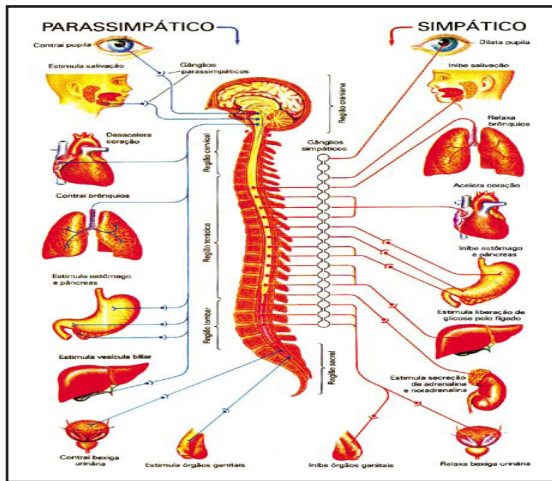
É numa tal perspectiva e contexto que adquirem especial relevância os conceitos de «*compatibilidade*» / «*incompatibilidade*» em analogia com os de «*simpatia*» / «*antipatia*», ao sabermos que todos eles são portadores da mesma «matriz» progenitora, tudo no pressuposto de que se a «Ciência» se constrói com a inteligência, a racionalidade e a “lógica” dos princípios, axiomas e paradigmas teóricos, também não dispensa o «espírito crítico», a «sensibilidade», a «emoção, a «paixão», a «vontade determinada e irresignada», a «resiliência», a «dimensão onírica do sonho» e da «imaginação criadora»...

Em todo o caso, **constitui sempre uma grande segurança partir de uma base gnosiológica e terminológico-conceitual consistente** para potenciar a aprendizagem dos seus dois sub-sistemas orgânico-funcionais, no quadro da anatomia e da fisiologia do «sistema neuro-vegetativo».

b) O “simpático” e o “parassimpático”

O sistema nervoso vegetativo (também dito autónomo), exerce a sua influência, essencialmente, sobre os órgãos internos: aparelho digestivo, respiratório, excretor, reprodutor, circulatório e glândulas de endo-secreção, ou seja, sobre todos os sistemas que realizam as funções vegetativas do organismo, o metabolismo, o crescimento e a reprodução.

Considerando a disposição dos seus núcleos constitutivos e o tipo de influência por si exercida, o sistema vegetativo divide-se nos dois referidos subsistemas: o “simpático” e o “parassimpático”¹.



1 Para uma caracterização bastante clara e acessível do sistema nervoso vegetativo e de seus dois subsistemas, ver L. Gavrilov e V. Tatarinov: *Anatomia Humana*, op. cit., pp. 319-338; e também António Damásio: a) *O Erro de Descartes — Emoção, Razão e Cérebro Humano*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1995, pp. 108-195; b) *O Sentimento de Si — O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*, Lisboa, Publicações Europa-América, 2001, pp. 60, 70, 182, 296, 297, 300. Ver ainda: [http://www.infopedia.pt/\\$sistema-nervoso-parassimpatico](http://www.infopedia.pt/$sistema-nervoso-parassimpatico); http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_nervoso_simpatico; http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_nervoso_parassimpatico#Fun.C3.A7.C3.B5es; http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_nervoso_autonomo; http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_nervoso_autonomo#Anatomia.

7.4.4. Finalização...

Como *sugestão* mais especificamente direccionada

para a promoção da

“*Logopaideia*”,

propõe-se a conclusão da presente abordagem pedagógico-didáctica ao tema do «pathos» (πάθος), em diferentes registos (incluindo os musicais...), com a leitura (desejavelmente expressiva) dos seguintes poemas:

a) MIGUEL TORGA:

Pietá

b) JOAQUIM PESSOA:

Cavalo de Palavras

c) A. OLIVEIRA CRUZ:

Simpatia de tão longe

a) Pietá



*Vejo-te ainda, Mãe, de olhar parado,
Da pedra e da tristeza, no teu canto,
Comigo ao colo, morto e nu, gelado,
Embrulhado nas dobras do teu manto.
Sobre o golpe sem fundo do meu lado
Ia caindo o rio do teu pranto;
E o meu corpo pasmava, amortalhado,
De um rio amargo que adoçava tanto.
Depois, a noite de uma outra vida
Veio descendo lenta, apetecida
Pela terra-polar de que me fiz;
Mas o teu pranto, pela noite além,
Seiva do mundo, ia caindo, Mãe,
Na sepultura fria da raiz.*

Miguel Torga: *Poesia Completa* [Diário I],
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 117.

SUGESTÕES POÉTICO-MUSICAIS:

1º. – Ler, primeiro, em meditativo silêncio, o poema de Miguel Torga intitulado «*Pietá*»;

2º. – Observar atentamente a imagem da «*Pietá*» de Michelangelo;

3º. – Escutar, em silencioso e respeitoso recolhimento, realizações musicais como as seguintes:

a) – J. S. Bach: Mattheus-Passion (St Matthew Passion) BWV 244 /Bostridge * Selig * Rubens * Scholl * Gura * Henschel * Collegium Vocale * Herreweghe (+CD-Rom).

b) – Paixão segundo S. Mateus de Bach: <http://www.youtube.com/watch?v=nuBeByQQUo8>

c) – Paixão (Sinfonia n.º 49) de Haydn:
<http://www.youtube.com/watch?v=pQ9-tYvTTOE>
<http://www.youtube.com/watch?v=af9wHTkpIjs&feature=related>

d) – Appassionata (Sonata n.º 23) de Beethoven: <http://www.youtube.com/watch?v=OHoV555AU5c>; <http://www.youtube.com/watch?v=mfrfT3dvKLS&feature=related>

e) – Patética (Sonata n.º 13) de Beethoven: <http://www.youtube.com/watch?v=XWxaRku4IM4> <http://www.youtube.com/watch?v=cYVRtyBkiN8>

f) – Patética (Sinfonia n.º 6) de Tchaïkovski.
<http://www.youtube.com/watch?v=yDqCIcsUtPI&featu>

b) Cavalo de Palavras

*Cavalo de palavras quem me agarra
quem aparta de mim esta saudade?
Quem fez da minha voz uma guitarra
tocada pelos dedos da verdade?*

*Cavalo de palavras quem me dera
poder erguer a voz. Calar o pranto.
Trazer no meu poema a primavera
por dentro dum flor de verde espanto.*

*Cavalo de palavras meu amigo
meu soneto da mágoa mais acesa
pelas praias do sangue vou contigo*

*percorrer esta língua portuguesa
procurando o lugar que é o abrigo
das enormes gaivotas da tristeza.*

Joaquim Pessoa: *Antologia Poética*,
Lisboa, Litexa Editora, ³1989, p. 40.

Sugestão poético-musical (*com música de fundo*):

https://www.youtube.com/watch?v=2x-F-cwo_y4

C) SIMPATIA DE TÃO LONGE

*Simpatia de estar perto
simpatia de tão longe
todo o amor faz deserto
só amarás se for 's monge*

*Que p'ra amar tens de ser livre
das cadeias que te prendem
solta-te ao mundo e vive
sê o deus que as coisas sentem!*

*Mesmo que preso um instante
faz de instante a eternidade
quando ames faz-te amante
preso ou livre e sem idade!*

... Simpatia de estar perto

simpatia de modéstia

simpatia de bondade

simpatia o que nos resta!

A. Oliveira Cruz: *Antologia Poética*,
Lisboa, Edições Piaget, 2010, p. 296.

Sugestão poético-musical (com música de fundo):

<https://www.youtube.com/watch?v=8nGhHL6Dhok>

CAPÍTULO VIII

HORIZONTE E TRAJECTO DA “LITERACIA” CIVILIZACIONAL, CULTURAL, CIENTÍFICA E SAPIENCIAL, DESDE A BASE ATÉ AO TOPO, A CAMINHO DA UNIVERSIDADE...

A) Do “analfabetismo literal” para a “literacia científica e sofo-cultural”

8.1. Se bem pensarmos (e consonantemente com os sintomas que nos é dado captar das abordagens e amostragens sectoriais acabadas de levar a cabo...), *o que no fundo está posto em causa, é a globalidade de toda uma política de formação integrada, a ser garantida articuladamente pelo Sistema Educativo desde a base (educação pré-escolar) até ao topo (ensino universitário inclusive), política essa, direccionada para os desempenhos profissionais especializados em todas as áreas e sectores da vida comunitária e para as missões socialmente mais relevantes e de maior responsabilidade.*

8.2. Assim, se é verdade que ainda continua a fazer-se sentir significativamente a calamidade do *analfabetismo literal* (cerca de um milhão de portugueses em 2009¹), calamidade caracterizada pela Unesco, em fins do séc. xx, como «*o último flagelo do género humano*»², importa não esquecer também que, tal como sublinha

1 Segundo o “Público” de 2009.09.08: «*Em Portugal, nove em cada cem portugueses continuam sem saber ler nem escrever; na maioria idosos e a viverem no Interior. Ainda assim, previsões da UNESCO apontam para uma descida progressiva até 2015*».

2 Cf. Fernando Paulo Baptista: *Tributo à Madre Língua*, Coimbra, Pé de Página Editores, 2003, p. 71.

Celia Hart³, «*el analfabetismo científico y cultural es hoy por hoy el flagelo primario de la civilización*»...

8.3. É essa “visão” feita de humanidade que nos deve impulsionar e fazer convocar em benefício de todos esses nossos con-cidadãos a crucial problemática da *literacia científica e cultural* («*scientific and cultural literacy*»), em seu mais aprofundado entendimento, perspectivando-a, desde logo, no interior da frequên-cia “normal” do processo educativo institucional, mas também para além dela (lacerada, entre nós, como se sabe, por elevadas taxas de abandono escolar⁴...), integrando-a, numa estratégia de inclusão actualizadora, nas dinâmicas de formação e *aprendi-zagem ao longo da vida* («*lifelong learning*») e projectando-a ascensivamente para os exigentes horizontes de *ingresso na Universidade*, ingresso a ser entendido como *um direito huma-no universal*, com a consciência, todavia, de que *esse direito de modo algum pode deixar de pressupor* «*the knowledge and skills that all high school graduates need*»⁵.

8.4. Na verdade, *a literacia científica, cultural e sapiencial*, dando consubstanciadora expressão ao desígnio mais ambicio-so da educação e da formação para a Ciência, para a Cultura e para a Sabedoria holisticamente entendida, implica, por um lado, *uma relação fundacional com o conceito de literacia (leitura e escrita*, em sua acepção mais complexa, mais profunda, mais exigente e mais elaborada...) e, pelo outro, com os conceitos de *Civilização, Cultura, Ciência e Sabedoria (Sophia)* que, por

3 Cf. Celia Hart: *Analfabetismo científico en la nueva era imperial. Artículos y docu-mentos ajenos*, Asociación Cultura Paz y Solidaridad Hayde e Santamaría, La Habana, Noviembre, 2003, p. 2. Considerar também, neste contexto, o convergente e incisivo ensaio de Blanca Ruth Orantes: «El nuevo analfabetismo y la calidad en la Educación», in «Entorno», revista de la Universidad Tecnológica de El Salvador, n.º 42, Abril de 2009, pp. 21-27.

4 Cerca de 30 por cento dos cidadãos portugueses, com idades situadas entre os 18 e os 24 anos, abandonam a escola, apenas com o 9.º ano ou menos. Cf. o DN, de 20.04.2011, reportando dados do “Relatório Europeu sobre Educação”. No contexto da UE, apenas Malta apresenta índices piores.

5 Cf. American Association for Science Literacy: *Project 2061: Resources for Science Literacy*», New York / Oxford, Oxford University Press, 1997, «Preface», pp. vi-vii.

sua vez, remetem para a instância acadêmica que é a sua matriz *geno-plástica, arquitectónica* e legitimante por excelência: a “UNIVERSIDADE”.

8.5. Mas considerando, agora, e mais focadamente, a questão da *literacia científica*, importa, desde bem cedo, responder às expectativas de futuro dos nossos jovens, desenhando-lhes, de modo escalonado e progressivo, um horizonte de inteligibilidade que lhes permita criar uma consciência lúcida e consistentemente estruturada de que esta modalidade sapiencial se realiza através de um processo de complexidade crescente que envolve, ao longo da nossa existência, quatro fundamentais dimensões⁶: a dimensão *nominal*, a dimensão *funcional*, a dimensão *conceptual-processual* e a dimensão *multivectorial e integradora*, implicando sempre, na base, no meio e no topo, o imprescindível contributo fundacional, inspirador e alumiante das áreas das *Humanidades*, das *Belas Letras* e das *Belas Artes*⁷.

8.6. Nessa perspectiva, *importa fazer a apologia da importância da educação e da cultura científicas (scientific literacy) no horizonte global das demais dimensões sapienciais (culturais) do homem — a Arte, a Religião, a Teologia, a Filosofia, o Direito, a Política, a Técnica, a Tecnologia... —, na constituição*

6 Cf. Rodger W. Bybee: *Achieving Scientific Literacy – From Purposes to Practices*, Heinemann, Portsmouth, NH / USA, 1997, pp. 109-137; American Association for Science Literacy: *Project 2061: Resources for Science Literacy*, New York / Oxford, Oxford University Press, 1997, pp. vi-vii, xi-xiv e pp. 3-111.

7 Para uma perspectiva humanístico-artística da “educação científica”, considerar o importante estudo de Floyd James Rutherford «A Humanistic Approach to Science Teaching», de que se transcreve o seguinte excerto: «*His design for a humanistically oriented science course would connect the sciences with the content and values of the field of history, philosophy, literature, and fine arts. A humanistic approach to science teaching makes sense for several reasons. First, science shares many of the intellectual, conceptual, imaginative, and aesthetic characteristics attributed to the humanities. Second, scientists influence and are influenced by the history, art, philosophy, and literature of their period. And third, each of the sciences and humanities has its own value and integrity, and all are necessary to society*» — citação feita por Rodger W. Bybee: *Achieving Scientific Literacy – From Purposes to Practices*, Portsmouth, NH / USA, Heinemann, 1997, p. 73. Cf. também Michael R. Matthews: *Science Teaching: The Role of History and Philosophy of Science*, New York / London, Routledge, 1994, pp. 12, 97, 99 e *passim*.

do seu “estatuto antropológico” e na concepção e concretização de um dinâmico e humanizador “PROJECTO DE CIDADANIA” de real alcance universalista (local, regional, nacional, europeu e planetário: «*glocal*»). Em lógica coerência, torna-se imprescindível que os Responsáveis pela organização curricular e operacional dos processos educativos e formativos tenham uma consciência bem clara de tópicos tão decisivos como os seguintes:

- a) — A importância da *Educação* e da *Cultura Científicas* (*Scientific Literacy*) no contexto das demais esferas sapienciais do Homem, no quadro global do processo educativo-formativo e na perspectiva da realização desse “PROJECTO DE CIDADANIA”;
- b) — A *Formação Científica* enquanto processo *verbo-sé-mio-comunicativo* direccionado para o desenvolvimento desse “Projecto”:
 - a *Ciência* e seus textos: o *sistema da ciência* enquanto “sistema de semióticas específicas” (sistema de “*langues*” dotadas, simultânea, articulada e implicadamente, de uma *semântica* \diamond de uma *lexicogramática* \diamond e de uma *pragmática* e *retórica* próprias), potenciadoras da constituição de comunidades de cientistas, investigadores, especialistas, criadores, intérpretes, tradutores, pedagogos, didactas e das inerentes / decorrentes práticas textuais e comunicacionais; as linguagens / línguas especiais / especializadas: *tecnolectos*, *epistemolectos*, *gnósio-sofolectos* – as “microlínguas científico-profissionais” (Paolo Balboni⁸).
 - a intransferível importância do léxico das ciências na estruturação dos textos científicos; papel das línguas clássicas na construção da aprendizagem daquele léxico: classes morfológicas (verbos, substantivos, adjetivos e advérbios) e constituintes estruturais do léxico científico (*raízes*, *prefixos* e *suffixos*).

8 Paolo Balboni: *Le microlingue scientifico-professionali: natura e insegnamento*, Torino, UTET Libreria, 2000.

- o léxico científico-técnico nos planos de estudos, programas e demais diplomas oficiais, bem como nos manuais escolares: as funções de identificação / designação, descrição, explicação e caracterização: vocabulário dos processos, dos procedimentos operatório-funcionais, das “etiquetagens” de referentes empírico-naturais, de referentes noético-epistémicos e técnico-instrumentais (*constructos teóricos, nocionais, conceptuais e proposicionais; artefactos, equipamentos, aparelhagens, utensílios...*).
- c) — De uma “*lexicopoiese*” (uma “*lexicogénesis*” e uma “*lexicomorfose*”...) para uma “*lexicodidáctica*” e uma “*logopaideia*”: o contributo científico da *Linguística Teórica e Aplicada* e o papel *metodológico-operatório* da *Didáctica*, enquanto específicos e especializados suportes de uma “*Retórica*” e, sobretudo, de uma “*Poiética Educativa*” (de uma “*Poiética Antropo-Paidêutica*”).

B) Um fortíssimo *sentido académico*, em referência à ideia de “Universidade”...



8.7. Mas o processo de aprendizagem da *linguagem científica e cultural* e, analogamente, da *linguagem erudita* da “cultura elaborada” ou “alta cultura”⁹ não é dissociável de um projecto intrinsecamente marcado por *um forte sentido académico*, ao ponto de se falar mesmo de *linguagem académica*¹⁰ e de se privilegiar uma “visão” *académico-universitária* não só da *ciência* e da *cultura*, mas também da *literacia científica* e da *literacia civilizacional e cultural*, consideradas estas como *o desígnio mais ambicioso de todas as dinâmicas educativas, formativas e humanizadoras que visam a constante e ascensional perfectibilidade axiológica e sofo-gnosiológica* (lato sensu) *do ser humano*.

8.8. Na verdade, a *literacia científica, civilizacional e cultural*, consubstanciando e dando expressão a esse desígnio, pressupõe (como já ficou dito, perdoe-se a insistência!...), uma relação simbiótica, por um lado, com o conceito de “literacia” (ou seja, a *escrita* e a *leitura* em seus mais complexos, mais exigentes e mais

9 Cf. Fernando Paulo Baptista: *Tributo à Madre Língua*, Coimbra, Pé de Página Editores, 2003, pp. 414-415.

10 «*Academic language* is the language used in instruction, textbooks and exams. *Academic language* differs in structure and vocabulary from language used in daily social interactions. *Academic language* includes a (1) *common vocabulary* used in all disciplines, as well as a (2) *technical vocabulary* inherent to each individual discipline. *Academic English* is based more upon Latin and Greek roots than is common spoken English. In addition, *academic language* features more complex language and precise syntax than common English. Low *academic language* skills are associated with low performance in school. *Academic language* is a central theme in PACT and to the development of content literacy. PACT defines academic language as follows: «*Academic language is the language needed by students to understand and communicate in the academic disciplines. Academic language includes such things as specialized vocabulary, conventional text structures within a field (e.g., essays, lab reports) and other language-related activities typical of classrooms, (e.g., expressing disagreement, discussing an issue, asking for clarification).*» (sublinhei). cf.: <http://www.csun.edu/science/ref/language/pact-academic-language.html>; <http://www.csun.edu/science/ref/language/index.html>; PACT — Performance Assessment for California Teachers; (ver: http://www.pactpa.org/_main/hub.php?pageName=Supporting_Documents_for_Candidates)

11 Ou seja: *ler e escrever* com qualidade, propriedade e rigor...

aprofundados desenvolvimentos *pós-iniciáticos* da *manuscritura* e da *soletração*, específicos da *alfabetização elementar...*) e, pelo outro, com os conceitos de *ciência*, de *civilização*, de *cultura*, de *sapientialidade* e de *sabedoria* que, por sua vez, remetem para a sua *instância matricial, validadora e legitimante por excelência*: a UNIVERSIDADE.

8.9. Efectivamente, a palavra ‘UNIVERSIDADE’ nomeia e identifica historicamente (logo lá desde a sua aurora eclesial e medieva, sob a designação de *Studium Generale...*) aquele singular e inconfundível tipo de instituição que assume como intrascendível razão *antropo-poiésica* a sublime “missão” plasmada num “MAGNO PROJECTO ACADÉMICO DE FORMAÇÃO E DE INVESTIGAÇÃO” EM TODOS AS ÁREAS DO SABER, ILUMINADO PELOS SUPREMOS VALORES DA VIRTUDE E DA “ARISTEIA DO MÉRITO”, configuradores de uma ÉTICA INTELECTUAL SUPERIOR¹²...

8.10. O desenvolvimento desse “PROJECTO MAIOR DA CIDADANIA” é protagonizado por «*comunidades de sábios e de estudantes*», *afincadamente dedicados à intérmina procura das relações “onto-fânicas” e “onto-génicas”* do Universo, da Terra, da Vida e do Homem e das correlatas *verdades fenomenais*¹³ e *numenais*...

8.11. E são essas comunidades (hoje, cada vez mais inter-activamente reticuladas e globalizadas à escala planetária...) que, com um bem determinado propósito *antropo-paidêutico*, capacitante e habilitante — domínio da «*competence*»... —, vão concretizando esse inesgotável e desafiante “Projecto”, ao ritmo quotidiano do cumprimento *curricular* e *transcurricular* e através de um exigente e superador processo *poiésico-metamorfósico* contra a tendência entrópica e a acomodação rotineira e obsoleta das práticas instaladas e cristalizadas, sempre à luz do se-

12 Cf. Fernando Paulo Baptista: *Polifonia, Poiese & Antropopoiese*, Lisboa, Instituto Piaget, 2006, pp. 23 ss.

13 «*The phenomena we experience are simultaneously a reflection of world reality and of our specific mind. Thus, education should be, in part, the cultivation of the mind so that the breadth and depth of world can be explored*». Cf. Parker J. Palmer & Arthur Zajonc with Megan Scribner: *The Heart of Higher Education — A Call to Renewal*, San Francisco, CA /USA, 2010, p. 68.

mafórico e indescartável axioma de que «*the only skill that does not become obsolete is the skill of learning new skills*¹⁴, axioma inscrito no coração *metacrónico* dos verdadeiros *programas de formação ao longo da vida (Lifelong Learning Programmes)*¹⁵...

8.12. Esse processo, assim pensado e assumido, não pode deixar de se inspirar no mais fundo, mais autêntico e mais responsável sentido da liberdade ideativo-conceptiva, criadora, inventiva, realizadora e inovadora, que potencia, de modo integrado («*mind, heart, and spirit*») e *pléctico*¹⁶ (disciplinar, multidisciplinar, interdisciplinar

14 Cf. Michael Gibbons (Secretary General Association of Commonwealth Universities): *Higher Education Relevance in the 21st Century*, Washington, World Bank, 1998, p. 12 (Paper prepared as a contribution to the United Nations Educational, Social, and Cultural Organization World Conference on Higher Education [Paris, France, 1998, 5-8]); trata-se de um documento bem sistematizado e de inegável interesse analítico-informativo.

15 Cf. «Strategic framework for European cooperation in education and training (“ET 2020”))», *apud*: http://ec.europa.eu/education/lifelong-learning-policy/policy-framework_en.htm; e também: <http://www.kslll.net/Default.cfm>

16 Cf. Parker J. Palmer & Arthur Zajonc *with* Megan Scribner: *op. cit.*, p. vii. Importa, na verdade, superar as divisões e as rupturas “*esquizo-epistêmicas*”, “*esquizo-ético-axiológicas*”, numa palavra, “*esquizo-sóficas*”, que subjazem à etiologia profunda (endógena e exógena...) da patológica e agónica situação denunciada no polémico mas interpelante título de Bill Readings «*A Universidade em Ruínas*» (Bill Readings: *The University In Ruins*, Cambridge and London, Harvard University Press, 1996). Esse estilhaçamento ou dilaceração decorre também (entre outras variadíssimas razões intrínsecas aos fenómenos da «massificação dos sistemas educativos» e da «globalização economicista» e aos radicalismos pós-modernistas e neo-liberais...) do que tem sido a incapacidade de se reconhecer o valor e a importância da solidariedade ético-axiológica e gnosiológica e da inter-conectividade dos saberes e dos valores: «*Those divisions, rooted in our failure to recognize the reality of interconnectedness, are found not only in the ontology, epistemology, pedagogy, and ethics that form a silent backdrop to university life.*» (Parker J. Palmer *et alii*: *op. cit.*, p. 127). Neste contexto, além da reflexão plasmada no ensaio acabado de citar, são igualmente importantes os contributos reflexivos consignados nas seguintes obras (todas elas, de *leitura obrigatória*): Mark C. Taylor: *Crisis on Campus — A Bold Plan for Reforming Our Colleges and Universities*, New York, Alfred A. Knopf, 2010: «*There can be no meaningful reform of higher education without redesigning departments in ways that will support more extensive collaboration among faculty members and students working in different fields. It is also necessary to make structural changes in the curriculum that will facilitate the introduction of new interdisciplinary programs focused on specific problems and themes. Departments and programs should have the openness and flexibility that allow*

e transdisciplinar), a transformação perfectivante (corpóreo-mental, intelectual e espiritual...) do ser humano, nos planos competencial e ético-deontológico e nas dimensões pessoal, interpessoal e comunitária¹⁷ (dimensões *transmassísticas*...).

8.13. Importa sublinhar que tal transformação é crescentemente reclamada pela qualidade pressuposta nos exigentes e responsabilizantes desempenhos profissionais e de missão — domínio da «*performance*» —, enquadrados, sustentados e iluminados por

them to adapt to the constant evolving structure of knowledge.» (p. 139); Martha C. Nussbaum: *Not For Profit — Why Democracy Needs The Humanities*, Princeton, NJ / USA, Princeton University Press, 2010 («... *what schools can and should do to produce citizens in and for a healthy democracy?»*) (pp. 45-46); «*Democracies have great rational and imaginative powers. They also are prone to some serious flaws in reasoning, to parochialism, haste, sloppiness, selfishness, narrowness of the spirit. Education based mainly on profitability in the global market magnifies these deficiencies, producing a greedy obtuseness and technically trained docility that threaten the very life of democracy itself, and that certainly impede the creation of a decent world culture. If the real clash of civilization is, as I believe, a clash within the individual soul, as greed and narcissism contend against respect and love, all modern societies are rapidly losing the battle, as they feed the forces that lead to violence and dehumanization and fail to feed the forces that lead to cultures of equality and respect. If we do not insist on the crucial importance of the humanities and the arts, they will drop away, because they do not make money. They only do what is much more precious than that, make a world that is worth living in, people who are able to see other human beings as full people, with thoughts and feelings of their own that deserve respect and empathy, and nations that are able to overcome fear and suspicion in favour of sympathetic and reasoned debate*» (pp. 142-143). Todos estes contributos se revelam crucialmente decisivos, sobretudo quando verificamos que, nesta «era do vazio» (Lipovetsky), há tanta iliteracia, prolifera tanto «analfabetismo» (mesmo se «diplomado»...), se silenciam cada vez mais, e de modo catastrófico, os textos maiores da nossa Língua, da nossa Cultura, da nossa Literatura, da nossa Poesia e da nossa Reflexão (filosófica, teológica, científica e sapiencial em geral...), textos plasmados nas obras (literárias ou afins...) dos nossos Grandes Clássicos, Antigos e Modernos, o mesmo é dizer, quando se ostraciza o “Património” imaterial, imorredeiro, energizante e sempre criativa e inovadoramente potenciador e propulsor (aos mais diversos níveis da nossa condição antrópica e lusíada...) das Humanidades, das Belas Letras e das Belas Artes... Cf. Fernando Paulo Baptista; *Polifonia...*, op. cit., pp. 28-30.

17 Cf. Karl Jaspers: *The Idea of the University*, London, Peter Owen, 1965, pp. 64-65 e *passim*...

um cada vez mais urgente e actualizado potencial (*background*) sofo-espistémico, tecnológico, cultural, artístico, axiológico-humanístico e metodológico-atitudinal (etológico) e, desse modo, desejavelmente também em sistemática e solidária conectividade, orquestral articulação e sinérgica disseminação cooperativa (através da institucionalização, nacional e internacional, de parcerias, protocolos, co-projectos, co-laboratórios e intercâmbios, orientados para a produção, a distribuição e a partilha do conhecimento...) com as demais entidades e organizações promotoras dos valores, do desenvolvimento sustentado e sustentável e do progresso social a todos os níveis¹⁸.

8.14. É a Universidade a privilegiada instância que alimenta (que deveria alimentar...) o sonho e faz mover a vida no quadro englobante da sua missão arquitectora, estruturante, articuladora e dinamizadora ao nível da busca, da investigação, da invenção, da descoberta, da criação, da transmissão e da divulgação do conhecimento e da acção pedagógica e formadora, qualitativamente direccionada para uma aprendizagem problematizante, indagativa e aprofundante das capacidades humano-relacionais, afectivas, cognitivas, ideativas, organizativas, metodológicas, discursivo-textuais e comunicacionais, tanto na tendencialmente mais *cartesiana* e mais *metrológica*, mais descritivo-explicativa, mais experimental e mais aplicativa, mais *material*, mais *tecnúrgica*¹⁹ e mais operativa área das Ciências e das Tecnologias, como na propensivamente mais fundadora, mais modeladora, mais *antropo-paidêutica*, mais *imaterial*, mais *pascaliana* e mais

18 Cf. OCDE (2011), *Lessons from PISA for the United States, Strong Performers and Successful Reformers in Education*, OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/9789264096660-en>; cf. também o importante relatório elaborado por: Philip G. Altbach, Liz Reisberg, Laura E. Rumbley: *Trends in Global Higher Education: Tracking an Academic Revolution* (A Report Prepared for the UNESCO 2009 World Conference on Higher Education).

19 Digo *tecnúrgica(o)*, *tecnurgia* ou *tecnurgo*, do mesmo modo que se diz *cirurgia*, *cirúrgico* e *cirurgo* (ou também *quirurgo*), *demiurgia*, *demiúrgico* e *demiurgo*, *dramaturgia*, *dramatúrgico* e *dramaturgo*, *liturgia*, *litúrgico* e *liturgo*, *metalurgia*, *metalúrgico* e *metalurgo*, *taumaturgia*, *taumatúrgico* e *taumaturgo*, *siderurgia*, *siderúrgico* e *siderurgo*, *teurgia*, *teúrgico* e *teurgo*...

*poiésico-aistésica*²⁰ área das Humanidades, das Belas Letras e das Belas Artes²¹...

8.15. É desse modo que ela se configura como «*o memorial do mais alto conhecimento ou reflexão*», nas palavras de Eduardo Lourenço²², como o determinante lugar, onde, na perspectiva de Karl Jaspers²³, cada época histórica «*pode cultivar a mais lúcida consciência de si própria*» e constituir o *inderrogável e estratégico centro e “laboratório” dos mais experimentados, testados, reflectidos, debatidos e convalidados conhecimentos, saberes e valores...*

8.16. Em suma, a UNIVERSIDADE enquanto REFERENCIAL HISTÓRICO E PARADIGMA AXIOLÓGICO, à luz dos quais se desenham os traços porventura mais nobres, mais densos e mais fortes da identidade de qualquer Povo e de qualquer País, constitui a incomparável ALMA E CORAÇÃO DA CIDADE... Por tudo isso é que, em relação a ela, de seus Professores e de seus Estudantes, outra atitude não será de esperar senão a da mais exigente, devotada e exemplar dedicação na forma de *estudo* (em latim: *studium*) diligente e quotidiano, que é o modo académico mais genuíno de conjugar o verbo *amar*: no fundo, o inconformado modo dessa insaciável, curiosa e iluminante paixão pela busca, pela investigação, pela descoberta, pela sabedoria...

8.17. Nela, portanto, não deveria haver lugar para a rotina «rotineira», a displicência, a incúria ou a «fossilização» científica e pedagógica nos actos investigativo-formativos, nem tão-pouco para o «turismo» académico do «*dolce far niente*» ou, pior ainda, para os consabidos e sistemáticos desregramentos pautados por «padrões» próprios da vida nocturna, sob pena de ficar irre-

20 De *ποίησις* [*poiesis*]: «criatividade» (criatividade artística, em geral, e criatividade poético-literária, em particular); e de *αἴσθησις* [*aisthesis*]: «faculdade da sensibilidade inteligente» (sensibilidade, em geral, e sensibilidade artística, em especial).

21 Cf. Fernando Paulo Baptista: ensaio «Sob o signo da luz ou a “centelha” [*scintilla*] de Zeus na palavra «teoria» [*θεωρία* (*theoria*)]», *apud*: Rosa Maria Goulart, Maria do Céu Fraga e Paulo Meneses (coords.): *O Trabalho da Teoria*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2008, p. 43.

22 Cf. Eduardo Lourenço: *Nós e a Europa ou as duas razões*, Lisboa, IN-CM, 1988, p. 73.

23 Cf. Karl Jaspers: *ibidem*, pp. 19, 51 e ss.

mediavelmente comprometido o investimento no futuro qualitativo do País, investimento esse que todos nós custeamos com os impostos que esperançosa e generosamente pagamos... Nela, de modo algum se pode abdicar do Valor, do Mérito, da Virtude e da Dignidade ao mais alto nível, tudo consubstanciado e plasmado num trabalho intelectual, metódico, rigoroso, perseverante e sério, ou seja, o «*honesto estudo*» de que fala Camões (*Lus.*, x, 154).

8.18. A Universidade, pela sua origem, natureza e missão, tem o dever de impor a quem nela trabalha e a quem a frequenta um código ético da máxima exigência, porque, na verdade, quem a não sabe merecer, quem não sabe ser digno dela... está ali a mais...

8.19. É pelas razões acabadas de invocar que a Universidade não pode deixar de ser apresentada aos nossos jovens, na perspectiva da sua ascensional, plenificante e perfectiva caminhada em direcção ao futuro, como a «Alma Mater» que alimenta e alumia a realização das suas potencialidades e faculdades antrópicas mais poderosas: *a imaginação criadora, a racionalidade organizacional, crítica e judicativa, a sensibilidade poética e estética, a memória informante e identificante, a inteligência intuitiva, conjectural e teórica, a vontade resiliente e decisional...*

8.20. Daí, a multi-sectorial responsabilidade dos Dirigentes do Sistema Educativo pela qualidade da *formação literácica* (englobantemente entendida...) que, desde bem cedo, deve ir preparando, de modo determinado, graduado, consistente, exigente e laborioso, aquelas potencialidades e faculdades, na perspectiva estratégica do devir académico e da *formação universitária* ao mais alto nível²⁴...



²⁴ Esta formação culmina na cerimónia solene da entrega das insígnias doutorais no espaço mais nobre da Universidade. Ex.: em Coimbra, a famosa «Sala dos Capelos».

Capítulo IX

1. Em Conclusão

De um ponto de vista *antropológico-cultural e civilizacional, sofo-científico, técnico-tecnológico, filológico-linguístico, pedagógico-didático, logo-paidêutico e sémio-discursivo* integradamente multiétnico e intercultural (como o que tento fundamentar e comprovar mais desenvolvidamente no meu volumoso livro “*Para a Constituição Ortográfica da República das Letras...*”, em vias de ultimização e publicação...), **a aplicação deste epistemologicamente “monstruoso” e iliterácico-génico “normativo ortográfico” da Língua Portuguesa** (língua que tem uma genealogia românico-lusíada e é património mundial e comum, paritariamente partilhado por todos os Povos e Países da CPLP e da Diáspora...) **deve ser imediatamente suspensa** e, no mínimo, ser também simultaneamente ripristinado o anteriormente vigente “Regulamento da Ortografia” que tem por base o “Acordo Ortográfico de 1945”. Todavia, se se vier a considerar como sendo mais pertinente, mais importante e mais fecunda *a hipótese da elaboração de um novo “Acordo Ortográfico”, então, o processo a desencadear deverá ter em conta a constituição de uma representativa, plural, abrangente e altamente qualificada “Comissão de Trabalho”, integrando os melhores especialistas nas várias disciplinas científicas e sapienciais*, nos termos formulados nas «Assunções Prévias» (Capítulo I do presente “Ensaio”).

A concretização desse processo, pela sua complexidade multi-sapiencial, implica, necessariamente, o estabelecimento de um adequado “cronograma programático” com ela consonante...

Efectivamente, realizar um tal “programa” com um forte sentido da responsabilidade, da qualidade, da dignidade e da elevação exige tempo, sobretudo quando está em causa o mais fiável “cartão único” da nossa identidade civilizacional e cultural (tanto pessoal como inter-comunitária), à escala global da CPLP e da Diáspora...

Por outro lado (e como creio ter ficado sobejamente demonstrado...), a posição por mim aqui assumida não se moveu por qualquer razão (ou motivação) defluente de uma perspectiva “imperial”, “hegemónica”, “neo-colonialista”, “*patriótico-cêntrica*” e muito menos “xenófoba” do «escrito» relativamente ao «oral», enquanto específicos e distintos (ainda que inter-activos e inter-complementares) modos comunicacionais e expressivos (reconhecendo-se inclusivamente que o «oral» é mais “demótico”, mais “democrático” e mais «universal» do que «o escrito», desde logo pela própria primigeneidade antropológico-ontogenética [com as inerentes radicações e implicações evolutivas de ordem filogenética e epigenética...] do aparelho fonador), modos esses, potenciados pela mesma língua de que sistémica, funcional e operatorialmente fazem parte: ou seja, a nossa planetária doce língua de toda a CPLP e de todas as comunidades luso-diaspóricas. Na verdade, não podem (nem devem) estes dois modos de comunicação verbal deixar de ser considerados igualmente relevantes, ponderada, naturalmente, a especificidade diferenciadora e relativizadora das respectivas mensagens, conteúdos noéticos e *poiésico-estéticos*, intencionalidades, finalidades e contextos comunicacionais em que ambos têm inquestionavelmente o seu lugar, o seu papel e o seu peso próprios...

A atitude crítica, construtiva e superadora, por mim assumida, radica, pelo contrário e como se viu, em razões de natureza lexicogénica, morfo-estrutural, de base etimológica, histórico-diacrónica e sistémica, com as inerentes implicações e consequências num processo pedagógico-didático de «*Educação Linguística Literária*» intentadamente sustentado e esclarecedor e, assim, verdadeiramente iluminante de aprendizagens tão decisivamente importantes para o exercício consciente e responsável da Cidadania, como são, irrevogavelmente, a do léxico em geral e a do vocabulário erudito, cultural e especializado, com particular destaque e enfoque para as terminologias sofo-científicas e técnico-tecnológicas...

Tão ponderosas razões dificilmente conseguem evitar, portanto, uma discordância de fundo, relativamente à adopção de *um critério predominantemente foneticista e oralista* como é o da *pronunciabilidade*, defluente de motivações políticas de base demográfico-popular (se não mesmo *populista*...) e de ordem pragmático-simplista, imediatista e funcionalista que inspirou o tão “*discordiogénico*” novo

“acordo ortográfico” («*escrever como se fala*» – *write as you speak* !... —, eis o *slogan* orientador!...), mostrando que os seus responsáveis “*parecem*” desconhecer a diferença abissal entre a natureza própria do «oral» e a natureza própria do «escrito», em suas diversificadas manifestações, variedades, registos e estilos, sem terem tido na devida conta a paradoxal situação em que o conteúdo semântico do adjectivo «*ortográfico*» (cuja essencialidade é de natureza *alfabético-gráfica*, é de natureza *escrita*...) passou a ser comandado e regulado pela “lógica” mais espontânea, mais instantânea, mais volátil, mais efêmera, mais improvisadora, mais inconsistente, muito mais dificilmente memorificável, reconstituível, revisitável, estabilizável, «objectivável», reiterável ou recursível e, assim, retrospectivável, perspectivável e prospectivável do ponto de vista dos processos hermenêuticos, menos reflectida, menos exigente, menos rigorosa, lexicalmente menos densa, sintacticamente menos organizada e estruturada e discursivo-textualmente menos cuidada e burilada (exercício do *limae labor et mora*) da «oralidade»...

Quão produtivo não teria sido, tendo em vista uma fundamentada pré-clarificação (antes, portanto, de se haver tomado a decisão “política” que veio a consumir-se no tão contestado e inqualificável «acordo»...), reflectir maduramente em estudos tão importantes como são, entre outros, os do famoso e competentíssimo linguista M.A.K. Halliday, nomeadamente o ensaio intitulado «*Differences between Spoken and Written Language: Some Implications for Literacy Teaching*» (originalmente publicado em 1979, cf. M.A.K. Halliday: *Language and Education*, London / New York, Continuum, 2009, pp. 63-80), bem como as consistentes, polifónicas e alumiantes reflexões teóricas que Vítor Aguiar e Silva desenvolve nos capítulos por si dedicados ao sistema semiótico-literário e à comunicação literária, na sua monumental *Teoria da Literatura* (cf. Vítor Aguiar e Silva: *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, ⁸2002, cap. 2 e cap. 3, pp. 43-179 e 181-338, respectivamente), análises essas, que aqui convido por inteiro como incontornáveis pontos de referência?!...

Mas não posso deixar de evocar, aqui também, a síntese do famoso semiólogo de Tartu, Iuri M. Lotman, quando, de modo sus-

tentado e argumentado, defende que «*la lengua escrita y la hablada están estructuradas de maneras esencialmente diferentes*»¹.

Essa profunda e inconfundível “diferença” ôntico-fenomenica e modal entre «língua escrita» e «língua falada» (o mesmo é dizer: entre «oralidade» e «escrituralidade»...) tem sido recorrentemente afirmada ao longo da História e pode ver-se lapidarmente sintetizada e plasmada em testemunhos como os seguintes:

a) «*S’ il y a quelque veritable différence entre écrire et parler; c’est qu’ en parlant on se sert de la voix, et en écrivant des caracteres, qui sont à la verité des signes fort différents...*»²;

b) «*II y a une grande différence entre les lettres et les sons élémentaires qu’ elles representent...*»²;

c) «*Originally, human language was uniquely sound-based (with peripheral gestural aids), but with the development of our kind of civilization there came the revolutionary transfer of the message to a secondary médium: writing. Although it was originally derivative, this second médium immediately proceeded to obey its own rules, and there is no necessary one-to-one correlation between the phonic médium (of sound) and the graphic médium (of writing)...*»³ (sublinhei).

d) «*... O problema da ortografia é o da palavra escrita, nada tendo essencialmente que ver com a palavra falada (...). A tradição cultural, quanto à palavra escrita, é a tradição etimológica (...).*

A nossa ortografia, quando, lentamente, se foi fixando, fixou-se numa ortografia etimológica, baseada, é claro, no latim. (...) Como a pronúncia da palavra é só da palavra falada, e se produz por sílabas, a palavra escrita nada tem com a pronúncia dela. (...) A letra e não a sílaba é a «unidade» na palavra escrita»⁴ (sublinhei).

1 Cf. Iuri M. Lotman: *La Semiosfera II*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1998, p. 178.

2 Cf. Géraud de Cordemoy [1626-1684]: *Discours physique de la parole* [1668]; Nicolas Beauzé [1717-1789]: *Grammaire générale, ou exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage, pour servir de fondement à l’ étude de toutes les langues* [1767], ambos citados por Luigi Rosiello: artigo «Língua» in *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, IN - CM, 1984, vol. 2, pp. 97 e 100, respectivamente.

3 Cf. Tom McArthur: *A Foundation Course for Language Teachers*, Cambridge, Cambridge University Press, 1984, pp. 17-18;

4 Cf. Fernando Pessoa: *A Língua Portuguesa* [edição de Luísa Medeiros], Lisboa, Assírio & Alvim, 1997, pp. 29, 36, 48 e 58.

Deve ser, pois, *com base numa consciência consistentemente fundamentada e correctamente informada e esclarecida e numa lúcida ponderação das implicações pedagógico-didácticas dessa substancial e incontornável “diferença” existente entre os dois modos de comunicar através da “palavra” mediatizada pela “língua” que importa conceber e planear todo o processo de Educação Linguística, tomando como suporte sofo-científico os contributos verdadeiramente notáveis e imprescindíveis da plêiade de Especialistas e Académicos que tenho vindo a referir, nomeadamente, M.A.K. Halliday, Maria Teresa Cabré, Bertha Maria Gutiérrez Rodilla, Norman Herr, Hans-Georg Gadamer, José A. Díez / C. Ulises Moulinos, Henri Béjoint / Philippe Thoiron e Vítor Aguiar e Silva...*

Finalmente, para uma perspectiva global e diferenciada desse processo formativo, cabe sugerir, em complemento, a importante obra *The Handbook of Educational Linguistics*⁵.

2. Lições a retirar

“*grafemas silenciosos*” < > “*silent letters*”

«*A silent letter is a letter that appears in a particular word, but does not correspond to any sound in the word’s pronunciation*»⁶.

1.º – No universo planetário da Língua Inglesa, os seus Académicos, Filólogos, Linguistas e Pedagogos não confundem “pronúncia” (fala) com “ortografia” (escrita), uma vez que, em inúmeros lexemas em que ocorrem as chamadas “*silent letters*”, esses *grafemas silenciosos* não se pronunciam (exs.: *answer, assign, business, damn, corps, debt, doubt, knowledge, isle, light,*

5 Bernard Spolsky and Francis M. Hult (eds.): *The Handbook of Educational Linguistics*, Oxford, Blackwell Publishing, 2010.

6 Cf.: <http://www.learnenglish.de/pronunciation/silentletters.html>

listen, though, unknown, write, wrong...), mas, como estamos a ver⁷, escrevem-se, consagrando a incontornável distinção: «*grafia é grafia*» // «*pronúncia é pronúncia*» // «*escrita é escrita*» // «*fala é fala*» // «*grafemas são grafemas*» // «*fonemas são fonemas*»!... Também na “ortografia” da Língua Portuguesa há “letras silenciosas” [*silent letters*] que, enquanto tais, não se pronunciam, mas escrevem-se⁸: é o caso das mais de mil entradas do dicionário iniciadas pela letra «*h*»: desde *hábil, haver, homem, humano* até *hussita*; da letra «*u*» presente em palavras como: *adegueiro, albergue, dique, duque, freguês, guedelha, guelra, guerra, gueto, guia, guião, português, que, quente, química, tanque, toque, sangue, saque, ziguezague*...

2.º – A ortografia, realizada em conformidade com o sistema ortográfico anterior a 1990, nunca impediu a plena liberdade e a plural diversidade das «pronúncias», nunca dificultou qualquer aprendizagem, não obstaculizou a “evolução” da língua nem a comunicação oral ou escrita, etc., etc...

3.º – Certamente por incapacidade minha, não consegui descortinar, nos vários documentos respeitantes ao “AO de 1990”, um consistente e coerente suporte de natureza científico-linguística, pedagógico-didáctica e bibliográfica, justificativo da supressão dos grafemas genealógico-etimológicos em causa.

De igual modo, não consegui identificar as vantagens de natureza sapiencial e antropológico-relacional, advenientes de tal supressão e do consequente “afastamento ortográfico” da Língua Portuguesa, relativamente às línguas românicas (suas “irmãs” histórico-genealógicas), ao Inglês (a “língua franca do conhecimento”, à escala planetária) e ao próprio Alemão (cf., a propósito, a comparação interlinguística e interlexical a que procedi, envolvendo oito (8) línguas — *Latim, Português, Inglês, Espanhol, Francês, Romeno, Italiano e Alemão* —, a partir de 49 matrizes verbais latinas em que se verifica a ocorrência das sequências grafémicas «*ct*», «*pt*»...

7 Porque de “ver” se trata, e não, de “pronunciar” ou de “ouvir / escutar”...

8 Cabe sublinhar, uma vez mais, que as “letras” ou “grafemas” não são nem “consoantes” nem “vogais”: são “representações” histórico-culturalmente convencionadas de “sons consonânticos” ou de “sons vocálicos”).

3. Propostas para a superação do actual “estado-de-coisas”

Assim, e sem prejuízo das indispensáveis medidas correctoras das *incongruências* que se verificam nomeadamente ao nível da *hifenização* e da *acentuação* (ver, **supra**, o ponto 2.33.1.), propõe-se:

a) a IMEDIATA REVOGAÇÃO da *grafemo-clasta* e *iliterácico-génica* Base IV do “AO de 1990”;

b) a REINTRODUÇÃO DO ESTUDO OBRIGATÓRIO do *Grego* e do *Latim* (reforçado com o contributo da *Linguística Indo-Europeia*) na estrutura curricular gobar do Sistema Educativo e nos planos de formação dos Professores de Português.

c) a ELABORAÇÃO DA “CONSTITUIÇÃO ORTOGRÁFICA DA REPÚBLICA DAS LETRAS”⁹ de todos os Povos e Países da CPLP e da Diáspora Lusíada no Mundo, a ser levada a cabo, com o indispensável rigor científico-pedagógico, por uma vasta, representativa, qualificada e multidisciplinar “Comissão Académica de Especialistas”, tendo em vista a consubstanciação de uma superadora alternativa à tão acriticamente proclamada “unificação da ortografia”, com base no critério “*fono-orali-cêntrico*” da “pronúncia” que inspirou o actual “regulamento ortográfico”¹⁰;

9 Documento fundacional e identitário, a ser elaborado, com o indispensável rigor científico-pedagógico, por uma vasta, representativa, qualificada e multidisciplinar “Comissão Académica de Especialistas”.

10 Cabe lembrar, a propósito, que este “normativo” reproduz, no essencial, o “fono-cêntrico” e cientificamente incongruente *Formulário Ortográfico* de 1943, em vigor no Brasil, formulário que foi ripristinado pelo Presidente João Café Filho, através do decreto-lei n.º 2.623, de 21.10.1955, revogador do “AO de 1945”, configurando uma anacrónica e retrógrada decisão política.

d) a integração no “corpus” dessa “Magna Carta” reguladora da expressão grafêmica da “comunicação escrita” em Português das fulcrais componentes a seguir apresentadas.

A concretização de tão nobre desígnio e estratégico “Projecto” dignificador da “escrituralidade” lusíada à escala planetária implica que se proceda, de modo inclusor e holístico, à *inventariação, integração e dicionarização* (unitiva e o mais exaustiva possível...) não só do “legado” lexical, histórico-diacrónico e genealógico-identitário, proveniente da “*Romanitas*”¹¹ e de outras irrasuráveis “matrizes” civilizacionais e culturais, mas também do irrecusável “património” linguístico-lexical constitutivo dos idiomas e falares nativos de todos os Povos e Países da CPLP, bem como dos neologismos e de outros “termos” importados, contemplando sempre (e *multilectalmente*), as variedades e variações lexicais, *dialectais* ou *diatópicas* (locais, regionais), *sociolectais* ou *diastráticas* (sofo-epistemolectos, tecnolectos, calão/gíria/jargão...) e *idiolectais* ou *diafásicas* (estas últimas, com a pluralidade de *registos* [*estilos*] discursivo-expressionais, desde os mais formais, elaborados e cuidados até aos mais informais e descuidados...).

Em consonância com essa fundacional e identitária “Magna Carta”, reguladora da expressão grafêmica da “comunicação escrita” em Português, importa realizar também, e imprescritivelmente, as seguintes componentes nucleares que fazem parte da estrutura desse “Projecto”:

a) – um **VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO GLOBAL**;

b) – **dois “CÂNONES”**¹², a serem estabelecidos como fundamento do “padrão”, “standard” ou “norma” de referência para toda a comunicação verbal, oral e escrita:

11 Com as duas fulcrais vias da *lexicogénese*: a *popular* e a *erudita*.

12 A sugestão é colhida em Harold Bloom: *O Cãnone Ocidental*, Lisboa, Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2011.

I – UM CÂNONE PARA A COMUNICAÇÃO ESCRITA, contemplando os “modelos” (com os seus “autores” paradigmáticos...) e as “modalidades genológicas” com as correspondentes “antologias” *multi-discursivas*, a serem seleccionadas e organizadas com qualitativa, diversificada, “polifónica” e plural abertura e representatividade a todos os níveis;

II – UM “CÂNONE” PARA A COMUNICAÇÃO ORAL, contemplando, analogamente e com os mesmos critérios, os respectivos “modelos”, “modalidades”, “antologias” e “actores”¹³;

c) – um VOCABULÁRIO ORTOÉPICO GLOBAL, elaborado segundo critérios homólogos dos do VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO GLOBAL;

d) – uma GRAMÁTICA UNIVERSAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, a ser tomada como “matriz” das concretas *gramáticas pedagógicas* (psico-sócio-didacticamente gradualizadas...) de cada sistema educativo;

e) – um vasto e diversificado “PROJECTO EDITORIAL” nas áreas da *Lexicologia*, da *Lexicografia*, da *Dicionarística*, da *Gramática* e da *Léxico-Didáctica*¹⁴: *thesauri*, léxicons (l.s.), dicionários etimológicos, históricos, temáticos, pedagógicos, científicos, técnicos; manuais, gramáticas, prontuários, etc...

13 Ex.: os melhores Professores de Língua Portuguesa, os melhores Artistas das áreas do Teatro, do Cinema, do Canto e da Oratória / Arte de Dizer, os melhores Locutores da Rádio e da Televisão, etc.

14 Cf., entre outros, Jürgen Handke: *The Structure of the Lexicon*, The Hague, Mouton de Gruyter, 1995, pp. 51-59; Isabel Leiria: *Léxico, Aquisição e Ensino*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / FCT – MCES, 2006, pp. 1-65; I.S.P. Nation: *Teaching and Learning Vocabulary*, Boston, Heinle & Heinle Publishers, 1990; David Singleton: *Language and the Lexicon – An Introduction*, London / New York, Arnold / Oxford University Press, 2000; R.R.K. Hartmann and Gregory James: *Dictionary of Lexicography*, London and New York, Routledge, 1998; Sidney I. Landau: *Dictionaries – The Art and Craft of Lexicography*, Cambridge, Cambridge University Press, 2001; Norbert Schmitt and Michael McCarthy: *Vocabulary: Description, Acquisition and Pedagogy*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000; Leonhard Lipka: *English Lexicology*, Gunter Narr Verlag Tübingen, 2002; Camille Blachowicz / Charlene Cobb: *Teaching Vocabulary Across the Content Areas*, ASCD, Alexandria/Virginia/USA, 2007; Pedro Antonio Fuertes Olivera: *Lexicología y Variación en la Lengua Inglesa, Estudio de los Nombres, Adjetivos y Verbos Informales del Diccionario Cobuild*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2001.

A MEMORÁVEL E EMOCIONANTE

“LIÇÃO” POÉTICO-FLORAL

DO BRUNO

*faz acalantar o sonho-esperança de uma
decisão justa e digna das potencialidades criativas
e da enorme riqueza humana de todas as Crianças
e de todos os Jovens da CPLP e da Diáspora Lusíada...*

É o seu Futuro que, a partir do Presente, tem que ser
devidamente acautelado e acarinhado...

Movido da encantadora e espantada atenção dos seus tenros e sonhadores seis anitos, o Bruno, com aquele auscultante e cintilante olhar, portador dos fotões do Infinito, bebia, sem perder pitada, os circunstanciados esclarecimentos que (através de indutoras e singularizantes amostras textuais e respectivas contextualizações...) me competia proporcionar ao grupo de mais de cinquenta professores, colegas da sua avó e do seu avô, sobre o Convento da Fraga, Viterbo e o *Elucidário* e, com natural e especial destaque, sobre Aquilino Ribeiro e a casa-berço do Carregal, o Santuário e o Colégio da Lapa, as lendas da pastorinha muda e da sua «boneca», as brutais incursões das hordas de Almançor (nomeadamente a profanação de conventos e mosteiros de monjas, a trazer-nos à memória o famoso episódio dramático-trágico do imolatório martírio executado, a golpes de punhal, pela abadesa Cremilde no Mosteiro da Virgem Dolorosa [capítulo XII] de *Eurico, o Presbítero*, do nosso inesquecível, vertical e austero

Alexandre Herculano...), o ataque do temível sardão, as nascentes do Vouga, a «neve ladroa», as raposas, os lobos... Tudo, a remeter implicadamente, como não podia deixar de ser, para uma abordagem selectiva às obras do Grande Arquitecto Beiraltino da nossa Língua, mais directamente convocáveis em função daquela circunscrita “visita de estudo” às por ele assim baptizadas «*Terras do Demo*»... Em dado momento, o petiz, que seguia avidamente todos os meus passos e intervenções com a implacável constância e colagem de uma sombra ou de uma lapa do mar, abeira-se ainda mais de mim e, com total desinibição e desconcertante à-vontade, interpela-me, nestes exactos termos:

— Olha lá, como é que tu consegues saber tanto?!...

Apanhado assim de chofre e não sem a perturbação de quem procura, tacteando, que resposta dar, acariciei-o, dizendo-lhe num tom serenante e atenuador:

— Olha, meu rapaz, não te espantes!... Repara bem nestes cabelos brancos: tu, quando chegares à minha idade, vais ficar a saber muito mais do que aquilo que eu sei!...

E muito embora esta minha resposta tenha feito aflorar em seu semblante um certo ar de regozijo e felicidade, lá bem no fundo, ele não se deu inteiramente por convencido... E, como que a pretender uma justificação melhor fundamentada e mais consistente, decidi replicar-me, perguntando:

— Achas?!...

Respondi-lhe, então, de modo ainda mais convicto e assertivo:

— Acho. E queres saber porquê?!...

Deixei-o por uns breves instantes suspenso na pergunta, naquele jeito de quem provoca curiosidade e gera expectativa...

— Olha, Bruno, na tua idade, és de longe o aluno mais curioso, mais interessado e mais atento de quantos conheci até hoje! És ainda muito novo, é verdade, e muitas surpresas irão seguramente bater-te à porta ao longo da tua vida... Uma coisa é certa: se continuares a ser assim, curioso, atento e interessado durante as tuas aulas e nos teus estudos, vais ficar a saber muito mais do que eu!... Podes acreditar em mim! Ou achas que eu te ia mentir?!...

Mais sereno, fitou-me, então, num gesto de assumida gratidão e confiança, como que a confirmar que os meus cabelos não lhe podiam realmente mentir...

Decorridas umas três horas por sobre este diálogo, já quando sob a refrescante copa da tília grande do átrio ajardinado da casa da Fundação, em Soutosa, teve lugar a minha última prelecção em torno de Aquilino e nos aprestávamos para a despedida e sem que ninguém se tivesse apercebido de nada, fui surpreendido pelo Bruno, discretamente postado atrás das minhas costas, a puxar-me pelo braço para me entregar um arranjo floral que ele, sozinho e às escondidas, havia engendrado com os poucos recursos que a Natureza ali lhe oferecia e que era constituído por uma folha verde maior e por outra folha verde mais pequena, ambas sobrepostas e unidas por um alinhavo feito com agulhas secas de rama de pinheiro (carumas, assim se lhes chama por aquelas paragens...) e com uma florzinha silvestre, de cor encarnada, implantada no centro. Diz-me então ele, estendendo-me as mãos em forma de bandeja:

— Toma: é para ti!

E deu-me um beijo.

Na imediatez da emoção que aparentemente tentei controlar, fiquei sem palavras... Só me lembro de o ter abraçado e afagado muito, como se fosse um dos meus netos mais pequeninos: o Miguel, o Paulo Alexandre ou a Raniyah... Depois, lá consegui despedir-me dos colegas, rompendo, nem sei bem como, aquele embargante silêncio:

— Este poema tão genuíno que o Bruno acaba de compor e de me oferecer é, no fundo, a dedicatória de um verdadeiro Poeta a todos os Professores! Não devemos, portanto, desiludi-lo, seja de que maneira for, nem, muito menos, ludibriá-lo ou traí-lo!... A lição que ele acaba de protagonizar foi, pela sua candura, originalidade, criatividade e nobreza de alma e pela sua própria discrição, a lição mais sábia e mais eloquente a que até hoje me foi dado assistir: o jovem aluno (a folha mais pequena) e o velho professor (a folha maior), ambos unidos por um mesmo laço de afectividade

(as carumas e a flor encarnada), porque, no fundo, irmanados no incontornável lastro identitário da nossa congenial humanidade, tão bem simbolizada no intuitivo entrelaçamento e cerzidura que presidiu àquele arranjo floro-vegetal... Em suma: um comovente poema pedagógico de memória afectiva e de generoso tributo de ternura e gratidão!... Uma criança a dar tanto a quem, afinal e bem medidas as coisas, tão pouco lhe deu...

Não é por acaso que guardo na memória aquela dádiva como um tesouro e que a revivo intensamente, sempre que, entre os meus “troféus”, me ponho a mirar aquelas folhas emurchecidas pelos anos e a meditar no significado do poético gesto daquele “tecelão” tão imaginativo e tão puro que, com tanto desvelo, as soube urdir: mesmo já ressequidas, elas continuam a ser, para mim, o galardão mais fascinante da minha vida e missão de professor — o meu galardão “olímpico”!... E fico a pensar, questionando-me: até onde não poderiam chegar as nossas crianças, se o sistema educativo lhes proporcionasse as condições de ensino e aprendizagem que elas merecem?!...

Mas, por outro lado, não consigo esquecer também que elas são folhas que têm vindo a mirrar irreversivelmente, ano após ano, e que, desse modo, prenunciam o destino que me está reservado, na antrópica condição do simples mortal que sou, tal como me foi dado aprender, desde os bancos da minha querida Universidade de Coimbra, nas saudosas aulas de Literatura Grega, com o famoso símile de Homero, na *Iliada* (VI, 146-149), que diz assim:

οἷη περ φύλλων γενεὴ τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν.
 φύλλα τὰ μὲν τ' ἄνεμος χαμάδις χέει, ἄλλα δέ θ' ὕλη
 τηλεθώσα φύει, ἔαρος δ' ἐπιγίγνεται ὄρη:
 ὡς ἀνδρῶν γενεὴ ἢ μὲν φύει ἢ δ' ἀπολήγει.

(«Tal como a geração das folhas, assim é também a [geração] dos homens. As folhas, deita-as o vento ao chão, mas a floresta em sua reverdeciente pujança faz nascer outras, quando chega a estação da primavera: assim nasce uma geração de homens e outra deixa de existir...»)

Lançando, agora, esta memorante mirada em direcção ao futuro, uma onda de esperançosa emoção me invade a alma: aguardarei o cessar da vida com a serena placidez de quem sempre acreditou nos supremos valores da Educação, da Cultura e da Humanidade e com a forte convicção de haver cumprido, em sintonia e com dignidade, os meus deveres e a minha missão ao serviço de um “Projecto de Cidadania” de dimensão local, regional, nacional, europeia e planetária e, ao mesmo tempo, feliz por haver alguém que decerto não me vai esquecer...

Meu caro Bruno:

Que a “Estrela d’Alva” (da tão meiga e tão suave «*Canção de Embalar*» do nosso sempre vivo Zeca Afonso: — <https://www.youtube.com/watch?v=h8TpRnMU09M> — te proteja e, contigo, aos meus netinhos e a todas as crianças de Portugal, da CPLP, da Diáspora e do Mundo, evocando, em integrador, fraterno e universal simbolismo lusíada, os registos “crioulos” e os timbres soluçantes da comovedora e encantadora “morna” — «*Sodade*» — da igualmente “imortal” *Cesária Évora!*...

<https://www.youtube.com/watch?v=wXLUbWZnYvM&feature=kp>
<https://www.youtube.com/watch?v=8OgUEs-aWgA>



BREVE SÍNTESE DO “CURRICULUM VITAE” DO AUTOR

Fernando Paulo do Carmo Baptista: Filólogo (Humanidades Clássicas) pela Universidade de Coimbra, com a classificação final de 18 valores, *Muito Bom com Distinção*; Inspector jubilado do Ministério da Educação e do Ensino Superior, com a classificação máxima, a nível nacional; Formador Certificado pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua, nas áreas de «Português / Língua Portuguesa», «Didácticas Específicas (Língua e Literatura Portuguesa)», «Práticas de Avaliação do Rendimento Escolar», com aplicação a Professores dos Ensinos Básico e Secundário; Idealizador, conceutor e co-autor do Projecto Didáctico “*Sinfonia da Palavra*” para a disciplina de Português no Ensino Secundário; Colaborador na elaboração dos Planos Curriculares e de Formação dos Professores de Português no âmbito da «Reforma do Sistema Educativo / Anos 80’ / 90’»; Investigador honorário da *Associação Piaget Internacional* [AsPI]; Investigador convidado do *Centro de Investigação em Educação* [CIEd] da *Universidade do Minho*; Consultor editorial da *Revista da Organização Mundial da Saúde* [«WHO – Bulletin»]; Membro honorário do *Movimento Internacional da Tele-Medicina / Tele-Saúde*; Membro honorário da «*Asociación Iberoamericana de Telesalud y Telemedicina AITT*»; Membro honorário do Júri do «*Certamen Internacional de Cine Médico*», patrocinado pela VideoMed de Badajoz; Membro do “Editorial Board” e colaborador das seguintes revistas inter-universitárias norte-americanas: «*Journal of the Indiana Academy of the Social Sciences*», do Estado de Indiana – USA e «*Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*» (IJPDS); Membro da *Academia.edu* (online: <https://yelp.academia.edu/FernandoPauloBaptista>); Criador e promotor da «*Associação de Amizade e Apoio à Língua Portuguesa no Mundo – CPLP e Diáspora*» (online); Principais obras, ensaios e outros estudos publicados: *Tributo à Madre Língua*, Coimbra, Pé de Página Editores, 2003; Coordenador e organizador, com Alberto Filipe Araújo da Universidade do Minho, da obra colectiva: *Variações sobre o Imaginário: domínios, teorizações,*

práticas hermenêuticas, Lisboa, Edições Piaget, 2003; *Polifonia, Poiese & Antropopoiese – Para uma Sinfónica do Humano*, Lisboa, Edições Piaget, 2005; Organizador do volume: *Vitor Aguiar e Silva: a poética cintilância da palavra, da sabedoria e do exemplo*, Viseu, edição do Governo Civil do Distrito de Viseu, 2007; *A rede lexical do «Imaginário» – Clave para uma leitura deste conceito*, Lisboa, Edições Piaget, 2007; *Sob o signo da luz ou a «centelha» [scintilla] de Zeus na palavra «teoria» [θεωρία (theoria)]*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2008; ensaio «*A Liberdade e o Sentido – Sentidos da Liberdade*» (traduzido em Inglês, sob o título de «*Freedom and the Social Human Condition: A Reflective Essay*») e colocado no portal da Academia.edu: <https://yelp.academia.edu/FernandoPauloBaptista>); «*Para uma Poética da Cidadania*» – seminário desenvolvido, na Universidade do Minho, para os alunos do Curso de Mestrado em Ciências da Educação – *Área de Especialização em História da Educação e da Pedagogia*; *Nesta nossa doce língua de Camões e de Aquilino*, Sernancelhe, C. M. de Sernancelhe, 2010; «Do “estatuto” identitário de “*Ser-Poeta*” na poesia de *A. Oliveira Cruz*, Lisboa, Edições Piaget, 2011; Colaboração no *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa, Editorial Caminho, 2011 (coord. de Vítor Aguiar e Silva); ensaio sobre «*O Segredo*» para o número inaugural da revista *Fátima XXI*, que abre o programa comemorativo do *I Centenário das Aparições (1917-2017)*; «*Ortografia & Literacia*», comunicação apresentada no Colóquio “*Ortografia e Bom Senso*”, promovido pela Academia das Ciências de Lisboa, nos dias 9 e 10 de Novembro de 2015, Academia, para cuja 2.^a secção da classe de Letras [Filologia e Linguística] acaba de ser eleito “sócio” por unanimidade, sob proposta do seu Ilustre Presidente, Prof. Doutor Artur Anselmo; vários textos de apresentação de livros poético-literários e académicos; *Para a Constituição Ortográfica da República das Letras...*» (no prelo); *Dicionário das raízes do léxico da Língua Portuguesa – em busca da “sabedoria” das palavras...*(em preparação); sócio e ex-dirigente de diversas instituições ou organismos da natureza linguística, literária, cultural, pedagógica e humanitária; Louvado em “Ordem de Serviço” da Força Aérea Portuguesa (BA2 – OTA) e no “Diário da República” (Inspeção-Geral da Educação e do Ensino Superior); Galardado por várias Instituições nacionais e estrangeiras.

REFERÊNCIAS

1. BIBLIOGRÁFICAS

- AA VV (1996): *Educação: um tesouro a descobrir* — Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Porto, Edições ASA.
- AAVV (2002): *As Chaves do Século XXI*, Lisboa, Edições Piaget (como sintético prefácio de Koichiro Matsuura, Director-Geral da UNESCO).
- ACTAS DO 1.º CONGRESSO NACIONAL “LITERACIA, MEDIA E CIDADANIA” (2011), Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de (1987): «A “leitura” de Deus e as leituras dos homens», in *Colóquio Letras*, nº 100, Novembro/Dezembro.
- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de (2002): *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina.
- ALCARAZ Varó, Enrique y Martínez, María Antonia Linares (1997): *Diccionario de lingüística moderna*, Barcelona, Editorial Ariel, S.A.
- ALTBACH, G., LIZ, Reisberg, RUMBLEY, Laura E. (2009): *Trends in Global Higher Education: Tracking an Academic Revolution* (A Report Prepared for the UNESCO 2009 World Conference on Higher Education).
- AMERICAN ASSOCIATION FOR SCIENCE LITERACY (1997): *Project 2061: Resources for Science Literacy*, New York / Oxford, Oxford University Press.
- AMERICAN ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF SCIENCE: Project 2061 – A long-term research and development initiative focused on improving science education so that all Americans can become literate in science, mathematics, and technology [AAAS <http://www.aaas.org/page/what-aaas-mission>].
- AULETE, Caldas: *Dicionário Caldas Aulete*: <http://aulete.uol.com.br/>
- BAILLY, Antoine (1984): *Dictionnaire Grec Français*, Paris Hachette.
- BALBONI, Paolo (2000): *Le microlingue scientifico-professionali: natura e insegnamento*, Torino, UTET Libreria, 2000.
- BAPTISTA, Fernando Paulo (2003): *Tributo à Madre Língua*, Coimbra, Pé de Página Editores.
- BAPTISTA, Fernando Paulo (2006): *Polifonia, Poiese & Antropopoiese*, Lisboa, Instituto Piaget.
- BAPTISTA, Fernando Paulo (2008): ensaio «Sob o signo da luz ou a “centelha” [*scintilla*] de Zeus na palavra «teoria» [*θεωρία (theoria)*]», *apud*: Rosa Maria Goulart, Maria do Céu Fraga e Paulo Meneses (coords.): *O Trabalho da Teoria*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores.

- BAPTISTA, Fernando Paulo (2012): *Essa sinistra “guilhotina”...*, apud: <http://ilcao.cedilha.net/?p=5334>
- BAPTISTA, Fernando Paulo (2006): *Polifonia, Poiese & Antropopoiese*, Lisboa, Instituto Piaget.
- BAPTISTA, Fernando Paulo (2008): ensaio «Sob o signo da luz ou a “centelha” [*scintilla*] de Zeus na palavra «teoria» [θεωρία (*theoria*)]», apud: Rosa Maria Goulart, Maria do Céu Fraga e Paulo Meneses (coords.): *O Trabalho da Teoria*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- BAPTISTA, Fernando Paulo (2014): *Por Amor à Língua Portuguesa* (desenvolvido volume distribuído por vários capítulos para próxima publicação, Lisboa, Edições Piaget Lda.
- BARNHART, Robert K. [edit.] (2001): *Chambers Dictionary of Etymology*, Edinburgh / New York, Chambers Harrap Publishers.
- BENAVENTE, Ana (coord.) et alii (1996): *A literacia em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- BENKIRANE, Réda (2004): *A Complexidade — Vertigens e Promessas* (com as importantes e elucidativas entrevistas aí contidas), Lisboa, Edições Piaget.
- BLACHOWICZ, Camille, and COBB, Charlene (2007): *Teaching Vocabulary Across the Content Areas*, ASCD, Alexandria/Virginia/USA.
- BOURDIEU, Pierre (1987): *Choses Dites*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- BUSSMANN, Hadumod [dir.] (2004): *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*, London and New York, Routledge.
- BYBEE, Rodger W. (1997): *Achieving Scientific Literacy — From Purposes to Practices*, Portsmouth, NH / USA, Heinemann.
- CABRÉ, Maria Teresa (1993): *La Terminología. Teoría, Metodología, Aplicaciones*, Barcelona, Editorial Antártida / Empúries.
- CAGLIARI, Luiz Carlos (2002): estudo «Alfabetização e ortografia» apud: *Educar em Revista*, n.º 20, Universidade Federal do Paraná, Paraná, Brasil.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1981): *Dicionário de Linguística e Gramática*, Petrópolis, Editora Vozes Ltda.
- CARDONA, Giorgio Raimondo (1991): *Diccionario de Linguística*, Barcelona, Editorial Ariel, S.A.
- CASTELEIRO, João Malaca e CORREIA, Pedro Dinis (2009): *Atual — O novo acordo ortográfico*, Lisboa, Texto Editores.
- CASTRO, IVO, DUARTE, Inês e LEIRIA, Isabel (1987): *A Demanda da Ortografia Portuguesa. Comentários do Acordo Ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da Questão que se lhe seguiu*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- CHANTRAINE, Pierre (1999): *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque — Histoire des Mots*, Paris, Klincksieck.
- CHARDIN, Teilhard de (1965): *O Fenómeno Humano* (trad. de Léon Bourdon e José Terra), Porto, Livraria Tavares Martins.
- CHARDIN, Teilhard de (1973): *Les Directions de l’avenir*, Paris, Seuil, 1973.
- COMISSÃO EUROPEIA (2007): «*Science education now: a renewed pedagogy for the future of Europe*».
- CORREIA, Pedro (2013): *Vogais e Consoantes Politicamente Incorrectas do Acordo Ortográfico*, Lisboa, Guerra e Paz, Editores, S.A.
- COSTA, Admar (2005/6): «A Invenção da Escrita: Teute no Jardim de Adónis», publicado na revista *Kléos*, Departamento de Filosofia da

- Universidade Estácio de Sá, n.º 9/10, Rio de Janeiro.
- CRICK, Bernard (2000): *Essays on Citizenship*, London / New York, Continuum.
 - CRISTAL, David (1994): *An Encyclopedic Dictionary of Language and Languages*, Oxford, Blackwell Publishers.
 - DAMÁSIO, António (1995): *O Erro de Descartes — Emoção, Razão e Cérebro Humano*, Lisboa, Publicações Europa-América.
 - DAMÁSIO, António (2001): *O Sentimento de Si — O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*, Lisboa, Publicações Europa-América.
 - DELGADO-MARTINS, Maria Raquel [coord.] (2000): *Literacia e Sociedade*, Lisboa, Editorial Caminho.
 - DELORS, Jacques [org.] (1996): «*La educación o la utopia necesaria*», apud AAVV: *La educación encierra un tesoro*, Madrid, Grupo Santillana de Ediciones / UNESCO.
 - DUBOIS, Jean et alii (1974): *Dictionnaire de Linguistique*, Paris, Larousse.
 - EMILIANO, António (2008): *O Fim da Ortografia: comentário razoado dos fundamentos técnicos do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), Lisboa: Guimarães Editores.
 - FUERTES, Pedro Antonio Olivera (2001): *Lexicología y Variación en la Lengua Inglesa, Estudio de los Nombres, Adjetivos y Verbos Informales del Diccionario Cobuild*, Valladolid, Universidad de Valladolid.
 - GALISSON, Robert et COSTE, Daniel [dir.] (1977): *Dictionnaire de Didactique des Langues*, Paris, Hachette.
 - GIBBONS, Michael [Secretary General Association of Commonwealth Universities] (1998): *Higher Education Relevance in the 21st Century*, Washington, World Bank (Paper prepared as a contribution to the United Nations Educational, Social, and Cultural Organization World Conference on Higher Education, Paris, France).
 - GOMES, José Laurentino (2010): *1822*, Porto, Porto Editora.
 - GONÇALVES, Clézio Roberto (2008): *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê* (dissertação de doutoramento), São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística.
 - GONÇALVES, Francisco Rebelo (1947): *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*, Coimbra, Atlântida.
 - GONÇALVES, Maria Filomena (2003): *As ideias ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
 - GUTIÉRREZ, Bertha Rodilla (1998): *La ciencia empieza en la palabra — Análisis e historia del lenguaje científico*, Ediciones Península, Barcelona.
 - HALLIDAY, M. A. K. (2004): *The Language of Science*, London / New York, Continuum.
 - HANDKE, Jürgen (1995): *The Structure of the Lexicon*, The Hague, Mouton de Gruyter.
 - HART, Celia (2003): *Analfabetismo científico en la nueva era imperial. Artículos y documentos ajenos*, Asociación Cultura Paz y Solidaridad Hayde e Santamaría, La Habana, Noviembre.
 - HARTMANN, R.R.K. and JAMES, Gregory (1998): *Dictionary of Lexicography*, London and New York, Routledge.
 - HASAN, Ruqaiya e MARTIN, J. R. [editors] (1989): *Language Development:*

- Learning Language, Learning Culture*, vol. xxvii, Ablex Publishing Corporation, Norwood, New Jersey.
- HEIDEGGER, Martin (1970): *Lettre sur l'humanisme* (edição bilingue, com tradução de Roger Munier), Paris, Aubier.
- HERR, Norman (2008): *The Sourcebook for Teaching Science*, San Francisco / California / USA, Jossey Bass.
- JASPERS, Karl (1965): *The Idea of the University*, London, Peter Owen.
- LANDAU, Sidney I. (2001): *Dictionaries – The Art and Craft of Lexicography*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LÁZARO, Fernando Carreter (1990): *Diccionario de Términos Filológicos*, Madrid, Editorial Gredos.
- LEIRIA, Isabel (2006): *Léxico, Aquisição e Ensino*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / FCT – MCES.
- LEWANDOWSKI, Theodor (1982): *Diccionario de Lingüística*, Madrid, Ediciones Cátedra.
- LIPKA, Leonhard: (2002): *English Lexicology*, Gunter Narr Verlag Tübingen.
- LOTMAN, Iuri M. (1998): *La Semiosfera II*, Madrid, Ediciones Cátedra.
- LOURENÇO, Eduardo (1988): *Nós e a Europa ou as duas razões*, Lisboa, IN-CM.
- MALLORY, J. P. and ADAMS, D. Q. (2009): *The Oxford Introduction to Proto-Indo-European and the Proto-Indo-European World*, Oxford, Oxford University Press.
- MATTHEWS, Michael R. (1994): *Science Teaching: The Role of History and Philosophy of Science*, New York / London, Routledge.
- MORIN, Edgar e LE MOIGNE, Jean-Louis (2009): *Inteligência da Complexidade — Epistemologia e Pragmática*, Lisboa, Edições Piaget.
- MOUNIN, Georges (1979): *Diccionario de Lingüística*, Barcelona, Editorial Labor.
- MUJICA, Hugo (1997): *Flecha en la Niebla: Identidad, Palabra y Heridura*, Madrid, Editorial Trotta.
- NATION, I.S.P. (1990): *Teaching and Learning Vocabulary*, Boston, Heinle & Heinle Publishers.
- NATIONAL RESEARCH COUNCIL (1998): «*Every Child a Scientist — Achieving Scientific Literacy for All*», Washington, DC, National Academy Press.
- NELSON, George D. (1999), Director do Project 2061, no seu «Prefácio» a «Dialogue on Early Childhood Science, Mathematics, and Technology Education» [American Association for the Advancement of Science, AAAS].
- NUSSBAUM, Martha C. (2010): *Not For Profit — Why Democracy Needs The Humanities*, Princeton, NJ / USA, Princeton University Press.
- OCDE (2011): *Lessons from PISA for the United States, Strong Performers and Successful Reformers in Education*, OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/9789264096660-en>.
- PACT — Performance Assessment for California Teachers, USA, (2002-2014).
- PALMER, Parker J. & ZAJONC, Arthur with Megan Scribner (2010): *The Heart of Higher Education — A Call to Renewal*, San Francisco, CA / USA.
- PARECERES: da CNALP (1989), da Associação Portuguesa de Linguística (2005); do Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC)

- (2005); do Departamento de Linguística Geral e Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2005); da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros [APEL].
- PERES, Edenize Ponzon (2006): *O Uso de Você, Océ e Cé em Belo Horizonte: Um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real* (dissertação de pós-graduação), Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Estudos Linguísticos.
 - PESSOA, Fernando (1997): *A Língua Portuguesa* [edição de Luísa Meireiros], Lisboa, Assírio & Alvim.
 - QUINTANA, José María Cabanas (2006): *Raíces Griegas del Léxico Castellano, Científico y Médico*, Madrid, Dykinson
 - READINGS, Bill (1996): *The University In Ruins*, Cambridge and London, Harvard University Press.
 - RESOLUÇÃO n.º 8/2011, publicada na 1.ª série do Diário da República, de 25 de Janeiro de 2011.
 - ROMIZI, Renato (2006): *Greco Antico – Vocabolario Greco Italiano Etimologico e Ragionato*, Bologna, Zanichelli.
 - ROSIELLO, Luigi (1984): artigo «Língua» in Enciclopédia Einaudi, Lisboa, IN – CM, vol. 2.
 - RUTH, Blanca Orantes (2009): «El nuevo analfabetismo y la calidad en la Educación», in «Entorno», revista de la Universidad Tecnológica de El Salvador, n.º 42, Abril.
 - RUTHERFORD, Floyd James (1997): «A Humanistic Approach to Science Teaching», apud: Rodger W. Bybee: *Achieving Scientific Literacy — From Purposes to Practices*, Portsmouth, NH / USA, Heinemann.
 - SCHMITT, Norbert and MCCARTHY, Michael (2000): *Vocabulary: Description, Acquisition and Pedagogy*, Cambridge, Cambridge University Press.
 - SEGURA, Santiago Munguía (2001): *Nuevo diccionario etimológico Latín — Español e de las voces derivadas*, Bilbao, Universidad de Deusto.
 - SIHLER, Andrew L. (1995): *New Comparative Grammar of Greek and Latin*, New York / Oxford, Oxford University Press.
 - SINGLETON, David (2000): *Language and the Lexicon – An Introduction*, London / New York, Arnold / Oxford University Press.
 - SOARES, Bernardo (1998): *Livro do Desassossego* [edição de Richard Zenith] Lisboa, Assírio & Alvim.
 - SOUSA, Martínez de (1993): *Diccionario de redacción y estilo*, Madrid, Pirámide.
 - TAYLOR, Mark C. (2010): *Crisis on Campus — A Bold Plan for Reforming Our Colleges and Universities*, New York, Alfred A. Knopf.
 - TRAFARIA, Carla (2011): *Acordo Ortográfico — Bom Português* Porto, Porto Editora.
 - UNESCO (2003-2012): *What is the United Nations Literacy Decade?*
 - VAZ PINTO, Maria José (2000): *A Doutrina do Logos na Sofística*, Lisboa, Edições Colibri.
 - VIII CONGRESSO LUSOCOM (2013): — *Comunicação, Espaço Global e Lusofonia* —, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009, nomeadamente a comunicação apresentada por Inês Braga e M. Conceição de Oliveira Lopes: «*Literacia como fundamento da cidadania*»; Celina Tenreiro-Vieira e Rui Marques Vieira: «*Literacia e pensamento crítico: um referencial para a educação em ciências e em*

- matemática»* in Revista Brasileira de Educação vol.18 n°. 52, Rio de Janeiro, Jan./Mar.
- WALKER, Peter [edit.] (1999): *Dictionary of Science and Tchnology*, Edinburgh / New York, Chambers Harrap Publishers Ltd.
 - WATKINS, Calvert (2000): *The American Heritage Dictionary of Indo-European Roots*, Boston, Houghton Mifflin Company.

2. INTERNÉTICAS

<http://ciberduvidas.pt/controversias.php?rid=1907>.
http://ec.europa.eu/education/lifelong-learning-policy/policy-framework_en.htm
<http://www.kslll. /Default.cfm>
<http://htl2.linguist.jussieu.fr:8080/CGL/>.
<http://ilcao.cedilha.net/?p=5334>.
<http://planetamarcia.blogs.sapo.pt/214757.html>
<http://www.csun.edu/science/ref/language/index.html>
<http://www.csun.edu/science/ref/language/pact-academic-language.html>
<http://www.filologia.org.br/pereira/textos/AOLP.pdf>;
http://www.revistautor.com/index.php?option=com_content&task=view&id=238&Itemid=1;
http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2006-mhmateus-ortografia_portuguesa.pdf;
<http://www.laurentinogomes.com.br/livros.php>
http://www.pacttpa.org/_main/hub.php?pageName=Supporting_Documents_for_Candidates)
<http://www.project2061.org/publications/earlychild/online/Default.htm>;
<http://www.project2061.org/publications/earlychild/online/preface.htm>.
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782013000100010&script=sci_arttext...

3. ICÓNICO-IMAGÉTICAS

Na ilustração icónico-imagética deste livro, recorri à Internet para a recolha de imagens. Faço questão de deixar aqui lavrada a minha profunda gratidão à Administração da Internet e aos “anónimos” e magnânicos Autores dessas imagens, desejando-lhes as maiores venturas a todos os níveis.

“POST SCRIPTUM” SOBRE A “CAÇA ÀS GRALHAS”...

Conjunturais problemas de “*stress*” oftalmológico não permitiram concluir a “revisão” final do livro com o rigor que este tipo de operação grafémica implica... Peço, assim, aos estimados leitores me relevem a ocorrência de eventuais “gralhas” que, por tal motivo, não foram detectadas... Esta visualmente exigente “caça grafémica” é mais uma prova empírica de que a «**ortografia**» é, na verdade, uma questão de «**escrituralidade**», de «**grafemicidade**», que não pode ser regulamentada por critérios de «pronunciabilidade / oralidade / fonemicidade»: **as “gralhas” não se detectam nem se corrigem com a boca nem com os ouvidos!**... É, sim, com os olhos bem focados no corpo gráfico do texto e com a subsequente digitação, como é o caso, no teclado do computador... E o que é evidente para todos é que, quando se verifica a ocorrência de “gralhas”, ela perturba muito desagradavelmente a “legibilidade” dos textos. Por sua vez, o autor fica imensamente desgostoso, sobretudo quando foi ele próprio que, dada a especificidade da temática em causa, a multiplicidade das minuciosas “notas de rodapé”, a especial “tecnicidade” da linguagem accionada e a singular familiaridade operatória com as fontes gregas e outros caracteres do indo-europeu, além de escrever o livro, de o formatar e paginar, teve que fazer também o árduo (e, para ele, ingrato...) papel de “revisor”...

Fernando de Saiz

ÍNDICE

PREFÁCIO-DEDICATÓRIA	9
O “ACORDO ORTOGRÁFICO / 1990”	
APLICADO « <i>AVANT LA LETTRE</i> »	13
CAPÍTULO I	
ASSUNÇÕES PRÉVIAS	17
CAPÍTULO II	
QUESTIONAMENTO CRÍTICO DO	
“ACORDO ORTOGRÁFICO / 1990” — SUAS RAZÕES	39
CAPÍTULO III	
A FACULDADE HUMANA DA «LINGUAGEM VERBAL» E AS «LÍNGUAS»	87
CAPÍTULO IV	
A “VERBO-SEMIOFERA”	101
CAPÍTULO V	
A “LIÇÃO” DA HERMENÊUTICA DO TEXTO E DA FILOGIA	109
CAPÍTULO VI	
LEXICOGÊNESE, LEXICODIDÁCTICA E LOGOPAIDEIA:	
MATRIZES LATINAS DO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA....	115

CAPÍTULO VII	
PARA A PROMOÇÃO DA “LITERACIA” SOFO-CIENTÍFICA E DA	
“LOGOPAIDEIA”	165
CAPÍTULO VIII	
HORIZONTE E TRAJECTO: A “LITERACIA” CIVILIZACIONAL,	
CULTURAL E SOFO-CIENTÍFICA, DESDE A BASE ATÉ AO TOPO, A	
CAMINHO DA UNIVERSIDADE	207
CAPÍTULO IX	
EM CONCLUSÃO	219
REFERÊNCIAS	
(BIBLIOGRÁFICAS, INTERNÉTICAS E ICÓNICO-IMAGÉTICAS)	235

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO	1
<i>Philippe Malrieu</i>	
RAZÃO E PRAZER	2
<i>Jean-Pierre Changeux</i>	
AS TEORIAS DA ARTE	3
<i>Jean-Luc Chalumeau</i>	
FERNANDO PESSOA E AS ESTRATÉGIAS DA RAZÃO POLÍTICA	4
<i>José Fernando Tavares</i>	
CAIXA DE RESSONÂNCIA	5
<i>Alexandre Castanheira</i>	
CAMPOS DO IMAGINÁRIO	6
<i>Gilbert Durand</i>	
SEMIÓTICA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM	7
<i>Umberto Eco</i>	
A LITERATURA EUROPEIA	8
<i>Jean-Louis Backès</i>	
A PAISAGEM INTERIOR	9
<i>José Fernando Tavares</i>	
VERSO E PROSA DE NOVECENTOS	10
<i>Ernesto Rodrigues</i>	
NÃO À MORTE DAS LÍNGUAS	11
O HOMEM É A MEDIDA DE TODAS AS COISAS	12
<i>Dorindo Carvalho</i>	
TRÊS ENSAIOS SOBRE O CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL	13
<i>Alexandre Castanheira</i>	
INSCRIÇÃO DA TERRA	14
<i>Luís Ricardo Pereira</i>	
A POESIA DE ANTÓNIO OLIVEIRA CRUZ OU A REVELAÇÃO DO ABISMO	15
<i>José Fernando Tavares</i>	
Á PAISAGEM INTERIOR – Vol. II	16
<i>José Fernando Tavares</i>	
NOS ENREDOS DA CRÍTICA	17
<i>Júlio Conrado</i>	
FERNANDO PESSOA – OUTRAMENTO E HETERONÍMIA	18
<i>António Azevedo</i>	
PESSOA E NIETZSCHE	19
<i>António Azevedo</i>	
DO TEMPO E DOS HOMENS	20
<i>Joaquim de Montezuma de Carvalho</i>	
OCTAVIO PAZ	21
<i>Paul-Henri Giraud</i>	
PORTUGAL — O OUTRO POVO ELEITO	22
<i>António Azevedo</i>	

FIDELINO DE FIGUEIREDO E ACRÍTICA DA TEORIA	23
LITERÁRIA POSITIVISTA	
<i>José Cândido de Oliveira Martins</i>	
O REFLEXO DE DEUS	24
NA POESIA DE ANTÓNIO OLIVEIRA CRUZ	
<i>José Fernando Tavares</i>	
VERGÍLIO FERREIRA E A FILOSOFIA	25
DA SUA OBRA LITERÁRIA	
<i>José Antunes de Sousa</i>	
PESSOA, ENTRE A TERRA NULA	26
E O CÉU QUE NÃO EXISTE	
<i>Judith Balso</i>	
DO «ESTATUTO» IDENTITÁRIO DE «SER-POETA»	27
NA POESIA DE ANTÓNIO OLIVEIRA CRUZ	
<i>Fernando Paulo Baptista</i>	
DE VOLTA AO CONTINENTE POÉTICO ESQUECIDO	28
<i>Maria José Costa</i>	
ACTO POÉTICO E INTENÇÃO FILOSÓFICA	29
<i>José Fernando Tavares</i>	
POR AMOR À LÍNGUA PORTUGUESA	30
<i>Fernando Paulo Baptista</i>	

